UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS

ALICE PEREIRA SANTOS

**Morfologia em diacronia - os caminhos e desvios de um afixo na
história da língua: o percurso histórico-semântico do prefixo *des-* em
bases sufixadas e em formações parassintéticas**

(Versão revisada)

São Paulo

2016

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

ALICE PEREIRA SANTOS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Filologia e Língua Português do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, como requisito para a obtenção do título de Doutora.

Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro.

(Versão revisada)

São Paulo

2016

Alice Pereira Santos

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
 Serviço de Biblioteca e Documentação
 Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Sm Santos, Alice Pereira Santos
 Morfologia em diacronia - os caminhos e desvios de um afixo na história da língua: o percurso histórico-semântico do prefixo des- em bases sufixadas e em formações parassintéticas. / Alice Pereira Santos Santos ; orientador Mário Eduardo Viaro Viaro. - São Paulo, 2016.
 318 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. Morfologia Derivacional. 2. Prefixos de-, des-. 3. Parassíntese. 4. Diacronia. 5. Neologismo. I. Viaro, Mário Eduardo Viaro, orient. II. Título.

SANTOS, Alice Pereira

Morfologia em diacronia - os caminhos e desvios de um afixo na história da língua: o percurso histórico-semântico do prefixo *des-* em bases sufixadas e em formações parassintéticas

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências, como requisito para a obtenção do título de Doutora.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Alice Pereira Santos

Aos estudiosos que, assim como eu, continuam acreditando que pesquisar vale a pena...Valem as penas, as alegrias e os prazeres de satisfazer a curiosidade científica e pessoal, coletiva e individual.

Alice Pereira Santos

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Dr. Mário Eduardo Viaro pela orientação, paciência e compreensão ao longo da minha trajetória acadêmica, desde a iniciação científica até a realização desta pesquisa de doutorado, encerrando o ciclo de uma década e desencerrando novos caminhos de trabalhos e pesquisas.

Agradeço à professora Dr^a. Graça Maria Rio-Torto pela oportunidade de trabalho e pelos ensinamentos durante minha rápida, mas produtiva passagem pela Universidade de Coimbra. Agradeço também pela pronta acolhida e pela confiança em mim depositada.

À professora Dr^a. Valéria Gil Condé pelas indicações e sugestões feitas no exame de qualificação, as quais auxiliaram no desenvolvimento deste estudo.

À professora Dr^a. Maria Ieda Alves por suas contribuições durante o exame de qualificação e também pela cordialidade e presteza com que me auxiliou em relação à cessão dos dados do projeto TermNeo.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa, concedida pelo período de um ano e meio, o que ajudou a viabilizar a realização desta investigação de doutorado. Agradeço também à professora Dr^a Elis de Almeida Cardoso Caretta, que deu celeridade aos trâmites para concessão dessa bolsa.

Agradeço aos amigos que acompanharam de perto minhas angústias e alegrias na produção deste trabalho e que de algum modo colaboraram comigo, ajudando-me com outras atribuições para além e aquém da tese. Cito Alessandra

Alíce Pereira Santos

Ignez, Edgar Lima, Eliana Roda, Fabiana Jorge, Karlus, Nanci Romero. Aos que estiveram longe, ao mesmo tempo em que agradeço e peço desculpas pela minha já afamada reclusão, só intensificada nos últimos tempos. Citando Manoel de Barros, “*Tem mais presença em mim o que me falta*”.

Aos amigos de longa data Amália, Ariane, Paula e Vicente.

Agradeço aos meus pais, Eliezer Santos e Nira Pereira Santos, pelo carinho e compreensão frente a cada adversidade; ao meu irmão, Eliezer Santos Junior, pelo apoio e auxílio, principalmente nos assuntos tecnológicos; à minha tia Ilda pela serenidade e companhia.

Por fim, agradeço ao meu parceiro George Teodoro, pelo constante estímulo, pela compreensão nos momentos difíceis, pelo amor e generosidade a mim dedicados.

Com a despalavra, Manoel de Barros.

Despalavra

Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da
despalavra.
Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades
humanas.
Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades
de pássaros.
Daqui vem que todas as pedras podem ter qualidade
de sapo.
Daqui vem que todos os poetas podem ter qualidades
de árvore.
Daqui vem que os poetas podem arborizar
os pássaros.
Daqui vem que todos os poetas podem humanizar
as águas.
Daqui vem que os poetas devem aumentar o mundo
com suas metáforas.
Que os poetas podem pré -coisas, pré-vermes,
podem pré-musgos.
Daqui vem que os poetas podem compreender o mundo
sem conceitos.
Que os poetas podem refazer o mundo por imagens,
por eflúvios, por afeto.

Deslîmites da palavra

Ando muito completo de vazios.
Meu órgão de morrer me predomina.
Estou sem eternidades.
Não posso mais saber quando amanheço ontem.
Está renço de mim o amanhecer.
Ouço o tamanho oblîquo de uma folha.
Atrás do ocaso fervem os insetos.
Enfiei o que pude dentro de um grilo o meu
destino.
Essas coisas me mudam para cisco.
A minha independência tem algemas

Agora só espero a despalavra: a palavra nascida
para o canto - desde os pássaros.
A palavra sem pronúncia, ágrafa.
Quero o som que ainda não deu liga.
Quero o som gotejante das violas de cocho.
A palavra que tenha um aroma ainda cego.
Até antes do murmúrio.
Que fosse nem um risco de voz.
Que só mostrasse a cintilância dos escuros.
A palavra incapaz de ocupar o lugar de uma imagem.
O antesmente verbal: a despalavra mesmo

RESUMO

Esta investigação busca analisar o processo parassintético, bem como estudar a formação prefixal em palavras já derivadas. Toma-se como ponto de partida o exame do prefixo *des-*, bastante produtivo em português brasileiro atual. Objetiva-se averiguar os critérios de seleção, combinação, restrição desse elemento formativo, em relação aos sufixos, já presentes nos vocábulos pesquisados, e às bases selecionadas. Intenciona-se indicar as regularidades e idiossincrasias desses mecanismos de formação de palavras, no que tange o afixo supracitado, considerando-se os níveis fonológico, morfológico e semântico. O prefixo *des-* é uma inovação neolatina e possui muitos significados comuns aos formantes latinos *de-* e *dis-*, partilhando dos valores de *negação/privação*, *separação/afastamento* e *intensidade*. Além das semelhanças semânticas no português contemporâneo, esses elementos formativos mostram-se intrinsecamente ligados pelo seu desenvolvimento morfossemântico, sendo indispensável, portanto, a consideração desses formantes lexicais para esboçar uma proposta etimológica para o prefixo sob escopo. A observação das formações construídas a partir dos afixos em apreço permitiu promover uma série de reflexões a respeito dos processos prefixais e parassintéticos, imprescindíveis para o prosseguimento da análise. Para levar a cabo esses objetivos, utilizou-se, inicialmente, a base de dados do Dicionário Houaiss. Vale destacar que outros dicionários foram utilizados, a fim de aferir e complementar essas informações. Empreendeu-se ainda um estudo da produtividade do prefixo *des-*, por meio da análise dos neologismos, que permitiu delinear um panorama do seu *status* atual.

Palavras-chave: Morfologia histórica; Derivação; Parassíntese; Prefixos *des-*, *de-*; Produtividade; neologismo.

ABSTRACT

This research aims to analyse the parasynthetic process, as well as to study prefixation in words already derived. As a starting point it was performed the examination of the prefix *des-*, which is very productive in the current Brazilian Portuguese. The objective is to determine the criteria of selection, combination, restriction of that formative element, in relation to the suffixes, already present in the studied words, and to the selected stems. It is the author's purpose to indicate the regularities and idiosyncrasies of these mechanisms of word formation, regarding the aforementioned affix, taking into account the phonological, morphological and semantic levels. The prefix *des-* is an innovation of the Romance languages and has many meanings in common with the Latin prefixes *de-* and *dis-*, sharing values of negation/deprivation, separation/distance and intensity. In addition to the semantic similarities in the contemporary Portuguese, these prefixes are shown to be inextricably linked by their morpho-semantic development, being essential, therefore, a consideration of these lexicon builders to outline an etymological proposal for the prefix under investigation. The observation of the vocabulary built by the prefix in question promoted a series of reflections about the prefixation and parasynthetic processes, that were essential to carry on with the analysis. To carry out these objectives, the database of Houaiss dictionary was initially used. It is worth a note that other dictionaries have been used in order to assess and complement the information. A study of productivity of the prefix *des-* was also conducted through the analysis of neologisms, what enabled the author to draw an overview of their current status.

Keywords: Historical morphology; Derivation; Parasynthetic; Prefixation, Prefixes *des-*, *de-*; productivity; neologism

Lista de Quadros

Quadro 1– Síntese dos valores semânticos compartilhados pelos afixos <i>de-</i> , <i>des-</i> , <i>dis-</i> -	22
Quadro 2 - Valores semânticos do prefixo <i>de-</i> em formações prefixais e parassintéticas	144
Quadro 3 - Valores semânticos do prefixo <i>des-</i> em formações prefixais e parassintéticas	177
Quadro 4 - Formações verbais, adjetivas e substantivas, criadas em <i>des-</i>	199
Quadro 5 – Verbos denominais formados com o prefixo <i>des-</i>	201
Quadro 6 - Adjetivos denominais, formados com o prefixo <i>des-</i>	203
Quadro 7 - Formas derivadas e contexto fônico inicial da palavra-base.	210
Quadro 8 - Formas derivadas e contexto fônico inicial da palavra-base.	212
Quadro 9 - Síntese dos valores atribuídos por <i>des-</i> , nas formações prefixais e nas parassintéticas.	264

Lista de Figuras

Figura 1- <i>Continuum</i> derivação a flexão (Gonçalves, 2011)	59
Figura 2 - Afixo -ar no <i>continuum</i> derivação/flexão	61
Figura 3 - Valores semânticos dos prefixos <i>des-</i> ao longo do tempo.	178
Figura 4 - Valores semânticos dos prefixos <i>de-</i> e <i>des-</i> ao longo do tempo.....	186
Figura 5 - Desenvolvimento, parcial, dos valores semânticos dos prefixos <i>de-</i> e <i>des-</i>	187
Figura 6 – Representação dos processos envolvidos no significado de separação.	188
Figura 7 - Desenvolvimento dos valores semânticos dos prefixos <i>de-</i> e <i>des-</i>	190
Figura 8 - Classificação categorial da base selecionada pelo prefixo <i>des-</i>	200

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Parâmetros e escala do continuum, aplicado ao português. (Gonçalves, 2011)	58
Tabela 2 - Projeção do afixo -ar no continuum flexão/derivação	59
Tabela 3 - Classificação categorial da base e da palavra derivada.	204

CONSPECTUS SIGLORUM

DRAG – Diccionario da Real Academia galega¹

DEI – Dicionário etimológico de italiano²

GDLC – Gran diccionari de la llengua catalana³

DIEC2 – Diccionari de la llengua catalana (2ª edição)⁴

DRAE – Diccionario de La Real Academia española (22ª edição)⁵

DCLE – Diccionario clave de la lengua española⁶

DALA – Diccionariu de la Academia de la llingua asturiana⁷

DHLP – Dicionário Houaiss da língua portuguesa⁸

DAF - Dictionnaires d'autrefois⁹.

s/d – sem data

por. – português

spa. – espanhol

fre. – francês

fro. – francês antigo

ita. – italiano

cat. – catalão

ast. – asturiano

lat. – latim

pro. – provençal

Fpt. - Fabulário Português

Ale. – Falares Alentejanos

Alg. - Falares Algarvinos

Lpt. - Linguagem popular de turquel

¹ <http://www.edu.xunta.es/diccionarios>

² <http://www.etimo.it/>

³ <http://www.enciclopedia.cat/>

⁴ <http://dlc.iec.cat/>

⁵ <http://www.rae.es/rae.html>

⁶ <http://clave.librosvivos.net/>

⁷ <http://www.academiadelalingua.com/diccionariu/index.php>

⁸ HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. (CD-ROM)

⁹ <http://artfl-project.uchicago.edu/node/17>

Sumário

Introdução.....	19
Fundamentação teórica e metodologia.....	25
Objetivos	29
Estrutura do trabalho	31

Capítulo 1

Prefixação e Parassíntese: estabelecimento de diretrizes	33
1. Prefixos: diferentes perspectivas	33
2. A Parassíntese	39
2.1. Questões iniciais	39
2.2. Do conceito grego ao moderno.....	40
2.3. Caracterização do processo parassintético	43
2.3.1. o critério de simultaneidade	43
2.3.2. Circunfixação e o afixo -ar	47
2.3.3. Dicotomia Flexão X Derivação.....	53
2.3.3.1. O <i>continnum</i> : derivação e flexão.....	55
2.3.3.2. Análise do afixo -ar no <i>continnum</i>	59
3. Definir para explicar, demarcar e destacar a Parassíntese.	65

Capítulo 2

Origem e desenvolvimento dos elementos formativos de- e des-.....	67
Introdução.....	67
1. O prefixo de-: origem preposicional.....	68
2. O prefixo des-: propostas etimológicas e percurso histórico.....	70
2.1. Influências do prefixo dis-	81
2.2. Influências do prefixo ex-/es-	87

2.3. Variação de longa data - Leite de Vasconcelos e os dialetos portugueses 92

Capítulo 3

Análise morfossemântica das palavras prefixadas em <i>de-</i> e <i>des-</i> em construções prefixais e parassintéticas.....	101
Introdução.....	101
1. Derivação prefixal: valores semânticos do prefixo <i>de-</i>.....	103
1.1. Palavras formadas em latim.....	103
1.1.1. Intensidade.....	107
1.1.2. Diminuição.....	109
1.1.3. Progressão.....	111
1.1.4. Negação	112
1.1.5. Movimento de cima para baixo.....	115
1.1.6. Separação.....	120
1.1.7. Casos especiais.....	122
1.2. Palavras via empréstimo	124
1.2.1. Francês	124
1.2.2. Inglês	128
1.2.3. Espanhol.....	130
1.3. Palavras formadas em português	131
2. Valores semânticos do prefixo <i>de-</i>: paráfrases na derivação parassintética..	134
2.1. Latim	134
2.2. Empréstimos.....	135
2.2.1. Francês	135
2.2.2. Espanhol.....	137
2.3. Português	138
3. Derivação prefixal: valores semânticos do prefixo <i>des-</i>	146

3.1.	Verbos	147
3.1.1.	Negação x oposição x inversão	147
3.1.2.	Afastamento/separação:	152
3.1.3.	Intensidade.....	155
3.2.	Substantivos.....	156
3.3.	Adjetivos	160
4.	Derivação parassintética: valores semânticos dos prefixos des-.....	163
4.1.	Espanhol.....	163
4.2.	Português	165
4.2.1.	Separação.....	165
4.2.2.	Diminuição.....	169
4.2.3.	Negação	170
4.2.4.	Causativo /incoativo	172
4.2.5.	Intensidade/reforço	173
4.2.6.	Golpe	176
4.2.7.	Palavras não parafraseáveis.....	179
5.	Desenvolvimento semântico do prefixo des- e de-	185

Capítulo 4

Propriedades morfossemânticas e morfofonológicas dos prefixos de- e des- e sua produtividade no português brasileiro.....		191
0.	Introdução	191
1.	Seleção prefixal: diferentes perspectivas	193
2.	Seleção ou arranjo?	199
2.1-	Substantivos.....	205
2.2-	Adjetivos	206
2.3-	Verbos	206
3.	Para além da dicotomia derivação e composição: aspectos morfofonológicos.....	209

4. Análise sincrônica: produtividade e criações neológicas.....	214
4.1. Prefixação	220
4.1.1. Verbos.....	223
4.1.2. Substantivos.....	233
4.1.3. Adjetivos.....	240
4.2. Parassíntese	245
Considerações Finais.....	266
Referências Bibliográficas	277
Apêndice A – Revista Lusitana (Capítulo 2)	291
Apêndice B – Palavras - analisadas (Capítulo 3)	298
Anexo A	310
Anexo B	312
Anexo C	313
Anexo D	314
Anexo E	316
Anexo F	317
Anexo G.....	318

Introdução

O campo morfológico, notadamente a área de formação de palavras, suscita a comunicação com diversos setores da língua (Rio-Torto:1998), já que nele confluem os aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, discursivo e estilístico. Essa concepção norteia as pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Morfologia Histórica do Português¹⁰ (GMHP) e do Núcleo de Apoio à Pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa¹¹ (NEHiLP)¹², nos quais esta investigação de doutorado se circunscreve.

O NEHiLP tem como um de seus objetivos a revisão das datações mais antigas das palavras portuguesas, algo que é apenas fornecido pelo Dicionário Houaiss. O trabalho realizado pelos pesquisadores do núcleo poderá contribuir com a ampliação do inventário lexical, com a coleta de novos verbetes e acepções, sendo também possível estender a datação, preenchendo aquelas entradas e significados sem abonação de data; cooperando ainda com campo da etimologia, tão precioso aos estudos diacrônicos.

Já o GMHP objetiva analisar grande parte dos sufixos portugueses e, para isso, convoca elementos sincrônicos e diacrônicos para levar a cabo o estudo desses elementos formativos. Em um primeiro momento, o grupo concentrou-se em questões semânticas envolvidas na derivação sufixal, já que é, sabidamente, nos

¹⁰ Cadastrado no diretório de pesquisa do CNPq. (*site* do grupo: www.usp.br/gmhp)

¹¹ Ambos coordenados pelo Professor Dr. Mário Eduardo Viaro.

¹² <http://www.nehilp.org>

sufixos em que se pode encontrar uma imensa diversidade de significados¹³, constituindo, desse modo, um domínio de estudo bastante profícuo. Além disso, a predileção do grupo pela sufixação deve-se “ao fato de ela ser – até agora – pouco compreendida diacronicamente, em comparação com a prefixação, apesar de ser um fenômeno de importância muito maior do que todos os demais recursos morfológicos do português”. (GMHP, 2009)

Contudo, apesar de haver diversos estudos sobre as formações prefixais, sobretudo, aqueles dedicados às heranças léxicas latinas, vê-se que a prefixação ainda constitui um conjunto lacunar e que alguns prefixos carecem de esclarecimentos em relação ao seu percurso morfossemântico. O mesmo hiato verifica-se nas formações parassintéticas, ponto de muita discussão e impasses na morfologia derivacional.

A presente pesquisa buscou preencher esses espaços, analisando, para isso, o prefixo *des-*, em construções parassintéticas e nas formações prefixais já derivadas. Inicialmente, intencionou-se investigar também os prefixos *de-* e *dis-*, uma vez que esses elementos formativos possuem semelhança morfossemântica, como se acha descrito em Romanelli (1963: 47-54), partilhando de muitos significados no português atual, como se observa pela transcrição de suas acepções¹⁴:

¹³Nunes (1945: 362-363); Said Ali (1964: 107); Lapa (1975: 105); Sandmann (1989:30-32).

¹⁴ Acepções extraídas do Dicionário Houaiss

► **De-**

1) movimento de cima para baixo, descida: *decurso, defluxo, dejeção, devolver*; 2) afastamento, separação, repulsa: *demover, deprecação, derivar, detestar*; 3) diminuição, redução: *decapitar, decrescer, dedução, deduzir*; 4) privação, negação: *decompor, deforme, delir, demente*; acabamento, consumação: *debelar, depauperar, determinar*; 5) intensidade: *dearticular, dessudação, detonar*; 6) progressão, continuação: *decair, deperecer*; há casos em que o sentido de *de-* se enfraqueceu, servindo o pref. apenas para renovar uma f. simples: *dealbar, deambular*; o V.O. consigna grande cópia de pal. com este antepositivo, dos mais prolíficos da língua port.; por sua função, confunde-se com o pref. *des-*, embora seja um cultismo, em face do vulgarismo *des-*; em conseqüência, na neologia mais recente, ocorrem voc. em Portugal preferentemente em *de-* ou *des-*, em contraste com formas brasileiras em *des-* ou *de-*, correspondentemente (*descodificar/decodificar, descolar/decolar*)

► **Dis-¹**

1) 'separação, disjunção': *discernir, dissidência, dissolver*; 2) 'dispersão': *difluir, difração, difundir, dimanar, discorrer, dissipar, distender, divulgar*; 3) 'negação, oposição': *difamar, difícil, discordar, díspar, dissentir, dissociar, díssono, dissuasão*; 4) 'intensidade, aumento, reforço': *disquisição, dissimular, dissolver, distenso*; 5) 'ordem, arranjo, seriação': *dispor, distribuir*; observar que o *-s-* sofre síncope diante de consoante que não *c, j, p, q, s* e *t*, e sonoriza-se (rotacismo, fenômeno ocorrente no próprio lat.) diante de vogal ou *h*: *dirigir, dirimir*; o pref. *dis-* é tb. fonte, pelo vulg.

► **Des-**

1) oposição, negação ou falta: *desabrigo, desamor, desarmonia, desconfiança, descortês, desleal, desproporção, dessaboroso*; 2) separação, afastamento: *descascar, desembolsar, desenterrar, desmascarar*; 3) aumento, reforço, intensidade: *desafastar, desaliviar, desapartar, desferir, desinfeliz, desinquieto*; ver o que é dito *in fine* de *de-*, sem conexão com este *des-*

O quadro a seguir sintetiza os valores compartilhados pelos prefixos mencionados acima:

Prefixos	Negação	Separação	Intensidade
De-	privação, negação: <i>decompor, deforme,</i> <i>delir, demente</i>	afastamento, separação, repulsa: <i>demover,</i> <i>deprecação, derivar,</i> <i>detestar;</i>	intensidade: <i>dearticular,</i> <i>dessudação, detonar;</i>
Dis-	'negação, oposição' – discordar, dissociar	'separação, disjunção': <i>discernir,</i> <i>dissidência,</i> <i>dissolver;</i>	'intensidade, aumento, reforço': <i>disquisição,</i> <i>dissimular, dissolver,</i> <i>distenso;</i>
Des-	oposição, negação ou falta – desconfiança, desleal	separação, afastamento: descascar, desembolsar	aumento, reforço, intensidade desferir, desinfeliz

Quadro 1– Síntese dos valores semânticos compartilhados pelos afixos *de-*, *des-*, *dis-*

Além dos prefixos acima arrolados, viu-se que o *ex-* também colaborou para o desenvolvimento semântico do afixo neolatino *des-*, aproximando-se daquele pelo valor de afastamento que possui. Entretanto, no caso de *ex-*, esse significado era expresso de modo mais específico:

► **Ex-:**

Da prep.lat. *ex/e* 'movimento para fora, tirado de, acabamento', em port. tb. apenas *e-*, às vezes criando oponencialidades do tipo *exportar/importar* 'movimento para fora'/'movimento para dentro' ou do tipo *exumar/inumar* 'tirar (da terra)'/'pôr dentro (da terra)', *excluir/incluir*, *egresso/ingresso* (...)

Assim, não sendo possível, pelas limitações que encerram uma pesquisa desta natureza, realizar um estudo aprofundado de cada um desses elementos, muitas

palavras formadas com os prefixos *de-*, *dis-* e *ex-* foram convocadas, ao logo dessa investigação, para subsidiar a análise do *des-*.

Outros aspectos fundamentais para esta pesquisa são as questões relativas à produtividade e à frequência de uso. Discussão feita pelo GMHP, que tem se empenhando em analisar essas questões bastante relevantes no estudo derivacional, pois permitem revelar alguns fenômenos como alteração, espraçamento ou esvaziamento semântico:

(...) também o processo de sufixação envolvido na formação lexical é reflexo não só da semântica do sufixo desenvolvida em cada período e/ou em cada região, mas também do desgaste de uso sofrido pela partícula sufixal quando de alta frequência e/ou produtividade. Daí, o estudo da produtividade dos sufixos, aliado à frequência de uso e à observação de mudanças semânticas são partes fundamentais de um processo diacrônico. (GMHP, 2009)

Procedimento válido também para os formantes prefixais que, embora apresentem menor incidência da atuação desses fenômenos, manifestam transmutações que descrevem importantes movimentos percorridos não apenas por um dado afixo, mas por um conjunto de unidades morfológicas.

No caso do prefixo *des-*, essas modificações refletem uma reorganização das formações derivadas e do comportamento morfossemântico dos elementos formativos que compartilhavam características semânticas semelhantes.

Desse modo, verifica-se, mais uma vez, o papel importante que os prefixos mencionados tiveram na análise do desenvolvimento morfossemântico de *des-*.

Entretanto, com o decorrer da pesquisa, verificou-se que esses elementos possuem índice de produtividade bastante diverso, principalmente se se considerar o tipo de formação em causa¹⁵. Percebeu-se que seria mais pertinente e proveitoso que essas formações fossem acionadas oportunamente.

Frente ao exposto, esta investigação pode aduzir contribuições relevantes ao trabalho já realizado pelo GMHP, pois as palavras derivadas por sufixação que apresentem prefixação recente¹⁶ têm sido colocadas à parte nos estudos realizados pelo grupo, já que esses vocábulos, em geral, possuem uma história independente da forma não prefixada. Em muitos casos, não é simples estabelecer qual a ordem dos processos, isto é, se se trata de uma derivação sufixal que fora prefixada ou se de uma derivação prefixal, sufixada, posteriormente ou, ainda, se os processos ocorreram simultaneamente, o que caracterizaria a parassíntese¹⁷. É notável, portanto, que a inclusão dos prefixos na esfera de análise do GMHP é um importante passo para o incremento dessas pesquisas.

Contudo, com a consolidação e o amadurecimento das pesquisas realizadas pelo grupo, é possível avançar nessa direção, possibilitando a ampliação e abrangência dessas investigações, colaborando, futuramente, também com a concretização dos objetivos do NEHiLP.

¹⁵ Com o avanço do exame dos verbetes formados em *dis-*, observaram-se duas questões pertinentes para a pesquisa: 1- o prefixo não é mais produtivo em português atual em prefixação nem em parassíntese; 2- as formações parassintéticas encontradas eram representativas do prefixo *dis*²- do gr. *dús*-.

¹⁶ Metodologia adotada pelo GMHP, cujos critérios foram elaborados pelo coordenador, Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro, com auxílio dos integrantes do grupo.

¹⁷ Assumindo que as regras para o estabelecimento da derivação parassintética não são assentes nos estudos linguísticos, como se verá, mais detidamente, no capítulo 1.

Espera-se que seja também valiosa a contribuição para a Morfologia Derivacional, uma vez que a prefixação e, principalmente, a parassíntese ainda apresentam hiatos e impasses em suas definições e classificações, fato que evidencia a premência de se abordar esses assuntos sob novos prismas.

Fundamentação teórica e metodologia

Em conformidade com os pressupostos estabelecidos pelo GMHP, parte-se da noção de tríplice significado “*paralelamente ao significado do radical e o dos demais elementos formativos (sobretudo afixos), há o significado da palavra como um todo*” (VIARO: 2005a) Essa distinção é essencial para que se tenham sempre claros os valores semânticos dos prefixos, como assinalam um dos objetivos desta pesquisa. Entretanto, como se sabe, as peculiaridades e especificidades da base convocada para compor uma dada formação vocabular, devem ser observadas atentamente, pois podem ocasionar alteração no significado veiculado pelo afixo.

Ademais, as transformações a que todas as palavras estão sujeitas, coloca em causa outra questão relevante – acepções resultantes da derivação do vocábulo em contextos específicos. Para a investigação derivacional, casos como esses não são considerados, senão para o estabelecimento de possíveis regularidades ou padrões no desenvolvimento semântico.

Assim, embora as pesquisas realizadas pelo GMHP direcionem sua atenção à sufixação, os princípios de análise são os mesmos, já que tratam, em essência, de um mesmo fenômeno – a formação de palavras. Fundamentando-se nos pressupostos do grupo, o estudo aqui desenvolvido partiu de um percurso indutivo, buscando efetuar considerações e reflexões por meio do exame dos dados, privilegiando os fatos linguísticos e não apenas a teoria, que em muitos casos, engessam a análise.

Todavia, muitas teorias que afetam o campo de formação de palavras são convocadas nesta pesquisa com o propósito de indicar que, tomadas isoladamente, constituem material insuficiente para o estudo dos elementos formativos em questão.

Entende-se também que os falantes não têm consciência das informações etimológicas que operaram na formação vocabular enquanto “componente gramatical” (Rio-Torto: 2014), por isso, para efeitos de análise:

a competência do falante para decidir questões de gramaticalidade é substituída, sem perda de objetividade, pela interpretação do evento, com base em dados, uma vez que, abandonando a *langue*, não seria possível que nenhum falante consiga ver o todo e, dessa forma decidir sobre questões de gramaticalidade ou composicionabilidade.

(GMHP, 2009)

Por isso, ao se estudar o *status* atual dos prefixos, em uma das etapas da pesquisa, optou-se por utilizar dados efetivos e reais da língua. Para isso, foram utilizados os dados coletados pelo projeto TermNeo, coordenado pela Prof. Dr.^a Ieda Maria Alves.

Cabe apresentar outra etapa de desenvolvimento dessa investigação, explicitando a metodologia utilizada. O *corpus* inicial desta pesquisa constituiu-se da verbetes do Dicionário Houaiss, o qual forneceu as listas de palavras formadas com as sequências *de-* e *des-*. Desse dicionário também foram extraídas as acepções e datações referentes a cada verbete coletado.

Em seguida, os vocábulos foram analisados, por meio das informações fornecidas pelo dicionário, para verificação da existência efetiva do prefixo e para determinar o tipo de formação em questão – prefixação ou parassíntese. Para isso, as informações etimológicas das palavras derivadas, bem como das acepções da base e do vocábulo como um todo, foram imprescindíveis para a análise.

Para a aferição desses dados, bem como para a complementação das informações faltantes no Houaiss, foram consultados também outros dicionários de língua portuguesa, dos quais vale citar o *Vocabulário portuguez e latino*¹⁸, Bluteau (1720); *Diccionario da Língua Portuguesa*, Moraes Silva (1789); *Dicionário da Língua Portuguesa*, Aulete (1987) e os dicionários etimológicos de José Pedro Machado (1973) e de Antônio Geraldo da Cunha (1982).

Dicionários de latim, bem como de outras línguas também foram utilizados. Convém elencar algumas das obras lexicográficas consultadas. Entre essas estão: *A Greek-English lexicon*, Liddell e Scott (1996); o *Dictionnaire latin-français*, Gaffiot (1934); *Vocabulário latino-português*, Faria (1975); *Novíssimo dicionário latino-português*, Saraiva (1993), *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*,

¹⁸ Disponível em <http://www.ieb.usp.br/online>

Corominas (1954-1957); *Diccionario de la Real Academia española*; *Diccionario clave de la lengua española*; *Dizionario etimologico italiano*, Carlo Battisti & Giovanni Alesso (1954); *Dizionario Garzanti di italiano*, Garzanti (2006); *Dictionnaires d'autrefois*¹⁹; *Diccionario da Real Academia galega*²⁰, *Diccionariu da Academia de La Lingua Asturiana*²¹, e *Gran Diccionari de la Llogua Catalana*.²²

Após o levantamento e análise dos dados, observaram-se as transformações morfológicas e alterações semânticas. Desse modo, nota-se que não é só a questão morfológica que se altera, sendo de grande importância uma análise que envolva outros níveis de estudo, como, por exemplo, a semântica, mostrando quais os acarretamentos sofridos a partir da junção de prefixos ou de prefixos e sufixos.

Foi oportuno observar, neste momento, os fatores e regras fonéticas, envolvidas nessas criações vocabulares, bem como coletar e inventariar as combinações possíveis, mais ou menos produtivas entre os formantes lexicais *de-*, *des-*. Afora isso, também foram averiguadas as restrições e arranjos no nível morfológico - verificando a classe gramatical das bases selecionadas pelos prefixos supracitados - e semântico, atentando, tanto para o significado dos afixos envolvidos na formação de palavras, quanto para o conteúdo semântico-conceptual das bases selecionadas.

Destaca-se que, para empreender a análise dos lexemas do dicionário, foi necessário estabelecer, para este trabalho, os parâmetros para o reconhecimento da

¹⁹ Disponível em <http://artfl-project.uchicago.edu/node/17>

²⁰ Disponível em <http://academia.gal/>

²¹ Disponível em <http://www.academiadelalingua.com/diccionariu/index.php>

²² Disponível em <http://www.enciclopedia.cat/diccionaris>

formação parassintética, pois, como se sabe, esse tipo de formação ainda é fonte de grande discussão entre os estudiosos de morfologia derivacional. Deste modo, optou-se por apresentar as diretrizes que configuram o processo parassintético, em um capítulo desta investigação, visto que a delimitação deste tipo de formação vocabular incidiu de forma determinante no *corpus* selecionado, circunscrevendo o conjunto de lexemas a ser analisado.

Também foi preciso decidir sobre outros aspectos essenciais para o andamento da análise como, por exemplo, a inclusão do afixo *-ar*, entre formantes derivacionais e a assunção de um *continuum* que estabelece de forma mais adequada os traços de cada lado de uma das dicotomias mais discutidas em morfologia – Derivação X Flexão.

Objetivos

Apesar de o prefixo *des-* ser bastante produtivo em língua portuguesa e estar presente em outras línguas românicas, como galego, espanhol, catalão, francês e romeno, a sua origem não foi satisfatoriamente elucidada e seu desenvolvimento semântico ainda demanda esclarecimentos.

Em um primeiro momento, intencionou-se investigar *de-*, *dis-* e *des-* nas construções parassintéticas e nas prefixais já derivadas, devido a sua semelhança formal e morfossemântica, como se viu na introdução deste trabalho. Valeu-se desses

elementos formativos para auxiliar no exame do prefixo neolatino *des-*, o qual será estudado sob uma perspectiva diacrônica sem, contudo, excluir questões sincrônicas pertinentes.

A partir dos prefixos *de-* e *des-* analisou-se como se dão as criações vocabulares que envolviam bases já derivadas ou formações parassintéticas. O estudo buscou apontar e descrever a existência de predileções e combinações nas formações construídas com esses elementos formativos.

Investigaram-se as regras que regem essas formações, averiguando preferências e “*despreferências*” no arranjo desses afixos. Desejou-se apurar, por exemplo, a existência de fatores fonético-fonológicos que poderiam influenciar esse tipo de criação vocabular.

Do mesmo modo, buscar-se-á examinar critérios morfológicos e semânticos envolvidos na construção dos vocábulos sob análise. Objetivou-se apontar ainda se há fatores que possam bloquear a combinação entre os formantes lexicais, sejam estes de natureza fonológica, morfológica ou semântica dos afixos e das bases selecionadas, considerando-se sua classe gramatical, bem como suas informações semântico-conceptuais (Rio-Torto, 2004). Em Sandmann (1991) é possível encontrar apontamentos em relação a bloqueios e a restrições verificados nesses setores linguísticos, contudo, o estudo considera apenas os sufixos como base de análise. Sendo assim, a pesquisa aqui proposta trará contribuições relevantes e inovadoras para os estudos derivacionais.

Buscou-se investigar também os valores semânticos que os prefixos *de-* e *des-* atribuem a bases às quais se unem, atentando para as relações e redes de significados que constroem com auxílio dos sufixos presentes nesta palavra-base. O estudo intencionou verificar as limitações de natureza semântica entre os afixos e a base selecionada.

Estrutura do trabalho

Esta investigação, dividida em quatro capítulos, é resultado de algumas questões e reflexões a respeito da formação prefixal e parassintética promovida pelo prefixo *des-*.

O primeiro capítulo foi dedicado à prefixação e à parassíntese. Para isso, engendraram-se parâmetros para o estabelecimento e delimitação desses processos, vislumbrando traços definidores da derivação e da composição. Discutiu-se também o reconhecimento dos elementos formativos *de-* e *des-* como prefixos legítimos, perpassando pelos critérios *diacrônico*, *semântico* e *morfofonológico*. Ademais, buscou-se indicar a função derivacional do afixo *-ar*, remontando algumas questões acerca dos fenômenos da derivação e da flexão.

No segundo capítulo, realizou-se uma investigação a respeito da evolução dos elementos formativos *de-* e *des-*, por meio da análise das formações latinas construídas pelo formante lexical *de-*, passando pela distribuição morfossemântica no

galego-português até chegar à estabilização do prefixo *des-* no português atual. Intencionou-se arquitetar uma proposta etimológica para esse afixo e, para isso, serviu-se de outros dados, como as palavras latinas, criadas em *dis-*, além de contar também com as informações dialetológicas, extraídas da Revista Lusitana (Leite de Vasconcelos, 1887-1943)

No terceiro capítulo empreendeu-se uma análise semântica dos prefixos em estudo, tomando como base os verbetes do Dicionário Houaiss. Separaram-se os vocábulos de acordo com a classe gramatical da base da palavra derivada. Em seguida, tentou-se construir uma hipótese de desenvolvimento e percurso histórico-semântico do formante *des-*.

O quarto e último capítulo, intitulado “propriedades morfossemânticas e morfofonológicas dos prefixos *de-* e *des-* e sua produtividade no português brasileiro”, discorre acerca do *status* atual dos afixos, utilizando para tal empreendimento, a base de dados do TermNeo. Neste capítulo, descreveram-se as condições de criação observadas na adjunção do formante *des-*, considerando-se os critérios fonológicos, morfológicos e semânticos.

Capítulo 1

Prefixação e Parassíntese: estabelecimento de diretrizes

*“Na língua nada é respondido
definitivamente. E retorna...”²³*

1. Prefixos: diferentes perspectivas

Nos estudos morfológicos do português, a formação de palavras que envolve a prefixação é ainda ponto de discordância entre os estudiosos que se dedicam à morfologia derivacional, apresentando classificações distintas, a depender do ponto de vista adotado pelo pesquisador. Assim, pode aparecer filiada aos tipos de derivação ou de composição²⁴.

Alguns autores como Nunes (1945), Bourciez (1956), Câmara Jr (1970), Serrano-Dolader (1995) consideram que a prefixação seja um processo de composição. Isso porque enxergam os prefixos como bases independentes, uma vez que grande parte desses elementos formativos desempenha ou desempenhava função de preposição ou advérbios, tanto em português quanto em latim. Desse modo, sendo

²³ Parodiando os dizeres de Michel Pêcheux e Françoise Gadet em *La Langue Introuvable* (1981). “Em linguagem as questões não se fecham. Elas retornam”, tradução livre de Eni Orlandi em entrevista para revista Teias - TEIAS: Rio de Janeiro, ano 7, nº 13-14, jan/dez 2006.

²⁴ Monteiro (2002) faz um levantamento dos estudiosos que já abordaram o tema e os divide de acordo com o seu posicionamento no que se refere à filiação do processo prefixal à derivação ou à composição.

uma forma independente na língua, o uso de prefixos na criação de vocábulos ligar-se-ia à *composição*.

A leitura dos principais estudiosos do tema mostra que os critérios mais considerados para a classificação do processo prefixal são o diacrônico e o semântico²⁵. A questão diacrônica que, no mais das vezes, relaciona-se à autonomia dos radicais, isto é, a existência independente das bases fora da palavra composta/derivada, parece ser crucial na filiação do processo prefixal à derivação ou à composição.

O fato de grande parte dos prefixos ter possuído independência na língua de origem, como é o caso das preposições e advérbios latinos, permite a leitura daqueles que concebem o processo de formação prefixal como *composição*, ainda que no português atual essas unidades não tenham mais a autonomia de outrora.

Entretanto, nem toda definição do processo de composição contempla o caráter diacrônico, como é possível atestar em definição registrada pela *Nova gramática do português contemporâneo* (Cunha & Cintra, 2008:119), que apresenta uma preocupação maior com a semântica do processo:

(...) consiste em formar uma nova palavra pela união de dois ou mais radicais. A palavra composta representa sempre uma ideia autônoma, muitas vezes dissociada das noções expressas pelos seus componentes.

²⁵ Estudos contemporâneos também se utilizam de critérios como a *competência do falante* em reconhecer tal sequência como elemento prefixal (Alves, 2002: 92)

Cunha & Cintra discutem, na gramática acima citada, que seria possível estabelecer com mais firmeza quais vocábulos seriam considerados formações derivacionais ou criações por composição. Nas palavras dos autores:

“A rigor, poderíamos até discernir as formações em que entram prefixos que são meras partículas, sem existência própria no idioma (como *des-* em *desfazer*, ou *re-* em *repor*), daquelas de que participam elementos prefixais que costumam funcionar também como palavras independentes (assim: *contra-* em *contradizer*, *entre-* em *entreabrir*). No primeiro caso haveria DERIVAÇÃO; no segundo, seria justo falar-se em COMPOSIÇÃO. Mas nem sempre é fácil estabelecer tal diferença, razão por que preferimos considerar a formação de palavras mediante o emprego de prefixos um tipo de derivação – a DERIVAÇÃO PREFIXAL.”

Contudo, apesar de os autores fazerem tal ressalva, não esclarecem as razões que os fizeram adotar a derivação para todos os casos que envolvem a prefixação, nem mesmo o que classificariam como prefixo. Na esteira do pensamento proposto pelos gramáticos e tomando como base, além dos aspectos diacrônico e semântico, o critério fonológico, será possível situar, de forma mais precisa, os afixos analisados nesta pesquisa.

Semanticamente, credita-se à composição aquelas formas que apresentam um significado independente dos radicais formadores. Alguns autores asseveram que essa nova acepção destoa dos valores das unidades lexicais envolvidos na composição, como é o caso de *criado-mudo*, *pé-de-moleque*, *cabra-cega* etc., nitidamente distantes das palavras que lhes deram origem.

Ao se analisarem as formações construídas com os prefixos *de-* e *des-* vê-se que não há a criação de um vocábulo com significados distintos daqueles presentes na palavra-base, assim como atestam os exemplos: **desatencioso** “que não presta atenção; não se concentra”; **descartar** “descartar ou pôr de lado (uma ou mais cartas) de baralho, jogo”, **descentralizar** “separar ou dissociar do centro os elementos que neste lugar se encontram”; **desentristecer** “fazer perder ou perder a tristeza, o acabrunhamento, alegrar-se”.

As palavras supracitadas indicam que, adotando o critério semântico, esses prefixos distanciam-se da composição, aproximando-se mais ao que se define como derivação “(...) processo pelo qual de uma palavra se formam outras, por meio da agregação de certos elementos que lhe alteram o sentido – referido sempre, contudo, à significação da palavra primitiva.” (Rocha Lima, 1972: 173)

Quanto ao aspecto diacrônico, é preciso ressaltar que o *status* de forma independente só caberia ao afixo português *de-*, já que o formante *des-* é uma inovação novilatina, usada desde sua origem como prefixo.

De acordo com o Dicionário Gaffiot²⁶ (1934), em sua definição geral, a preposição *de-* é assim apresentada: “*prép. gouvernant l’ ablat. marque séparation, éloignement, d’un objet avec lequel Il y avait contact, union, association (ex= de l’intérieur de)*”. Ao apontar o uso em composições, assinalando-o, portanto, como preposição, o mesmo dicionário afirma: “*en composition de marque: a) un mouvement de séparation, d’ éloignement: decedo, deduco, etc., ou de haut em bas:*

²⁶ <http://www.lexilogos.com/latin/gaffiot>.

decido, dejicio; b) le manque ou la cessation: demens, despero, etc.; c) l'achèvement, la plénitude: defungor, depugno, ou l'intensité: demiror, // placé souvent entre l'adj. et le subs., gravi de causa; après le relatif: ilud quo de agitur (...) ”

Já o Dicionário Latino-português, Francisco Torrinha (1945) aponta “*prep. de abl. e pref.*”, indicando posteriormente os diversos significados atribuídos pela preposição. Em seguida, o autor separa os valores da forma em seu uso como prefixo, trazendo os valores de: “*a) movimento de cima para baixo; b) ação feita segundo um objeto ou modelo; c) mudança de lugar; d) mudança de estado; e) afastamento; f) privação, diminuição; g) acabamento; h) sentido superlativo; i) por vezes serve apenas para renovar uma nova forma simples que caiu em desuso.*”

Esse trecho mostra que, para o autor, o *de-* já possuía *status* de prefixo, já que divide os valores semânticos das duas formas. Embora o *Gaffiot* não faça essa distinção de modo explícito, indica, em separado, os significados da preposição nas palavras classificadas como compostas, assim como se viu acima. Isso sugere que há a percepção de que *de-* funcionava de modo diferente, ativando, inclusive, outros significados.

Para tratar sobre a questão fonológica, adotar-se-á o critério utilizado por Schwindt (2001) para classificar os prefixos portugueses. De acordo com essa caracterização, *de-* e *des-* não apresentariam imprecisão entre derivação e composição, pois constituem o que o autor denomina de *prefixos legítimos* (PLs), isto é, afixos sem acento próprio. Sendo assim, sem autonomia prosódica, possuem *status* de forma presa, diferentemente, do que ocorre com os elementos lexicais *ex-*,

pós-, *pré-*, *sub* etc, os quais são interpretados como palavra prosódica²⁷ e, portanto, poderiam, de acordo com esse critério, ser filiados aos processos de composição.

Pelo exposto, vê-se que a prefixação, realizada com os afixos em análise, não deixa dúvida em relação a sua filiação à derivação. É importante frisar que se considera também como derivação o outro tipo de formação de palavra em escopo neste trabalho – a parassíntese.

²⁷ Schwindt (2001) os classifica como prefixos composicionais.

2. A Parassíntese

2.1. Questões iniciais

Não são poucos os autores que reconhecem na parassíntese um fenômeno complexo do qual participaria tanto a derivação quanto composição²⁸. A filiação da parassíntese aos dois principais processos de formação de palavras não se deve apenas ao fato de os estudiosos entenderem que a prefixação esteja inclusa na composição. Alguns autores como Alemany (1920), Bassetto (1993), Carreter (1973), Serrano-Dolader (1995), classificam como formações parassintéticas palavras como *quinceaño*²⁹ (*quince+ano+-ero*), *picapedrero*³⁰ (*pica+pedra+-ero*), *ropavejero*³¹ (*ropa+viejo+-ero*), assim como atribuem a mesma classificação os vocábulos *desalmado*, *envelhecer*, *apalavrar* etc.

Além disso, muitos autores tentam dirimir questões suscitadas com o não alinhamento da parassíntese com alguns princípios linguísticos consagrados na morfologia gerativista, entre os quais está a Hipótese da Ramificação Binária (Aronoff, 1976) e o princípio denominado *Righthand Head Rule*, os quais serão tratados com mais vagar na Seção 2.3.2. Na teoria gerativa, esses princípios são basilares e, por isso, muitos estudiosos se empenham em preservá-los. Para tanto,

²⁸ Partilha também deste pensamento a Gramática da Real Academia Española (1973)

²⁹ *Que tiene quince años o alrededor de esa edad.*, in: *Diccionario de la lengua española*

³⁰ *L encargado de labrar las piedras.*, in: *DRAE*

³¹ *Persona que vende, con tienda o sin ella, ropas y vestidos viejos, y baratijas usadas,* in: *DRAE*.

diversas propostas são formuladas para enquadrar a parassíntese dentro desses moldes, como se verá ao longo deste capítulo.

Para além disso, esse tipo de formação vocabular enseja outros questionamentos como a exigência de *simultaneidade* na adjunção dos prefixos e sufixos à base e a inexistência do vocábulo na falta de um desses elementos formativos. Discute-se também a própria gênese do termo e sua definição nas gramáticas gregas e latinas, fazendo-se um contraste entre seu primeiro emprego, visto em Dionísio Trácio (170 - 90 a.C.) e o uso nas gramáticas modernas.

2.2. Do conceito grego ao moderno

A antiguidade do termo parassíntese já revela a necessidade de avaliá-lo mais cuidadosamente para que a constituição do *corpus* desta pesquisa não apresente imprecisões e ambiguidades que, geralmente, cercam a análise dessa espécie de criação vocabular. No entanto, também é imperioso ressaltar que esse estudo não pretende fazer, passo a passo, um exame minucioso, remontando desde a gênese do termo ao seu emprego moderno, pois este não é o objetivo da pesquisa. A esse respeito há um estudo bastante completo e detalhado sobre esse tema, realizado por Bruno Bassetto (1993).

Bassetto traz um levantamento dos gramáticos gregos e latinos e aponta aqueles estudos que integravam a parassíntese entre os tipos de formação de

palavras, indicando qual a concepção que esses estudiosos imprimiam ao termo. Discute ainda a questão de outros termos e conceitos³² que também foram transformados ao longo do tempo e, evidentemente, refletem na descrição e entendimento dos processos de formação de palavras. Da mesma maneira, também interfere na análise do processo, o modo de percepção dos estudiosos; seu objeto de estudo e a necessidade de se seguir os grandes gramáticos e a tradição.

Como aponta o estudo de Bassetto (1993), a conceituação de parassíntese é bastante controversa, pois passou por modificações ao longo do tempo e, segundo o autor, sofreu com o reflexo da má interpretação dos textos dos gregos, bem como da leitura dos autores latinos mais consagrados. O autor afirma que, ao transpor a teoria grega para o latim, alguns tratadistas acabam provocando imprecisões ao analisar os dados, o que teria gerado o início da ambiguidade do termo.

Acrescente-se a isso, o fato de que os gregos e os romanos observavam a língua de modo diferente, mesmo porque há grande diversidade gramatical entre esses idiomas. Os gregos dividiam as palavras em “partes”³³, denominando de composta formações que se classificam hoje como palavras simples, derivadas ou

³² Isso ocorre com o entendimento que os autores antigos tinham a respeito da sílaba, composição e da própria palavra.

³³ “Nome é um som significativo, composto, sem determinação de tempo, que não tem nenhuma parte que, como parte do todo, seja significativa de per si; com efeito, nos nomes duplos, não nos servimos de suas partes como se elas tivessem separadamente um significado; assim, no nome Θεοδότης, a parte δότης não tem significado.” Aristóteles (*Poética*. Tradução de Eudoro de Sousa. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986.)

não. Os romanos, por sua vez, tinham uma preocupação excessiva com a forma e por vezes esqueciam-se da semântica.

Ademais, há ainda outros pontos decisivos que cercam esse tipo de criação de palavra. Na parassíntese, convergem questionamentos cruciais para toda a morfologia. Assim, ao tratar desse tipo de formação de palavra, é inevitável a tomada de posições que guiarão a seleção dos vocábulos a serem analisados, bem como a própria análise.

Um dos aspectos que constitui ponto essencial para a morfologia é a inserção do afixo *-ar* entre os formantes derivacionais. Esse tema tem ocupado os estudiosos, pois reacende a dicotomia entre a Flexão e Derivação. Pelo fato de esse afixo ser interpretado apenas como desinência verbal, muitos não reconhecem, nessas formações, uma sufixação e, por extensão, também excluem criações parassintéticas desta natureza.

Esse fato leva novamente à distinção entre o campo derivacional e flexional que, embora tenha sido tão discutida, continua despertando o interesse dos pesquisadores. Isso porque é uma questão que se coloca na análise de relevantes pontos linguísticos, no que se refere à formação de palavras. É o caso, por exemplo, da expressão de grau em língua portuguesa e dos derivados participiais³⁴, já que, inegavelmente, são flexões verbais, mas também são usados como sufixos

³⁴ Vale lembrar que os participípios eram considerados uma classe independente na gramática latina. Em português, como se sabe, passou a integrar uma das flexões verbais.

derivacionais na criação de *nomina actionis*³⁵ - *cadeirada* e *bolada*₁ - e *nomina quantitatis*³⁶ - *cortiçada* e *criançada*. O mesmo ocorre nas formações com os afixos de gerúndio - *mestrando*, *doutorando* - e de infinitivo - *bandejar*, *prefeitar* (Santos, 2010). Estes muito utilizados nas formações parassintéticas. Vale lembrar ainda a formação de algumas palavras femininas, como *heroína*, *condessa*, *consulesa* e *sacerdotisa*, em que há a utilização de afixos, reconhecidamente tidos como derivacionais, para representarem o par dos vocábulos masculinos *herói*, *conde*, *sacerdote*, respectivamente.

Retomando os principais aspectos considerados no estabelecimento da parassíntese, será discutida, mais detalhadamente a seguir, a simultaneidade dos formantes lexicais; a inovação da nomenclatura; o *status* do afixo *-ar* e a dicotomia flexão/ derivação.

2.3. Caracterização do processo parassintético

2.3.1. O critério de simultaneidade

A parassíntese é, geralmente, definida como um tipo de formação de palavras, criada a partir da adjunção simultânea de um prefixo e de um sufixo. Isso é o que se

³⁵ Nesses exemplos, o valor semântico é o de golpe “*golpe desferido com a cadeira*” e “*golpe com a bola*”.

³⁶ Aqui, o significado selecionado é o de coletivo nos dois casos: “*ajuntamento de folhas ou peças de cortiça*” e “*grupo ou bando de crianças*”.

encontra nas gramáticas contemporâneas (Bechara, 1975; Cunha & Cintra, 2008) e em manuais de linguística (Meyer-Lübke, 1923; Câmara Jr, 1979; Sandmann, 1992). Assim, as palavras *descarrar* e *desfibrar* seriam formadas por parassíntese, uma vez que não existem em português com apenas um dos formantes lexicais, estando indisponíveis tanto ★*carrar* ou ★*descarra* quanto ★*fibrar* ou ★*desfibra*.

Porém, são comuns também as críticas que essa conceituação recebe por não considerar a questão diacrônica. Ao afirmar que o vocábulo é parassintético quando um de seus elementos formativos é extraído e a palavra deixa de estar disponível na língua, não se atenta para a possibilidade de existência do vocábulo em períodos anteriores da língua, tendo servido de base para a derivação. Nas palavras de Bassetto (1993:71) sobre o latim: “*outra dificuldade frequente é saber com clareza se um vocábulo é sintético ou não; por vezes o vocábulo simples e primitivo caiu em desuso ou se arcaizou, sobrevivendo, porém, em compostos ou derivados.*”

Além disso, há que se considerarem os casos em que há diferença semântica relevante entre a base, a parassíntese e a possível forma intermediária. Parece ser o caso da tríade *largo* X *alargar* X *largar*, discutido por Kehdi (2003) e Basilio (2007). Nota-se que se se utilizar o mesmo critério acima descrito, ter-se-ia que assumir o vocábulo *alargar* como derivado prefixal, visto que *largar* é uma forma possível em português. Todavia, sabe-se que os significados ativados são diferentes, bem como seus usos. O valor semântico presente na forma *alargar*, não deriva

diretamente de *largar*³⁷, pois o primeiro pode significar “*tornar largo*”, “*estender*”, “*propagar*”; já o segundo, “*soltar*”, “*abandonar*”.

Casos como esse indicariam que o critério de simultaneidade não é suficiente para definir as formações parassintéticas, sendo necessário também dar atenção à semântica envolvida neste tipo de derivação.

É, pois, surpreendente que grande parte das definições façam tal exigência. Mesmo porque esta nunca caracterizou o processo parassintético quando de sua primeira aplicação feita pelos gregos. Bassetto (1993) traz em seu texto uma série de argumentos históricos que dispensariam essa exigência. Para o autor, nos termos do estudioso grego Dionísio Trácio, a parassíntese é um processo “claramente sucessivo”, já que se derivaria de outro vocábulo, classificado como *sintético* (composto), conforme descreve o estudioso: “*todo vocábulo – constituído de dois formantes – é um sintético; qualquer outro, constituído com base nesse sintético por outro formante, é um parassintético.*”

O autor retoma diversos autores gregos³⁸ e latinos³⁹ e conclui que em nenhum dos estudiosos pesquisados há a exigência de simultaneidade de adjunção dos elementos formativos, bem como não há delimitação no que se refere ao tipo de afixo (formas presas ou não).

³⁷ Esses vocábulos, de acordo com o Dicionário Houaiss, apresentam-se como significado semelhante na acepção de *afrouxar*, contudo no uso se distinguem: *largar* (segurar com menos força; afrouxar, soltar) Ex.: *largou a rédea de um cavalo*; *alargar* (tornar menos apertado; afrouxar) Ex.: *afrontado, alargou o cinto*.

³⁸ Apolônio Díscolo (Sec. II); Apolônio Alexandrino (Sec. II); Theodorus Prodromus (Sec. XII) e Constantino Lascaris (sec. XV).

³⁹ Varrão (116-27 a.C.); Quintiliano (sec I d. C.); Prisciano; Flavius Sosipater Carisius (sec. IV), Donato (sec. IV) e Sergio (sec. IV).

Após analisar a aplicação do termo nas gramáticas gregas e latinas, Bassetto (1993) traz sua própria definição desse mecanismo de formação de palavras: *“Processo pelo qual todo vocábulo, constituído por dois formantes básicos que perfazem um todo fonético e semântico, e ao qual se acrescenta outro ou outros formantes de qualquer natureza, torna-se parassintético”*.

Com base nessa definição, as exigências apontadas, nas gramáticas portuguesas, para a caracterização da parassíntese seriam dispensadas. No entanto, essa nova conceituação do processo parassintético passa a englobar outras formações, como é o caso das palavras *gostosura*, *belezura*, *taludão* e *barbudinho*, tradicionalmente, classificadas como derivação sufixal, já que as palavras foram criadas a partir de bases já derivadas.

Além disso, não se pode obliterar toda a tradição neolatina do termo, mesmo porque esta reflete os conceitos de morfologia contemporânea e o entendimento de derivação hodierno, visto que o próprio Bassetto afirmava serem os sufixos segmentos desprovidos de significado claro. O que destoia da concepção dos processos derivacionais aqui adotados.

Assim sendo, a simultaneidade só faz sentido se estiver aliada a uma análise semântica e histórica do vocábulo. Neste sentido, ganha destaque a distinção feita por Basílio (1987: 44) ao descrever a parassíntese: *“o que caracteriza a derivação parassintética não é a presença ou ocorrência simultânea de prefixo e sufixo junto à base, mas a estrutura de formação, que exige utilização simultânea de prefixo e sufixo no processo de formação”*. A observação permite que a autora reconheça duas

formações possíveis para a mesma palavra. Assim, *desdentado* apresentaria “duas formações: uma parassintética, em que temos a adição simultânea de *des-* e *-ado* ao substantivo *dente*, para expressar o sentido adjetivo ‘sem dente’ e uma em dois níveis, em que temos o acréscimo de *-do*, caracterizador de particípio passado, à base do verbo *desdentar*” (1987: 47)

Frente às questões aludidas, as diferenças encontradas na descrição desse termo deveriam levar a uma nova denominação. Contudo, o termo adotado por alguns estudiosos não parece adequado, como se verá na próxima seção.

2.3.2. Circunfixação e o afixo *-ar*

Discussões acerca de definição ou conceituação de termos podem parecer, as vezes, infrutíferas. Entretanto, no caso da parassíntese, sem isso não é possível delimitar o objeto de estudo. Assim, para se afastarem de problemas ocasionados pelo emprego tradicional dessa terminologia, alguns autores⁴⁰ adotam outra nomenclatura. Rio-Torto (1998: 90-91) opta por outra denominação, reconvocando a necessidade de simultaneidade, já que para ela não há dois operadores, como descreve a seguir: “Neste caso, não há lugar a sucessividade, pois não estão sequer em jogo dois operadores, mas adjunção de um só operador, formalmente

⁴⁰ Como estratégia, muitos autores utilizam outras terminologias *circunfixação* (Rio-Torto, 1994), *sufixação seguida de prefixação* (Scalise, 1984; Alcoba Rueda, 1987; Gràcia i Solé, 1995; Corbin, 1997), *conversão, precedida ou seguida de adjunção do prefixo* (Villalva, 1995 e 1998; Zwanenburg, 1998), e *prefixação com poderes heterocategoriais* (Williams, 1981; Cabré i Castellví, 1988; Lieber, 1992; Grossmann, 1994).

descontínuo, sendo que a adjunção dos dois constituintes do operador circunfixal é simultânea”.

Em outra passagem (1998: 211-221) a autora afirma que o termo parassíntese é equivocado por contemplar uma variedade enorme de produtos, servindo para designar derivações *isocategoriais* e *heterocategoriais*⁴¹. Outros autores⁴² também adotam esse termo por julgarem que, desse modo, seriam resolvidos vários problemas dentro da teoria gerativista como, por exemplo, a hipótese de ramificação binária⁴³ (Aronoff, 1976), de acordo com a qual, somente um afixo, por vez, poderia se unir a uma base, correspondendo também a uma só Regra de Formação de Palavras (RFP), não permitindo, assim, espaço para uma estrutura trimembre.

Configurada dessa maneira, a preferência pelo termo *circunfixação* permitiria atribuir também ao prefixo a responsabilidade pela alteração da classe gramatical (Rio-Torto, 1998; Pereira, 2004), fato que não procede ao se tomar o vocábulo como parassintético, já que contrariaria outro princípio, *Righthand Head Rule* (Williams, 1981), o qual apregoa que o morfema mais a direita da estrutura vocabular seria sempre o núcleo e teria capacidade heterocategorial. Pereira (2004: 93-94) argumenta que analisar a formação como circunfixada possibilita atribuir mesma relevância para ambos os formantes, prefixo e sufixo.

⁴¹ Para Carone (1986: 41-42) deveria existir uma subcategorização, dividindo as derivações parassintéticas formadas com prefixo e sufixo daquelas construídas com prefixos e desinências verbais, já que essas não representariam, de acordo com a postura adotada pelas gramáticas tradicionais, um sufixo. Isso exigiria, portanto, uma redefinição de sufixo. Contudo, a autora admite que a diferenciação entre os tipos de parassíntese levaria a uma nova conceituação do processo parassintético, baseado apenas no fator da simultaneidade.

⁴² Corbin (1980), Villalva (1986) e Monteiro (2002).

⁴³ Alerta-se que também não são explicadas satisfatoriamente o processo regressivo e as construções impróprias.

A argumentação dos estudiosos é bastante convincente e, sobretudo, coerente no que diz respeito à preservação de princípios tão caros ao gerativismo. Entretanto, é preciso considerar que tais princípios podem não ser tão gerais quanto a teoria preconiza, como lembra Rodriguez (1993). Ademais, as formas parassintéticas não são os únicos processos que se desalinham em relação à *Righthand Head Rule* (núcleo à direita).

Villalva (1994) discorre em um artigo sobre as configurações não-binárias na morfologia, colocando em discussão, além da parassíntese, os compostos coordenados constituídos de três ou mais bases como, por exemplo, “*afro-luso-brasileiro*”, “*autor-compositor-intérprete*”, “*bate-escova-aspira*”. A autora demonstra, por meio das representações do que denomina de Teoria XM-Barra, que, se por um lado a parassíntese não comprova a existência de estruturas não-binárias na morfologia, também não depõe ao contrário. Contudo, ao analisar os compostos coordenados, admite que isso seja possível: “*O conjunto de dados apresentados parece, pois, consubstanciar a hipótese da existência de configurações não-binárias em morfologia*” (Villalva, 1994: 14).

Já em relação ao princípio *Righthand Head Rule* (HRB) e a proposta de alguns estudiosos em analisar a parassíntese como circunfixação, delegando também ao prefixo a capacidade heterocategorial, é uma preocupação pertinente, pois como pontua Pereira (2004), atribuir esta função apenas ao sufixo acaba por deixar em segundo plano o papel do prefixo.

Entretanto, esta análise é pouco econômica, pois há que se admitir não só os afixos prefixais e sufixais, mas também a existência dessas formas combinadas, disponíveis na língua. Assim, haveria, por exemplo, os prefixos *a-* e *en-*; os sufixos *-ecer* e *-ejar* e também os circunfixos *a-...-ecer*, *a-...-ejar*, *en-...-ecer* e *en-...-ejar*. Também não se esclarece como esses formantes lexicais teriam sido acoplados; se há algum critério de seleção, ou restrições de combinação, isto é, todos prefixos podem compor um circunfixo somando-se a qualquer sufixo?

Sendo assim, parece mais acertado entender que os afixos funcionam, sim, em conjunto, uma vez que se adjungem simultaneamente a uma base, mas não constituem morfemas descontínuos. Isso preserva inclusive a responsabilidade semântica de ambos os afixos na contribuição de sentido na formação derivada.

Além disso, Rio-Torto afirma que a *circunfixação* restringe também os afixos que poderiam formar tais vocábulos. Para a autora, palavras como *enlatar*, *apunhalar* e *aparentar* possuiriam apenas prefixos, pois não considera *-ar* como formante derivacional, denominando esse tipo de formação como prefixal.

Outros autores como Monteiro (2002), Villalva (1995 e 1998); Zwanenburg (1998) por entenderem que a sequência *-ar* seja componente flexional, resolvem essa questão, invocando o morfema zero para ocupar a posição derivacional em oposição às criações como *enraivecer* e *amadurecer*, por exemplo. Sendo assim, propõem a seguinte estrutura para os vocábulos *aflorar*, *aterrar*, *enterrar*, *alargar*: [*a* [*flor*] $\emptyset$ (*ar*)]; [*a* [*terr(a)*] $\emptyset$ (*ar*)]; [*en* [*terr(a)*] $\emptyset$ (*ar*)] e [*a* [*larg(o)*] $\emptyset$ (*ar*)]. Contudo, sabe-se que morfema zero deve ser postulado para indicar flexões (Bybee, 1985).

Afora isso, como alude Freitas (1997), as formações construídas a partir de *-ar* são as mais produtivas na processo parassintético. Configurado dessa maneira, portanto, não constituiriam a exceção, “*mas a regra geral, o que comprova a deficiência do critério*” (Freitas, 1997: 153).

Rio-Torto (1994) reconhece, no artigo “*Formação de verbos em português: parassíntese, circunfixação e/ou derivação?*”⁴⁴, a possibilidade de dupla leitura para formações deste tipo. A esse respeito, escreve “*a Vogal Temática é um operador derivacional sempre quando não estão em jogo outros segmentos que, à direita da base, assegurem a relação derivacional.*” Quatro anos mais tarde, ao retomar o assunto, a autora considera para a análise de formas em *-ar* duas propostas – a conversão ou sufixação promovida pela vogal temática.

Basílio (1993) analisa essas construções de forma diferente. Ela avalia que a sequência seja também um componente derivacional, pois não se limita à conjugação do verbo. No capítulo “*verbos denominais no português falado*”, a autora elenca alguns critérios para avaliar o seu ponto de vista. Basílio afirma que para a análise de verbos denominais como *perfumar* e *desossar* há dois caminhos possíveis:

- Seria o resultado de um processo de conversão de um substantivo em verbo, por meio do acréscimo da vogal temática; ou
- Resultaria do acréscimo do elemento derivacional *-ar*.

⁴⁴ Rio-Torto, 1994: 360.

Quando se considera a primeira hipótese, isto é, o *-a* com função de vogal temática, notam-se incongruências, pois a acomodação do substantivo à conjugação verbal com acréscimo de vogal temática seria imperativa apenas nos casos em que a forma base não apresentasse compatibilidade com a conjugação verbal. No entanto, a autora cita o caso da palavra *rede* na qual há uma vogal [e], potencialmente apta a formar um verbo em língua portuguesa e poderia formar assim ★*enreder*. Entretanto, tem-se *enredar*⁴⁵, indicando, de acordo com a estudiosa, que não se trata de conversão, como asseveram alguns linguistas. Basílio ainda chama a atenção para o fato de que o *-a* não se limita apenas à conjugação verbal, mas está presente no tema derivante para outras formações e cita como exemplos os seguintes casos: [delimita]vção]s; [[contenta]v mento]s; [[filtra]v gem]s etc.

Outro argumento se prende à utilização desse afixo e o critério de simultaneidade, discutido na seção anterior. Para mostrar que a sequência em análise desempenha função derivacional e não flexional, Basílio toma como exemplo o vocábulo *desossar* a fim de mostrar que não se trata de conversão, uma vez que não há na língua um substantivo ★*desosso*⁴⁶ sobre o qual o afixo possivelmente pudesse se adjungir; ou, ainda, não existe o verbo ★*ossar* com o qual o prefixo *des-* poderia se unir. Por isso, a autora afirma que o afixo *-ar* desempenha tanto função derivacional quanto flexional.

⁴⁵ Deve-se, contudo, atentar para o fato de *enredar* ser lexema comum das línguas da península ibérica, sendo encontrada em galego, espanhol, asturiano e catalão. Assim como em português, em galego e em asturiano a base da palavra derivada também possui vogal temática em *-e*. Já espanhol e em catalão as bases são atemáticas, respectivamente, *red* e *ret*.

⁴⁶ Não confundir com a forma homônima da 1ª pessoa do Presente do Indicativo do verbo *desossar*, forma que conta com 4.590 ocorrências em sites de busca – consulta realizada em 01/6/2015.

Contudo, a ambivalência desse afixo, isto é, sua filiação à derivação e à flexão não é fato aceite e concorde entre os estudiosos. Nas palavras de Bybee (1985): *“One of the most persistent undefinable in morphology is the distinction between derivational and inflectional morphology. While linguists seem to have an intuitive understanding of the distinction, the objective behind this intuition have proved difficult to find”*.

Desse modo, na próxima seção, discutir-se-ão alguns pontos que podem esclarecer essa controversa.

2.3.3. Dicotomia Flexão X Derivação

Muito embora já se tenha debatido vastamente sobre essa questão, desde Varrão (116 a.C. – 26 a.C), com a conhecida oposição *derivatio naturalis* e *derivatio voluntaria*, passando por Rocha (1972); Câmara Jr. (1976); Anderson (1982); Corbett (1998) e Stump (1998), os quais tentam estabelecer critérios para delimitar as fronteiras entre esses campos da morfologia, o assunto está longe de ser esgotado.

Como já mencionado, a distinção entre as duas morfologias⁴⁷ incide em muitos aspectos linguísticos, interferindo efetivamente nas análises propostas. Assim, por exemplo, Câmara Jr. (1976) que buscou critérios para comprovar que a expressão

⁴⁷ Spencer, 1993

de grau pertencia ao campo da derivação e não da flexão, prendendo-se ao o *caráter obrigatório e sistemático* da flexão em contraposição ao *facultativo* da derivação.

Câmara Jr. também ressalta que, no caso da derivação, há a criação de um novo vocábulo que acaba por enriquecer o léxico, diferentemente da flexão, a qual se constitui como uma nova expressão de uma mesma palavra. Rocha (1972) lembra que a derivação não se prende à natureza da frase, ou seja, não é por ela exigida, ao contrário da flexão que se dobra as exigências da sentença.

Anderson (1982), Corbett (1998), Stump (1998) também propõem outros critérios para ressaltar as diferenças entre esses dois usos da morfologia⁴⁸. No entanto, ao analisar atentamente os critérios utilizados pelos estudiosos para propor tal separação, vê-se que esses não são totalmente decisórios na definição de cada domínio. Para Gonçalves (2011), esses critérios podem ser utilizados para marcar as diferenças, mas também podem ser convocados para ressaltarem suas semelhanças, indicando que, no tocante ao aspecto formal, as diferenças não são tão grandes quanto se tem postulado.

Há ainda estudos que propõem não uma distinção discreta e sim gradiente entre os dois eixos morfológicos. Essa é a proposta de Bybee (1985: 82) que acredita não haver uma oposição bem marcada entre flexão e derivação. A autora assegura a existência de um *continuum* entre essas categorias: “(...) *derivational morphology is transitional between lexical and inflectional expression*”.

⁴⁸ Aronoff (1994).

2.3.3.1. O *continnum*: derivação e flexão

A proposta de um *continnum* parece ser mais condizente com as relações entre os universos flexional e derivacional, descrevendo de forma mais coerente o caso da expressão de grau em português, discutida por Câmara Jr (1976), bem como das derivações que envolvem formas nominais dos verbos, como problematizado por Basílio e tão recorrentes nas formações parassintéticas.

Gonçalves (2011) chama a atenção para o fato de Bybee (1985), apesar de ter proposto a confluência entre as morfologias, não ter circunscrito parâmetros para mensurar e, por conseguinte, posicionar os afixos nesse *continnum*. Verificando essa lacuna, o autor tenta estabelecer formas de medir a aproximação ou afastamento dos polos derivação/flexão. Para isso, Gonçalves assume que há critérios mais relevantes no mapeamento dessa gradação e que, ao contrário do que se costuma pensar, não se trata de uma relação binária, pelo menos, não necessariamente. Nas palavras do autor (2011: 125): “*a formulação de uma escala hipotética de prototipicidade tem de ser baseada em instrumentos que possibilitem identificar matizes caracterizadores dos exemplares mais representativos de cada extremo*”.

Gonçalves retoma os mesmos critérios⁴⁹ outrora usados para promoverem a distinção entre as duas morfologias para estabelecer a contiguidade dos afixos a cada um dos polos dessa escala. O referido autor contrasta alguns afixos testando esses parâmetros e os dispõem ao longo desse *continuum*. O estudioso toma como exemplos os afixos *-mente*, *-ção*, *-douro*, *-sse* e aplica critérios como *relevância*, *fusão*, *ordem*, *conteúdo mínimo*, *generabilidade*, *previsibilidade*, e *mudança de classe*.

A *relevância* se refere à contribuição semântica que o afixo dá à base e é classificada em *alta*, *média* e *baixa* em relação à base. Essa sequência reflete também a proximidade entre os polos, isto é, *relevância alta* aproxima o afixo do polo derivacional. A *fusão* entra como auxiliar para a medição de *relevância*, pois o autor pressupõe que fusões constituem reflexos de variadas relações de *relevância* (Bybee, 1985). Assim, para exemplificar, o afixo *-douro* é classificado como de *relevância alta*, o afixo *-a*, formador de feminino seria de *média relevância* e, finalmente, o *-s*, formador de plural, bem como os afixos de modo/tempo, seriam de *relevância baixa*, já que esses afixos tendem a se fundir a expressão de tempo e modo nas bases: “puS”, “poN”, “poR⁵⁰” etc. Outro medidor do grau de *relevância* é o número de casos expressos lexicalmente de um determinado morfema, como se verá também na descrição do critério de *previsibilidade*, indicado abaixo.

A *ordem* também é considerada na classificação da *relevância*: “afixos que bloqueiam a anexação de outros tendem a ser mais flexionais que elementos não

⁴⁹ O autor adverte que alguns critérios são inoperantes na prática, servindo apenas para diagnosticar processos morfológicos altamente marcados (Gonçalves, 2011: 125).

⁵⁰ Exemplos extraídos de Gonçalves (2011: 128)

periféricos” (Gonçalves, 2011: 128). Esse é o caso da marca de plural que impede a adjunção de qualquer outro elemento.

O critério de *previsibilidade*⁵¹ pode ser entendido por meio do exemplo selecionado pelo autor, o qual explica que para expressar o modo pretérito imperfeito do indicativo em português têm-se duas formas *-va/ -ia*, não havendo outras possibilidades sintáticas, fonológicas ou lexicais para indicar tal função e significado. Diferentemente, há, em português, diversos afixos responsáveis pela representação do grau aumentativo (*arqui-, extra-, hiper-, sobre-, super-, -ão, -alhão, -arão, -(z)arrão, -eirão, -érrimo, -íssimo, -aça, -aço, -ázio, -uça.*). Sendo assim, os afixos *-va* ou *-ia* teriam um alto grau de *previsibilidade* em oposição aos afixos de grau.

Já os parâmetros de *generalidade* e *conteúdo mínimo* se referem ao grau de aplicabilidade dos afixos. Um elemento formativo será mais flexional quanto maior for o seu grau de *generalidade*, isto é, maior for sua capacidade de se aplicar a diversas bases. Para isso, é preciso que possua um *conteúdo mínimo*, para que possa, facilmente, estender-se ao maior número de bases. O autor seleciona os sufixos *-ção* e *-dor*, destacando que o primeiro, por possuir grau de *generalidade* maior, estaria mais próximo do eixo da flexão em oposição a *-dor*, com menor aplicabilidade, pois além de alterar a classe gramatical, atribui valor de agente, sendo, portanto, mais derivacional.

O autor sintetiza os parâmetros em forma de tabela, reproduzida a seguir:

⁵¹ Critério utilizado por Rocha (1994).

Parâmetros	[-Flexional]<<<<----->>>>[+Flexional]		
Relevância	Alta	Baixa	Média
Fusão	Alta Inúmeros casos de expressão lexical	Média Alguns casos de expressão lexical	Baixa Pequeno número de formas da língua que veiculam o conteúdo do afixo
Ordem	Inicial	Medial	Final
Mudança de classe	Com mudança		Sem mudança
Generalidade	Baixa Existência de muitas lacunas; aplicação muito restrita	Média Processos com grandes restrições de aplicabilidade	Alta Processos com grande aplicabilidade, sem lacunas ou com baixa reestruturabilidade.
Previsibilidade	Baixa Vários formativos e diferentes estratégias linguísticas levam ao conteúdo do afixo		<div>Média Um único afixo e estratégias não morfológicas</div> <div>Alta Um único afixo e expressão só morfológica</div>
Cabeça lexical	À direita		À esquerda
Lexicalização	Frequente Muita irregularidade na forma ou no significado de construções morfológicas com o afixo	Média Poucos desvios de forma ou significado	Baixa Casos isolados de desvio

Tabela 1 - Parâmetros e escala do *continuum*, aplicado ao português. (Gonçalves, 2011: 136)

Depois de contrastar alguns afixos, por meio desses parâmetros, Gonçalves estabelece uma possível classificação dentro do *continuum*, como se pode observar na Figura 1:

>>>> mais flexional para o menos flexional

Figura 1- *Continnuum* derivação a flexão (Gonçalves, 2011)

2.3.3.2. Análise do afixo -ar no *continnum*

Com o intuito de verificar a validade desses critérios na análise das formações que envolvem o afixo *-ar*, procurou-se submetê-lo aos testes e certificar qual posição esse afixo ocuparia no *continuum*: mais próximo ao eixo flexional ou derivacional. Para isso, utilizou-se do recurso visual, aproveitando a tabela construída por Gonçalves (2011).

Parâmetros	[-Flexional]<<<<----->>>>[+Flexional]			
Relevância	Alta	Baixa	Média	
Fusão	Alta	Média	Baixa	
Ordem	Inicial	Medial	Final	
Mudança de classe	Com mudança		Sem mudança	
Generalidade	Baixa	Média	Alta	
Previsibilidade	Baixa		Média	Alta
Cabeça lexical	À direita		À esquerda	
Lexicalização	Frequente	Média	Baixa	

Tabela 2 - Projeção do afixo -ar no continuum flexão/derivação

As tarjas cinza indicam a classificação do afixo sob escopo na escala proposta por Gonçalves. O afixo foi classificado como de alta *relevância*, já que atribui o valor de ação às bases a que se une⁵², dando origem a um novo item lexical.

Apresenta grau médio de *fusão* e ordem, pois permite que outros afixos se adjunjam a ele, amoldando-se para isso. Esse é o caso de palavras como: *largo* > *alargar* (a- + largo+ -ar) > *alargamento* (alargar + -mento); *abaixamento* (abaixar + -mento); *aclimatização* (aclimatizar + -ção); *deslocação* (deslocar + -ção). Por isso, no quesito ordem, aparecem tarjadas as células medial e final, visto que podem ocupar ambas as posições como se viu acima.

O parâmetro de *generalidade* foi considerado médio, porque o afixo pode se estender a um grande número de bases, sob o ponto de vista formal/estrutural, mas parece possuir restrições de ordem semântica. Assim, é possível formar *bandejar*, *sabonetar*, tomando como base os substantivos *bandeja* e *sabonete*. Todavia, não parecem ser aceitáveis as formas ★*taçar* (taça) e ★*pratar* (prato), por exemplo.

O afixo *-ar*, por ser uma de três formas possíveis de ser formar um verbo em português, foi considerado como de média previsibilidade. Em relação ao critério de lexicalização, entende-se que tal afixo possua baixo grau, pois, apesar de alguns verbos apresentarem valores semânticos diferentes dos contidos na base, esse fato não constitui, de fato, lexicalização, como indicam as palavras anteriormente citadas, *bandejar* e *sabonetar*.

⁵² A classificação se deve ao fato de sua afixação contribuir semanticamente com a base, isto é, cria um novo item lexical, diferentemente de afixos como *-va*, *-ia*, *-sse*.

Sendo assim, o afixo *-ar*, em contraste com os afixos testados por Gonçalves (2011), ficaria disposto da seguinte maneira:

Figura 2 - Afixo *-ar* no *continuum* derivação/flexão

De forma semelhante, pode-se considerar que alguns afixos configuram-se como “classes transicionais”, assim como propõe Viaro (informação verbal)⁵³, pois afirma que os participípios fazem parte dos dois processos, sendo, ao mesmo tempo, derivacional e flexional. Da mesma forma como Borba (1979) explica a traslação de Tesnière:

A base teórica da traslação está no fato de que qualquer unidade lingüística pode emigrar de uma classe gramatical para outra, através de determinados processos, o que também acarreta mudança de função.

Frente ao que fora discutido ao longo desta Seção, viu-se que são muitas as razões para refletir sobre a classificação tradicional do afixo *-ar* como flexional, seja pela caracterização da vogal temática, seja pelo estabelecimento de um *continuum* ou pela adoção da “traslação” ou “transposição” (Tesnière) ou “classes transicionais”

⁵³ 03/05/2015

(Viaro), é preciso reconhecer que tal afixo desempenha mais que um papel flexional na construção vocabular.

2.4. Questão semântica

Os trabalhos que se debruçam sobre a parassíntese acabam, por vezes, ocupando-se sobretudo com questões estruturais e deixam em segundo plano o tratamento semântico. Neste trabalho, já foi mencionada a importância da semântica na formação de palavras e no estabelecimento de critérios para o reconhecimento dos processos parassintéticos, ao lado da tão apregoada simultaneidade. Mas, é pertinente dedicar um espaço para pormenorizar alguns aspectos semânticos que englobam o complexo processo de criação vocabular em que atuam dois operadores afixais⁵⁴.

Alguns pesquisadores da linguística cognitiva julgam que nem todos os prefixos estariam habilitados a serem potenciais formadores parassintéticos. Corado (2002) restringe a participação dos formantes *des-*, *re-* e *ex-* neste tipo de construção vocabular. Tomando como exemplo as palavras *desalmado* e *desbocado*, a autora argumenta:

“(...) não acreditamos na hipótese de negar algo que não existe e parece-nos muito claro o valor semântico de negação presente no prefixo **des-**. Assim, consideramos

⁵⁴ Se se comparar formações semanticamente parecidas como, por exemplo, *apedrejar* “atirar em (alguém ou algo) pedra(s) ou quaisquer objetos como se pedras fossem” e *pedrada* “ação de lançar uma pedra” “golpe com pedra”, percebe-se o como a formação parassintética descreve um sintagma completo.

*almar e *bocar como bases teóricas virtuais cuja pré-existência é exigida para que o prefixo **des-** cumpra seu papel semântico.”

Apesar de a autora argumentar que as bases são virtuais, considera ser necessária sua pré-existência para permitir a adjunção dos referidos prefixos. A proposição de uma palavra virtual, isto é, possível de ser formada dentro das regras de um dado sistema linguístico, é bastante comum. No entanto, não deve constituir requisito, assim como assevera a autora. Afora isso, deve-se advertir que, em razão de tal exigência, não se pôde classificar as formações acima citadas como parassíntese / circunfixação, já que para Corado (2002) a virtualidade é suficiente para descaracterizar o processo.

A negação pode estar ligada a um conceito ou conjunto de valores, os quais, não necessariamente, são expressos por vocábulos existentes na língua⁵⁵. Sendo assim, é possível negar a ideia pré-existente à palavra que lhe dá forma⁵⁶. Para ilustrar, é oportuno citar um exemplo empírico. Em uma transmissão⁵⁷ de um jogo do Corinthians, logo após a saída do técnico Tite, um jornalista disse que era preciso “*desentitizar*” o time, explicando em seguida que não se tratava de conotação pejorativa, mas que era necessário extrair do time as características do trabalho feito

⁵⁵Sabe-se que, muitas vezes, as palavras são insuficientes para descrever os objetos; expressar fatos cotidianos e sentimentos.

⁵⁶Durante a reunião mensal do Grupo de Morfologia Histórica do Português, realizada em Julho de 2013, uma das integrantes, ao ouvir o relato de que um monge havia deixado o mosteiro, proferiu concluindo que este havia se “*desmonjado*”. Entretanto, não há ainda em português o verbo **monjar*”, o que não impediu a criação vocabular, bem como não dificultou o seu entendimento. Cita-se aqui também a palavra “*desfradar*” (s/d) “retirar ou abandonar a condição de frade” apontada no Dicionário Houaiss, como formada por prefixação sob a estrutura *des-*+ *fradar*. Todavia, o próprio dicionário não reconhece a forma de base, não apresentando esse lexema em sua base de dados.

⁵⁷ Transmissão feita pela rádio CBN, em 22/01/2014.

por este técnico. Não será preciso consultar nenhum dicionário para certificar que se trata de um neologismo e que foi criado a partir da palavra “*entitizar*” que, por sua vez, também não consta no dicionário, assim como também não se podem encontrar “*tetizar*” nem “*enteti*”, o que caracteriza como parassíntese a base (*entitizar*) sobre a qual se forma o supracitado neologismo “*desentitizar*”.

É preciso frisar que se reconhece a potencialidade das formações “*titizar*”, assim como “*entitizar*”, contudo essa virtualidade não deve ser condição *sine qua non* para a criação parassintética. É oportuno observar que a virtualidade requisitada no caso de *des-*, *re-* e *ex-*, também é verificável no caso dos demais prefixos. Desse modo, a virtualidade do vocábulo não pode ser tratada como formação real, isto é, formação concreta sobre a qual se anexa o formante lexical.

3. Definir para explicar, demarcar e destacar a Parassíntese.

As considerações feitas ao longo deste estudo permitem delimitar para esta pesquisa o processo parassintético. Dessa maneira, classifica-se como parassíntese a construção pela qual, por meio da adjunção de prefixo(s) e sufixo(s), formam-se nomes e verbos, sendo que para isso é necessário que não haja uma unidade lexical intermediária efetiva/real (apenas prefixada ou apenas sufixada) com valor semântico idêntico, criado anteriormente à forma parassintética. Isso significa dizer que a adjunção dos formantes lexicais será simultânea.

Como estratégia de compreensão, citam-se as palavras *destampar* e *defumar*, exemplos de parassíntese, mesmo havendo em língua portuguesa os verbos *tampar* e *fumar*. No primeiro caso, há semelhança semântica entre *destampar* e *tampar*, porém esta é datada no século XX e aquela já aparece registrada em 1713. Já *fumar* (sec. XV), além de possuir significados diferentes, também foi criada posteriormente à palavra *defumar* (sec. XIII).

Para tornar mais clara a definição, os processos e elementos envolvidos, toma-se como exemplo as palavras *despignatarizar* e *despoetizar*, encontradas em um poema de José Lino Grünwald (1987). Em *despoetizar* há uma formação prefixal, já que *poetizar* (s/d) aparece registrada pelo Dicionário Houaiss (1624). Já *despignatarizar* é tido como construção parassintética, por apresentar prefixo e sufixo, ambos indispensáveis para a construção de significado do vocábulo, e sem os

quais o verbo neológico deixaria de atribuir significação completa em língua portuguesa. Vê-se que o verbo é formado com a adjunção do prefixo *des-* e do sufixo deverbal *-izar*.

Desse modo, para se proceder à análise parassintética, é necessário considerar também os dados históricos e a semântica envolvida nessas formações. A formação parassintética poderá ser auferida ainda levando-se em conta as sincronias pretéritas. Ao analisar, por exemplo, as palavras formadas em latim é preciso considerar o material linguístico disponível naquele sistema, como se verá, por exemplo, nas análises realizadas no Capítulo 3, a respeito das palavras *declarare*, *depauperar* e *depreciar*.

Capítulo 2

Origem e desenvolvimento dos elementos formativos *de-* e *des-*

*“O passado muda porque resulta de nossa
imaginação no presente”⁵⁸*

Introdução

A semelhança formal e semântica dos afixos *de-* e *des-*, vista no português atual, leva a crer que sejam originários de um mesmo étimo latino. Contudo, *de-* surge a partir da preposição *díctica* homônima⁵⁹ *de* uso prepositivo e pospositivo (Romanelli, 1964: 51) que, por sua vez, proveio do indo-europeu. Já o prefixo *des-*, inovação neolatina, não tem a sua origem completamente esclarecida. Entretanto, geralmente, apresentam-se três hipóteses, como se verá na Seção 2 deste capítulo.

Primeiramente, será discutido o percurso histórico do prefixo *de-* e, posteriormente, apresentar-se-ão as propostas etimológicas a respeito do formante *des-*, indicando seu cruzamento semântico com alguns elementos formativos de origem latina, entre os quais se encontra o próprio *de-*.

⁵⁸ Immanuel Wallerstein.

⁵⁹ Como se sabe, as preposições, outrora, desempenhavam função adverbial. Segundo Faria (1944: 228), devido ao enfraquecimento do valor significativo dos casos, os advérbios tornam-se mais frequentes, culminando no surgimento das preposições.

1. O prefixo *de-*: origem preposicional

O latim clássico contava com diversas preposições que se prestavam a variadas funções e nuances semânticas. A ideia de movimento, por exemplo, podia ser expressa por meio de preposições como *ab*, *ad*, *intro*, *ex*, *de*. Enquanto *ad* expressava movimento de aproximação, *ab* denotava distanciamento; *ex*, movimento para fora; *intro*, para dentro, e *de-* movimento de cima para baixo. Desse modo, a distribuição semântica das preposições latinas permitia jogos de linguagem como no discurso Pro Caecina de Cícero: “*Si qui meam familiam de meo fundo deiecerit, ex eo me loco deiecerit; si qui mihi praesto fuerit cum armatis hominibus extra meum fundum et me introire prohibuerit, non ex eo, sed abeo loco me deiecerit...*”⁶⁰

No entanto, com a reorganização sintática do latim, não se reconhecia mais tanta rigidez no emprego de cada uma delas (L. Rubio, 1983), levando ao enfraquecimento de algumas. Em contrapartida, outras tiveram seu uso expandido. Foi o que ocorreu com a preposição *de* que passou a englobar o sentido de afastamento, outrora expresso por *ab*, preposição que acabou por desaparecer com tal função, ficando restrita ao uso como prefixo. Posteriormente, *de* passou a abranger também o que antes era expresso pela preposição *ex*, a qual seguiu o mesmo percurso que *ab*.

⁶⁰ “*Se alguém expulsasse minha família de minha terra, me expulsaria a mim mesmo dela; se alguém se apresentasse diante de mim com homens armados, fora de minha terra e me proibisse de entrar (nela), não me expulsaria do interior, mas das proximidades desse lugar...*”.

De acordo com alguns estudiosos, a configuração fonético-fonológica da preposição **de** a favoreceria frente a outras, pois possui sílaba aberta, estrutura CV, e ausência de variantes (Neira, 1976: 4). De sorte que, eliminou as partículas com as quais concorria, passando a assumir as três noções do latim (Machado, 1973) e se transformou em uma das preposições mais utilizadas nas línguas românicas atuais.

Supõe-se que pelo fato de **de** ter se confirmado como preposição, seu uso como prefixo teria perdido vitalidade. Assim, gradativamente, fora suplantando pelo o *des-* em formações no português.

Em latim, como se viu no primeiro capítulo, o elemento formativo *de-* designava *separação, afastamento, cessação, negação e intensidade*, podendo também aparecer como reforço para renovar uma forma em desuso (Torrinha, 1945). Em sua passagem para o português, o prefixo conservou todos os significados arrolados acima, todavia, sem possuir a produtividade de outrora.

2. O prefixo *des-*: propostas etimológicas e percurso histórico

Encontram-se, nas principais gramáticas históricas, três hipóteses a respeito do desenvolvimento desse prefixo, como se expõe abaixo:

(i) de +ex

(ii) dis- +ex

(iii) dis-

Para alguns, *des-* teria sido o resultado da junção entre as preposições *de* e *ex* ou da união desta e do prefixo *dis-*; para outros, seria simplesmente a continuação do afixo *dis-* latino.

Nunes (1945) admite duas possibilidades “(...) *tanto pode resultar de dis-, como da junção das duas preposições, de e ex- (...)*”. Mas, para Said Ali (1964) *des-* seria romanização do *dis-*⁶¹. Além disso, o autor não concorda com outra hipótese, argumentando que “*Semelhante operação não se fazia em latim culto e é improvável que o latim vulgar, onde justamente o emprego de ex como preposição tendia a desaparecer, sentisse a necessidade de agregá-la a outra partícula para constituir prefixo duplo.*” (1964: 250). Todavia, contrariamente ao que assevera o autor, essa junção é atestada por diversos estudiosos, como Piel (1989), Lang (1977) e Vasconcelos (1887-1943).

⁶¹ Rio-torto (2013) também sustenta que seja esta a procedência do prefixo *des-*.

Além disso, sabe-se que as preposições, ao terem sua capacidade semântica enfraquecida, muitas vezes, recorriam a algum tipo de reforço⁶², como afirma Viaro (2013: 190-191) sobre as preposições: *“Quando se tornam demasiadamente ambíguas, costumam reforçar-se por meio da aposição de outras e, se a forma original se desgasta, seu material fônico pode aumentar por meio da gramaticalização de substantivos, advérbios e participios.”*

Na Revista Lusitana, em seu quarto volume, Vasconcelos aponta entre o falar alentejano a palavras “dênesde”, a qual seria a combinação dos elementos do latim *de+in+de+ex+de*⁶³. Apesar de o autor afirmar se tratar de vocábulo esdrúxulo, assegura que tal forma também era usada na Estremadura. Para sustentar sua argumentação o estudioso cita ainda outras combinações de preposições tanto em português quanto em outras línguas românicas: “desde” (*de+ex+de*), italiano “davanti” (*de+ab+ante*), espanhol “denante” (*de+in+ante*).

Seguindo a linha de pensamento de Nunes (1945), Ferreiro (1997), na *Gramática histórica galega*, apesar de mostrar preferência pelo étimo *dis-*, não deixa de assinalar a provável origem a partir da junção *de* e *ex*.

Já Câmara Jr. (1976: 203), ao discorrer sobre a prefixação no português, separa esses elementos formativos em três grupos, tomando como partida seu uso no latim. Assim, aponta como parte do primeiro grupo aquelas partículas que

⁶² Ademais, o enfraquecimento dos traços semânticos pode ter levado os prefixos a se organizarem de outro modo. Segundo Viaro (1994), o prefixo *ex-* passou a ser insuficiente para delimitar alguns significados, sendo necessário o reforço **de-ex-* para marcar, de forma mais clara, o valor de transformação, por exemplo.

⁶³ Vasconcelos assevera que não se poderia admitir a combinação apenas entre *de+in+ex+de*, pois ocorreria síncope do *n*, pg. 229.

funcionavam como preposições no latim; do segundo, aquelas que seriam variantes dessas preposições e, finalmente, o terceiro grupo, composto por elementos exclusivamente prefixais desde o latim. Isto posto, o autor classifica o *des-* como parte do segundo grupo e afirma ser este a combinação entre as preposições *de* e *ex*, registrando também, em nota, certa confusão com o prefixo latino *dis-* com valor de separação.

Passando a outras línguas românicas, encontra-se, no Espanhol, a informação de que este seria *confluência dos prefixos latinos de-, ex- dis- e às vezes e-*⁶⁴. De forma semelhante, Penny (1993), na *Gramática Histórica del Español*, defende que *dis-* se ampliou, abrangendo os significados ablativo e elativo, presentes em *de-*, de forma tal, que passa a concorrer com *ex-*, culminando em dois prefixos *des-* e *ex-* de igual valor.

Em Catalão, de acordo com o *Gran Diccionari de la llengua catalana*⁶⁵, o *des-* proviria do afixo latino *dis-*, denotando *inversió del mot primitiu (desfer)*, *negació (desagair)*, *privació (desprestigiar)* i que en alguns casos equival a “mal”(desacollir). Grossmann (1994:34) apresenta para esta língua igual etimologia, afirmando que o *dis-* apresenta-se nas palavras de origem culta.

Nyrop (1908) também aponta *dis-* como étimo dos prefixos franceses *dés-* e *dé*, os quais figuram como variantes, já que esses afixos se assentaram diante de uma distribuição fonológica clara – *dés*, diante de som vocálico e *dé-* diante fone

⁶⁴ Dicionário da Real Academia Española (<http://www.rae.es>, 2001)

⁶⁵ <http://www.enciclopedia.cat>

consonantal, como atesta o exemplário: *désavantage, désordre, déshonnête, débarquer, déloyal, déraison* etc. Contudo, o autor não deixa de indicar a ocorrência de formas duplas como *dépenser* e *dispenser*.

O prefixo *dis-* também é apontado como étimo de *des-* pelos dicionários romenos consultados, a saber: *Dicționarul explicativ al limbii române*, da Academia Romana (1973), *Dictionarul limbii române* (1966-68) e *Dicționarul explicativ și ilustrat al limbii române* (2001) E, a exemplo do que ocorre nas línguas acima citadas, também em romeno pode-se constatar a ocorrência de variantes deste prefixo, sendo *de-*; *dis-* e *dez-*, condicionadas por critérios fonológicos⁶⁶.

Diante desse quadro geral do prefixo nas línguas românicas, verifica-se que, apesar de os estudiosos apontarem um étimo, geralmente *dis-*, também registram a possibilidade de outra origem, bem como atestam a existência de variantes e/ou concorrentes de *des-* na atribuição de valores de negação/privação.

Sem dúvida, se se tomar os significados de *dis-* e aqueles encontrados em *des-* e, somando-se a isso, a semelhança formal entre esses elementos, seria mais provável filiar o *des-* a esse étimo. Contudo, a observação do desenvolvimento dos prefixos latinos em apreço, nas línguas românicas, aponta para uma situação um pouco mais complexa.

Em italiano, por exemplo, não ocorre *des-* na língua padrão, aparecendo apenas em dialetos da Itália setentrional (Tekavičić, 1972). Castellani (2000), sendo

⁶⁶ *Dicționarul explicativ și ilustrat al limbii române*, o elemento formativo *dis-* aparece como autônomo sem referência à variação com *des-*. Essa mesma obra faz a distinção entre o *dis-* latino e o grego.

mais específico, aponta que esta distinção compõe uma dos traços mais importantes que diferenciam o dialeto toscano-oriental dos demais dialetos do grupo. Essa é uma indicação bastante importante, visto que esse dialeto foi o que serviu de base para o italiano padrão (Devoto, 1972). Sendo assim, pode dar pistas sobre a evolução do *des-* nas demais línguas neolatinas.

Voltando ao italiano padrão, Tekavičić (1972), ao expor sobre *dis-*, *di-*, *de-*, *es-*, *š-*⁶⁷ e *s-*, sustenta que este último seria junção de *dis-* e *ex-*, apesar de alguns linguistas, como M.L. Wagner (apud Tekavičić, 1972), afirmarem que a etimologia partiria de *de-* e *ex-*. “*Nell’evoluzione ulteriore si fondono dis- e ex- in un solo prefisso (...). Il risultato italiano è Il prefisso s-, limitato alla posizione anteconsonantica (...)*” (1972:158). Como se pode observar, semelhante ao que ocorre em francês e em romeno, em italiano os prefixos estão em distribuição complementar, sendo o *dis-* mais abrangente, uma vez que se une a bases iniciadas por segmentos vocálicos ou consonantais.

Apesar de os prefixos serem praticamente equivalentes, o que levaria a extinção de um deles, o autor explica que o fato de *dis-* ter mais corpo fônico e de *s-* apresentar outros significados, como o pejorativo, por exemplo, acaba por determinar a manutenção de ambos. Rohlf (1969) explica que em alguns casos utiliza-se *dis-* por já se ter perdido a noção de *privação* de *s-*, assim, *sfiorare* (*tocar a flor*) *disfiorare* (*cortar/tirar a flor*). Contudo, também é possível encontrar as duas formas

⁶⁷ O autor ressalta que atualmente não se percebe como prefixo e que seria reflexo da contaminação de *dis-* e *ex-*.

com o mesmo significado (*sbarcare, disbarcare; sbrigare, disbrigare; sconfortare; disconfortare*).

Esse último dado remete para a outra razão que faz refletir sobre a origem controversa de *des-*. Trata-se do consabido fenômeno de concorrência⁶⁸ entre este prefixo e *es-*⁶⁹, recorrente em quase todas as algumas línguas e dialetos da Península Ibérica e como se viu acima, com os elementos *s-* e *dis-* em italiano.

A esse respeito, Cruz (1993), ao tratar sobre a instabilidade de *a-* e *d-* em início de palavra em espanhol palmera⁷⁰, argumenta a favor da existência de um só prefixo, mas com alterações fonológicas condicionadas. O autor, inicialmente, alude a instabilidade de “*d*” como continuação da confusão entre *ex-* e *des-*, que teria ocorrido desde o início do idioma. O autor chama atenção para o fato de o fenômeno ser bastante frequente na fala palmera, sobretudo nos meios menos cultos da sociedade.

Cruz (1993) divide os significados do prefixo em três grupos:

- (i) *negação*;
- (ii) *inversão*;

⁶⁸ Como se viu, o fenômeno é panromânico e parece pancrônico, já que não foi resolvido desde o latim vulgar.

⁶⁹ A concorrência entre esses elementos permitiu que houvesse a concomitância de duas formas semelhantes, assim como atestam diversos dicionários antigos e os da atualidade que ainda certificam a coexistência dessas formações (*desperdiçado, desperdiçado; desmiuçado, esmiuçado; despedaçar, espedaçado; desfarelar, esfarelar* (DHLP)).

⁷⁰ O artigo trata do desaparecimento de *d-* e *a-* iniciais como um dos fenômenos que mais caracterizam o espanhol “vulgar” falado na ilha Palma (Ilhas Canárias), dita fala palmera.

- (iii) *privação*, manifestando-se por A) *privar um corpo animal de alguma das partes que a compõem* e por B) *privar ou despojar uma planta de qualquer das partes que a compõem*.

O propósito da divisão sugere que o apagamento de “d” está distribuído semanticamente, visto que o autor afirma não haver subtração do som nos casos de negação; inversão e de privação B⁷¹, sendo quase geral o apagamento nas palavras do tipo privação A (*esmochar, desmochar; esñuncar, desnucar; esplumar, desplumar; estripar, destripar*).

Contrariamente ao que pensa Cruz (1993), Neira (1969) assevera que não se trata de confusão do uso entre os prefixos, tão pouco que haja nesta língua apenas um prefixo, sendo possível reconhecer perfeitamente *es-* e *des-*. Este estudioso ressalta a necessidade de se pesquisar a língua padrão e as falas dialetais, atentando para não tomar o espanhol como norma. O autor julga ser equivocado o pensamento de que os formantes lexicais tenham sofrido confusão na fala popular, argumentando que esta, em qualquer nível, tende a se estruturar de forma mais clara e simples.

Em outro artigo no qual trata dos afixos *es-* e *des-* em galego-português, Neira (1976) pondera que não é suficiente descobrir o verdadeiro étimo de *des-*, mas sim verificar como se estabeleciam as relações para distinções e uso desses prefixos

⁷¹ Há ainda uma ressalva feita a respeito do grupo B, já que se a palavra estiver ligada ao cultivo no pântano não ocorre o apagamento, isso porque, de acordo com o estudioso, o cultivo nesses sítios foi incorporado mais tardiamente, sendo o seu vocabulário menos vulgar, o que explicaria assim a manutenção da consoante.

latinos, pois, segundo o autor, esse foi o sistema adotado inicialmente pelas línguas românicas.

O estudioso aponta que há dois tipos de formações com o prefixo *des-* em espanhol – os parassintéticos e não parassintéticos, dando como exemplo para o primeiro caso, as palavras *desterrar*, *desfolhar*, *despedaçar*, indicando a mudança de categoria em relação à base; para o segundo, traz as palavras *fazer*, *desfazer*; *enterrar*, *desenterrar*; *necessário*, *desnecessário*, afirmando que tanto a palavra base quanto a derivada pertencem à mesma classe gramatical, ocorrendo assim apenas a oposição semântica.

Neira (1976) retoma a situação das preposições e prefixos no latim para tentar explicar a evolução ocorrida nas línguas românicas. Desse modo, o autor lembra que, em latim, as formas *ab-*, *de-* e *ex-* eram usadas para expressar afastamento e o que os distinguia dentro dessa noção era a referência com uma interioridade, em oposição a *ad-* e *in-*. Entre esses prefixos, o percurso de *de-* interessa, sobretudo, no esclarecimento do afixo em estudo. Uma das mudanças que devem ser assinaladas está o fato de as formações em *de-* serem interpretadas como palavras primitivas, uma vez que teve sua função prefixadora enfraquecida.

2.1. O prefixo no galego português – hipóteses

No galego-português, teriam sobrevivido dois prefixos com a noção de afastamento: *des-*, e *es-*. Este com valor de afastamento, nas parassínteses, e nunca com valor de negação na prefixação, juntando-se a bases nominais para formar unidades verbais. Já aquele, com valor negativo, Neira (1976) divide em dinâmico e estático, explicando que, no primeiro caso, haveria um valor reversivo (*desfazer*) e, no segundo, seria uma negação simples⁷² (*desleal*). Desta forma, esses prefixos teriam a seguinte distribuição:

⁷² A partir de substantivos, adjetivos, verbo e advérbios.

⁷³ Assim, a diferença entre esses traços poderia ser representada pelas paráfrases “*desfazer x*” e “*não tem x*”, respectivamente, podendo unir-se a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios.

O autor argumenta que o *des-*, fruto da reinterpretação de um *de-*, pode ter conservado o valor de afastamento, operando em estruturas parassintéticas, sem que isso modificasse o antigo sistema de oposição *des-* e *es-*, como visto acima. Assim, essa distinção continua viva em muitas palavras, mas em outras há apenas o significante *des-*.

Desse modo, em um segundo estágio, o valor de afastamento também seria atribuído pelo *des-*, como se pode ver abaixo:

Esse sistema teria sido o mesmo para as demais línguas românicas da península e que só teria se modificado séculos mais tarde, tendo cada língua resolvido e assentado o seus usos.

Além dessa distribuição em relação aos significados e ao tipo de formação, há também que se considerar, as possíveis preferências fonético-fonológicas, como no caso das palavras *escarnação* e *descarnamento* – ambos sem datação e com o mesmo significado. Todavia, há *escarnar* e *descarnar*. Como se verá a seguir, essa oscilação ocorre em diversas formações verbais.

Considerando as hipóteses em que se propõem a junção de dois prefixos/preposições, seja *de-* e *ex-*, seja *dis-* e *ex-*, seria preciso considerar que essa transformação tivesse se consolidado já em latim vulgar, uma vez que o toscano-oriental conservou daí o “e” átono de partículas, como os pronomes (*me*, *te*, *se* etc); as preposições (*de*, *en*) e os prefixos, entre eles o *des-* (Castellani, 2000).

Contudo, para explicar a oscilação entre *es-* e *des-*, verificada em boa parte das línguas aqui citadas, tem-se que admitir que, embora essa transformação já estivesse estabilizada no latim vulgar, o prefixo *es-*, com os valores de afastamento e de negação, ainda continuou atuante, tendo sido passado às línguas românicas com esse *status*, diferentemente do que ocorreu com o *de-*. Além disso, o apagamento das fronteiras entre os prefixos também explicaria a concorrência entre eles.

Assim, a estabilização de algumas formas com única função, sendo *ex-/es-* apenas prefixal e *de* apenas preposicional pode ter contribuído para a evolução de *des-* em português. Assim, *de-* tendo perdido seu *status* de prefixo, teria ficado mais suscetível à reanálise⁷⁴. Outra questão a ser considerada é a dissimilação de *dis-* frente a vocábulos com *i* inicial (Corominas, 1954-1957).

⁷⁴ Cita-se como exemplo de reanálise, o caso das formações em “-(o)dromo” no português do Brasil, quando o formante grego é, na verdade, apenas *-dromo*. A palavra *sambódromo* (1984), criada por Darci Ribeiro para designar a construção projetada por Oscar Niemeyer, é apontada pelo dicionário Houaiss sob a estrutura *samba* + *-o-* + *-dromo*. Vê-se pelas formações com o mesmo pospositivo *gr.* que designava inicialmente “ação de correr, lugar para corrida, corrida”, que as bases, em sua maioria, continham a vogal temática em *o*, que acaba sendo afetada pelo acento do pospositivo. Citam-se: *acródromo*, *actinódromo*, *aeródromo*, *autódromo*, *axonódromo*, *braquidódromo*, *campilódromo*, *camptódromo*, *cartódromo*, *craspedódromo*, *filódromo*, *hipódromo*, *homódromo*, *monódromo*, *motódromo*, *velódromo*, *xilódromo*. Assim, criou-se também, *bumbódromo*, local onde acontecem as apresentações de Bumba-meu-boi (Festival folclórico de Parintins) Vê-se que houve uma segmentação diferente do morfema promovido pela frequência em que esse elemento aparece ligado à

Analisando as palavras no dicionário, vê-se que algumas hoje grafadas com *des-* provêm do *dis-* latino, outras vêm do *ex-/es-* tendo ocorrido apenas a troca de prefixos. Esse fato deixa claro que, para o estudo desses prefixos, é preciso considerar vários níveis de análise linguística e contar com a atuação de diversos fenômenos ao longo do tempo.

2.1. Influências do prefixo *dis-*.

Com o objetivo de verificar os processos envolvidos no desenvolvimento de *des-*, citam-se alguns exemplos de vocábulos provindos do prefixo *dis-* latim.

- **Descalçar (Sec. XIII)** - lat. *discalcĕo,as,ā vi,ātum,āre* < lat. *calcĕo* ou *calcĭo,as,āvi,ātum,āre* “calçar, meter os pés no calçado”, do lat. *calcĕus,i* “calçado, sapato”.

A palavra foi passada ao português com o mesmo valor semântico “*tirar o que veste os pés ou as mãos*”. Sendo assim, *des-* neste caso possui valor de afastamento. A alteração da vogal inicial é um indicativo de que o vocábulo entrou

vogal /o/. Esquiva-se de comentar aqui a extensão de significado desse formante lexical. Assim, cabe registrar que as formações com o prefixo *de-* eram muito produtivas diante de consoantes, não sendo diferente também para o *s-*, com o qual se encontra cerca de 200 registros no *Gaffiot*.

em português por meio do francês (*déchausser*). Do mesmo modo, tem-se *des-* em espanhol (*descalzo*) e em catalão (*descalçar*).

Utilizando o mesmo raciocínio, pode-se afirmar que a palavra **desapontar** tenha entrado em português por meio do francês (fro. *desappointer*), e não a partir do inglês *disappoint* e, por consequência, as palavras derivadas aparecem também com *des-* *desapontamento* e *desapontado*, e não *dis-* como as formas em inglês apontadas pelo Houaiss como étimo, respectivamente *disappointment* e *disappointed*.

Também em **despender** verifica-se o étimo em *dis-*.

➤ **Despender (Sec. XIII)**- lat. *dispēdo, is, di, ēnsum, ěre* “empregar, gastar”.

Em português, vê-se o mesmo valor semântico “fazer *despesa(s)*, *dispêndio(s)*; gastar” e por extensão “distribuir, espalhar, dar com liberalidade; prodigalizar”.

Vale ressaltar que outras palavras, a esta relacionadas, mantiveram a grafia em *dis-*, como é o caso de *dispêndio* (*aquilo que se gasta, se consome; gasto, consumo, despesa*); *dispendioso* (*que exige muito dispêndio de dinheiro; que dá despesa; caro*).

Essa alteração em relação à origem acaba por refletir também na variação, vista em português das palavras *despesa* e *dispensa*, quando designam “local em que se guardam mantimentos”.

- **Despesa (Sec. XIII)** - lat.tar. *dispensa,ae* “o necessário para a manutenção e conservação de alguém, víveres, provisões, despesa”, por extensão “lugar em que se guardam os mantimentos”.

Entre os significados assumidos em português, está a acepção “mesmo que *despesa*”, para a qual há uma datação diferente da expressa na entrada do verbete.

1557 – “*divisão da casa, armário ou construção separada em que ficam os mantimentos, as provisões alimentares de uso doméstico e objetos ligados à manutenção dos moradores da casa, conjunto de provisões alimentícias ali guardadas, lugar onde se depositam móveis e objetos vários*”.

- **Dispensa (1683)** - lat.tar. *dispensa,ae* substantivo do feminino do particípio passado do verbo *dīspendĕre* “empregar, gastar, despender”.

Em português, veem-se significados bastante diversos da origem, podendo significar “*ato ou efeito de dispensar; desobrigação, isenção da norma, da regra geral, licença, permissão para não executar um dever, um trabalho, fato de ser ou de ter sido dispensado de algo, rescisão do contrato de trabalho do empregado por parte do empregador; demissão*”.

Analisando as acepções, observa-se que para o significado de “*local em que se guardam mantimentos*” a datação é a mesma 1557⁷⁵. No entanto, a forma *despesa* está datada já no século XIII. A mudança de sentido em relação ao valor contido na

⁷⁵ Isso mostra que nem sempre a datação dada na entrada do verbete se refere a mais antiga do lexema.

origem da palavra, no caso de *dispensa*, deve ser compreendida levando-se em conta a extensão de sentido do vocábulo.

Com origem em *dis-*, também se pode citar *descobrir* < lat. *discooperĭo, is, perŭi, pĕrtum, perĭre* “descobrir, tirar a cobertura”. Neste caso, observa-se que a formação seja apenas prefixal, uma vez que havia em latim *cooperĭo, is*, “cobrir bem, ocultar”.

Em outros casos, a prefixação, associada aos fenômenos comuns, no latim, a esse processo derivativo, geram paronímia. É o que mostram os casos das palavras *dessecar* e *dissecar*.

➤ **Dessecar** (1331) < lat. *desĭcco, as, āvi, ātum, āre* “secar, esgotar”.

Em português, o verbo manteve a mesma acepção “retirar completamente a umidade, enxugar”. Nesse caso, a raiz latim sobre a qual se prefixa o *de-* é *sĭcco* que já apresentava em latim a mesma acepção, indicando que o referido formante lexical não contribui semanticamente com a formação. No entanto, a prefixação provoca a apofonia que aproxima esse vocábulo a *dissecar*. Palavra cujo sentido original manifesta já na base o valor semântico também visto no prefixo *dis-*:

➤ **Dissecar** (1789) < lat. *dissĕco, as, cŭi, ctum, cāre* “cortar, dividir ao meio, cortar em pedaços”.

Neste caso a base é *sĕco, as* “cortar, recortar; separar cortando; cortar a forragem”. Em português, observa-se que a palavra aparece associada ao campo semântico da anatomia “*seccionar e individualizar, sob determinado método, os*

elementos anatômicos de um organismo (ser humano, animal ou vegetal); anatomizar”.

Deve-se salientar que em todos os casos arrolados acima, em que o prefixo etimológico é *dis-*, o tipo de construção é sempre o mesmo – prefixação. Essa observação é importante no estabelecimento do comportamento dos prefixos e seu desenvolvimento em português.

Ao analisar as formações em *dis-* registradas no DHLP, nota-se um grande número de palavras oriundas do grego *dús-* com valor semântico de *dificuldade e perturbação* como em *dispinéia* “dificuldade de respirar”, *disenteria* “” e *dispepsia* “dificuldade de digestão”. O prefixo grego também admite os significados de *enfraquecimento* *distaxia*, “dificuldade de coordenação dos movimentos voluntários”, *disopia* “imperfeição de visão” e *falta, privação*, valor que o aproxima do *dis-* latino *dissimetria* “falta de simetria” e *disbulia* “incapacidade de tomar decisões voluntárias”.

O prefixo *dis-* latino sofre alteração fonológica ao se associar a algumas consoantes (Romanelli, 1964: 51-52), transformando-se em *dī-*, frente a oclusivas sonoras *b, d, g*, e líquidas *l, m, n* e *r*: *dībaccino, dīduco, dīgredior, dīluo, dīmitto, dīnumero* e *dīrigo*; diante de vogal ou *h* ocorre rotacismo, modificando-se para *dir-*, *diribeo* (< *dis-habeo*) *dirimo* (< *dis-emo*); sofre assimilação total diante de palavras com *f* (*dif-*) *differo, diffido, diffundo*. O prefixo latino também se altera quando se liga a palavras com *s* impuro (*sc-, sp-* e *st-*), passando para *dī-*, *discindo, dispicio* e *distringo*.

Devido às alterações que este prefixo sofre, ele acaba se confundindo formalmente com o grego *dís-*, que significa “duas vezes”, como em *diarquia* “poder exercido por dois soberanos”, *dicéfalo* “que tem duas cabeças”, *dígrafo* “duas letras”.

Diferentemente do prefixo *dis-*, *des-* não sofre modificações, associando-se constituintes iniciados por sons vocálicos e consonantais, como se verá no Capítulo 4. A flexibilidade de *dis-* é muitas vezes apontada como umas das razões que o fizeram perder a produtividade em português, já que o elemento formativo *des-* comporta-se de modo mais regular.

Entretanto, a análise das construções em *dis-* aponta outras razões para a predileção de *des-* no português. Como se atestou acima, as palavras citadas eram todas formadas por prefixação. O mesmo tipo de formação foi observado em quase todas as outras palavras em *dis-*, latino, constantes no DHLP.

As formações que poderiam ser consideradas como formações parassintéticas, pois contam com, pelo menos, três elementos formativos em sua constituição são, na verdade, exemplo dos prefixos gregos, *dús-* > ²*dis-* ou *dís-* > ¹*di-*, como em: *disfótico* (<²*dis-* + *fot(o)-* + *-ico*), *discromatoso* (< ²*dis-* + *cromat(o)-* + *-oso/ô/*), *disidrose* (<²*dis-* + *hidro(s)-* + *-ose*), *discondroplasia* (< ²*dis-* + *-condro* + *-plasia*), e *dispermatismo* (< ²*dis-* + *-sperm(at)-* + *-ico*), *diperientado* (< ¹*di-* + *perianto* + *-ado*), *dissilicano* (< ¹*di-* + *silic(i/o)-* + *-ano*), *dizóico* (< ¹*di-* + *zo(o)-* + *-ico*) e *diteísmo* (< ¹*di-* + *te(o)-* + *-ismo*). Interessa salientar ainda que, a rigor, nem todas as formações citadas são, de fato, parassíntese, tomado os critérios aqui considerados para o estabelecimento deste tipo de formação. Além disso, percebe-se que as

formações são todas relacionadas a termos técnicos, utilizados na química, medicina, biologia, religião.

2.2. Influências do prefixo *ex-/es-*

A partir do prefixo *ex-* também se pode extrair a origem de algumas palavras atualmente grafadas com *des-*. A palavra ***despir*** (Século XIV) “*tirar do corpo (parte do vestuário ou peça dele)*” prende-se à *expēdio, ire*, cujo primeiro sentido também se pode verificar em português “*tirar (o que está calçado); descalçar(-se)*”. Esse também é mesmo étimo da palavra *expedir* (século XV) “*remeter (algo) para (alguém ou algum lugar); destinar, despachar*”. Nas línguas neolatinas como italiano (*spedire*), espanhol (*expedir*) e francês (*expedier*) encontra-se apenas o significado referente a “*despachar, enviar, mandar*”.

Desse modo, um mesmo étimo latino gerou, em português, duas palavras, uma com *des-* e outra com *ex-* cujas acepções já estavam presentes em latim. Deve-se ressaltar, porém que, provavelmente, a palavra *despir* tenha entrado na língua portuguesa, via popular, já que houve a troca de prefixo *ex-* por *des-*, bem como a ocorrência de síncope do *d*, fenômeno bastante comum nas transformações do latim para o português.

Todos esses casos mostram que a evolução de *des-*, além de ser ligada, morfo-semanticamente, aos formantes derivacionais *ex-* e *de-*, como atestam vários

estudiosos, também se prende a *dis-*, por meio da alteração desses prefixos, provavelmente, motivada pela proximidade formal e também semântica desses elementos formativos. O que reforça a ideia de o prefixo neolatino ser resultado de transformações multifatoriais.

O fato de *des-* ter prevalecido frente a *es-*⁷⁶ no português deve-se não só a questões como estrutura da sílaba (CVC) e às poucas restrições fonológicas, mas também morfológicas, já que *des-* atua em bases substantivas, verbais e adjetivas.

Tendo delineado a evolução do grupo de prefixos latinos nas línguas românicas, é possível perceber algumas pistas pelas quais se pode seguir na tentativa de verificar como teria se dado o desenvolvimento de *des-* no português. Para isso, será imprescindível seguir os caminhos aqui esboçados, a saber: analisar os dados do português atentando para a distribuição semântica do prefixo *des-* nas formações prefixais e nas parassintéticas (análise que será desenvolvida no Capítulo 3), e examinar com mais vagar as formas duplas em português, ou seja, palavras prefixadas ora com *es-* ora com *des-*⁷⁷.

Assim como trazem diversos dicionários, a oscilação entre os prefixos *es-* e *des-* no português arcaico era bastante comum, o que permite dizer que os

⁷⁶ Pereira (2000) afirma que o prefixo *es-* parece desfrutar de alguma produtividade ainda que limitada. Já sua forma culta, *ex-*, apesar de ainda produtiva na língua, atua, principalmente, na atribuição de um valor negativo em relação a um estado/momento anterior, verificado em *ex-mulher*; *ex-presidiário*; *ex-chefe*; *ex-presidente* etc, um pouco diferente dos valores que o aproximavam dos afixos *de-*, *des-* e *dis-*.

⁷⁷ A duplicidade, vista na linguagem informal, entre as palavras *esbagaçado* x *desbagaçado*, parece não indicar apenas variação entre os prefixos, já que em *desbagaçou* nota-se o traço de intensidade, designando algo que foi “completamente destruído”.

significados que ambos atribuíam àquelas palavras eram idênticos. Entre esses casos podem-se citar:

➤ **Despertar x Espertar** – Ambas as palavras são datadas no século XIII.

O fato de as variantes serem registradas tão cedo na língua portuguesa parece ratificar que a concorrência entre os prefixos é mais antiga, remontando ao galego-português, ratificando, assim o que afirmava Neira (1976). Atualmente, o vocábulo com *des-* é bem mais frequente, contando com 40.000.000 ocorrências e sua variante, 210.000. Contudo sua origem aponta para o prefixo *ex-*, a partir da forma participial adjetiva do latim vulgar **expertus* < *experrectus* e este do verbo *expergisco*. O espanhol não apresenta tal variação, registrando apenas *despertar*, já em galego verificam-se as duas formações. A alternância entre os vocábulos poderia supor um estágio intermediário - **deexpergitare*.

➤ **Desperdiçar (1517) X Esperdiçar (1561); Desperdício (1680) X esperdício (s/d).**

A alternância verifica-se tanto na forma verbal, *desperdiçar/esperdiçar*, quanto no substantivo *desperdício/esperdício* havendo um pequeno espaço de tempo em relação à datação nos verbos. Novamente, a palavra com *des-* (5.650.000 ocorrências) é muito mais frequente do que a formação em *es-* (6810 ocorrências). De modo semelhante, a variação entre os prefixos podia levar a crer que tal fenômeno se devesse ao fato de ser *ex-* o prefixo de origem. No entanto, de acordo com as informações encontradas nos dicionários Houaiss e Corominas (1992), o étimo remete para *dis-* - *disperditio* < *disperdere*. A mudança pode ser explicada pelo

fato de a palavra ter entrado no português via espanhol, em que apenas o vocábulo com *des-* é encontrado⁷⁸.

➤ **Desposar (século XIII) X esposar (1124)**

Cada vocábulo acaba desenvolvendo novos significados, mas o sentido primeiro é o mesmo “casar-se”, “contrair matrimônio”. Nenhuma das formas conta com grande frequência de uso, contudo é possível verificar que a forma em *es-* aparece com um pouco mais de ocorrências do que a palavra em *des-*. “Esposar” apresenta 217.000 ocorrências e sua variante ocorre 187.000 vezes. As formas aparecem também em galego, mas em asturiano só há *esposar* e em espanhol *desposar*⁷⁹.

➤ **Despedaçar (século XIV) X espedaçar (século XIII)**

É interessante observar que apesar de a forma mais antiga ser *espedaçar* é esta a ser remetida diretamente para a acepção de *desperdiçar*, atualmente, bem mais frequente, aparecendo em 237.000 vezes nos site de busca, enquanto sua variante ocorre em apenas 16.100. Deve-se ressaltar que, neste caso, as palavras são formadas por parassíntese e, de acordo com o Houaiss, sendo construídas em cada caso com prefixo diferente. Mesma explicação verifica-se em galego antigo (*espedaçar/ despedaçar*) e espanhol (*espedazar/ despedazar*), línguas em que a variação também está presente.

Igual processo derivativo – o parassintético - verifica-se em *desbarrancar* e *esbarrancar*. Sendo também idêntico o tratamento lexicográfico dado à relação entre

⁷⁸ Já em galego pode-se encontrar ambas as formas.

⁷⁹ Há em espanhol *esposar*, mas apresenta acepção distinta, não sendo, pois, variante.

as formas concorrentes. Novamente, o vocábulo em *des-* é bem mais frequente⁸⁰. Tal variação também pode ser encontrada em galego, contudo, no espanhol reconhece-se apenas a formação em *des-*.

➤ **Descalavrar** (1571) X **escalavrar** (1539)

Neste caso, a forma mais frequente em português é expressa pelo prefixo *es-*, ocorrendo 22100 vezes, enquanto *descalavrar*, aparece em apenas 679 dos casos. Assim, *escalavrar* é dado em remissão direta na acepção da palavra menos frequente. Apesar de essa alternância também ser vista tanto em galego quanto em espanhol, os dicionários Bluteau (1712) e Moraes Silva (1789) não abonam a formação *descalavrar*.⁸¹ Entretanto, diferente do português, no espanhol a formação com o prefixo *des-* é a apontada como padrão, remontando para a etimologia *des-* + *calavera*⁸² “caveira, crânio”. A acepção encontrada em espanhol e em catalão “ferir a cabeça”, reforça a proposta etimológica. Em português, permanece a noção de ferimento, mas já generalizado “causar ferimento, dano em algo ou alguém”.

➤ **Desmaiar** (século XIII) X **esmaiar** (século XIV)

Para ambas as formas a etimologia é francês antigo *esmaier* “espantar-se, desfalecer”. Contudo este não parece ser um caso de alternância dos prefixos, já que não se verifica variantes em nenhum das línguas românicas pesquisadas (spa, cat, ast.). A duplicidade também é registrada pelo dicionário Moraes Silva. Isso pode indicar que a palavra *esmaiar* seja cultismo, vindo diretamente do francês.

⁸⁰ *Desbarrancar* – 104.000 ocorrências e *esbarrancar* – 1820.

⁸¹ Em cat. e em ast. há apenas o vocábulo com o prefixo *es-*, *escalabrar*.

⁸² É preciso considerar além da variação dos prefixos, a síncope e a epêntese.

Contudo, é interessante observar, que a alternância entre os prefixos *dis-* e *de-* já acontecia em latim, como atesta o verbete do Dicionário Gaffiot - *dissuetus*, que remete a *desuetus*.

dissuesco, v. *desuesco* : AVIT.
4, 46.
dissuētūdo, v. *desuetudo* : AMBR.
Abel. 2. 6. 22.

dēsuētūdo, *inis*, f. (*desuesco*),
désaccoutumance, perte d'une
habitude : LIV. 1, 19 || **désuétude** :
DIG. 1, 3, 32.

Em português, a palavra manteve o mesmo sentido, não havendo, porém, a permanência da forma verbal - **Dessuetude** (s/d) “que caiu em dessuetude, em falta de costume; desusado”.

2.3. Variação de longa data - Leite de Vasconcelos e os dialetos portugueses

A alternância de *dis-* e *de-*; a tênue diferença de significado entre este e o prefixo *ex-* e a paulatina perda de distinção entre seus valores semânticos no latim vulgar reflete sobre origem e desenvolvimento do prefixo novilatino *des-*, assim como já se apotou neste trabalho pela reconhecida troca entre *ex-* e *des-* no português arcaico. Os dicionários, principalmente, as obras lexicográficas antigas são uma fonte

importante para atestar essa dinâmica na construção vocabular com esses elementos formativos.

Além desse material, para esta investigação, contou-se também com a ampla pesquisa de Leite de Vasconcelos a respeito dos dialetos portugueses, disposta nos 38 volumes da Revista Lusitana (1887-1943)⁸³.

A pesquisa realizada permitiu recuperar uma série palavras, oriundas da variação dialetal, representativas do fenômeno de troca no uso dos formantes lexicais *de-*, *des-*; *des-*, *ex-* e *de-*, *di(s)-*. Afora isso também possibilitou a verificação de significados bem específicos de dado dialeto ou ainda significados já obliterados pelos dicionários contemporâneos.

Entre os vocábulos representativos dessa variação podem-se citar:

➤ ***Des- por de- ou de- por des-:***

- ✓ (Fpt.)⁸⁴ Detrioriar /destriorar – deteriorar;
- ✓ (Fpt.) Desflorar – deflorar;
- ✓ Desmariado – demariado⁸⁵;
- ✓ (Ale.) Debandar – desbandar;
- ✓ Debotar – desbotar⁸⁶;
- ✓ Depor – despor⁸⁷;
- ✓ (Alg.) Desbruçar - debruçar – troca de sufixo como em desmariado (demariado);

⁸³ Apêndice A.

⁸⁴ Vide *Conspectus Siglorum* – Fpt

⁸⁵ Alterações fonéticas, variantes - Linguagem popular de turquel (Lpt.)

⁸⁶ Tradições populares e dialeto penedoso

⁸⁷ Gramática e vocabulário de fr. Pantaleão de Aveiro.

✓ Desriscar – derriscar, deriscar⁸⁸;

✓ Desmudar – demudar⁸⁹.

➤ **Des- por es-/ex-/e-:**

✓ Descadear ou escadear – quebrar os ramos de pequena árvore; escaídas ou escaidas – escadas;

✓ Descandola ou escandola – afronta, ofensa, injúria;

✓ Descontorno ou escontorno – ou melhor scontorno, transtorno (por metátase);
Desplecação, desplecar – explicação, explicar – troca de ex e des;

✓ Desmorcer – esmorecer;

✓ Descandalizado – escandalizado; descandalizar – escandalizar⁹⁰;

✓ Desmendar - emendar⁹¹;

✓ Desposto – exposto⁹²;

✓ Desgadelhar, esgadelhar – descompor as gadelhas⁹³.

➤ **Es-/ex-/e- por des-:**

✓ Escampado – descampado

✓ Escarar-se – descarar

✓ Esfalecido – desfalecido

✓ Esgraça – desgraça – troca de prefixo

⁸⁸ Retalhos de um vocabulário – aguilhão

⁸⁹ Dialeto Atalaia

⁹⁰ Essa e as palavras anteriores extraídas do dialeto alentejano (Ale.).

⁹¹ Falares de Vila Real

⁹² Fpt.

⁹³ Alterações fonéticas, variantes – (Lpt.)

- ✓ Esgragalhado – descomposto – *des-* + gargalhado
- ✓ Esmastreado – desmastreado – fraco
- ✓ Esnocar – deslocar⁹⁴
- ✓ Esconfiar – desconfiar⁹⁵
- ✓ Esconfirme – desconforme⁹⁶
- ✓ Exerdar – deserdar⁹⁷
- ✓ Esborrachar – desborrachar – parir⁹⁸
- ✓ Estroço – destroço⁹⁹

➤ ***Es- por dis-:***

- ✓ Estribuir – distribuir¹⁰⁰
- ✓ Estância - distância¹⁰¹

➤ ***Di-/dis- por de-:***

- ✓ Dipinicar – depenicar¹⁰²
- ✓ Discedir – decidir¹⁰³
- ✓ Discurso – decurso¹⁰⁴;
- ✓ Disbulhar – debulhar¹⁰⁵

⁹⁴ Ale.

⁹⁵ Fpt.

⁹⁶ Fpt.

⁹⁷ Contribuição para um dicionário da língua portuguesa arcaica.

⁹⁸ Alterações fonéticas, variantes - (Lpt.)

⁹⁹ Gramática e vocabulário de fr. Pantaleão de Aveiro.

¹⁰⁰ Ale.

¹⁰¹ Gramática e vocabulário de fr. Pantaleão de Aveiro.

¹⁰² Ale.

¹⁰³ Fpt.

¹⁰⁴ Fpt.

➤ **Des- por dis-:**

- ✓ Desfarço – disfarce¹⁰⁶
- ✓ Desparate – disparate¹⁰⁷
- ✓ Destância – distância¹⁰⁸
- ✓ Desparvar – disparvar¹⁰⁹
- ✓ Despensar – dispensar¹¹⁰
- ✓ Descreto – discreto¹¹¹
- ✓ Desputação – disputa¹¹²
- ✓ Desinteria – disenteria¹¹³
- ✓ Descorrer – discorrer¹¹⁴
- ✓ Despansar – dispensar¹¹⁵
- ✓ Despor – dispor¹¹⁶

➤ **De- por dis-/di-¹¹⁷:**

- ✓ Delúvio – dilúvio
- ✓ Deminuir – diminuir

¹⁰⁵ Ale.

¹⁰⁶ Dialeto Atalaia

¹⁰⁷ Fpt.

¹⁰⁸ Fpt.

¹⁰⁹ Tradições populares e dialeto penedoso.

¹¹⁰ Contribuição para um dicionário da língua portuguesa arcaica.

¹¹¹ Alterações fonéticas, variantes – (Lpt.)

¹¹² Textos portugueses antigos.

¹¹³ Alterações fonéticas, variantes – (Lpt.).

¹¹⁴ Textos portugueses antigos.

¹¹⁵ Alterações fonéticas, variantes - (Lpt.)

¹¹⁶ Alterações fonéticas, variantes - (Lpt.)

¹¹⁷ Fpt.

➤ **Dis-/ por des-¹¹⁸:**

- ✓ Disfrutar – desfrutar,
- ✓ Disgosto – desgosto;
- ✓ Disgracia – desgraça;
- ✓ Disistir – desistir;
- ✓ Dispeto – despeito;
- ✓ Dispeza – despesa;
- ✓ Disporpoção – desproporção; disporpositado – despropositado;
- ✓ Disvario – desvario.

Como já mencionado, a pesquisa também se mostrou produtiva no reconhecimento e resgate de alguns valores semânticos não mais localizados no português atual. Diferenças relevantes de significado entre um dialeto e outro também foram encontradas. Entre esses caos, podem ser apontadas as palavras:

Vocabulário açoriano

➤ **Destrinçar** – “conhecer” (Formação prefixal)

No Houaiss, não há essa significação. A sua formação é apontada pelo dicionário como sendo de origem duvidosa “*lat *strictiare 'apertar, combater de perto, interpretar de perto, discernir*”, com pref. *des-*; a nasalidade proviria do *rad. lat.*

¹¹⁸ Ale.

(*strictus por strictus*), *p.ana.* com *voc.* como *tinctus, extinctus etc.*; *var.* palatalizada *destrinchar*, talvez por *infl. de trincar*; *f.hist.* 1553 *destrinçar*, 1553 *destriçar*".

Dialetos trasmontanos

- ***Debagar*** – “malhar o pão”. (Parassíntese)

O autor comenta que não ouviu senão nesta região. Viria do lat. *bacca* e não *bacca*; No DH, os significados são diferentes ao do apontado por Vasconcelos, como se apotará na análise feita no Capítulo 3.

- ***Desmaselar*** – “ferir alguém, deixando transfigurado”. (parassintética)

O DH também registra esse significado como regionalismo da beira; mas apresenta outro significado – o de negligenciar, descuidar.

- ***Desingaçar*** – “comer uvas sofregamente e por analogia outras frutas” – De engaçó. (parassíntese)

Não está registrada pelo DH

Linguagem popular valpaços

- ***Desgueiba*** – “desavença”

Não é registrado pelo DHL

- ***Desdentanhado*** – “um bocado de carne desdentanhado” que foi tirado com os dentes. (parassíntese)

Não está registrado no DHLP

➤ ***Desdentola*** – “desdentado” (Prefixal)

O autor esclarece que “*desdentola*” é um termo utilizado para designar um indivíduo que possui os dentes incisivos superiores grandes e salientes (usado na Beira). Não está registrado no DHLP, há apenas *dentola*, que apresenta mesma significação, o que permite sugerir que o *des-* apresente neste caso valor de reforço.

➤ ***Desembalagar*** – “desviar para o lado o entulho que se forma quando se desmorona uma casa”.

Não está registrada pelo DHLP

✓ Formação – desembargar, desembaragar, desembalagar ou primeiro dissimilação, depois epêntese.

Dialetos alentejanos

➤ ***Desplicar*** – explicar (Prefixal)¹¹⁹

Não está registrado no DHLP

➤ ***Desmoitar*** – estrapolar (Prefixal)

O autor anota que a pronúncia seria /dijmoitar/. Está registrada no DHLP, mas com significados bastante distintos: “*limpar (um terreno) das moitas de plantas ou*

¹¹⁹ Segundo Vasconcelos des + explicar.

de mato; arrotear, desbravar, roçar”; *“aparar, podar (árvores, arbustos etc.)*”; *“tornar (alguém) instruído, culto ou bem-educado, cortês; educar, polir, civilizar”*.

Pode-se citar também o caso do verbo “*desistir*” que, na linguagem popular de turquel, significa “defecar”¹²⁰, mas é descrito no fabulário português como significado comum ao que se conhece no português atual “renunciar”, aparecendo apenas com alternância da vogal inicial (disistir, desistir).

De forma semelhante, o adjetivo “*desasado*” aparece com o sentido mais comum - “que não é asado”, já no Baixo Alentejo¹²¹, o vocábulo refere-se a alguém “*desajeitado*”.

Por fim, cita-se “*desandar*”, que em Vila Real, significa “fugir”, mas sua forma regressiva “*desanda*” designa a “reprimenda, descompostura”, na Serra Santo Antônio, já na linguagem popular de Turquel, encontra-se “*desandança*” que significa “contratempo”.

Vê-se que o prefixo *des-*, nos dialetos portugueses, apresenta ainda mais traços, mas na maioria dos casos preserva os sentidos de negação e afastamento, sendo expressos de maneiras diversas, a depender do significado da base.

Ao longo do capítulo observou-se que o desenvolvimento do prefixo *des-* está intrinsecamente ligado, em menor ou maior grau, com os formantes lexicais *de-*, *dis-* e *ex-*. No próximo capítulo, será possível especificar essa relação, apontando a trajetória dos valores semânticos dos elementos formativos *de-* e *des-*.

¹²⁰ O DH registra esse significado como informal.

¹²¹ Fabulário barrosão.

Capítulo 3

Análise morfossemântica das palavras prefixadas em *de-* e *des-* em construções prefixais e parassintéticas

“(...)As interpretações vão e vêm, mas os dados continuam aí a nos desafiar”¹²²

Introdução

Para esta análise, foram tomados inicialmente os verbetes do Dicionário Houaiss que têm a sequência inicial *de-* e *des-*, somando 8.319 entradas. Essas palavras passaram por dois filtros antes de se proceder a análise efetiva dos formantes lexicais. O primeiro selecionava apenas as palavras que possuíam registro de datação no Dicionário, o que reduziu o total a 3.205 entradas.

Posteriormente, selecionaram-se as palavras com *frequência de uso*¹²³ maior ou igual a 10 ocorrências¹²⁴, totalizando, assim, 2.718 verbetes, que constituíram o

¹²² Sônia Bastos Borba Costa, *Crônica do falar Quinhentista: espaço e tempo em Fernão de Oliveira*. In: Fernão de Oliveira - um gramático na História, Pontes Editora, Campinas, pg. 209.

¹²³ Essa frequência, isto é, o número de vezes que determinado verbete apareceu no inventário, foi estimada a partir de pesquisas mecânicas exaustivas de centenas de milhares de palavras, realizadas no site *Google*, pelo Prof. Dr. Zwinglio O. Guimarães Filho (IF-USP), no dia 15/08/2012, considerando apenas as páginas escritas em português. Essa pesquisa não foi atualizada, visto que atualmente os sites de busca sugerem soluções aproximadas do termo buscado, procedimento diferente do que se fazia à época. Afora isso, estratégias de marketing, usadas por alguns sites que oferecem listas de palavras, podem conduzir ao erro, já que o fato de a palavra ter aparecido no Google não seria garantia de que sejam efetivamente usadas.

corpus inicial desta pesquisa. Esse procedimento ajuda a evitar os chamados *hapax legomena* (Biderman, 1998). Além disso, alguns vocábulos nem mesmo aparecem nas pesquisas em *sites* de busca na internet, o que pode indicar que se tratam das chamadas palavras de dicionário, isto é, vocábulos que só existem em obras lexicográficas. Em muitos casos, essas são frutos de equívocos de pesquisadores ao compilarem as fichas catalográficas.

Essas palavras foram divididas de acordo com o prefixo e com o tipo de formação. Assim, primeiramente, serão descritos os casos de derivação prefixal e, em seguida, analisar-se-ão as criações parassintéticas.

¹²⁴ A frequência é importante também pelo fato de que esta é uma característica típica da palavra, servindo para sua definição. Com a utilização dos filtros, observou-se que, no caso das formações parassintéticas, o filtro acabou incidindo, essencialmente, sobre as mesmas palavras, isto é, palavras com frequência inferior a 10 ocorrências são registradas nos séculos XIX, XX ou não tem datação.

1. Derivação prefixal: valores semânticos do prefixo de-

Verificar-se-ão, inicialmente, os valores semânticos do elemento formativo *de-*. Posteriormente, o prefixo *des-* também será analisado nas formações prefixais. Em seguida, serão observadas as formações parassintéticas, para tentar tornar mais clara tanto a origem do formante lexical *des-*, quanto sua seleção semântico-categorial.

Para determinar os valores admitidos por *de-*, foi necessário separar as palavras com base em suas informações etimológicas. Desse modo, os vocábulos serão dispostos de acordo com a língua de origem e com o valor semântico atribuído pelo prefixo.

1.1. Palavras formadas em latim

Por se tratar de prefixo cuja vitalidade foi severamente diminuída em português, a maior parte dos casos são formações oriundas do latim. Em muitos casos, o prefixo não atribui valor semântico à base, sendo usado como um reforço da acepção já existente. A presença do afixo *de-* em formações nas quais não contribui com nenhum valor semântico é descrito por Romanelli (1964:51) como *sentido zero* “*esvaziamento do conteúdo semântico*”. Como exemplo, o autor aponta as palavras

lat. *dealbo* “tornar branco”, lat. *deambulo* “passear”, lat. *deargento* “pratear”, lat. *dereliquo* “abandonar” lat. *deauro* “dourar”. Dessas, *dereliquo* e *deargento* não passaram ao português. No caso de *deambular*, há também *perambular* e *ambular* que apresentam os mesmos significados, a saber: “andar à volta, passear, vaguear, andar à toa, andar sem destino”. Isso indica, portanto, que o prefixo acoplado, de fato, não possui significado nesses casos. Deve-se lembrar, contudo, que o esvaziamento se refere à sincronia pretérita atestada pelo dicionário *Gaffiot*.

O mesmo processo se verifica na palavra *declarar* (séc. XIII). Se o vocábulo for analisado na sincronia atual, pode-se incorrer em inexatidão ao determinar o seu valor semântico. Do mesmo modo, se se analisar a unidade lexical em separado, também se pode levar a uma identificação equivocada a respeito do tipo de formação vocabular, já que *dēclāro, as, āvi, ātum, āre* é derivado de lat. *clarus, a, um* “claro”. Assim, considerando-se os pares acima citados, indicar-se-ia que, a partir do adjetivo, formou-se o verbo prefixado, apontando a parassíntese como processo de formação. Análise, provavelmente, motivada pelo fato de o verbo ★*clarar* não ser atestado pelos dicionários em português. Entretanto, em latim podiam-se encontrar, além do adjetivo *clārus, a, um* e o verbo prefixado *dēclāro, as, āvi, ātum, āre*, os verbos *clāro as, āvi, ātum, āre* e *acclāro āvi, āre*, este último formado com *ad-*.

Desse modo, não se pode falar em parassíntese, uma vez que a forma verbal sem o prefixo também estava disponível em latim, bem como não se pode verificar a

contribuição semântica do prefixo, uma vez que tanto *clāro*¹²⁵, *acclāro* e *dēclāro* possuem o mesmo significado - “tornar claro, iluminar, elucidar, fazer ver”. Ressalta-se que, no caso de *dēclāro*, já em latim, havia o sentido de “proclamar, anunciar”, provavelmente, derivado do sentido primeiro de “tornar público”, acepção verificada também em português.

Também constituem exemplo de sentido zero *delével* (1836) “que pode ser apagado” < *delebilis* e este do verbo *dēlēo*, *ēvi*, *ētum*, *ēre*. Havia também outro verbo - *ābōlēo*, *ēvi*, *ītum*, *ēre* -, com o mesmo significado, a saber: “apagar, destruir, excluir”.

É possível observar também a duplicidade de algumas formações. O português preservou do latim formas com significados muito semelhantes, indicando que o prefixo não contribui com valor semântico significativo:

Limitar (séc. XV) < *limīto,as,āvi,ātum,āre* X **delimitar** (1865) < *delimīto,as,āvi,ātum,āre*;

Mostrar (séc. XIII) < *monstro,as,āvi,ātum,āre* X **demonstrar**¹²⁶ (séc. XIV) < *demonstro,as,āvi,ātum,āre*;

Nominar (s/d.) < *nomīno,as,āvi,ātum,āre* X **denominar** (1515) < *denomīno,as,āvi,ātum,āre*;

Mudar (1262) < *mūto,as,āvi,ātum,āre* X **demudar** (século XIV) < *demūto,as,āvi,ātum,āre*,¹²⁷.

¹²⁵ Ernout e Meillet afirmam que essa forma se prede a *clamo* e a *calo*, *clarus*. Para os autores, a forma “deve ter-se aplicado à voz e aos sons, *clāra uōx* etc. (cf. *declāro*; *clarisōnus*, tradução do gr. *λγύφθογγος*); estendeu-se depois às sensações visuais, *clāra lūx*, *clārum caelum* claro, brilhante', depois às coisas do espírito, *clāra cōnsilia*, *exempla* etc., e mesmo aos indivíduos e às coisas: ilustre, brilhante, glorioso”.

¹²⁶ Há também em português *demonstrar*, século XIII.

¹²⁷ Já no par *terminar* e *determinar*, percebe-se a diferença de significados tanto em português quanto em latim. Contudo, as primeiras acepções, oferecidas pelos dicionários de ambas as línguas, é a mesma.

Como indicam as datações, as formas duplas entraram no português em momentos distintos. Nesses casos, pode-se indicar que uma das formas tenha sido introduzida por via erudita, isto é, seja fruto de *cultismo*. Apesar de as acepções serem bastante próximas, percebe-se que são usadas em contextos diferentes, o que indicaria uma possível distribuição complementar e explicaria a manutenção de ambas as formas em português.

Em outros casos, a duplicidade de formas existia em latim, mas no português apenas um dos vocábulos foi conservado, assim como mostra análise da palavra *demorado* (século XIV) < *demorātus, a, um* e de sua base latina *mora, ae* “retardo, dilação, demora” que já descrevia os significados presentes na forma complexa.

A língua atual preservou também apenas a forma *depauperar* “causar esgotamento de recursos econômicos”, isto é, tornar pobre. Já *paupero, are*, existente em latim com igual significado, não passou ao português. Entretanto, do mesmo modo, também se pode indicar o esvaziamento semântico do prefixo.

No DHLP, o elemento formativo *de-* nesta palavra é descrito como atribuidor do significado de “consumação, acabamento”, o que, como se viu, não traduz a realidade, considerando a análise diacrônica. Entretanto, não se descarta a possibilidade de o afixo ter assumido, por meio de um processo metonímico, os valores presentes na palavra base.

Processo semelhante parece ter sofrido o prefixo no caso do vocábulo *desolar* (*desōlo, āre*) cujo sentido inicial “deixar só, despovoar, desolar, devastar, assolar” é o mesmo verificado na base *sōlo, āre*. Atualmente, o significado mais comum é

“causar grande tristeza; afligir, consternar”. Desse modo, fica claro que *de-*, na língua de origem, não contribuía com qualquer valor semântico.

Em *desnudar*¹²⁸ (sec. XIII): “*pôr(-se) nu, descobrir o corpo ou parte do corpo (de alguém ou de si mesmo)*”, verifica-se que a forma simples possui o mesmo significado que o vocábulo prefixado. No entanto, em português, encontra-se apenas a forma complexa.

No caso de *devastação* (1680) < *devastatĭo,ōnis*, a forma simples *vastação* (1702) < *vastatĭo,ōnis* também pode ser encontradas em português. Importa destacar que ambas as construções apresentam mesma significação – “destruição, pilhagem” - e entrada distinta em português, sendo a forma prefixada mais antiga na língua do que sua forma simples.

1.1.1. Intensidade

Já o valor intensivo é observado em muitas das formações latinas. Em *deblaterar* (lat. *dēblātĕro, as,āvi,ātum,āre*) “bradar, imprecar”, nota-se a intensidade ao se analisar o verbo latino sem prefixo – *blātĕro as,āvi,ātum,āre* “balbuciar, conversar”. Novamente, verifica-se a necessidade de se observarem os significados presentes na língua de origem, uma vez que em português, em que também se encontra o verbo *blaterar*, os significados de ambas as formas (complexa e simples)

¹²⁸ *Desnuar* - remissão direta à palavra *desnudar*, apontada como mais usada do que *desnuar*.

mostram-se amalgamados. Além disso, a forma simples, naturalmente, anterior à forma complexa, aparece datada posteriormente em português como se constata a seguir¹²⁹:

- **Blaterar** (1913): 1 - emitir voz ou som incompreensível ou sem sentido, não articulado 2- falar muito, em voz alta ou com grande ênfase; clamar, vociferar, vozeirar.
- **Deblaterar** (1878): expressar-se calorosa e criticamente (contra alguém ou algo); bradar, imprecicar.

Em outros casos, o valor de intensidade visto no vocábulo latino, desaparece em português. Isso é o que ocorre, por exemplo, com a palavra **deligo** “ligar, atar fortemente”. No entanto, em português houve uma especialização, transformando em termo médico – **deligação** (1873) “aplicação de ataduras ou ligaduras (ligações cirúrgicas de estruturas ocas do corpo)”.

Também na palavra **derrelição** (1899) “estado de abandono” < *derrelicção, ōnis* não se vê mais o traço de intensidade verificado no verbo *derreliquo* “abandonar completamente”. Do mesmo modo, em *declamar* também não se reconhecem a noção do movimento de cima para baixo, nem o traço de intensidade, como indica a acepção vista em latim, de acordo com o *Gaffiot*: “*Parler avec*

¹²⁹ Provavelmente cultismo.

violence, invectiver; se répandre em invectives contre quelqu'un, parler à quelqu'un sur un ton déclamatoire”¹³⁰

A intensidade parece presente na ideia contida no vocábulo **desidioso** (1836) < *desidiōsus, a, um*, expresso pela noção frequentativa “*estar sempre sentado*” e a partir desse, os significados de inércia, ociosidade e preguiça também são admitidos. Nesse caso, também atua a apofonia sobre a base verbal *sedēo, es, sēdi, sessum, sedēre*.

1.1.2. Diminuição

Como se viu no Capítulo 2, o prefixo *de-* apresenta o valor semântico de diminuição / redução, provavelmente, derivado do valor semântico de separação. Entre as palavras formadas em latim com esse significado, destacam-se: *decrescência, decocção, depreciar e deflagrar*.

➤ **Decrescência** (1866) < *decrementia, ae* < *decrēsko, is, crēvi, crētum, ěre* < *crēsko, is, crēvi, crētum, ěre*): “mesmo que decrescimento”¹³¹

Nota-se pela sequência derivativa que a forma substantiva é posterior ao verbo prefixado (**decrescer**, séc. XIV). Em português, há a palavra *crescência*, no entanto, não se prende à base verbal latina, já que designa um tipo de planta

¹³⁰ Falar com violência, investir xingamentos/ofensas contra alguém, falar com alguém em tom declamatório.

¹³¹ *Decrescimento*: ação ou efeito de decrescer; decréscimo, diminuição, estado ou condição do que decresce.

pertencente à família das bignoniáceas. O vocábulo “*crescência*” (1899) é construído a partir do antropônimo do autor de um tratado sobre agricultura (Pietro *Crescenzi*, *Pietrus Crescentiis* + *-ia*), latim científico. Portanto, sem relação com o verbo *decrecer* nem com a forma substantivada *decrecência*. Ainda assim, o dicionário traz como antônimo¹³² para o substantivo o verbete *crescência*, dando a entender, erroneamente, uma relação entre eles.

- **Decocção** – 1679-1696¹³³ (*decoctio,ōnis* < *coctio,ōnis*): “processo de extração dos princípios ativos de substância ou planta pela ação de líquido em ebulição (farmacologia) produto obtido por esse processo; decocto ; digestão dos alimentos no estômago”.

Pela leitura das acepções desse verbete, não se reconhece, de forma clara, o valor semântico do prefixo. Para isso, é preciso resgatar os significados em latim, bem como os vocábulos cognatos. Assim, ***concōquo*** “cozinhar junto ou inteiramente”; ***excōquo*** “acabar de cozer ou extrair para a cocção” e, finalmente, ***decōquo*** “reduzir pela cocção”.

- **Deflagrar** (1721) < *deflāgro,as,āvi,ātum,āre* “queimar, arder, incendiar, consumir-se”.

¹³² Neste verbete, o Dicionário Houaiss traz uma informação incorreta, já que aponta como antônimo a palavra “decrecência” e nesta não há referência à planta. O mesmo procedimento é adotado em “decrecência”, em que se estabelece como antônimo o vocábulo sem prefixo, como se deste tivesse sido derivado.

¹³³ Sermões do Pe. Antonio Vieira. Em Lisboa. tom 1, 1679; tom 2, 1682; tom 3, 1683; tom 4, 1685; tom 5, 1686; tom 6, 1688; tom 7, 1689; tom 8, 1690; tom 9, 1692; tom 10, 1694; tom 11 e 12, 1696; tom 13, 14 e 15, a1697. Os três últimos volumes foram publicados postumamente, tendo o autor falecido em 1697. (In: DHLP)

A ideia de diminuição está implícita na noção de consumação de algo por meio do fogo, como mostra a acepção do dicionário *Gaffiot*: “*Brûler, entièrement s’eteindre, se clamer, s’apaiser*”¹³⁴. Contudo, esse sentido foi obliterado, em português, pela noção de “fazer aparecer, irromper”.

1.1.3. Progressão

A ideia de consumação pode, muitas vezes, descrever a noção de “progressão/continuação”, valores admitidos também pelo prefixo *de-*. Em algumas palavras, esses significados remetem à ideia de processo que, em português, passam a termos especializados como em *detritção*, *deliquescer* e *detersão*.

- **Detritção** (1858) < *detritio,ōnis* – “decomposição causada por atrito; produção de detritos”
- **Deliquescer** (século XX) < *deliquēsko, is, licui, quescēre* - “sofrer deliquescência”, isto é, “propriedade de algumas substâncias, em geral sais, de absorver a água presente na atmosfera, podendo em alguns casos dissolver-se; fenômeno de absorção de moléculas de água por uma substância da atmosfera quando a pressão de vapor de água desta atmosfera circundante for maior que a da solução saturada da substância”

¹³⁴ Queimar, colocar para fora completamente, proclamar, diminuir.

Neste caso, vê-se que a palavra em português segue um percurso de vocábulo técnico. Em latim, havia também essa ideia “*se fondre, se liquéfier*”¹³⁵

- **Detersão** (1836) < *detersio,ōnis* – “ação de detergir, limpar”, “limpeza de ferimentos”.

O valor de progressão, nos casos analisados, aparece ligado a palavras de uso mais especializado, geralmente, utilizados nas ciências naturais: química, física e biologia. Contudo, nos dois primeiros exemplos (*detrição* e *delinquescer*), por meio de metáfora também passam a designar o processo de decadência de algo ou alguém.

1.1.4. Negação

A ideia de negação parece decorrer, semanticamente, das noções de afastamento e separação. O prefixo com esse valor semântico foi bastante produtivo em latim. Entre as formações complexas, passadas ao português, citam-se: *deformar*, *defectivo*, *derrogatório*, *desertado* e *desistente*.

- **Deformar** 1589 (lat. *deformāre* < *fōrmō,as,āvi,ātum,āre*): “mudar ou desfazer-se a forma ou o aspecto original de; descaracterizar(-se), desfigurar(-se)

¹³⁵ “Derreter, liquefazer”

A forma histórica, em português, é “*deformarão*”, portanto, verbal e não participial lat. *deformātus, a, um* “que se deformou, que perdeu ou teve alterada a forma original; descaracterizado, desfigurado, que sofreu mudança para pior (no comportamento, atitude etc.); corrompido”. A partir dessa raiz verbal, também se acham em português *deformação*, *deforme*, *deformador*, *deformável*, todas vindas do latim. O valor negativo pode ser expresso pela paráfrase “tirar/perder a forma”.

- **Defectivo** - 1713 (lat. *defectīvus, a, um* “defeituoso, deficiente” < *defectum* < supino de *deficĕre*, de *de-* + *facĕre* “fazer”): “que não é completo, perfeito; defeituoso, imperfeito; (linguística) que não apresenta todas as formas do paradigma a que pertence; (música) a que faltam semitons”.

Observa-se, neste caso, que o prefixo provoca apofonia do verbo *facĕre*, o que não ocorreu em *deformāre*.

- **Derrogatório** – 1385 (*derogatoriūs* < *derogātum*, supino de *derogāre* “anular uma lei”).

Em português, conversou-se toda sequência derivativa, vista em latim: *derrogar* (1538), *derrogação* (1517), *derrogador* (1789), *derrogante* (1836). Já em português, formaram-se, a partir da forma verbal, as palavras *derrogamento* e *derrogável*, ambas sem registro de datação.

Em “*desertado*”, forma histórica atestada pelo dicionário em 1632, a ideia de negação precisa ser resgatada pela análise do elemento de composição latino *-ser(t)-*, já que esse significado tornou-se opaco em português.

- **Desertar** (1632) < *deserto, as, āvi, ātum, sertāre* “livrar-se, fugir, desertar”, que deriva de *dēsĕro, sertum, ěre* “separa-se de, abandonar”.

A negação é depreendida a partir da análise do interpositivo *-ser(t)-*, do verbo latino *sĕro, is, serŭi, sertum, serĕre* “ligar, juntar, atar, engajar”, uma vez que o prefixo atua sobre a base, negando o que é expresso por ela, atribuindo assim um valor de oposição.

O valor de oposição também se verifica nos vocábulos *destruir* (século XIII), *destruição* (1344), *destrutor* (1913) *destruidor* (1344), *destrutível* (século XV). O elemento de composição, encontrado nestas palavras *-stru-*, provém do verbo *strŭo, is, uxi, uctum, ěre* que designa a ação de empilhar, *empilhar (materiais), reunir, ajuntar, amontoar, criar, construir, erguer*. Sendo assim, o prefixo nas palavras acima citadas atribui valor opositivo em relação à base, uma vez que denotam ação, efeito de “por abaixo, demolir, arruinar” ou ainda aquele que pratica tal ação a depender do sufixo formativo.

- **Desistente** (1813) < *desĭstens, entis*, particípio presente de *desistĕre*.

O sentido negativo torna-se perceptível ao se analisar o verbo *sto, stāre*, no sentido de “estar imóvel; permanecer firme, resistir”. Assim, o formante lexicai ao se unir a essa base provoca apofonia, alterando a vogal da sílaba inicial *desistĕre*

“desistir” e nega o valor semântico ali presente, passando a designar “*não prosseguir, abster, renunciar*”.

Ainda neste grupo, é oportuno citar o caso da palavra *demérito* (1539) “que não tem mérito, que perdeu o merecimento”. Em latim, consta o verbete *dēmĕrītus, a, um* apontado como particípio do verbo *dēmĕrĕo, ĕre*, cujo significado é oposto do que se verifica em português, pois designa “ganhar mérito”. Este caso é também exemplo do “*esvaziamento do conteúdo semântico*” do prefixo, como apontou Romanelli (1974), visto que o latim contava com a forma simples deste verbo – *mĕrĕo*.

Essas observações indicariam que a palavra teria sofrido, em português, um processo de reanálise. Contudo, já em latim, podia-se encontrar o vocábulo *dēmĕrītum* cuja acepção aponta para o valor semântico observado em português. Assim, diferentemente do que aponta o DHLP, a palavra “*demérito*” tem como étimo o neutro *dēmĕrītum* e não o particípio *dēmĕrītus*.

1.1.5. Movimento de cima para baixo

O sentido de “movimento descendente”, muitas vezes, já obscurecido pela evolução do vocábulo, pode ser verificado ao se observar atentamente os significados da palavra e/ou da constelação semântica cognata, assim como se depreende das palavras abaixo analisadas.

- **Dejeção**¹³⁶ – século XV (lat. *dejectio,ōnis* “dejeção, evacuação, expropriação, abatimento, enfraquecimento do ânimo, pusilanimidade”).

As acepções demonstram que o prefixo atua, neste caso, notoriamente com sentido metafórico em relação ao movimento “de cima para baixo”. Um pouco diferente do sentido verificado no verbo *dejetar* - *dejecto,as,āvi,ātum,are* “excretar, defecar, evacuar”. Em português, por extensão de sentido, também pode significar “por para fora, expulsar, expelir”. Significados anteriormente atribuídos pela palavra latina *ejectio,is* “lançar fora, expulsar, pôr fora, fazer sair; deitar rebentos; exilar, desterrar, banir, deportar” ou *ejectio,ōnis* “ação de lançar fora; expulsão, banimento”, *ejectus,us* “ação de lançar fora, emissão; respiração”. Ambos construídos a partir de *ex-*, o que mostra como são tênues os significados entre esse formante lexical e o prefixo *de-*, e dá indícios de como pode ter ocorrido a permutação entre essas formas.

Deve-se ressaltar também em *dejeção* a mudança do radical que sofre apofonia¹³⁷ em decorrência da prefixação, uma vez que o verbo que serve de base é *jactāre* “lançar, atirar”.

Com noção semântica bastante próxima expressa pela raiz do verbo *jactare*, *jact-*, em latim havia também os verbos *trūdo,is,si,sum,ĕre* “empurrar, impelir” e seu oposto *traho,is,traxi,tractum,trahĕre* “tirar, puxar, arrastar, mover, rolar, levar de rojo, atrair”. A partir desses, o prefixo *de-* também se acopla, criando novas palavras.

¹³⁶ É raro o dicionário trazer informações de datação que envolvam as acepções dos verbetes. Contudo, para essa entrada, informa-se que a forma histórica é *dejecçō* “abatimento” (sXV) e 1789 é a data para *dejecção* ‘evacuação’.

¹³⁷ A apofonia é verificada em toda sequência derivativa desta raiz.

Do primeiro verbo latino, o português apresenta o adjetivo **detruso**¹³⁸ (lat. *detrūsus, a, um*), construído a partir do particípio passado do verbo **detrudĕre** “atirar violentamente, precipitar, empurrar, arrancar de, desalojar”. Desses, apenas o adjetivo passou ao português. Ao se analisarem os significados dos verbos e a acepção do adjetivo no português “aquele que se encontra no claustro”, nota-se que o sentido inicial do prefixo tornou-se opaco. Contudo, em latim, o valor semântico de movimento de cima para baixo está bastante evidenciado na acepção dada pelo Gaffiot :

dētrūdo, trūsi, trūsum, ěre, tr.,
1 ¶ pousser de haut en bas, précipiter, enfoncer : in pistrinum detrudi Cic. de Or. 1, 46, être précipité dans la cave où se broie le grain ; Phæbigenam Stygias detrussit ad undas VIRG. En. 7, 773, il précipita Esculape sur les bords du Styx ; detrudere pedum digitos in terram Ov. M. 11, 72, enfoncer les doigts de pieds dans la terre

A partir do segundo verbo **traho, is, traxi**, encontra-se em português o substantivo **detrator** (1540) “que ou quem detrai ou detrata”. A forma latina aponta para *detractor, ōris* “detrator, o que deprecia”, e esse, deriva-se de *detractum*, supino do verbo *detrahĕre* “puxar para baixo, depreciar”. Além do substantivo, o português conhece ainda outras formas substantivas – *detração* (sec. XV) e *detratação* (s/d.); o

¹³⁸ Apontado como diacronismo, 1958.

adjetivo “*detrativo*” (1873) e o verbo *detratar* (1913). Como se verifica, o vocábulo *detrator* é a forma mais antiga em português.

Ao se analisar a constelação cognata do verbo *traho* comprova-se a linha tênue entre os prefixos *de-*, *dis-* e *ex-*. ***Distrāho, is*** significa “puxar em diferentes sentidos” e assim, “rasgar, romper, esquartejar e separar”. De forma semelhante, ***extrāho, is*** “tirar de, extrair, fazer sair; arrancar, tirar, livrar; desvendar, revelar, descobrir; prolongar, dilatar.

Como o mesmo significado de movimento descendente, encontraram-se também ***defluxão***¹³⁹ (1677) < lat. *defluxio, ōnis* “ato ou efeito de defluir; defluência, defluxão, escoamento, percurso”; ***demitir*** (sec. XIV) < *demitto, is* “fazer cair, derramar, baixar”; ***demolir*** (1679-1696) “deitar abaixo, derribar, destruir, arruinar” e ***deglutir***¹⁴⁰ (1699) “engolir, tragar”; ***deflexão*** (1844) “desvio, declinação”. Com exceção da última palavra, observa-se, ainda nas acepções, o valor semântico que descreve um movimento de cima para baixo.

Em ***deflexão***, apesar de o significado não transparecer o valor inicial do prefixo, pode-se recuperá-lo por meio do verbo ***deflēcto, is, xi, xum, ctēre*** “abaixar dobrando, curvar, vergar, modificar”.

Vale ressaltar que, de acordo com o DHLP, no caso do verbo *demitir*, por apresentar alto grau de paronímia e de sinonímia, a forma *dimitto, is* “enviar para

¹³⁹ Com o mesmo radical, em português há também *defluxo* (1699); *defluir* (1817-1819); *defluente* (1913); *defluência* (1710); *deflúvio* (1836).

¹⁴⁰ O movimento indicado pela ação de deglutir e a própria acepção, encontrada neste verbete “passar (o bolo alimentar) da boca para o esôfago e, a seguir, para o estômago”, permitem a verificação do valor inicial do prefixo.

diferentes partes; despedir, licenciar, mandar embora; afastar, remeter”, acaba por se fundir, tendo restado apenas a primeira forma.

Em alguns casos, por influência dos significados do radical, esse sentido é expresso de forma metafórica, como ocorre em **decesso** (1922) < *decessus* “ação de partir”¹⁴¹, cujo sentido remete à ideia de morte, podendo também designar *decrescimento*, *diminuição*, valores admitidos por *de-*. Esse vocábulo enseja reflexão a respeito da delimitação dos valores semânticos do prefixo *de-*. Como se viu, em *decesso*, podem-se ver vários significados atribuídos pelo prefixo. Ainda com o mesmo valor de movimento descendente, podem-se citar as palavras *depoente*, *descensão*, *deprimente*, descritas a seguir:

- **Depoente** (1540) < lat. *deponens,entis*, particípio presente do verbo latino *deponĕre* “pôr para baixo, derrubar, sepultar”.

Em português, o vocábulo toma o sentido daquele que depõe em juízo. Da mesma raiz – *deposição* (século XV) < *depositio,ōnis*.

- **Descensão** (1685) < lat. *descensio,ōnis*, derivado de *descensum*, particípio passado do verbo latino *descendĕre* “descer, descender”.
- **Deprimente** (1899) < *deprimens,entis*, particípio presente do verbo latino *deprimĕre* “abaixar, fazer descer”. De forma literal, *fazer pressão, apertar de cima para baixo*.

¹⁴¹ No caso da palavra de mesma raiz, *decessor*, há também alteração semântica, já designa “aquele que antecede ou precede”.

1.1.6. Separação

Com o valor de separação e afastamento, destaca-se, inicialmente:

- **Deglutinação** (1977) < *deglutinatio, ōnis* “separação, descolamento”, forma ligada ao verbo *deglutināre* “separar o que está colado”.

Apenas o substantivo passou ao português, designando o “fenômeno aferético que consiste na alteração de uma palavra pela subtração de um segmento fonético com valor etimológico¹⁴²” opondo-se, portanto, à *aglutinação* “colar, grudar”.

Assim também se observa em **dévio** (1817-1819) “apartado, afastado do caminho” < lat. *deviūs, a, um* e do latim medieval **deviação** (1858) < *deviatio, ōnis*. É interessante observar que a forma com o prefixo neolatino *des-* vista em “*desviar*”, “desvio” é anterior, sendo datada no século XIII. Isso indica que as formações com *de-* sejam fruto de cultismos.

Embora não esteja evidenciada a noção de afastamento, do mesmo modo se pode depreendê-la em:

- **Deprecativo** (1616) < lat. *deprecativus, a, um* “em que ocorre depreciação, súplica, rogo; deprecatório.

¹⁴² Como exemplo, o próprio Dicionário traz: “as formas antigas do português *obispo, abatina* passaram, por *deglutinação*, a *bispo, batina*, pela suposição da existência de um artigo anteposto”.

Apesar de o radical verbal latino *prēcor* também designar “pedir, suplicar”, vê-se que o sentido primeiro do verbo prefixado *deprēcor* descreve a ação de “afastar, demover por meio de súplicas”.

A noção de separação também pode ser expressa pela paráfrase “tirar de X”, como se verifica em *defloração* (século XVI) < *defloratīo, ōnis* “ação de colher, apanhar flores”. Em português, a partir do sentido metafórico de “desvirginamento” decorre a noção de diminuição do viço, da beleza de algo ou alguém. Deve-se atentar, neste caso, para o fato de a ideia de diminuição provir da acepção da palavra, não da alteração semântica do prefixo.

Ainda com a noção de afastamento citam-se:

- **Depilar**¹⁴³ (1881) < *depīlo, as, āvi, ātum, āre* “tirar o pelo, depenar”, em que o significado do prefixo pode ser parafraseado por “tirar, extrair X de”.
- **Declinar** (século XIV) < *declīno, as, āvi, ātum, āre* “desviar, afastar”, associada à ideia de queda, a partir do afixo *de-* + *clināre* “inclinar, fazer pender, fazer cair”.
- **Depleção** (1839) < *depletīo, ōnis*, literalmente, ação de esvaziar – a ideia que foi passada ao português é a extração do essencial, dando a ideia de que o prefixo atribui valor de separação.

¹⁴³ A forma história é o infinitivo, no entanto, o particípio aparece datado no mesmo ano.

Em português, entretanto, o vocábulo especializou-se, designando patologia em que há “perda de elementos fundamentais do organismo, especialmente água, sangue e eletrólitos”. Na medicina, “ato ou processo de extração de um fluido”.

1.1.7. Casos especiais

Algumas criações com *de-*, oriundas do latim, não puderam ser agrupadas por apresentarem significado bastante específico ou por não ter sido possível identificar, de forma precisa, o valor semântico do prefixo.

Entre os casos apontados acima, está o vocábulo do latim tardio *defunção* (1885) < *defunctio,ōnis*, o qual também aparece em galego (*defunción*), espanhol (*defunción*) e catalão (*defunció*). Apontado como forma eufêmica para designar “falecimento, óbito, passamento”, nota-se, pela análise da base – *fungor,ēris*, *functus sum*, “cumprir, desempenhar uma função” – que o prefixo parece contribuir com o traço de completude, já que o substantivo *functio,ōnis* “cumprimento, ação de cumprir” e *defungor,ēris* designa “cumprir totalmente”. A partir dessa raiz, tem-se também *defunto*, vocábulo bem mais comum em português.

A partir da análise em latim, também é possível observar na palavra *denunciar* a contribuição do prefixo na composição semântica do vocábulo. Ao se comparar *anunciar* e *denunciar*, em português, percebe-se que apresentam

muitos significados em comum “divulgar, notificar”. Em latim, também se encontrava o verbo *nuntio*, com significação semelhante. Por meio da comparação das palavras com mesma raiz, é possível verificar que o prefixo *de-* não é vazio de sentido, contudo, não é claramente definido.

Remontando à cognação latina, por meio dos dicionários Gaffiot e Houaiss, observam-se os vocábulos *nuntiūs*, usado como adjetivo “anunciador, que dá a saber” e como substantivo - *nuntiūs, ŭ* – “mensageiro, correio; medianeiro, intérprete; coisa anunciada, mensagem, notícia, nova”. A partir da mesma raiz, *nuntiatio, ōnis* “anúncio dos auspícios, declaração ao fisco”; *adnuntiātor* (ou *annuntiātor*), *ōris* “o que anuncia, anunciador, anunciante” e, finalmente, *denuntio*, *as* “declarar solenemente, anunciar por uma mensagem; pressagiar; citar em testemunho; anunciar, declarar”.

Assim, *denuntiatio, ōnis* “anúncio, declaração, advertência, aviso, ordem; denúncia”, *denuntiātor, ōris* “policial”, como outro prefixo, encontra-se o verbo *enuntio, as* “enunciar, exprimir, dizer, apresentar dizendo, expor; desvendar, descobrir, revelar, dar a conhecer, denunciar; advertir, informar” e o substantivo correspondente *enuntiatio, ōnis* “enunciação, exposição, relação, narração; enunciado de um juízo, proposição; pronunciação”.

Pelo exposto, é possível verificar que, de fato, o prefixo *de-* modifica o sentido da base, alterando sensivelmente seu significado. Todavia, não se pode determinar com exatidão qual é esse o valor semântico.

1.2. Palavras via empréstimo

1.2.1. Francês

Os vocábulos com o prefixo *de-* que entraram em português por empréstimo vieram, na maioria dos casos, do francês e muitos possuem valor semântico de diminuição/redução (A) e alguns designam separação (B). Outros valores semânticos serão apontados em (C):

A.

- **Demonetização**¹⁴⁴ (1836) ◀ fre. *démonétisation* (1793) “diminuição do valor original de uma moeda”, derivado de *démonétiser* “demonetizar”, formado do radical latino de *monēta, ae*.

Em português, existe a variante *desmonetização* e sua forma verbal *desmonetizar*, ambas datadas em 1970, portanto, posterior à forma em *de-*. É interessante observar que, nestas palavras, a rigor, o prefixo *des-* refletiria o valor semântico de *de-* e não aqueles, geralmente, por ele atribuído¹⁴⁵.

- **Decelerar** (1977) ◀ fre. *décélérer* (1910) “diminuir a velocidade”, criado por oposição a *accélérer* “acelerar” com mudança do prefixo.

¹⁴⁴ Forma histórica grafada com *s*: *demonetisar*.

¹⁴⁵ De acordo com os dicionários, *des-* apresentaria valor negativo, de afastamento e de intensidade.

Novamente, conhece o português uma forma concorrente - *desacelerar*, sem registro de datação em português, mas muito mais frequente do que a forma em *de-*¹⁴⁶. Nas outras línguas neolatinas da península ibérica, prevaleceu *des-*, como em galego (*desacelerar*), catalão (*desaccelerar*), asturiano (*desacelerar*). Em espanhol, a forma padrão também é *desacelerar*, contudo também há *decelerar*. Deve-se observar que a criação com *des-*, ocorre a partir da base *acelerar*, assim como nas demais línguas acima arroladas.

- **Defervescência** (1913) ◀ fre. *défervescence* (1870) “decréscimo ou desaparecimento de febre que anuncia o final de doenças graves”, e essa do latim *defervescentia* ← *defervescēre*.

Como se viu, a ideia de diminuição pode ser expressa de forma contínua, remetendo a ideia de progressão, como se pode observar também no vocábulo *decadência*.

- **Decadência** (século XVII) ◀ fre. *décadence* (1413) “estado de uma construção que se degrada”, (1468). E esta associada ao verbo *cadēre* “cair”. Em português a palavra descreve tanto o evento/ato quanto o efeito.

B.

Já em *decolar*, o prefixo apresenta o valor semântico de separação, afastamento.

- **Decolar** (1932) ◀ fre. *décoller* “separar”

¹⁴⁶ *Decelerar*, 30.200 ocorrências. *desacelerar* 495.000 ocorrências.

Em português o sentido de separação tornou-se pouco nítido, já que remete à ação, geralmente de uma aeronave, de alçar voo. Em sua primeira acepção, em francês, a noção de afastamento, separação é bastante evidente: “*Separer, detacher une chose qui estoit collée*”¹⁴⁷

Com o mesmo valor semântico, também há *debandar* (1777) ◀ francês *débander* ◀ *de-* + *bander* ◀ *bande*, “desordenar-se um grupo, uma tropa”, “dispersar-se, afastar-se de uma tropa”, “escapar, fugir em desordem”. Em português, observam-se os mesmos significados, sendo o último o mais comum atualmente.

C.

Embora a origem da palavra *degringolar* (1882) ◀ francês *degringoler* não esteja totalmente esclarecida e, portanto, não seja possível estabelecer a contribuição semântica do prefixo *de-*, pode-se entrever a noção de movimento descendente, já que a acepção francesa designa ação de precipitar, ir para baixo: “*sauter, descendre vite*”, “*descendre avec précipitation*”, “*descendre précipitamment avec la rapidité d'une chute*”.¹⁴⁸ Em português, também se observa esse significado: “*arruinar-se ou permanecer em situação de ruína, de decadência; desandar, decair*”

Evidencia-se, nas palavras derivadas em *de-* via francês, o uso especializado, muitas vezes, transformado em termos como é o caso dos vocábulos *delocutivo* ◀

¹⁴⁷ “Separar, destacar uma coisa daquilo que estava colado”. Extraído de Dictionnaires d'autrefois (DAF)

¹⁴⁸ Acepções extraídas de DAF.

francês *délocutif*; *deliquescência*¹⁴⁹ ◀ fre. *déliquescence*; *demonetização* ◀ francês *démonétisation* e *defervescência* ◀ fre. *défervescence*, usados, respectivamente, na linguística, na física, na economia e na medicina.

Insere-se neste grupo a palavra *decomposição*¹⁵⁰ (1789). Descrita como formada em português, por meio da prefixação à base sufixada *composição*, aparece registrada em francês (*décomposition*) em 1694, quase cem anos antes do que em português. Além disso, também se pode encontrar tal formação em espanhol (*decomposición*) e em catalão (*decomposició*).

O prefixo também não está claro em *debater* (século XV), ◀ fre. *débattre* ← *dé* + *battre*; “discutir, debater”. Esse vocábulo encontra-se em provençal (*desbatre*), *debatre*; galego (*debater*); espanhol (*debatir*); catalão (*debat*); italiano (*dibattere*). Em todas as línguas o sentido é sempre o mesmo, o de *disputar*, *altercar uma discussão*. Em espanhol faz-se uma distinção em relação à forma reflexiva, apontando-se significados e origens distintas:

- ✓ *Debatir* (Del lat. *debatuëre*). “Altercar, contender, discutir, disputar sobre algo”; “Combater, guerrear”;
- ✓ *Debatirse* (Del fre. *se débattre*). “Luchar resistiéndose, esforzarse, agitarse.”

Em português, também se aponta o mesmo valor pronominal visto em espanhol, contudo, não se indica outro étimo para tal significado. Porém, considerando a

¹⁴⁹ O verbo *deliquescer* entra em português via latim, já o substantivo abstrato *deliquescência*, entra na língua via francês.

¹⁵⁰ A partir desta, o português conta com *decomponível*, *decomponente*.

formação latina, percebe-se que o prefixo não contribui semanticamente para a base, como se pode verificar pela leitura dos verbetes abaixo:

dēbattūo, ěre, c. batuo : PETR. 69, 3.

battūo (bātūo), ěre, ¶ 1 tr. a) battre, frapper : PL. Cas. 496; DON. Eun. 381; **b)** battre pour attendrir, adoucir : APIC. 4, 148 ¶ 2 [abs^t] **a)** faire des armes, s'escrimer : *rudibus cum aliquo* SUET. Cal. 32, s'escrimer avec qqn avec les baguettes [= au fleuret], cf. Cal. 54; **b)** [dans un sens obscène] CIC. Fam. 9, 22, 4.

1.2.2. Inglês

Dentre as palavras pesquisadas, apenas duas foram indicadas como sendo formada no inglês. Nos dois casos, as palavras remetem a termos técnicos.

- Valor negativo e uso técnico

- **Defibrilação** (1935) ◀ inglês *defibrillation* (1935), derivado de *de-* + *fibrillation*, que, por sua vez, provém do latim *fibrilla*, diminutivo de *fibra*, *ae* “fibra”.

O prefixo, neste caso, atribui o valor negativo, no sentido de fazer parar a ação descrita pela base “série de contrações rápidas e desordenadas das fibras musculares”. Há também *desfibrilação* “restaurar o ritmo normal de (o coração) por meio da aplicação de choques elétricos”, porém datada posteriormente ao vocábulo em *de-*, em

1960, mesmo ano em que se encontra registrada a palavra *desfibrilador*, o aparelho usado no processo de *defibrilação/desfibrilação*.

➤ **Detector** (1932) ◀ inglês *detector* (1541)

Do mesmo modo, pode-se depreender o valor negativo em *detector*, completamente obscurecido em português. A partir da ideia de “cobrir, ocultar, esconder, abrigar, defender”, presente no antepositivo, do verbo latino *tego, is, texi, tectum, tegĕre*, o prefixo atua levando à base noção contrária, já que as palavras *detectar, detector*, indicam ação de revelar, mostrar. É perceptível neste caso que se trata de palavra de origem latina, mas aparece em português via inglês.

1.2.3. Espanhol

A partir do espanhol, encontrou-se apenas um exemplo com o prefixo de-:

➤ **Devanear** (século XIV) ◀ espanhol *de + vanear* “falar em vão” ← *vano* “vão”.

Em português, mais comum é a forma substantiva *devaneio* “desvario”. Se se tomar a formação na língua de origem, fica evidenciado que o prefixo não contribui semanticamente para a formação vocabular.

1.3. Palavras formadas em português

- Predominância do valor de afastamento/separação

Como se viu, o prefixo *de-* em português torna-se pouco produtivo. Muitos vocábulos são introduzidos já prefixados no português, sendo sufixados posteriormente. Como, neste estudo, tenciona-se analisar a prefixação a partir de bases sufixadas, há poucos exemplos que preenchem esse quadro. Assim, destacam-se as criações a partir de bases sufixadas em português:

- **Detorar**¹⁵¹ (1713) ← *de-*+ *torar* (←*toro* ‘fatia, pedaço’ + *-ar*). “cortar em toras”.

Há em português o vocábulo *torar*, com significados semelhantes, porém registrado apenas em 1836.

- **Debicar** (1713) ← *de-*+ *bicar* (←*bico* + *-ar*) – “beliscar, provar”; “picar com o bico”;
- **Despoletar** (século XX) ← *de-*+ *espoletar* (← *espoleta* + *-ar*) – “tirar a espoleta de”.

Em *despoletar*, o sentido do formante lexical *de-* é facilmente identificado e pode ser parafraseado por “tirar/extrair/privar de X”. Já *debicar* observa-se que o afixo atua sobre o sentido derivado da palavra base - *bicar* “tirar uma pequena porção de”. Neste caso, portanto, o prefixo não está atribuindo qualquer valor semântico, atua apenas como reforço.

¹⁵¹ Há também a variante *destorar*, mas sem registro de datação;

Aponta-se ainda o vocábulo *decodificar*, identificado pelo dicionário como de formação em português (de-+ codificar (codi[co] + -ficar), a interpretação por meio da paráfrase “tirar de X” também seria possível, porém no sentido mais abstrato de “obter”. Ao analisar essa formação em espanhol, vê-se na acepção dada pelo dicionário a explicitação do significado do prefixo “aplicar inversamente las reglas de su código a un mensaje codificado para obtener la forma primitiva de este”. Tal formação também pode ser vista em catalão, asturiano e em galego, com alteração do formante para *des-*.

Cumprе ressaltar que apenas em português e em espanhol encontram-se ambas as formas *decodificar* e *descodificar*, porém enquanto em português a forma mais frequente é a primeira, em espanhol, “*decodificación*” aparece em remissão direta à sua variante em *des-*.

Nas palavras *derriçar* (séc. XIV) e *debotar* (1510) não se podem apontar, com clareza, os significados dos prefixos. Em *derriçar* encontraram-se significados diferentes nos dicionários pesquisados. Nas obras lexicográficas de Bluteau e de Moraes Silva, vê-se que suas acepções se aproximam. Em Bluteau, “puxar em alguma coisa com os dentes”; Moraes Silva parece complementar a definição do verbete “puxar com os dentes para rasgar como fazem os animais carnívoros”. Já no Houaiss, “desfazer (algo que está intrincado); desembaraçar, desemaranhar, desenredar”. Além disso, as informações sobre a palavra-base não estão claras, sua significação é pouco precisa no dicionário¹⁵² e sua origem é dada como obscura.

¹⁵² O dicionário Houaiss em uma série de remissões diretas não estabelece de forma clara o significado do verbete. *Derriçar* < de-+ *riçar*. *Riçar* seria forma aferética de *arriçar* e esta, por sua vez, possui origem controversa.

Prendendo-se à acepção dada pelo DHLP, pode-se apontar como influência as formações em espanhol, construídas a partir de *des-* - *desrizar*¹⁵³ “deshacer los rizos, descomponer lo rizado”¹⁵³ e *desrizar*¹⁵⁴ “Soltar los rizos de las velas”¹⁵⁴. Neste caso, o valor semântico do afixo *de-* seria interpretado como o significado de *oposição*, típico do *des-* e não do prefixo latino *de-*.

Já *debotar* (1510) “fazer perder a cor”, só é registrada pelo Houaiss, não sendo encontrada nos outros dicionários acima citados. O vocábulo aparece como forma pouco usada de *desbotar*. Curiosamente, a palavra *debotar* é descrita como formada por *de-*+ *botar* “fazer perder o fio ou a ponta” (*boto*¹ ‘que perdeu a ponta ou fio’ + -ar) –, mas sua variante, que apresenta apenas a alteração do prefixo, é apontada como de origem controversa.

Deve-se ressaltar ainda que a palavra derivada apresenta valor semântico diferente em relação à base e também não explicável pela presença do afixo. Ademais, se se comparar os vocábulos *botar*¹ e *debotar* tem-se o mesmo o valor semântico, o que indica que o formante lexical funcionaria como um reforço, mas não atribuiria valor semântico à base.

Tomando como base o processo prefixal e os valores do elemento formativo, passados às línguas românicas pesquisadas, viu-se que *de-* pode contribuir com os valores semânticos de *negação*, *diminuição*, *separação/afastamento*. Observou-se que o prefixo também aparece como reforço da base, não necessariamente atribuindo traço de intensidade.

¹⁵³ “Desfazer as ondas, cachos, descompor o cacheado/ondulado/ecaracolado.”

¹⁵⁴ “Soltar cordas/cabos da vela de um navio”.

2. Valores semânticos do prefixo de-: paráfrases na derivação parassintética

Para o estudo das formações parassintéticas, adotar-se-á o mesmo procedimento da análise prefixal, isto é, as palavras serão divididas em relação à língua de origem e ao seu significado.

2.1. Latim

- **Depopular** ¹⁵⁵ - 1960 < lat. *depopŭlo, as, āvi, ātum, āre*: “diminuir a população devido ao excesso de mortalidade sobre a natalidade (em determinada área); despovoar”

Consta que “*depopular*” seja usado como termo especializado em geografia demográfica.

- **Depreciar** (1836) < *depretĭo, as, āvi, ātum, āre* “diminuir o valor”.

Palavra associada a preço (*pretĭum, ĭi*) no sentido também de valor merecimento. Essa noção é bastante clara ainda em português. Do mesmo modo como se percebe o significado nas palavras *desprezar, desprezível/desprezável, desprezo*¹⁵⁶.

¹⁵⁵ Há *despopular*, embora a etimologia seja a mesma de “*depopular*” e ter a mesma datação, os significados são diferentes: “*diminuir(-se) ou eliminar a população de determinada área em função da emigração ou de contatos interétnicos negativos*”.

¹⁵⁶ No português medieval, ocorria a forma com “z” – *prez-*, explicando assim palavras como *prezar, prezado, prezável* etc.

Nos dois casos, verifica-se o valor semântico de diminuição dado pelo prefixo, bem como a noção verbal descrita pela paráfrase “sofrer ação referente a X”. Vê-se, assim a atuação de dois valores semânticos incidindo sobre uma mesma base – *populus* “povo” e *pretium* “preço”, sendo desta forma classificadas como formações parassintéticas.

2.1. Empréstimos

2.1.1. Francês

- **Decapitar** (século XVIII) ◀ francês *décapiter* (século XIV) < lat. *decapitare* “cortar a cabeça de”.

O processo parassintético é auferido, neste caso, pelo fato de, mesmo em latim, não ter havido uma base verbal sem prefixo, o que indica a adjunção simultânea de prefixo e sufixo. Sendo assim, *de-* atribui à base valor de separação/afastamento e o afixo *-are*, designa ação.

Igual processo e mesmos valores semânticos podem ser observados também em *decapar*.

- **Decapar** (1958) ◀ francês *décapier* (1742) “remover uma espécie de capa oxidada que recobre uma chapa metálica” ← *dé-* + *cape* + *-er*.

Nota-se, de forma clara, o valor semântico de afastamento dado pelo prefixo “tirar de x” e a noção verbal dada pelo sufixo *-er*.

Já em *debutar* o valor de afastamento só é verificável na primeira acepção do vocábulo:

- **Debutar** (1844) ◀ francês *débuter* (1547) ← de *dé-* + *but* (século XIII) “alvo, mira, meta, objetivo” + *-er*, : “deslocar” (1549), “desviar do alvo a bola de um outro jogador” (1640).

O sentido observado atualmente em português de “estrear”, “iniciar”, desenvolve-se posteriormente - (1649) “em certos jogos, dar o primeiro lance para saber quem vai iniciar a partida”, por extensão, a noção de início se generaliza (1665) “começar uma ação”, “estrear em uma atividade”.

Também se nota a mudança de significado em relação ao valor inicial encontrado em francês na palavra *defenestrar*:

- **Defenestrar** (1958) ◀ francês *défenettrer* (1564) ← *dé-* + *fenêtre* + *-er*.

Inicialmente, descrevia a ação de tirar a janela (1564) “*Ôter les fenêtres*”¹⁵⁷. Só mais tarde ocorre a acepção que atualmente se conhece em português (1863) “atirar alguém ou algo pelas janelas”. Cabe considerar aqui a possível influência do português em função do aparecimento do *s*, existente em *fenestra* (s/d), *fenestrado* “com janelas ou fresta” (1788) e *fenestral* (1881), mas inexistente na palavra francesa *fenêtre*.

Pelo exposto, observa-se que o *de-* nas formações parassintéticas, vindas do francês, designam direta ou indiretamente a noção de afastamento.

¹⁵⁷ Extraído de *Dictionnaires d'autrefois*, in <http://artfl-project.uchicago.edu/node/17>

2.1.2. Espanhol

A análise indicou apenas uma palavra com provável origem no espanhol. As informações encontradas não permitem afirmar com segurança o étimo, mas as hipóteses indicam o processo parassintético e a influência do espanhol nessas construções:

- **Derrengar** (século XVIII) “recurvar o corpo; debruçar-se, inclinar-se” ◀
espanhol *derrengar* (sXV).

Segundo o Houaiss, provém do espanhol *derregar* “descadeirar”. Já em Leite de Vasconcelos (1987-1989; 1902) encontra-se *derreado* no sentido de “coxo” e *derrancar* “fazer ficar ou ficar em estado de putrefação” como sinônimo de *derrengar*. Desse modo, é preciso admitir duas hipóteses de reconstrução nesta análise:

- ✓ lat. **derenīcāre* “romper ou lesionar os rins” ← lat. *ren, renis* “rim” + *-are*;
- ✓ lat. **derancāre* ← *de-* “mudança de estado” + *rancus, a, um* (rançoso) + *-are*;

Além de a base não estar clara, as acepções encontradas em português e em espanhol apresentarem sentidos diferentes. Em português, a palavra designa “recurvar o corpo; debruçar-se, inclinar-se”, “colocar(-se) em posição curvada, torta, desajeitada; derrear(-se)”, acepção que apresenta alteração bastante significativa, uma vez que em espanhol designa a ação de *descadeirar*, de *bater gravemente na coluna ou nas costas*

de uma pessoa ou animal¹⁵⁸. Também se pode encontrar a palavra em asturiano, como significados semelhantes ao do português - “torcer, doblar (pol dolor que se tien nel espinazu)”; “mancar (l’espinazu o’l renaz por trabayar muncho, por un golpe)”. Para Corominas (1992:447), entretanto, trata-se de palavra exclusiva do castelhano e daí passou ao português.

2.2. Português

Poucas são as criações parassintéticas com o prefixo *de-* coletadas no Dicionário Houiaiss. De 15 formações, três também são encontradas com o elemento formativo *des-*, fazendo os pares: *depenar*¹⁵⁹ (sec. XIII) e *despenar*₁¹⁶⁰ (1608); *debastar* (1866) e *desbatar* (1589); *delombar* (1873) e *deslombar* (1713), não havendo diferença significativa entre as definições desses pares. No entanto, *desbastar* não entrou na análise anterior, pois foi criada a partir da forma participial *desbastado*, forma que não existe com o afixo *de-*.

Para que a análise semântica reflita os significados do prefixo nestas formações, as palavras *delombar* e *debastar* serão excluídas da análise de *de-*, já que foram

¹⁵⁸ *Descaderar, lastimar gravemente el espinazo o los lomos de una persona o de un animal. U. t. c. prnl; Torcer, inclinar a un lado más que a otro.* Extraído de *Diccionario de La Real Academia española*.

¹⁵⁹ Em italiano, *depennare* (há a variante *dippenare*) significa *cortar parte de um texto com a pena* (DEI). Já em espanhol, a palavra apresenta-se com o prefixo *des-* e não possui significados semelhantes ao do português “*Rematar, ayudar a morir al moribundo; matar (quitar la vida); Sacar a alguien de pena*”.

¹⁶⁰ A mesma forma, a palavra *despenar* foi excluída da análise da parassíntese em *des-*, pois é mais recente que seu cognato *depenar*.

formadas posteriormente aos seus cognatos. Sendo assim, as formações criadas a partir de *de-* foram descritas assim como se procedeu com o as outras línguas.

Antes de se passar a análise, deve-se ressaltar que, apesar de serem poucas as formações, a classificação semântica no caso deste prefixo, é bastante complexa pelo fato de algumas palavras não refletirem o significado depreendido de seus formates. Isso se verificou nos vocábulos *decepar*, *derrocar*, *debruçar* e *deletrear*. Essas palavras são transparentes morfológicamente, sendo possível segmentá-las em prefixo, base e sufixo, contudo o valor semântico que possuem não revela, de forma transparente, a junção dos formantes, como se verá com mais vagar a seguir.

➤ **Decepar** (sec. XIII): “*extrair ou cindir (parte de um todo) por golpe de objeto cortante; cortar, amputar, mutilar; separar (pessoa ou grupo de pessoas) de súbito; desunir, dividir; fazer morrer; abater, derrubar; interpor-se no curso de; interromper, interceptar; anular bruscamente (os efeitos ou a capacidade de ação de); eliminar*”.

✓ **Cepo** (sec. XIII): “*pedaço ou tronco de árvore cortado perpendicularmente ao eixo; porção inferior do tronco e raízes que permanecem no solo após o corte da árvore ou arbusto, us. como lenha ou para o fabrico de carvão; cepa; essa parte da planta, que não é capaz de regenerá-la; tábua ou madeira grossas; tronco de madeira grossa, ger. assentado sobre um tripé, que serve para cortar a carne nos açougues*”.

Observa-se, pela leitura da definição dos verbetes acima, que não há dúvida de que a base de formação é mesmo *cepo/cepa*. Contudo, a palavra derivada não reflete mais o significado da base, já que a palavra ampliou seu campo de atuação. Em um

primeiro momento, *decepar*, teria significado tão somente *separar/cortar* o cepo. Assim, *decepar* não necessitaria, inicialmente, de expressar o argumento externo cognato como, por exemplo, *degelar*, *derrabar*, *depenar*. Possivelmente, pelo fato de ter expandido o seu uso, sendo empregado em outros contextos, o significado da base se apagou. Por isso, a necessidade de expressar o complemento verbal. Já em galego, espanhol e asturiano a acepção ainda evidencia a base. Em espanhol, há *decepar*, mas a forma é dada como desusada, sendo remetida para a forma *descepar* “arrancar de raíz los árboles o plantas que tienen cepa; extirpar, exterminar”¹⁶¹; Já em asturiano, o prefixo é *es-* *escepar*, com as mesmas acepções do espanhol e, finalmente, em galego *decepar* “arrancar de raíz (cepas ou árboles)”.

Em português, apesar de o vocábulo não ser totalmente transparente, é perceptível o significado de *separação* atribuído pelo prefixo *de-*.

A mesma ampliação de uso em contextos variados, provocando, de certa forma o opacidade semântica, ocorre também com a palavra *derrocar*:

➤ **Derrocar**¹⁶² (sec. XV): “*pôr ou vir abaixo (construção humana ou natural); destruir(-se), desmoronar(-se); pôr ou vir abaixo (qualquer realidade subjetiva ou social); abater(-se), arrasar(-se); fazer decair de sua grandeza; humilhar; destituir do poder; derrubar*”.

✓ **Roca**₁ (1002): “*penhasco no mar ou em terra; penha, penedo, rochedo; grande volume de pedras*”.

¹⁶¹ *Cepa*, nessas línguas, possui os significados de *cepo* em português.

¹⁶² A formação, segundo o DHLP, teria se dado a partir da base *roca*₂. Entretanto, suas acepções destoam completamente das da palavra derivada, sendo mais provável sua ligação a *roca*₁, como se vê em sua definição.

Desse modo, embora o significado da palavra derivada não esteja transparente, observa-se o significado comum do prefixo *de-*, o de *descensão* “*movimento de cima para baixo*”. Esse vocábulo é comum às línguas românicas da Península Ibérica.

O prefixo apresenta o mesmo significado na palavra **debruçar**¹⁶³ “*deitar(-se), pôr(-se), de bruços; tombar para a frente; inclinar(-se); dependurar-se, cair; curvar(-se), prosternar(-se)*”. Em galego e em espanhol encontra-se *debruzar*, com os mesmos significados.

Nota-se que o valor semântico do prefixo já foi incorporado pela palavra, não sendo facilmente depreendido, mas perceptível no significado do vocábulo como um todo.

Já em *deletrear* o significado encontrado foi o de *separação*, como se pode entrever em sua acepção.

- **Deletrear** (1789): “*ler pronunciando separadamente cada letra; soletrar; ler com dificuldade; decifrar texto escrito; fornecer uma explicação para; elucidar, esclarecer*”.

Neste caso, o significado de *ablação* não está no sentido de extração, como é comum nessas formações. Aqui o sentido seria o de pronunciar as **letras** (base) separadamente. O ato de separar é, portanto, abstrata. O vocábulo está presente em espanhol e em galego, apresentando a mesma grafia e com significado de “soletrar”, mesmo significado visto em asturiano, língua em que toma grafia distinta – *delletriar*.

¹⁶³ Deve-se lembrar também que *debruçar* pode ter sido formada por influência da sintagma “*de bruços*”, comum em locuções adverbiais (de frente, de costas, de pé etc).

Desse modo, as palavras acima discutidas, apesar de terem sofrido um processo de apagamento semântico dos prefixos, deixam entrever os valores semânticos de *Separação*, no caso de *decepar* e *deletrear* e de “*movimento de cima para baixo*” nas palavras *derrocar* e *debruçar*.

Além dos vocábulos *deletrear* e *decepar*, fazem parte do grupo semântico de separação as palavras *depenar*, *depenicar*, *derrabar*, *degranar* e *decruar*.

Dessas, apenas *decruar* exige uma explicação pormenorizada, já que, diferentemente das outras, sua base é adjetiva (*cru*), fazendo com que seja abstrato o elemento a ser *separado*, *afastado*, *retirado*. *Decruar* significa *cozinhar*, *assar*, *aferventar*, isto é, retirar a qualidade daquilo que está cru, retirar a crueza de algo. Sendo possível empregar em outros contextos no sentido de sair do estágio inicial de um processo, significando *delinear*, *esboçar preliminarmente* (um projeto, um desenho) ou ainda no âmbito da agricultura “*lavar (a terra) pela primeira vez*”.

A palavra aparece apenas em galego¹⁶⁴, mas não admite os valores metafóricos encontrados em português.

Fechando o grupo das formações parassintéticas com prefixo *de-*, estão as palavras *defumado*¹⁶⁵ (sec. XIII), *derregar*¹⁶⁶ (1713) e *defasar* (1954), as quais serão, respectivamente, apresentadas a seguir.

¹⁶⁴ *Sachar por primeira vez [unha terra dedicada a cereal] para sacar as malas herbas. 2Arar [unha terra] para preparala para sementar. 3Arar [a terra] e deixala sen sementar para que descanse durante un tempo. 4Cocer [algo] lixeiramente ou darlle unha fervura. Decruar os legumes. In: DALA.*

¹⁶⁵ Ver Capítulo 1

¹⁶⁶ A análise do vocábulo como parassíntese se mantém, pois *regar* significa *aguar*, *molhar por irrigação*, não se associando à palavra derivada *derregar*.

➤ **Defumado** (sec. XIII): “*que se defumou*”,

O vocábulo aparece apenas em galego, mas apresenta significação distinta “expulsar o fume”, indicando o valor de afastamento do prefixo. Contudo, em português, pela presença do sufixo *-ado*, confere o significado de *resultado* da ação/processo de defumar. O problema dessa paráfrase é o fato de que a forma verbal *defumar* (sec. XIV) ser posterior a sua forma participial, de acordo com a datação coletada.

Além disso, essa paráfrase não revela o valor semântico do prefixo, que neste caso apresenta o sentido de *progressão, continuação* de um processo, desembocando no sentido de repetição, assim como aparece em:

➤ **Derregar** (1713): “*abrir novos sulcos, novos regos (em terra já lavrada) para escoamento de águas pluviais*”.

Sendo assim, nos dois casos reconhece-se não só o valor de processo, mas de algo reiterado, repetitivo. Traço que não aparece em asturiano, língua que utiliza o prefixo *es-*, *esregar* “facer riegos”, nem em galego *derregar*¹⁶⁷ “abrir sucos” ou “abrir ou limpar regos”.

Já em *defasar* não há o sentido frequentativo, mas apresenta valor semântico similar ao das palavras acima citadas, podendo ser parafraseada por “(ação de) V X” em que V é ocupado pelo verbo *fazer*.

¹⁶⁷ O dicionário traz para o galego o sinônimo com outro prefixo *arregar*, inexistente no léxico do português padrão.

- **Defasar** (1954): “*produzir diferença de fase entre (dois sinais alternados de mesma frequência)*”

A mesma paráfrase pode expressar o valor de *derregar*, havendo neste caso um traço de iteração. Em *defumado* nota-se o mesmo traço frequentativo, uma vez que é preciso expor o elemento/objeto ao fumo/fumaça durante um período prolongado para que se complete o processo.

Como apontam as palavras analisadas, em construções parassintéticas, verificou-se entre os valores semânticos do prefixo *de-*, passado as línguas românicas pesquisadas, o significado de **separação**, **descensão** (*movimento de cima para baixo*) e o **progressão**, expresso pela paráfrase *ação de V X* ou *resultado da ação de V X*, além do traço iterativo, verificado nos últimos vocábulos analisados.

O quadro a seguir compara os valores semânticos encontrados em cada processo derivativo a partir do formante *de-*.

Prefixo <i>de-</i>	
Prefixação	Parassíntese
Separação/afastamento	Separação/afastamento
Diminuição	Progressão
Negação	Descensão
Reforço/intensidade	Intensidade/ iteração

Quadro 2 - Valores semânticos do prefixo *de-* em formações prefixais e parassintéticas

Observa-se que, em formações parassintéticas, o prefixo *de-* não apresenta valor negativo.

3. Derivação prefixal: valores semânticos do prefixo *des-*

De acordo com o Dicionário Houaiss de onde se extraíram os verbetes que integram essa análise, o prefixo em questão *exprime sobretudo: 1) oposição, negação ou falta: desabrigo, desamor, desarmonia, desconfiança, descortês, desleal, desproporção, dessaboroso; 2) separação, afastamento: descascar, desembolsar, desenterrar, desmascarar; 3) aumento, reforço, intensidade: desafastar, desaliviar, desapartar, desferir, desinfeliz, desinquieto*¹⁶⁸. Said Ali (1964)¹⁶⁹ divide as formações em substantivas e verbais, mas aponta os mesmo valores semânticos descritos por esse Dicionário.

Para esta análise, os vocábulos foram separados, inicialmente, de acordo com a classe gramatical da base. Separação motivada em função de alguns estudos que abordam uma pretensa seleção categorial e/ou semântica do elemento formativo *des-* (Mioto e Silva: 2009; Medeiros, 2010). Nas formações prefixais, observou-se que o prefixo tem preferência pela adjunção a bases verbais e contribui, na maioria dos casos com o valor de oposição/negação em relação à ideia designada pela base. Mas também se junta a bases substantivas e adjetivas.

¹⁶⁸ DHL, grifos nossos.

¹⁶⁹ O Dicionário Aulete (iDicionário Aulete) reproduz quase fielmente os significados apontados por Said Ali.

Como se sabe, a ideia de negação pode ser expressa por meio de diversas paráfrases. Por isso, destacar-se-ão algumas dessas palavras para tentar entender as singularidades dessas formações.

3.1. Verbos

O afixo *des-* mostra-se bastante produtivo em formações a partir de bases verbais. A análise empreendida com os verbetes do DHLP mostrou que grande parte das criações com o prefixo neolatino é composta por verbos, cerca de 70% dos casos, como se verá no capítulo seguinte.

As palavras foram divididas de acordo com os significados e com as paráfrases representativas do valor semântico de *des-*:

3.1.1. Negação x oposição x inversão

A negação é o principal valor semântico atribuído pelo prefixo *des-* e se expressa por meio de diversas paráfrases. É imperioso destacar ainda que, muitas vezes, a negação confunde-se com o significado de *afastamento/separação*. Assim, em *descrer* (século XIII) e *desatender* (1679-1696) a noção dada pelo prefixo pode ser traduzida por uma negação simples “não crer” e “não atender”. No entanto, há casos em que o

des- não pode ser expresso por uma negação em relação à palavra-base, mas pela ideia veiculada por esta base, fazendo uma oposição ao significado da forma simples.

Como exemplo, podem-se citar as palavras *desdizer* (século XIII) e *desaprender* (século XIII). Em nenhum dos casos seria correto apontar como paráfrases “não dizer” e “não aprender”. Nestes casos, significam, respectivamente, “retirar o que foi dito”, ou seja, “negar” e “esquecer”. Nota-se que o resultado da paráfrase remete para formações em relação de antonímia em comparação com a forma prefixada. É oportuno esclarecer o processo semântico de oposição ou reversão creditado ao prefixo *des-*. Deve-se ressaltar que a oposição incide sobre o resultado da ação descrita pelo verbo e não para a ação ou processo que este verbo descreve.

Ainda com noção de *oposição*, podem-se citar:

- **Dessoterrar** (século XIII) – “retirar da terra”.
- **Desabraçar** (1660) – “*desvencilhar (a pessoa abraçada) ou desvencilhar-se dos braços de; afastar(-se), soltar(-se)*¹⁷⁰”.
- **Desatar** (século XIII) – “soltar”. Neste caso, é possível apontar a presença desse vocábulo em galego-português, já que também estão presentes em galego, espanhol e asturiano, com os mesmos significados.
- **Desaguar** (1624) – “fazer a água escoar de; esvaziar a água de tornar seco”, ou seja, secar. Em espanhol¹⁷¹, asturiano¹⁷² e catalão¹⁷³ encontra-se “desaguar”, mas não aparece o valor de oposição, tal qual se verifica em português.

¹⁷⁰ Nota-se neste caso a aproximação com os valores de afastamento. Contudo, o valor inicial é o de negar a ação expressa por “abraçar”, ou seja, “prender”. Sendo assim, o valor de oposição parece mais adequado para descrever o significado do prefixo nesta criação.

- **Descingir** (século XIII) - “desatar, desapertar” o sentido de separação também pode ser depreendido pela análise da base, uma vez que esta designa “fechar, rodear, circundar”. Ressalta-se que essa formação foi encontrada apenas em português.
- **Desenganar** (século XIII) “tirar ou sair de engano; esclarecer (alguém ou a si mesmo) a respeito de um erro; desiludir(-se)”. “Desenganar” alguém é, portanto, dizer a verdade. O vocábulo é comum às línguas neolatinas da Península pesquisadas neste estudo.
- **Desencolher** (século XIII) “tirar ou perder o encolhimento, retomando a dimensão anterior, alongar-se”. Com significados semelhantes, encontra-se o vocábulo em galego (*desencoller*) e em espanhol (*desencoger*).
- **Desamontoar** (século XIV) “separar coisas que estão acumuladas em monte(s); desacumular, desaglomerar, desempilhar, desencastelar”.

Já em *desamar* (século XIII) é possível interpretar como “não amar” ou “deixar de amar”. Novamente, a formação está presente em galego, espanhol e catalão, indicando sua possível presença em galego-português.

¹⁷¹ *Desaguar* - “*Desenlazar una cosa de otra, soltar lo que está atado, Desleír, liquidar, derretir*”. Em espanhol pode-se verificar também valores metafóricos não presentes em nenhuma das línguas arroladas acima. (DRAE)

¹⁷² *Desaguar* - “*Dar salida (al agua que contém un caciu, una canal). 2 Salir (l'agua d'un caciu, d'una canal)*.” (DALA)

¹⁷³ *Desaiguar* - “drenar”; (GDLC)

A noção de oposição também pode ser vista na palavra **desinflamar** (1661) “curar-se do processo inflamatório”. Neste caso, pela natureza semântica da base, podem-se admitir paráfrases como “diminuir X”.

A palavra *desservir* (século XIII) pode ser entendida como negação “não servir” ou como oposição “prestar mau serviço”, “causar dano a (alguém, algo ou si mesmo)”, passando a indicar também um valor pejorativo, desenvolvido pela interpretação do vocábulo e não do prefixo.

- “Cessar/ deixar de X” e “Fazer perder ou perder X”:

- **Desembargar** (1255) “suspender o embargo”. O vocábulo foi encontrado em galego, espanhol, catalão e asturiano sem qualquer alteração semântica nem formal.
- **Desamparar** (século XIII) “privar de ajuda material e/ou moral; abandonar”. O mesmo significado é observado também nas demais línguas neolatinas da península ibérica, citadas neste estudo.
- **Desviver** (1713) “parar de viver”. Neste caso, a leitura como oposição não é possível. O exemplo fornecido pelo DHLP, “desviver o passado” significa *parar de viver o passado* e não pode ser entendido como *fazer morrer o passado*. Neste caso, a formação descreve um processo de *diminuição de vitalidade*. Em espanhol e asturiano encontra-se a forma verbal reflexiva. No entanto, nessas línguas toma apenas o sentido metafórico e intensivo, respectivamente, *desvivirse* “mostrar incesante y vivo interés, solicitud o amor

por alguien o algo”¹⁷⁴ e *desvivise* “esforciase o esmolese (muncho por daquién)”¹⁷⁵.

- **Desonrar** (1174) “prejudicar(-se) comprometendo a honra, a reputação; deslustrar(-se), desacreditar(-se), desonestar(-se)”. A única diferença entre essa formação e as encontradas nas línguas pesquisadas foi a ortografia. Em espanhol, galego e catalão há *deshonrar*.
- **Deslustrar** (1660) “fazer perder ou perder o lustre, o brilho; tornar(-se) baço”. A formação só não foi encontrada em asturiano, estando presente em espanhol, galego e catalão¹⁷⁶.
- **Desluzir** (1654) “fazer perder ou perder o luzimento, o brilho; tornar(-se) fosco; embaçar(-se), deslustrar(-se)”. A paráfrase também cabe às formações do galego e do espanhol *deslucir* e asturiano *desllucir*.
- **Desmemoriar** (século XIII) “provocar perda de memória”. É interessante observar que em catalão e em espanhol ocorre a forma reflexiva do verbo, respectivamente, *desmemoriar-se* e *desmemoriarse*. Em galego, há a indicação de que se trata de verbo pronominal e em asturiano a forma preservada apresenta o prefixo *es-* - *esmemoriar* - “Dexar ensin memoria. Quedar ensin memória”

¹⁷⁴ “Mostrar um interesse incessante e vivo, requerer o amor por alguém ou algo”. (DRAE)

¹⁷⁵ “Esforçar-se ou esmorecer muito por alguém” (DALA)

¹⁷⁶ Em catalão é grafado de forma distinta das demais línguas – *desllustrar*.

- **Deserdar** (1152) “privar da herança”. Em espanhol e asturiano encontra-se a forma *desheredar*, podendo designar em espanhol aquele que é considerado indigno. Em galego *desherdar*, com mesma acepção vista em português.

3.1.2. Afastamento/separação:

O valor semântico de afastamento pode ser traduzido por construções como “tirar X de” ou “tirar de X”, “separar/afastar de X”, “privar de X”.

- “Tirar x de”, “tirar de x”, “tirar algo de x”, privar de x:

- **Desempeçar** (1279) - “livrar(-se) de empecilho, de empeco; desembaraçar(-se), desempecer(-se), desempecilhar(-se)”.
- **Desconfortar** (século XIII) - “privar (algo ou alguém) do conforto, tirar o conforto a”.
- **Desapoderar** (século XIII) “tirar o poder”.

Dessas, *desconfortar* é encontrada em galego. As demais aparecem apenas em português.

- **Desabrigar** – (século XIV); “tirar o abigo”. É interessante perceber o sentido inicial da base *abrigar* < *aprīco* “aquecer ao sol”; “abrigar do frio ao sol”. Sendo, pois, uma base de origem latina, não surpreende a presença desta forma tanto em galego, espanhol, asturiano e catalão.

- **Desarraigar** (século XIII) “arrancar pela raiz”, permitindo também o sentido metafórico “por fim em algo”. Aceções encontradas em espanhol e galego.
- **Desarmar** (século XIII); “livrar-se da armadura, arma”, também compõe o léxico das línguas: catalão, asturiano, galego e espanhol.

Analisando as palavras cujas datações são mais antigas, remontando às origens da língua portuguesa, verifica-se que se trata de palavra comum aos idiomas românicos, falados na península ibérica.

Destaca-se também que o *des-*, associa-se a muitas bases verbais formadas por parassíntese, designando a ação de desfazer o resultado do processo descrito pela base. Contudo, as singularidades das palavras-bases permitem uma diversidade de paráfrases, como mostram os exemplos:

- **Desengordar** ← des- + engordar ← (en- + gordo + -ar) “fazer perder ou perder a gordura; desengordurar, emagrecer.”
- **Desenformar** (Século XIV) ← des- + enformar ← (en- + fôrma + -ar) “retirar da forma”, “retirar a forma de”. A ideia de ação contrária verifica-se retirar da formar aquilo que foi enformado.
- **Desempacotar** (1899) ← des- + empacotar ← (em- + pacote + -ar) “desfazer (pacote, embrulho); desembulhar, desenfardar”.
- **Desempoeado** ← des- + empacotar ← (em- + pó + -ar) “limpar(-se) de pó, poeira; desempoeirar(-se)”.

- **Desassisar** (século XIII) ← des+ assisar ← (a- + siso + -ar) “tirar o siso, o juízo de; perder o siso; desatinar, enlouquecer, ensandecer”. Nota-se que a palavra é empregada tanto no sentido literal “tirar o siso (dente)”, quanto metafórico “perder o juízo”.

Ainda em relação às formações verbais com o prefixo *des-*, ressalta-se que em alguns casos, principalmente, aqueles de prefixação antiga na língua, o valor do prefixo não é tão facilmente depreendido, como em *desfazer* (1124), *desafiar*¹ (1188- 1230) e *desaconselhar* (século XIII).

“Desafiar¹”, de acordo com Bluteau, prende-se ao verbo *afiar*, no sentido de “confiar”, “manter fidelidade”, acepções que não mais existem em português¹⁷⁷. Para o autor, “*desafiar é apartar da fé, da amizade recíproca e, como antigamente os fidalgos se obrigavam a guardar entre si todas as leis de uma mútua fidelidade, desafiar pertence própria e singularmente aos fidalgos, em razão da fé que se têm reciprocamente prometido*”. Desse modo, o prefixo *des-* atribuiria o valor de negação, visto que nega o sentido veiculado pela base.

Em Moraes Silva, *desafiar* significaria “não mostrar medo”. Contudo, o autor não faz distinção entre a formação *desafiar*¹ “incitar duelo” *desafiar*² “perder o fio”, descrevendo as acepções a partir de uma mesma entrada no dicionário, já que essa obra lexicográfica utiliza o critério gramatical e não o semântico para definir suas entradas.

¹⁷⁷ Essa análise mostra a importância de um estudo histórico, uma vez que, se tomada apenas a língua atual, não seria possível descrever de forma coerente a formação vocabular em questão.

Apesar de a explicação dada por Bluteau estar calcada em uma base cujo significado não mais se verifica em português e a datação para a significação de confiar é do século XIV, posterior à datação da palavra prefixada, a presença do vocábulo em galego, espanhol, asturiano e catalão, com os mesmos significados, ajudam a confirmar tal hipótese. Além disso, viu-se, no estudo do formante *de-*, que às vezes passava-se ao português apenas a forma complexa, caindo em desuso a palavra simples, sem prefixo.

Já em *desaconselhar* (século XIII) não é possível descrever seu significado com a negação simples, já que não designar a ação de “não aconselhar” e, sim “aconselhar (alguém) [a que não faça determinada coisa]; dissuadir, contra-indicar”. Assim, para depreender o valor negativo de *des-* nesta formação é necessário investigar as acepções da palavra-base aconselhar, que além de significar “orientar”, pode designar “recomendar sugerir algo” e é neste sentido que se prende à noção negativa do prefixo.

3.1.3. Intensidade

O valor de intensidade é reconhecido, muitas vezes, pela noção frequentativa ou iterativa. Em outros casos, a intensidade só é observável pela análise da acepção do verbete de base, como indica o exemplo a seguir:

➤ **Desabalar** (1629) - Nota-se que a intensidade incide sobre a acepção de *abalar* “partir ou transportar-se de um lugar para outro; ausentar-se, afastar-se”, uma vez que a forma prefixada designa a ação de “correr desenfreadamente”.

Na maioria dos verbos analisados, a intensidade aparece mais como um traço e não como principal valor semântico. Destacar-se-á como exemplo o vocábulo *desbaratar*.

➤ **Desbaratar** (Século XIII) ← *des-*+*baratar* “negociar, reduzir o preço, baratear” - “gastar indevidamente, desperdiçar”. Notam-se, pela leitura da acepção da palavra-base e do vocábulo derivado, as noções de oposição e intensidade.

Do mesmo modo, a presença do traço de intensidade pode ser observada em diversas formações em *des-*, não sendo, contudo, predominante nessas construções, como se percebe em: *desapartar*, *desaliviar*, *desaastar*.

3.2. Substantivos

Em alguns estudos morfológicos a respeito do prefixo *des-*, fala-se de sua capacidade de seleção categorial. No já referido estudo de Silva e Miotto: 2009, afirma-se que o citado afixo não selecionaria bases substantivas apenas verbais e adjetivais. Contudo, a análise dos verbetes indicou a associação do prefixo com um grande número de bases substantivas, como se verá abaixo.

- **Desafeição** (1660) “*diminuição ou perda de afeição; desafeiçoamento, ausência de afeto, de amizade; desamor; hostilidade*”.

A noção dada pelo prefixo é negativa, sendo parafraseado por “falta de X”. Essa palavra também está presente em galego (*desafección*), espanhol (*desafección*) e catalão (*desafecció*). Isso pode sugerir que a palavra já estivesse presente em galego-português. Interessa salientar que o valor atribuído pelo prefixo é o mesmo em todas as línguas citadas.

- **Desafetação** (1713) “ausência de afetação; espontaneidade na maneira de ser, falar e agir; naturalidade, simplicidade”.

Há em português uma segunda acepção utilizada no âmbito jurídico “ato pelo qual se desfaz um vínculo jurídico, inerente à natureza de alguma coisa, à propriedade ou à posse, fazendo desaparecer a *affectatio*, isto é, o poder ou o direito sobre ela” É nesse sentido que se encontra empregada a palavra “*desafectación*” em espanhol “*Declarar formal o tácitamente que un bien de dominio público queda desvinculado de uso o serviço público.*”¹⁷⁸ E este do francês *désaffecter*¹⁷⁹ (1872-78) que admite apenas o termo usado na administração pública. Analisando os registros de datação dos dicionários, verifica-se que, para o português, a palavra poderia receber outra entrada no

¹⁷⁸ Extraído de DRAE.

¹⁷⁹ 1-Émile Littré: *Dictionnaire de la langue française* (1872-77) DÉSAFFECTER - Terme administratif. Cesser d'affecter une somme, un objet à un emploi déterminé. 2-Dictionnaire de l'Académie française, 8th Edition (1932-5) DÉSAFFECTER. v. tr. Enlever le caractère public à un lieu ou à un édifice ou En changer la destination. Désaffecter un temple, une école. Extraído de DAF.

dicionário, visto que se trata de palavras com origens diferentes, uma em português (*des-* + *afetação*) e outra via empréstimo.

Desse modo, considerando-se a primeira acepção em português, o valor semântico dado pelo prefixo é o de negação e também pode ser parafraseado por “falta/ausência de X”.

- **Desambição** (1666) – “ausência de ambição; desapego, desprendimento, falta de interesse”.

Verifica-se, novamente, valor negativo e a mesma paráfrase “falta/ausência de X”. A pesquisa em outras línguas românicas da península ibérica mostrou que o vocábulo é autóctone (*des* + *ambição*).

Nos três casos acima analisados, viu-se que *des-* associou-se a bases derivadas com o sufixo *-ção*, formador de substantivos abstratos, e atribui valor negativo, parafraseável por “falta/ausência de X”. Essa parece ser uma regra de atuação do prefixo frente a bases substantivas abstratas. Assim, como o mesmo sufixo etimológico *-ionis*, pode-se observar essa tendência em **desatenção** (1679-1696) “ausência de atenção”, **desproporção** (1536) “falta de proporção”, **despretensão** (1881) “ausência de pretensão”, **desunião** (século XIV) “falta de união”, **desconexão** (1881) “falta/ ausência de conexão”, **desprevenção** (1660) “falta de prevenção”.

Como outros sufixos com função semelhante a *-ionis*, obtém-se igual significação:

- ✓ **-dade**: *deslealdade* (século XIII) “falta de lealdade”; *desonestidade* (século XIV) “falta de honestidade”; *despiedade* (1713) “ausência de piedade”; *desautoridade* (1543) “falta de autoridade”; *desigualdade* (século XV) “ausência

de igualdade”, *desumanidade* (1536) “falta de humanidade”; *desconformidade* (1548) “falta de conformidade”.

- ✓ **-ência/-ença, -ância/-ança** – *desinteligência* (século XIV) “falta de inteligência”; *desobediência* (século XIII) “falta de obediência”; *deselegância* (1889) “falta de elegância”; *dessemelhança* (século XIV) “falta de semelhança”; *destemperança* (século XIV) “falta de temperança”; *descrença* (século XIII) “falta de crença”.
- ✓ **-mento** – *desprazimento* (século XIV) “ausência de prazimento (aprazimento, prazer)”.
- ✓ **-agem** - *desvantagem* (1836) “falta de vantagem”.
- ✓ **-ura** – *descompostura* (1600) “falta de compostura”; *desventura* (século XIII) “falta de ventura/sorte”.
- ✓ **-ia/ -íia** – *descortesia* (século XV) “falta de cortesia”; *desconcórdia* (século XIV) “falta de concórdia”.
- ✓ **-ude** - *desvirtude* (1543) “falta de virtude”.

Contudo, em outras palavras com o sufixo *-ionis*, vê-se que o prefixo atribuiu valor de oposição, negando a ideia contida na base, sendo parafraseado por “desfazer/ fazer cessar X”, como em *deslegitimação*, *descomposição*, *descompressão*, *desinfecção*. A diferença entre as bases selecionadas é semântica. Nos primeiros vocábulos, temos um substantivo abstrato que designa uma propriedade de algo ou alguém, como “proporção” e “atenção”, já em “legitimação” e “infecção”, por exemplo, apesar de se tratar também de substantivo abstrato, essas palavras descrevem o “ato ou efeito de

alguma ação”. Assim, o prefixo contribuiu com a noção de oposição, designando a ideia de “desfazer/reverter” aquilo que é descrito pela base.

Do mesmo modo, podem ser interpretadas as palavras ***desopressão***, ***desobstrução***, ***desinflação***, ***desincrustação***. Com o sufixo *-mento*, também responsável pela atribuição de valores *nomina actionis*, podem-se citar *desarmanento* (1789) e *desentendimento* (Século XV).

3.3. Adjetivos

O prefixo *des-*, ao se associar a adjetivos, confere a eles, a negação da propriedade descrita pela palavra-base. Esse valor negativo pode ser prafraseável por “que não tem X^{Suf.Adj.}”/ “desprovido de X^{Suf.Adj.}” ou “não é X”. O prefixo associa-se a um grande número de bases derivadas com sufixos adjetivais, não alterando, no entanto, o valor semântico acima referido. Assim, as palavras analisadas serão dispostas de acordo com o sufixo, uma vez que a paráfrase é quase sempre a mesma para as formações adjetivas.

- ✓ **-oso:** *desarmonioso*, *desatencioso* (1836), *desbrioso* (1899), *desgracioso* (1863), *desonroso* (1844), *despiedoso* (1567), *despretensioso* (1881), *desprimoroso* (1567), *desvalioso* (1899), *desvantajoso* (1816).
- ✓ **-ante, -ente:** *descontente* (século XV), *desconveniente* (século XIV), *desobediente* (século XIV) e *dessemelhante* (1543).

- ✓ **-ês**: descortês (século XIII).
- ✓ **-vel**¹⁸⁰: *descaroável* (século XIX¹⁸¹), *desfavorável* (1779), *desprazível* (século XV);
- ✓ **-al**: *descomunal* (século XIII), *desnatural* (1899), *desproporcional* (1524-1585);
- ✓ **-ido** (*-īdus*): *desaborido*
- ✓ **-ado, -ido**: No caso dos afixos que compõem também o particípio, pode-se verificar a paráfrase “não é X”, como em *desaxessuado* (século XX), *desapaixonado* (1543).

Em outros casos, essa interpretação não é possível, como *desafeiçoado*² “que se desafeiçoou”, portanto, assemelhando-se à paráfrase verbal (*-ar*) “fazer perder X”, mas com alteração de sufixo (*-ado*) “que perdeu X”, assim como se vê também em *desavergonhado* (sec. XIII): “*que ou quem perdeu ou demonstra não ter vergonha; sem-vergonha*”. Mesmo significado encontra-se em *deszavergonzado*, presente em espanhol e catalão.

Já em *desinsofrido* (1913) “muito impaciente; agitado, insofrido” o prefixo presta-se ao valor de intensidade, em relação à acepção específica da base *insofrido* “que não demonstra paciência”. Semelhante ao que acontece com *desinfeliz*¹⁸², em que o *des-* atribui intensidade a uma base já derivada por um prefixo negativo *in-*. O dicionário

¹⁸⁰ Neste caso, só se pode admitir a paráfrase “não é X”.

¹⁸¹ A datação é dada como imprecisa pelo Dicionário Houaiss.

¹⁸² Poder-se-ia pensar que, em dado contexto, o *des-* assumiria o seu valor mais comum - o de negação, atuando como valor reversivo e invertendo o significado negativo de *in-*, no entanto, viu-se acima que, nos adjetivos, este prefixo ativa o valor de negação simples “sem X”, “desprovido de X”.

reconhece ainda as formas substantivadas *desinfelicidade* e *desinsofrimento*, ambas sem registro de datação. Nota-se nesses casos o reforço estilístico da base.

Assim como os sufixos participiais, o sufixo *-ivo* também denota a mesma noção, podendo ser parafraseado por “que X^v”.

✓ **-ivo**: *desopilativo* (1677) “desopilante”, “que desopila”.

Retomando a hipótese de Neira (1976) acerca da distribuição semântica do prefixo *des-* em galego-português (vide capítulo 2) vê-se que, nos substantivos e nos adjetivos, de fato, verificou-se apenas o valor negativo. Já nos verbos observou-se o significado de afastamento, mesmo em formações prefixais, desde o século XIII. Contudo, a análise das formações com noção negativa são ainda mais antigas na língua, como mostrou os exemplos *desfazer* (1124), *desafiar* (1188-1230), *desonrar* (1174) *deserdar* (1152).

4. Derivação parassintética: valores semânticos dos prefixos *des-*

4.1. Espanhol

- **Desfaçado** (1536) ◀ spa. desfazado ← des- + faz (cara) + -ado, - “descarado, desavergonhado

Esse mesmo significado é encontrado em português. Deve-se ressaltar que tal forma só ocorre no particípio em espanhol. Em português, há a forma pronominal *desfarçar-se*, mas sem registro de datação. O valor do prefixo é de oposição, mas verificável pelo resgate da metáfora que se estabelece na formação do vocábulo.

- **Deslumbrar** (1643) ◀ spa. deslumbrar ← des- + lumbrar + -ar, “Ofuscar a vista pelo excesso de luz”; “deixar alguém confuso o admirado”; “Produzir grande impressão”. Essas acepções também se encontram em português.

Neste caso, o prefixo também atua na formação da palavra de modo metafórico, contribuindo com o valor de intensidade.

- **Despenhar** (século XIV) ◀ spa. despeñar ← des- + peña + -ar “precipitar y arrojar a alguien o algo desde un lugar alto y peñascoso, o desde una

prominencia aunque no tenga peñascos”¹⁸³ e também “precipitarse, desenfrenarse y entregarse ciegamente a pasiones, vicioso maldades”¹⁸⁴.

Em português, além do sentido de “jogar (-se) ou precipitar (-se) de grande altura”, também se desenvolveu o sentido metafórico. Neste caso, o prefixo parece conferir à formação o valor de movimento descendente, típico do formante *de-* latino. Pode-se verificar ainda neste vocábulo o traço de intensidade, contudo, não se pode afirmar que seja contribuição do prefixo.

➤ **Desvalijar** (1660) ◀ spa. desvalijar (1609) ← *des-* + *valija* (valise/mala) + -*ar*“, “quitar o robar el contenido de una maleta o valija”¹⁸⁵, “despojar a alguien de su dinero o de sus bienes mediante robo, engaño, juego”¹⁸⁶.

Tendo o português os mesmos significados, pode-se perceber que o valor de separação, descrito pela paráfrase “tirar de x”, atribuído pelo *des-*. Já o afixo *-ar*, confere à formação a noção de ação. Desse modo, prefixo e sufixo poderiam ser descritos “ação de tirar de X”.

¹⁸³ *Precipitar jogando alguém ou alguma coisa a partir de um lugar alto e rochoso, ou a partir de um lugar alto, ainda que sem rochas/penhasco. (DHLP)*

¹⁸⁴ *Perder o rumo, entregar-se cegamente a paixões ou aos vícios. (idem.)*

¹⁸⁵ *Acabar com ou roubar o conteúdo de uma mala ou valise. (idem.)*

¹⁸⁶ *Roubar o dinheiro de alguém, mediante roubo, trapaça ou jogo. (idem.)*

4.2. Português

A análise semântica de *des-* permitiu observar que esse prefixo em português é muito mais polissêmico do que aponta a descrição presente nos dicionários. Abaixo os significados foram organizados de acordo com as paráfrases e separados seis em grupos: *separação, diminuição, negação, causativos/incoativos, golpe e intensidade*.

4.2.1. Separação

Esse significado é o mais produtivo nas formações parassintéticas com o prefixo *des-* e pode ser representado por três paráfrases básicas, a depender dos valores semânticos da base selecionada. Esse significado pode ser expresso pelos verbos *tirar*, *afastar*, *separar*, modificando-se sutilmente pela posição da preposição *de*. Assim, tem-se:

✓ ***Tirar/afastar/ (fazer) perder de X:***

➤ ***Descortinar*¹⁸⁷** ← *des-* + *cortina* + *-ar* (1649) “remover, tirar ou levantar a cortina”.

¹⁸⁷ cat. *desencortinar*.

Aparece também em espanhol, mas com significação bastante específica “*Destruir la cortina o muralla batiéndola a cañonazos, o de otro modo*”. Essa acepção também ocorre em português “derrubar cortina de fortificação.” Do mesmo modo, pode-se traduzir pela paráfrase “*ação de tirar X de*”.

- **Despolpar** (1899) “tirar, separar a polpa”. Prefixo de fácil depreensão também em espanhol (*despulpar*) e em catalão (*despolpar*).
- **Desbragar** (século XIII) “soltar a braga”. Mesmo significado visto em espanhol e em catalão (*desbragat*).
- **Desbarbar**¹⁸⁸ (século XV) “cortar ou raspar a barba”. Em asturiano o prefixo é *es-* - *esbarbar*, já em galego, espanhol e catalão a forma é igual ao do português – *desbarbar*.
- **Desfolhar**¹⁸⁹ (1540) “despojar das folhas”. Em português também há *esfolhar*, com o mesmo significado e datado posteriormente à forma com *des-* (1789). Dentre as demais línguas pesquisadas, apenas em galego encontraram-se as formas *desfollar* e *esfollar*, no entanto, nesta língua a forma preferida é a com o prefixo *es-*. Em asturiano (*esfollar*), espanhol (*desfollar*) e em catalão (*desfolrar*) tomam sentido diferente, significando “tirar a pele”. Em espanhol, o étimo apontado é **exfollāre*, o qual teria, por meio desta língua, dado origem ao vocábulo português *esfolar* (XIII). Há ainda *esfoliar* < *exfolio* “tirar as folhas”, que em português designa “separar, por lâminas, escamas ou fólhos, a superfície”.

¹⁸⁸ Em ast., *desbarbáu*, -ada, -ao “ensin barba. 2 Esfilacháu, con filaches”.

¹⁸⁹ Em por. forma com o prefixo *es-*, *esfolhar*.

- **Desfrutar** (século XIII) “gozar, usufruir”. Com a mesma significação, possui o catalão *desfruitar*; o asturiano, as formações *esfrutar* e *disfrutar*; o espanhol *desfrutar* e *disfrutar*¹⁹⁰, e o galego, *desfrutar*.
- **Descaroçar**¹ (1776) “tirar os caroços”, podendo ser encontrada em espanhol e galego – *descarozar*.
- **Despelar**¹⁹¹ (1881) “tirar o pelo”. Vocábulo presente apenas em asturiano, com mudança de prefixo - *espelar*.
- **Descapotar** (1949) “abaixar a capota”. Esse verbo também compõe o léxico do galego e do espanhol.
- **Despeitorar**¹⁹² (sec. XVI) ← des- + *peito* sob a forma rad. *peitor-* (< lat. *pectus, ōris*) + -ar “expelir do peito”. A formação com o prefixo *des-* existe apenas em português. De acordo com o Houaiss o primeiro sentido é obsoleto. A acepção atual “manifestar-se com sinceridade”, parte do sentido figurando “tirar do coração”.
- **Descarreirar** (1273) “desviar do carreiro, do caminho; desencaminhar, desencarreirar”. Em Espanhol, *descarriar*; galego e catalão, *descarrerar*. Nessas

¹⁹⁰ Em espanhol há também o sentido literal, embora descrito como desusado “Privar de fruto a una planta antes de que llegue a sazón.”

¹⁹¹ A forma homônima *despelar* (tirar a pele) não foi considerada na análise, pois aparece sem registro de datação no Dicionário Houaiss.

¹⁹² Em spa e gal., há apenas a formação *expectorar*, também presente em português, do latim *expectorare*. *expectôro, as, âvi, âtum, âre* “lançar fora do peito”

línguas admite-se tanto o sentido literal quanto o figurado¹⁹³, isto é, “apartar-se do que é justo e razoável”.

- **Descarrilar** (1881) Em espanhol, galego, catalão esse vocábulo é usado apenas para trem “provocar a saída dos carris”. Já em português, admite-se o sentido literal e o metafórico “fazer sair do caminho socialmente aceitável”. Em asturiano, a forma encontrada foi *escarrilar*.
- **Despencar** (1899) ← *des-* + *penca* + *-ar* . “soltar, separar da penca”.
- **Desgalhar** (1672-1693) ← *des-* + *galho* + *-ar* “tirar, cortar o(s) galho(s), o(s) ramo(s) a”. Ressalta-se que na acepção deste verbete aparece também *esgalhar* (1632) “dividir-se ou espalhar-se em subdivisões” ou “cortar ou arrancar os galhos”, indicando que seriam formas sinônimas. Contudo, o vocábulo *esgalhar* admite também o significado de “golpear ou ferir a galhadas”.¹⁹⁴

É preciso ressaltar ainda que, muitas vezes, o prefixo se associa aos valores figurados dos vocábulos. Desse modo, a derivação metafórica é anterior à prefixação e não ocorre em consequência desse processo formativo. Esse é o caso de palavras como *descerebrar* (1899), *desmiolar* (1713) e *desfrutar* (sec. XIII), por exemplo.

Em *descerebrar*, percebe-se que o afixo seleciona o sentido “*faculdade mental, capacidade intelectual, inteligência, talento, cabeça*”, encontrado entre os significados do verbete *cérebro*, sendo indicado como *derivação por metáfora*, já que a acepção do vocábulo aponta para “*fazer perder ou perder o juízo, o tino; torna-se idiota, néscio*”.

¹⁹³ Sentidos figurados: “*Dicho de una persona: Separarse, apartarse o perderse de las demás con quienes iba en compañía o de las que la cuidaban y amparaban. Apartarse de lo justo y razonable*”.

¹⁹⁴ Usados como regionalismo nos Açores. (Vasconcelos, 1887-1943)

Desmiolar apresenta o mesmo significado que *descerebrar*, sendo também formada a partir do sentido metafórico de **miolo**, isto é, *grande inteligência, equilíbrio mental, juízo, sensatez*.

De forma semelhante, o significado da base selecionada em **desfrutar** “estar na posse de (vantagem, benefício material ou moral); gozar, lograr, usufruir; colher os frutos de (lugar), esp. sem despendar esforços no cultivo” é o sentido figurado de *resultado final de um trabalho; produto vantajoso, vantagem; rendimento*.

4.2.2. Diminuição

Apesar de apresentar, dentre as construções analisadas, apenas uma palavra com esse significado (*desbastado*), decidiu-se por manter o grupo semântico, uma vez que o significado da base não permite uma paráfrase como as apresentadas no primeiro grupo, muito embora o significado esteja associado, pois a ideia de separação, no sentido de se “*tirar, extrair algo*” esteja subjacente, sendo uma nuance daquele. Ademais, diferente das formações do grupo de separação, em que as bases licenciadas são substantivos, neste caso, a base é adjetiva.

O vocábulo **desbastado** (1589) aparece definido como “*em que se fez desbaste; que se fez menos denso*”. Já a base do vocábulo significa “*que possui espessura e densidade; cerrado, encorpado*”. Muitas vezes a acepção do verbete é circular e envolve as palavras cognatas, o que pode confundir a definição exata do prefixo. No entanto, é possível perceber, neste caso, o significado de *diminuição*.

4.2.3. Negação

O significado de *negação* é, facilmente, ligado ao de *separação*, já que a ideia expressa por este pode levar àquele em uma sequência lógica. Essa relação será mais bem explorada na seção 3. Neste grupo, estão as palavras que podem ser interpretadas por meio das paráfrases “que não tem x” ou “que perdeu X”:

- **Desgorgomilado** (século XVI) ← *des-* + *gorgomilo* + *-ar*. (sec. XVI): “*sem gorgomilos*”;
- **Desalmado** (século XV) ← *des-* + *alma* + *-ado* (sec. XV): “*que ou quem não se sensibiliza, não se comove com a tragédia do próximo, nem corresponde ao amor que recebe; desumano, desnaturado*”¹⁹⁵. Vocábulo presente em espanhol e galego.
- **Descelulado**¹⁹⁶ (1847-1890) ← *des-* + *célula* + *-ado* (1847-1890): “*exaurido de células de*”.
- **Descaminhado**¹⁹⁷ (1644): “*que se desencaminhou; descaminhado; distanciado do percurso estabelecido; perdido; afastado da moral estabelecida, do bom senso; corrompido, depravado, pervertido*”. Mesma metáfora encontrada em *descarrilar*, em português, e *descarreirar*, galego,

¹⁹⁵ *Alma* está aqui no sentido metafórico, significando *conjunto das afeições, dos sentimentos, da vida afetiva; manifestação (como afeição, generosidade, caridade, compaixão) da natureza moral*.

¹⁹⁶ A forma histórica foi o feminino *descelulada*.

¹⁹⁷ O significado foi extraído do verbete *desencaminhado*, já que o DHLP faz remissão direta a este sem outra definição complementar.

espanhol, catalão. Do mesmo modo, aparece o sentido figurado em *descaminado*, encontrado em espanhol e em catalão.

- **Descarado**¹⁹⁸ (1713): “*que ou aquele que não sente constrangimento por seus atos censuráveis; desfaçado, sem-vergonha, impudente*”. Pode-se achar também em galego, espanhol e galego.
- **Desnevado** (1662): “que se desnevou, que ficou sem neve”. Formação presente em galego e em espanhol. Já em asturiano a palavra desenvolve-se com o prefixo *es-* - *esneviar*.
- **Descarnado** (1539): “*separado da carne; desprovido de carne, muito magro*”. Em catalão¹⁹⁹ e em espanhol²⁰⁰, assim como em português, *descarnar* é utilizado para se referir não só à separação da carne, mas de material macio ou maleável. Já em asturiano, ocorre apenas a acepção ligada ao primeiro sentido de carne.
- **Desdentado** (1569): “*que ou quem não possui alguns ou todos os dentes*”. Vocábulo comum também às línguas românicas da península ibérica arroladas nesta pesquisa.

Deve-se chamar atenção também para o fato de as palavras colocadas neste grupo terem formado adjetivos participiais a partir de *-ado* e não verbos, como é comum

¹⁹⁸ Novamente, toma-se o sentido figurado da base – *cara*: *falta de vergonha, atrevimento, ousadia, descaramento*.

¹⁹⁹ “*Separar d’una cosa dura una altra de blana que la recobreix, especialment emportar-se la terra d’un terreny fins al punt que hi passa a predominar la roca*”, in: GDLC

²⁰⁰ “*Separar la parte blanda de algo*”. Há também o sentido metafórico em relação à ideia de carne ligada ao mundo terreno e aos bens materiais “*apartar o desviar a alguien de las cosas terrenas*. In: DRAE.

nas formações parassintéticas. Essa observação indica que não só o prefixo, mas também o sufixo interferem no significado da parassíntese, o que reforça a caracterização desse processo derivacional como uma formação simultânea dos dois afixos.

Ressalta-se também que todas as formações aparecem descritas pelo dicionário como participio das formas verbais correspondentes, o que leva ao entendimento equivocado tanto do tipo de formação quanto do significado que os prefixos e sufixos atribuem a essa base. No entanto, sabe-se que esse procedimento é bastante comum no registro dos dicionários que optam por padronizar as suas informações etimológicas ou morfológicas, termo mais adequado no caso do Dicionário Houaiss.

4.2.4. Causativo /incoativo

Esse significado não foi apontado pelo Dicionário nem por outras obras de morfologia pesquisadas. Entretanto, não é difícil de verificá-lo nas palavras *desfear* e *despedaçar*, cujas acepções remetem para a paráfrase *tornar (se) x, ficar x, transformar-se em x*, como se pode verificar na transcrição de suas definições abaixo:

- **Desfear** ²⁰¹ (sec. XIV) - “tornar(-se) feio; afear(-se)”. Ocorre apenas em espanhol. Em asturiano há *desafear*, designando a oposição do processo de *desfear*, ou seja, deixar de ser feio²⁰².

²⁰¹ A acepção faz uma remissão direta à palavra *enfear* (1913). É interessante ressaltar que a forma cognata *afear* (sec. XV) também é datada posteriormente a *desfear*. Em latim, havia a forma *defoedo*, *are*, que designava ação de manchar, corromper.

- **Despedaçar** (sec. XIV) - “fazer(-se) em pedaços; partir(-se), quebrar(-se), dilacerar(-se), rasgar(-se); causar (a alguém ou a si mesmo) grande dor, grande aflição; pungir(-se), afligir(-se)”. Em português, a variante *espedaçar* aparece datada no século XIII. Assim como o português, a variação também ocorre em espanhol (*despedazar* e *espedazar*), mas em catalão e em asturiano ocorre apenas a forma com *es-*, respectivamente, *espedaçar* e *espedazar*.

As palavras deste grupo remetem para um processo, semelhante ao valor incoativo reconhecido nas formações parassintéticas com o prefixo *a-* (*avermelhar*, *amanhecer*); *es-* (*esverdear*, *esfarelar*) e *en-* (*enruivar*, *ensurdecer*). Nota-se nos dois vocábulos um sentido reforçativo, conferindo ligeiramente um sentido de intensidade.

4.2.5. Intensidade/reforço

O valor de intensidade atribuído pelo prefixo *des-*, apesar de ser apresentado como muito comum, foi encontrado em apenas três verbetes, ainda assim de modo sutil, sendo um reforço do significado da base. É possível que esse valor seja mais comum nas criações prefixais do que nas parassintéticas. Verificou-se esse valor nas palavras *desgrenhado*, *descampado*, *desmiuçado* e *despeado*.

²⁰² ast. - *desafear* – “Facer que [daqué o daquién] dexe de ser o de tar feu. 2 Dexar de ser o de tar feu.” In: DALA.

Ao se verificar as acepções das palavras derivadas e de suas bases, vê-se que não há distinção expressiva, como se pode observar a seguir:

➤ **Desgrenhado**²⁰³ (1544): “*não penteado; desgadelhado, desguedelhado, revoltado; cujo cabelo está em desalinho*”.

✓ **Grenha** (sec. XIII): “*cabelo emaranhado, desalinhado; gaforina, guedelha; porção de cabelos da cabeça; madeixa, mecha; cabeleira postiça e emaranhada us. por atores de teatro na composição dos tipos, esp. dos cômicos e populares*”.

A palavra *desgrenhado* também é encontrada em catalão, *desgrenjar*, em galego e em espanhol, *desgreñar*.

➤ **Descampado** (1538): “*diz-se de ou campo vasto, plano, inculto, desabrigado de árvores e inteiramente despovoado*”.

✓ **Campo** (1260): “*terreno plano; terreno plano, extenso, com poucos acidentes e poucas árvores; campina; terreno plano e extenso destinado à agricultura ou às pastagens; terreno plantado; plantação*”.

Mesmos significados são encontrados em espanhol, galego e asturiano. O Dicionário Houaiss traz, em suas informações etimológicas, que esta formação provém da forma verbal no infinitivo. Entretanto, ao analisar *descampar* (1538) verifica-se que o significado é diferente do apresentado pela forma participial “correr ou andar pelo

²⁰³ Em Leite de Vasconcelos encontra-se *degrenhado*, que designa o mesmo que *debragar* “extrair os bagos.”

campo, desarvorar, abalar, sumir.” Isso indica que a construção vocabular se deu a partir do prefixo *des-* e o sufixo *-ado*.

➤ **Desmiuçado** (Século XV) “*que se esmiuçou; separado em pequenas partes; fragmentado, esmigalhado; explicado minuciosamente*”.

✓ **Miuça** (Século XVII): “*coisa miúda, fragmento; miuçalha*”.

Por meio das datações, vemos que há incoerência ao se propor a formação *des-*+ *miúça* + *-ar*, já que a palavra-base é registrada dois séculos mais tarde que a forma complexa. Além disso, sabe-se que em português a forma mais comum atualmente é *esmiuçar*, contudo a criação se deu primeiramente a partir do formante *des-*, assim como confirma o Houaiss “*até o sXV, era usado com o prefixo des-; no port. moderno, contudo, fez-se a permuta do pref. des- por es-, sem alteração de significado.*”

Sugere-se ainda a influência do italiano *sminuzzare* (1342) “reduzir a pequenos pedaços”, (1580). Ainda de acordo com o DHLP, a forma italiana teria como base o latim vulgar **minutiāre* por *minutāre*, de *minutīa*. A origem latina explicaria a presença dessa palavra em espanhol e em asturiano - *desmenuzar* - e em galego - *desmiuzar*.

➤ **Despeado**¹(1553-1615)²⁰⁴: “*que tem os pés machucados; molestado na parte mole do casco (diz-se esp. de cavalgadura); despalmilhado que tem os cascos gastos*”.

Espear é a formação vista em asturiano, já no espanhol, o *des-* também se conserva e se observa de modo mais claro a depreensão do valor de iterativo/frequentativo,

²⁰⁴ Há a palavra *pear* “*prender com a peia*” refere-se à forma derivada *despear*² “*soltar(se) das peias, desembaraçar(se), livrar(se)*”, o que configura a parassíntese de *despear*¹.

desembocando no valor de intensidade: “Dicho de una persona o de un animal: Maltratarse los pies por haber caminado mucho”. Tanto em asturiano quanto em espanhol vê-se a mesma acepção do português.

Percebe-se nos quatro casos que os vocábulos derivados comportam-se como adjetivos, podendo ser classificados como *nomina essendi*, já que atribuem uma qualidade. Contudo, não são devidamente parafraseáveis como o valor semântico possível dos *essivos*.

4.2.6. Golpe

Os vocábulos constantes deste grupo podem ser expressos pela paráfrase *ferir x/ bater em x*, como se verifica nas palavras abaixo:

➤ **Deslomar** (1713): “*ferir, batendo nos lombos; bater vigorosamente em (alguém); espancar, derrear, delombar*”. O sentido de golpe também é visto em espanhol, *deslomar*²⁰⁵; em galego, *deslomar*²⁰⁶ e em asturiano, como alteração de prefixo – *eslomar*²⁰⁷. Em todas as línguas também se admite o sentido de cansaço extremo, provocado pelo trabalho excessivo.

➤ **Desancar**²⁰⁸ (1817-1819): “*derrear com golpes nas ancas; descadeirar*”.

²⁰⁵ “Quebrantar, romper o maltratar los lomos” e “Trabajar o esforzarse mucho”. In: DRAE.

²⁰⁶ “Mancar no lombo” e “Cansar en extremo.” In: DRAG.

²⁰⁷ “Romper o desiguar el llombu”, “dexar ensin fuercia o enerxía”, “quedar ensin fuercia o enerxía.”, “esparde [la yerba pa que cure]”, “esforciase [muncho por facer daqué]. Nun t’esllombes por ellos, que nun merez la pena”. In: DALA.

²⁰⁸ Na Revista Lusitana (Volume 2 – 1890-1892), Leite de Vasconcelos aponta como significado “superabundância”. Vocabulário açoriano.

➤ **Descadeirar** (1713): “*provocar ou contrair lesão ou dor nas cadeiras, que impede ou dificulta os movimentos de sentar-se, abaixar-se, levantar-se etc.*” Palavra encontrada apenas em espanhol *descaderar*.

➤ **Desbeicar** (1789): “*ferir ou mutilar o(s) beijo(s) de*”.

Nestes casos, observa-se que os vocábulos que servem de base para a criação parassintética remetem para parte do corpo: *lombo*, *anca*, *cadeira* e *beijo*. Mais interessante ainda é notar que essas bases pertencem ao registro informal. Nota-se também que o ferimento, causado pelo golpe ou lesão, pode ser algo repetitivo e, por isso, não raro, culmine em uma moléstia /doença em última instância.

Prefixo <i>des-</i>	
Prefixação	Parassíntese
Separação/afastamento	Separação/afastamento
Negação	Negação
Reforço/intensidade	Intensidade/ iteração
—	Descensão
—	Diminuição
—	Golpe
—	Causativo

Quadro 3 - Valores semânticos do prefixo *des-* em formações prefixais e parassintéticas

Nas formações com o prefixo *des-*, o valor de negação aparece tanto nas formações prefixais quanto nas parassintéticas. No entanto, ocorrem apenas no século XV. Ressalta-se ainda que o valor de “descensão” aparece em português via espanhol (*despenhar*) e não se desenvolve em português.

A figura a seguir representa o desenvolvimento semântico do prefixo *des-* nas parassínteses.

Figura 3 - Valores semânticos dos prefixos *des-* ao longo do tempo.

4.2.7. Palavras não parafraseáveis

Algumas palavras com o prefixo *des-*, analisadas neste capítulo, não puderam ser classificadas entre os grupos semânticos, pois o significado do formante lexical não pode ser depreendido da acepção que estas apresentavam. A impossibilidade de apontar com clareza o significado do prefixo em questão ocorre com os vocábulos *desbancar*, *despirocar* e *desbocar*, os quais serão discutidos abaixo.

- ***Desbancar*** (1836): “*ser ou tornar-se superior a; exceder, suplantar; triunfar sobre; vencer; ganhar a (alguém) o dinheiro da banca de jogo*”.

A análise sincrônica da palavra em português sugere a estrutura *des-* + *banca* + *-ar* e não *banco* como indica o DHLP, já que, pela análise desta base, não se encontra, na língua atual, um caminho possível para se chegar aos significados de *desbancar*. Por outro lado, o substantivo *banca* registra entre suas acepções e locuções:

- “Abafar a banca” - classificado como registro informal, cujo significado se aproxima ao da palavra derivada em análise: “vencer espetacularmente; alcançar grande sucesso; causar admiração pela beleza, vestimenta, riqueza, talento etc.; abafar”.

- “Botar banca” - “Vangloriar-se de qualidades, posição ou bens pessoais; tentar obter privilégios alegando posição social, riqueza ou influências políticas, ou ameaçando pessoas de posição inferior”.

- “Levar a banca à glória” - “Ganhar todo o dinheiro de que o banqueiro dispunha para o jogo; quebrar a banca”.

Contudo, ao se ampliar a pesquisa para as demais línguas românicas, averiguou-se que esse vocábulo é comum ao galego²⁰⁹, espanhol²¹⁰, catalão²¹¹, aparecendo também em asturiano, porém com *es-* (*esbancar*²¹²), preservando sempre os mesmos significados.

Apesar de ser encontrada em todas essas línguas, em nenhum desses dicionários encontrou-se uma explicação para o significado do prefixo nem para o desenvolvimento semântico desse vocábulo. Sendo assim, buscou-se também pelo vocábulo em francês e em italiano. Nessas línguas encontraram-se as formas *sbancare* e *débanquer*²¹³. A associação à base *banco* foi reafirmada tanto em italiano quanto em francês. Em italiano, tal formação é creditada ao afixo *ex-*, remontando ao latim²¹⁴:

sbancàre Propr. è Cacciar dal (lat. EX)
BANCO: e si dice di chi a un giuoco, dove alcuno tien banco, vince tanto da Superare la somma del banco stesso e costringere chi lo tiene a cederlo ad altri; onde piú genericamente Vincere alcuno in una gara.

²⁰⁹ **Desbancar** “Gañar un xogador todos os cartos a [o que ten a banca]. Desbancounos nun par de partidas. 2. figurado Quitar unha persoa ou cousa [outra] dunha determinada posición para ocupala ela mesma. Pretende desbancar o actual campión.” In: DRAG.

²¹⁰ **Desbancar** – “Usurpar, sustituir a alguien en una posición y ocuparla; Hacer perder a alguien la amistad, estimación o cariño de otra persona, ganándola para si; Dicho de un jugador: En el juego de la banca y otros de apunte, ganar al banquero todo el fondo de dinero que puso; Despejar, desembarazar un sitio de los bancos que lo ocupan.” In: DRAE.

²¹¹ **Desbancar** – “En un joc, guanyar a qui té la banca tots els diners que hi ha posat, Suplantar”. In: GDLC.

²¹² **Esbancar:** v. Desatrancar [una presa, un embalse]. 2 Picar [un bancu de carbón]. 3 Sacar [una piedra grande y llana d’una cantera]. In: DALA.

²¹³ “Terme de jeu. Gagner tout l’argent qu’un Banquier a devant lui. Il fut débanqué au pharaon.” In: DAF.

²¹⁴ <http://www.etimo.it/?cmd=id&id=15397&md=a79dfb2f7bd66c7d76f4b0de23646921>

Já em francês, o prefixo que compõem a formação é *de-* e indica o sentido de “extrair todo o dinheiro do banco/banqueiro tem diante de si” (jogo). Desse modo, percebe-se o sentido primeiro do prefixo “tirar de X” foi completamente obscurecido, não sendo possível uma paráfrase com as acepções atuais. Nota-se ainda a presença de um traço de intensidade, assim como aparece em *despirocar*, discutida abaixo:

- ***Despirocar*** (1968): “fazer perder ou perder a razão; endoidar, enlouquecer, pirar; agir de modo estranho, descontrolado ou fora do seu padrão habitual; baratinar”.

De acordo com os dicionários Houaiss e Aulete, a palavra tem como base ***piroca*** (1889). Todas as acepções são descritas, de acordo com DLHP, como regionalismo:

1 - Regionalismo: Amazonas - calvo, pelado; 2 Regionalismo: Norte do Brasil. Uso: pejorativo - que se caracteriza pela avareza; sovina; Regionalismo: Brasil. Uso: tabuísmo - 3 pênis infantil ou pequeno; 3.1 Derivação: por extensão de sentido. qualquer pênis

Entretanto, como é possível perceber, os significados do vocábulo-base não se associam aos da palavra derivada. Evidentemente, essa acepção pode ter sido resultado de processos semânticos. Contudo, também não puderam ser reconhecidos nesta análise, tomando como respaldo as informações de obras lexicográficas.

Essa dificuldade em reconhecer o significado da formação leva à busca de outras propostas de etimologia. Observou-se que há em português a palavra *pirocar* (1889) “tirar a casca de; esfolar; perder a casca, a pele ou o cabelo; manter relações sexuais com”, o que levaria a classificar *despirocar* como derivação prefixal e não

parassintética. Mas, igualmente, as acepções dessa nova base são tão distantes quanto à etimologia indicada pelos dicionários, não justificando assim a nova hipótese.

Pela proximidade semântica, a palavra *pirar* (sec. XX) foi considerada como base possível, já que também significa “*tornar (-se) louco ou meio louco; amalucar (-se)*”. Porém, é preciso explicar a inserção do segmento *-(oc)ar*²¹⁵ que compõem a palavra. Esta se encontra classificada no dicionário como terminação e definida sob aspectos fonológicos e fonéticos, não apresentando observações semânticas. Sendo assim, investigaram-se as palavras que possuíam esta terminação com o fito de verificar algum indício sobre o uso, função e significados. No entanto, nas palavras que apresentavam essa sequência final (115 verbetes), observou-se que não desempenhavam função derivacional, sendo apenas uma terminação, como visto nas palavras *empipocar*, *enlocar*, *entocar*, *relocar*, ou seja, já estava presente nas palavras base *pipoca*, *loca*, *toca*, *locar*.

Esses dados mostram que a formação com base na palavra *pirar* não procede, já que *-(oc)ar* não tem *status* de afixo. Sabe-se também que, por vezes, algumas criações vocabulares são fruto de motivação fonética, o que poderia justificar a inserção da terminação sob análise ainda que não tenha função morfológica. Porém, não se pode atribuir à motivação fonética a formação de *despirocar*, já que ocorreria em apenas uma palavra.

Pelo exposto, apesar de não ser possível estabelecer um vínculo semântico claro entre a base *piroca* e a formação parassintética *despirocar*, não só pelo não

²¹⁵ Acepção extraída do Houaiss: “*Os v. da língua com esta term., inclusive ocar, têm a vogal -o- aberta nas f. rizotônicas e mudam o -c- em -qu- antes de -e- desinencial (aboco, avocas, choca, colocam, desloque, enfoques, fofoque, provoquem)*”.

reconhecimento dos valores semânticos de *des-*, mas também pela disparidade dos significados dos elementos constituintes, esta é a hipótese mais plausível entre as que aqui foram propostas.

Por fim, tem-se *desbocar* que apresenta diversas acepções, algumas fruto de processos semânticos de toda a palavra e, por isso, foram descartadas da análise. Porém, dois significados foram mantidos por serem consequência da atuação do prefixo.

➤ ***Desbocar*** (século XV):

- 1) “*despejar, verter a água, o líquido de; entornar; desaguar, desembocar;*
- 2) *ferir, calejar a boca de (um cavalo) com o freio, freando com muita frequência ou usando freio duro*”.

O primeiro significado parece remeter à atuação de *des-* como valor intensivo, no sentido de *ultrapassar a boca (borda)* de um recipiente. Semelhante à metáfora vista em exceder “ir para fora”, no sentido literal. Assim, aproximando ao sentido de afastamento. Contudo, embora se reconheça o valor do prefixo, não foi possível atribuir uma paráfrase ao vocábulo.

Entretanto, a segunda acepção apresentada reflete o significado já indicado na análise semântica, o de *golpe* e aproxima-se muito ao significado da palavra *desbeijar* “*ferir ou mutilar o(s) beijo(s) de*”. Em *desbocar*, o dicionário traz a informação de que o significado pertence ao campo semântico da hipologia, o que não ocorre com *desbeijar*. Sendo assim, esse valor semântico pode ser incluído no grupo de *golpe*. E,

semelhante ao que ocorre nas formações deste grupo, também está presente o traço frequentativo.

Ao se analisar *desbocar* em outras línguas românicas, observa-se também que se trata de palavra polissêmica, principalmente em espanhol²¹⁶ e em asturiano²¹⁷. Entretanto, em espanhol, asturiano (*esbocar*) e italiano (*sboccare*) a acepção inicial é semelhante. Nessas línguas, a ideia de transformar (deformando, quebrando, alargando) a feição de algum objeto com “boca” isto é, “qualquer abertura ou fenda que lembre uma boca”, “abertura de uma cavidade, de um recipiente”, “abertura de saco, sacola”; “extremidade inferior das pernas de calças, calções”.

Em catalão e em galego, os significados são semelhantes. Em ambas as línguas, pode-se encontrar o sentido relacionado ao campo semântico da “cavalaria”²¹⁸ – *não colocar freio ao cavalo, permitindo-lhe correr sem rumo* - e outro referindo ao sentido figurado *desbocado na linguagem ou no comportamento*.

²¹⁶ **Desbocar (spa)** - 1. tr. *Quitar o romper la boca a algo. Desbocar el jarro, el cántaro*; 2. tr. *Dicho del cuello o de las mangas de una prenda de vestir*; 3. intr. *Desembocar*; 4. prnl. *Dicho de una caballería: Hacerse insensible al freno y dispararse*; 5. prnl. *Desmandarse, descomedirse, perder el control. Durante las agitaciones, el pueblo se desboca*; 6. prnl. *dispararse*; 7. prnl. *Desvergonzarse, prorrumpir en denuestos*; 8. prnl. *Nic. Precipitarse en la toma de una decisión*. In: DRAE.

²¹⁷ **Esboçar (ast.)** - v. *Enanchar o agrandar la boca de [una madreña]*. 2 *Enanchar o agrandar [un furacu, una abertura]*. 3 *Quitar o romper [la boca d'una botella, d'un xarru]*. 4 *Allisar, iguar [los bordes de la madreña]*. 5 *Romper o estragar [el corte d'una ferramienta]*. 6 *Nun s'axustar [el cuellu d'un vistíu, d'una chaqueta al pescuezu]*. 7 prnl. *Echar a correr ensin control [una caballería al asustase]*. 8 prnl. *Portase [ensin nengún control, dexándose llevar pol rixu y les emociones]*. In: DALA

²¹⁸ **Desbocar (gal.)** - verbo pronominal 1[Cabalaría] *non someterse ao freo, botando a correr sen rumbo. Desbocarse un caballo*. 2 *figurado Tornarse desbocado ou descarado, na linguaxe ou no comportamento*. In: DRAG; cat.: *desbocar-se - v pron - 1 Posar-se a córrer abrivadamente un cavall o una haveria desobeint el fre. 2 Prorrompre en paraules inconvenients, injurioses, etc.* In: GDLC.

5. Desenvolvimento semântico do prefixo *des-* e *de-*

Como se viu, na prefixação com *de-*, encontraram-se os valores semânticos de *negação*, *diminuição*, *separação/afastamento*. Observou-se também que o afixo aparece como reforço da base, não necessariamente atribuindo traço de intensidade. Já nas formações parassintéticas, o elemento formativo *de-* atribui os significados de *separação*, *descensão* (*movimento de cima para baixo*) e o de *progressão*, expresso pela paráfrase *ação de V X* ou *resultado da ação de V X*, além do traço iterativo, observado em alguns vocábulos.

No caso do formante *des-*, em construção prefixal, viu-se que nos substantivos e nos adjetivos ocorre o valor *negativo*. Já nos verbos, observou-se o significado de *afastamento*. Nas formações parassintéticas em português com *des-*, foram encontrados os significados de *separação*, *diminuição*, *negação*, *causativos/incoativos*, *golpe* e *intensidade*. O valor de *movimento de cima para baixo* foi visto em apenas uma criação – *despenhar* – com base no espanhol.

Pelo fato de ter-se identificado os mesmos significados entre os prefixos, a exposição do desenvolvimento semântico também será feita conjuntamente, unindo os valores de *des-* e *de-*.

Figura 4 - Valores semânticos dos prefixos *de-* e *des-* ao longo do tempo.

A Figura 4 indica a primeira ocorrência em português dos valores semânticos atribuídos pelos prefixos estudados. Em relação ao afixo *de-*, é preciso ressaltar que os valores de *separação*, *privação* (negação), *intensidade* e *descensão* já estavam presentes no latim, como atesta o *Gaffiot* (1934: 468). Todos esses significados também são atribuídos pelo *des-*.

Desse modo, parece acertado associar a origem do prefixo neolatino ao *de-*. Contudo, como se viu no Capítulo 2, tanto *de-*, associado ao *ex*, quanto *dis-* apresentam valores semânticos semelhantes e contribuem com a evolução semântica de *des-*. A coexistência de prefixos formalmente parecidos, atribuindo valores semelhantes e que atuam nos mesmos processos derivacionais dão pistas de que possuem um ponto de partida em comum.

Os significados de *separação* e o de *negação* podem ser entendidos como extensão um do outro. Ao se separar ou tirar/extrair algo de um determinado objeto este passa a um estado negativo em relação ao que fora extraído. Sendo assim, a noção de *ablação* desemboca para a ideia de *privação/negação*, associando-se a nomes e a verbos, como já ocorria em latim (*demens* e *despero*, respectivamente). Esse processo passa pela noção de *diminuição* e *consumação*, significados também encontrados nas formações com o prefixo *des-*.

Essas relações foram dispostas na figura abaixo:

Figura 5 - Desenvolvimento, parcial, dos valores semânticos dos prefixos *de-* e *des-*.

O significado causativo/ incoativo também pode ser associado ao valor de negação. Assim como se viu, em algumas acepções dos verbetes analisados, o estado de negação da qualidade de objeto/ser/entidade leva à construção de outro. Desse modo, quando se emprega *desbravar* e *descerebrar*, ao mesmo tempo em que se nega uma propriedade, valida-se outra²¹⁹.

Figura 6 – Representação dos processos envolvidos no significado de separação.

Já o significado de *golpe* parece derivar de um dos significados do prefixo latino *de-*, o de “*acabamento, consumação*”. Podem-se apontar mais especificamente as palavras – *debelar* (1580) “vencer em luta armada; derrotar, sujeitar” e *depauperar* (1770) “provocar a redução ou o esgotamento de recursos econômicos de; causar debilidade física, esgotamento corporal em (alguém ou si mesmo); enfraquecer(-se), exaurir(-se)”

Sabe-se que a alta frequência de uso das palavras pode ser responsável pelo desencadeamento de algumas transformações morfológicas e semânticas, provocadas

²¹⁹ Os processos cognitivos envolvidos nesse tipo de formação vocabular nem sempre correspondem a um critério estritamente lógico, já que se pode extrair não apenas o significado primeiro da base utilizada em dada formação, mas qualquer propriedade nela contida. Assim, o valor causativo, pode decorrer, naturalmente, do valor de separação ou negação, já que o prefixo *des-* pode atuar em vários momentos do processo de afastamento – *separar de X ou separar X de, ato de afastar de X ou afastar X de, sem X/negação e reversão*.

pelo processo de analogia²²⁰. A datação em português não permitiria propor tal filiação, no caso de *depauperar*. Contudo, trata-se de uma palavra do latim medieval, *depaupĕro*, como atesta sua presença em italiano (*depauperare*), em espanhol e catalão (*depauperar*). Isso explicaria, inclusive, o sentido de “moléstia” presente em boa parte dessas formações, já que, nas línguas neolatinas acima citadas, as definições desse verbete indicam que *depauperar* pertence também ao campo da medicina²²¹. A julgar por sua frequência de uso atual²²², 55.000 ocorrências, seria possível validar essa hipótese. Em relação à influência da palavra *debelar* no processo analógico, a datação não comprometeria a análise. Do mesmo modo, a frequência de uso atual, cerca de 300.000 ocorrências, auxiliaria na validação dessa proposta. Entretanto, seria preciso verificar esses dados nos séculos anteriores ao XVIII, período em que surge primeira palavra com o significado de *golpe*.

Desse modo, a figura abaixo tenta indicar as relações semânticas dos prefixos, mostrando o seu desenvolvimento nas formações parassintéticas em português:

²²⁰ A exemplo do que acreditam alguns autores, no que se refere a fixação do aumentativo português *-ão*, como forma convergida das terminações latinas *-anum*, *-onem* e *-anem*. Autores como Carolina Michaëlis (1930), Bourciez (1967) e Williams (1975) afirmam que a analogia teria sido desencadeada pela alta frequência de algumas palavras como *mão*, *irmão*, *cristão* e, principalmente, *vaão* (terceira pessoa do plural do verbo *ir*).

²²¹ Em ita. **Depauperare**: “lat. *Depauperare comp. della partic. De di e pauperare impoverire, denominative di pauper, povero – Voce latina bella e sonora, usata specialm. dai medici e dai curiali equivalente a impoverire, e fig. scemare assai.*” (DEI); spa.: “*Med. debilitar, extenuar*”. (DRAE) e em cat., indicado no exemplo: “*depauperar la sang*”. (GDLC).

²²² Pesquisa realizada em 22/03/2015

Figura 7 - Desenvolvimento dos valores semânticos dos prefixos *de-* e *des-*.

Vê-se, de acordo com a Figura 7, que os significados dos prefixos, apesar de variados, não são divergentes. Ao contrário, os seus valores semânticos apresentam-se essencialmente correlacionados.

Capítulo 4

Propriedades morfossemânticas e morfofonológicas dos prefixos *de-* e *des-* e sua produtividade no português brasileiro

0. Introdução

São bastante comuns, na literatura morfológica, os estudos que tratam das possíveis preferências ou bloqueios na adjunção de sufixos em formações derivacionais (Aronoff, 1976; Sandmann, 1991; Rocha, 1998). No entanto, são escassas as pesquisas que abordam esse assunto quando se toma como ponto de partida os prefixos²²³. Normalmente, os estudos envolvendo a prefixação discorrem a respeito de seu comportamento isocategorial ou de sua delimitação como processo derivacional ou como fenômeno restrito da composição.

Sendo assim, intenciona-se apontar as propriedades dos prefixos estudados, abrangendo os aspectos fonológicos, morfológicos e semânticos. Verificar-se-á como se dá a adjunção dos formantes *de-* e *des-* nas formações prefixais e parassintéticas, buscando investigar a seleção de bases, sua natureza morfológica e semântica. Neste capítulo, também será analisada a produtividade desses formantes lexicais a partir das

²²³ Na coleção *Gramática do Português Falado*, encontram-se artigos, que ao tratarem sobre prefixos, discutem a questão categorial. Volume II (*Prefixos negativos no português falado*, Alves, 2002) e Volume III (*Formações prefixais no português falado*, Alves, parte III, 2002). Mais recentemente, os artigos de Silva e Míoto (2009) e de Medeiros (2010) também discutem essa questão sob a perspectiva da morfologia distribuída.

construções neológicas encontradas na base de dados do TermNeo²²⁴. Essas considerações possibilitarão que se delineie o *status* atual desses prefixos no português brasileiro.

²²⁴ Os dados analisados nesta seção foram cedidos pela Professora Dra. Ieda Maria Alves, coordenadora do projeto TermNeo.

1. Seleção prefixal: diferentes perspectivas

No artigo *Considerações sobre a prefixação*, Silva e Miotto (2009) apontam que os prefixos, assim como os sufixos, também possuiriam a capacidade de selecionarem rigidamente suas bases, sob o ponto de vista semântico e morfológico, sendo possível, inclusive, adotar os mesmos princípios de análise.

Os autores, utilizando-se da Teoria da Otimidade, inicialmente distinguiram os prefixos entre aqueles que fariam parte dos processos de derivação daqueles que constituiriam a composição. Essa distinção foi feita com base nos princípios, geralmente, convocados para classificar esses processos de formação de palavras como, por exemplo, *ter identidade fonética, semântica, funcional; ser preso e ter recorrência*. Desse modo, excluem da lista algumas formas que, usualmente, encontram-se citados nos manuais de morfologia: *semi-, não-, ambi-, extra-, contra-*.

Além disso, também fazem algumas restrições quanto ao tipo de formação. Apesar de terem incluído o afixo *re-* na classe dos formantes derivacionais, ressaltam que o referido prefixo não desempenharia essa função em todos os casos. Assim, excluem desse grupo palavras como *reprimir*, que constituíam, ao lado de *exprimir*, *imprimir* e *comprimir*, o que denominam de *formações diacrônicas*. Os autores explicam as razões para adotarem tal procedimento, argumentando que, ao extraírem os “supostos” prefixos, o que resta é **primir*, “*que não é uma palavra do português atual*”. Assim, concluem “*que estas formações não são produtivas atualmente e a*

produtividade da formação é uma propriedade importante para nossa discussão”.
(Silva e Mioto, 2009: 12)

Vê-se na verdade que os estudiosos fazem um recorte sincrônico do prefixo *re-*, levando em conta a transparência dos constituintes envolvidos em suas formações. Apesar de o artigo trilhar caminhos diferentes do adotado neste trabalho, os autores iniciam uma linha de análise interessante em relação à formação prefixal. Os pesquisadores analisam dois prefixos para explicarem como se daria a seleção que esses formantes são capazes de promover. Segundo os autores, a seleção prefixal ocorreria em função da classe gramatical da palavra-base e obedeceria a critérios semânticos.

Ao convocarem as palavras *imóvel*, *infeliz*, *irreal*, *impessoal* e *insensato*, afirmam que a tendência deste elemento formativo é a de se unir a bases adjetivais. Essa observação os leva a concluir que no caso de nominalizações, como *imobilização*, usado como exemplo no texto, a ordem de adjunção dos afixos seria a seguinte:

1ª etapa - “o prefixo (P) negativo *i-* se une à base adjetival (A1) *-mobil-* e forma a base A2 *imobil-*;

2ª etapa - “o sufixo (S) *-iza-* se une à base A2 e forma a base verbal (V) *imobiliza-*;

3ª etapa - “o S *-ção* se une à base V e forma o nome (N) *imobilização*.”

Os pesquisadores defendem que as palavras *infelizmente*, *impossibilidade*, *imobilizar*, *insensatez*, que seriam contra-exemplos da predileção de *i-* por bases adjetivas, possuem estágios intermediários em que há um adjetivo: *infeliz*, *possível*, *móvel* e *sensato*. A alegação final para estabelecer a seleção rígida do prefixo, de acordo

com os autores, é o “*fato de que nomes e verbos que não contêm um estágio adjetival em sua derivação não aceitam a prefixação com i(n)-*” e citam os vocábulos: **intossir*, **infazer*, **inesperança*, **irato*. Essa análise coaduna-se com o que se lê em Alves (2002: 95):

“*in-* prefixa normalmente a bases adjetivas (...) Às vezes, ocorre antes de bases substantivas e verbais. Entretanto, as formações substantivas e verbais constituem, na verdade, formas derivadas de bases adjetivas. Assim, do adjetivo imortal, por exemplo, são derivados os substantivos imortalidade e o verbo imortalizar”.

Assim como o *des-*, *in-* atribui valor semântico de negação. No entanto, não são caracterizados como concorrentes, já que possuem propriedades que circunscrevem o campo de atuação de cada²²⁵.

Para a análise do prefixo *des-*, aplicou-se o mesmo raciocínio. No entanto, Silva e Miotto convocam a homonímia para explicarem o fato de o prefixo ser capaz de selecionar tanto bases adjetivas (*desnecessário*, *desleal*, *desumano*, *deselegante*, *desigual*) quanto verbais (*desfazer*, *desconectar*, *descombinar*, *desinfetar*, *destelhar*, *desconsiderar*). Para eles, semanticamente, o prefixo atua de forma diferente em cada um dos casos, por isso acreditam que se trata de formantes lexicais distintos, constituindo, assim, uma homonímia, comum no caso dos sufixos, como também ressalta os autores, Silva e Miotto (2009: 17):

Se se combina com um verbo, seu sentido é de reversão de um processo (...); se se combina com adjetivo, seu sentido é de um tipo de negação. De fato, *desleal* significa algo como “sem lealdade”, mas

²²⁵ Assim como se lê no Houaiss: “*quando ocorrem duas formas negativas concorrentes (p.ex., impedir:despedir, impronunciar:despronunciar, invalidar:desvalidar, inanimante:desanimante), as formas com in- geralmente correspondem a uma negação prévia, enquanto as com des- tendem a corresponder a uma negação do já em curso, já havido, já iniciado (invalidar-se um concurso ainda não validado; desvalidar-se um que tenha sido validado)*”

desfazer não significa "sem (não) fazer". Podemos, portanto, hipotetizar que des- exemplifica um caso de homonímia de prefixos (...) e que, por isso, deve haver (pelo menos) duas entradas para ele no dicionário de morfemas do português. Cada uma das entradas terá suas propriedades de seleção: des₋₁, que significa reversão, seleciona verbos; des₋₂, que significa negação, seleciona adjetivos.

No entanto, os autores, ao proporem a homonímia, desconsideram as semelhanças semânticas entre dois supostos prefixos. Em oposição ao pensamento defendido por esses autores, Alves (2002: 93-94) não faz menção à homonímia, mas aponta que tal prefixo é amplo no critério categorial, associando-se a *bases substantivas, adjetivas e, sobretudo, verbais*. Pensamento que se aproxima, como se verá, aos dados desta pesquisa.

Medeiros (2010), cuja base teórica assemelha-se à de Silva e Miotto, argumenta a favor de uma seleção semântica em detrimento da seleção categorial proposta pelos autores. Na linha histórica, Brocardo e Caetano (1998) em uma breve análise do texto “crônicas do conde D. Pedro de Meneses”, do século XV, também apontam a união do prefixo a bases verbais, adjetivais e nominais.

Em relação à seleção semântica atribuída ao elemento formativo, argumenta-se que des₋₁ seleciona verbos que denotam processo, já que o prefixo atribuiria o valor semântico de reversão de processo. Sendo assim, seriam impossíveis formações do tipo ★*desmorrer*, ★*deschegar*, ★*deslavar*, ★*desnadar*, ★*desdesejar*, ★*dessonhar etc.*

Contudo, foi possível encontrar quatro das seis palavras citadas como agramaticais. ***Desmorrer*** “recuperar-se depois de ter estado à beira da morte; retornar à vida” e ***deslavar*** “desprover do colorido; desbotar, destingir; fazer perder ou perder a vergonha, tornar(-se) atrevido; desavergonhar(-se); retirar o sabor ou o sal a”

aparecem registradas no dicionário Houaiss, a primeira sem datação e a segunda datada em 1562. Já os vocábulos *desdesejar* e *dessonhar* foram encontrados em buscas realizadas em *sites* da internet²²⁶, contando com 263 ocorrências no primeiro caso e 1.390 no segundo. Apenas as palavras *deschegar* e *desnadar* não foram atestadas. Mas, sabe-se que, na linguagem literária ou menos formal, criações como essas não são impossíveis.

A existência dessas formações contradiz a afirmação dos autores ao vetarem ao prefixo a união a verbos que não denotam processo ou aqueles que descrevem processos irreversíveis, assim como indicará a análise promovida com os neologismos na Seção 4 deste capítulo. Isso faz refletir sobre o valor de reversão, geralmente, atribuído ao *des-*. Seria mais adequado, em muitos casos, descrever os vocábulos como *reversão do resultado de um processo*, assim como propõe Medeiros (2010), ao afirmar que o prefixo “*nega ou inverte um estado que pode decorrer de um processo*”.

Ademais, ao se basearem apenas na proposição de reversão de um processo, desconsideram que esse valor, muitas vezes, pode ser expresso por radicais heterônimos como os pares: *morrer/viver*; *lavar/sujar*; *chegar/sair*. No dicionário Houaiss, encontram-se alguns exemplos: *desmorrer* (s/d.), *desamanhar* (1789), *desatualizar* (s/d.) *dessalgar* (s/d.), *desvirar* (1899) etc. Além disso, não se consideram o valor reforçativo/intensivo assegurado pelo *des-* como em *desabrir* (sec. XV), *desfalecer* (1287), *desaurido* (sec. XX) etc.

Voltando à seleção categorial do formante *des-* e à homonímia deduzida por Silva e Mioto, é preciso considerar a etimologia do afixo em questão, já que não seria

²²⁶ Pesquisa realizada em 13/07/2013.

coerente falar em homonímia a partir de um só étimo. Como se viu, nos capítulos 2 e 3, não é possível delimitar dois étimos para *des-* e sim a influências dos formantes *ex*-²²⁷, *dis-* e *de-* na composição dos valores semânticos atribuídos pelo prefixo neolatino. Nesse caso, a confluência desses afixos não afeta a seleção categorial, tendo em vista que tais fomantes adjungiam-se tanto a bases **verbais** (**discernir** < *discerno, is, crēvi, crētum, ěre*, **exceder** < *excēdo, is, cessi, cessum, cedĕre*, **dealbar** < *deālbo*); **substantivas** (**dissídio** < *dissidĭum*, **dissabor**; **expurgação** < *expurgatĭo, ōnis*, **defluxo** < *deflūxus, us* e **adjetivais** (**discreto** < *discrētus, a, um*, *disforme*, *exâmine* < *exanĭmis, e* **decomposto**)

²²⁷ No português atual, esse prefixo tem sido utilizado, preferencialmente, com os substantivos: *ex-namorado*, *ex-presidente*, *ex-patrão*.

2. Seleção ou arranjo?

Nas análises realizadas neste estudo, observou-se um comportamento distinto do relatado por Silva e Miotto (2009) acerca da seleção exercida pelo elemento formativo *des-*, tanto no caso das criações prefixais quanto das parassintéticas.

Em relação à derivação prefixal, constatou-se que o *des-* pode ser encontrado em bases verbais, adjetivas e substantivas, como se pode verificar no exemplário exposto no quadro a seguir:

Verbos	Adjetivos	Substantivos
desabafar	desafeiçoado	desafeição
desabalar	desafeito	desafetação
desabar	desafortunado	desambição
desabilitar	desapaixonado	desarmamento
desabitar	desarmonioso	desatenção
desabituar	desatencioso	desautoridade
desabonar	desatento	desvantagem
desabotoar	desaurido	descarboxíase
desabraçar	desbrioso	descomposição
desabrigar	descaroável	descompostura
desabrir	descomposto	descompressão
desacentuar	descontente	descortesia
desacertar	descontínuo	descrença
desacolchetar	desconveniente	deselegância
desacomodar	descortês	desentendimento
desaconchegar	desenxabido	desilusão
desaconselhar	desfavorável	desincrustação

Quadro 4 - Formações verbais, adjetivas e substantivas, criadas em *des-*

Tomando como base apenas as palavras formadas em português com esse prefixo, extraídas do Dicionário Houaiss²²⁸, observou-se a seguinte distribuição²²⁹:

Figura 8 - Classificação categorial da base selecionada pelo prefixo des-.

De fato, como se vê, *des-* tem predileção pelas bases verbais, aparecendo em 453 palavras, o que representa 76% do total. Contudo, chama a atenção o fato de o prefixo não só aparecer em bases substantivas, como também serem essas formações numericamente superiores à adjunção feita a bases adjetivas. Foram encontrados 88 vocábulos cujas bases eram substantivas, enquanto 50 palavras apresentaram bases adjetivas. Em dois casos verificou-se a possibilidade de a base ser tanto adjetiva quanto substantiva (*descrente* e *desordeiro*) e no vocábulo *desprazer*, é possível considerar como classe gramatical um substantivo ou um verbo.

²²⁸ Para esta análise, consideraram-se também os vocábulos sem datação presentes no dicionário.

²²⁹ Para efeito de comparação, o levantamento da classe semântica da base foi realizado com as formações com *des-*, já que o artigo tratava apenas deste prefixo.

Imprescindível ressaltar que, no caso das formações prefixais com base em substantivos, não há estágio intermediário, seja com base adjetiva ou verbal como, por exemplo, “*desamor*”, “*desafeição*”, “*desarmonia*”, “*desatenção*”.

No caso das criações parassintéticas, obliteradas na discussão promovida pelos estudiosos, também se constatou que o prefixo não apresenta restrição quanto à classe gramatical. Nessas formações, o *des-* liga-se, predominantemente, a bases substantivas, formando verbos na maioria dos casos, como se pode ver no quadro abaixo:

Vocábulo	Derivado	Formação	Base
desbundar	v	des- + bunda ¹ + -ar	s
descabaçar	v	des- + cabaço + -ar	s
descamisar	v	des- + camisa + -ar	s
descarrar	v	des- + carro + -ar	s
descordar	v	des- + corda + -ar	s
descornar	v	des- + corno + -ar	s
descorticar	v	des- + córtice + -ar	s
descortiçar	v	des- + cortiça + -ar	s
descupinizar	v	des- + cupim + -izar	s
desfarelar	v	des- + farelo + -ar	s
desfavelar	v	des- + favela + -ar	s
desnastrar	v	des- + nastro + -ar	s
desorbitar	v	des- + órbita + -ar	s
desratizar	v	des- + rato + -izar	s
desventrar	v	des- + ventre + -ar	s

Quadro 5 – Verbos denominais formados com o prefixo *des-*

Nos casos apontados no Quadro 5, observa-se a formação de verbos da primeira conjugação a partir de substantivos, apresentando, na maioria dos casos o valor semântico de afastamento/separação de que são exemplos as palavras:

- ✓ *Descortiçar* - “retirar a cortiça de”;
- ✓ *Desratizar* - “eliminar os ratos de (um local)”;
- ✓ *Descupinizar* - “eliminar os cupins de (um local)”;
- ✓ *Descornar* - “fazer ficar ou ficar (um animal) sem os cornos”;
- ✓ *Descabaçar* - “tirar o cabaço (hínem) de”;
- ✓ *Desorbitar* - “tirar ou sair da órbita”;
- ✓ *Descamisar* - “tirar de (espigas de milho) os folhelhos que as cobrem (camisa)”;
- ✓ *Desnastrar* - “tirar o(s) nastro(s) a”;
- ✓ *Desfavelar* - “tirar a favela de (um lugar), retirar (-se), mudar (-se) da favela”.

Apesar de o valor de afastamento estar presente em todos os vocábulos acima, percebe-se que não descrevem exatamente o mesmo fenômeno. Observa-se que a base das palavras derivadas pode corresponder a posições semelhantes à de papéis temáticos²³⁰, funcionando tanto como *Tema*, quanto como *Fonte*²³¹:

Tema	Fonte
Descortiçar – tirar <u>a cortiça</u>	Desorbitar - tirar ou sair <u>da órbita</u>

²³⁰ Maria Helena Mira Mateus *et al.* (2003)

²³¹ É possível aproximar essas funções dos casos acusativo e ablativo, respectivamente.

Com o prefixo *des-*, também foram encontradas construções parassintéticas adjetivas.

Vocábulo	Derivado	Formação	Base
desalmado	a	des- + alma + -ado	s
descampado	a	des- + campo + -ado ²³²	s
descarado	a	des- + cara + -ado	s
descaroadado	a	des- + caro + -ado	a
desfibrável	a	des- + fibra + vel	s
desgorgomilado	a	des- + gorgomilo + -ado	s
desgorjado	a	des- + gorja + -ado	s
desmaliciado	a	des- + malícia + -ado	s
despatriado	a	des- + pátria + -ado	s
despeitado	a,s	des- + peito + -ado	s
despinguelado	a	des- + pinguel + -ado	s

Quadro 6 - Adjetivos denominais, formados com o prefixo *des-*

Nestes casos, o prefixo associa-se tanto a substantivos, concretos e abstratos, quanto a adjetivos. O valor semântico dado pelo afixo *des-* nos exemplos acima é bastante variável, no entanto, encontra-se, na maioria dos casos, o valor de negação, parafraseável por “sem X” ou “o que não tem X”: *desalmado* “sem alma (sensibilidade)”; *desgorgomilado* “sem gorgomilos”; *descaroadado* “que não tem carinho/caridade”; *desmaliciado* “sem malícia” e *despatriado* “sem pátria”.

²³² Forma histórica (1553) *descãpado*.

Nos demais casos, a explicação para o valor semântico atribuído pelo prefixo carece maior detalhamento, uma vez que neles atuam processos metafóricos.

- ✓ *Despinguelado* - “que demonstra muita pressa; afobado, apressado, esbaforido”;
- ✓ *Despeitado* - “que apresenta o peito magro ou seios pouco desenvolvidos (diz-se spa. de mulher)”.
- ✓ *Descarado* - “que ou aquele que não sente constrangimento por seus atos censuráveis; desfaçado, sem-vergonha, impudente”.
- ✓ *Desgorjado* - “que deixa o pescoço inteiramente à mostra; decotado”.
- ✓ *Desfibrável* - “passível de ser desfibrado”.

A distribuição em relação à classe gramatical das formações parassintéticas pode ser observada abaixo:

Classe gramatical Derivadas	Classe gramatical Base
239 verbos	218 substantivos
	12 adjetivos
	9 subst. /adj.
16 adjetivos ²³³	14 substantivos
	2 adjetivos ²³⁴

Tabela 3 - Classificação categorial da base e da palavra derivada.

²³³ Entre esses 16 casos de formações adjetivas o caso da palavra *despeitado* que também pode ser classificado como substantivo.

²³⁴ As palavras são *descaroadado* e *desorjado*, neste caso pode-se considerar que a base – *órfão* – seja tanto adjetiva como substantiva.

Pelo exposto, ao se considerarem as formações parassintéticas, seria necessário admitir, de acordo com o raciocínio adotado por Silva e Miotto (2009), a existência de um terceiro afixo (*des*₋₃) que se associaria a substantivos, juntando-se ao *des*₋₁, que seleciona adjetivos e ao *des*₋₂, que se adjunge a bases verbais. Portanto, não seria pertinente pressupor a existência de homonímia, já que não há origens distintas do formante lexical estudado, bem como seria pouco econômico para a análise admitir três tipos diferentes de prefixo, um para cada base selecionada.

À luz dessas considerações, seria mais adequado propor não uma seleção categorial rígida do afixo *des-*, mas sim, um arranjo morfossemântico, em que se estabelece uma combinação entre o valor semântico e a classe gramatical a que o elemento derivacional se associa. Como se viu na análise dos verbetes extraídos do Dicionário Houaiss. Seria possível dispor esse arranjo do seguinte modo:

Prefixação – processos isocategoriais:

1- Substantivos:

- a) “falta/ausência de X” - *desatenção, desarmonia, desautoridade*;
- b) “diminuição/perda de X” - *desafeição, desamor*, – geralmente com valores abstratos de base.

2- Adjetivos²³⁵:

- a) “que não é X” ou “desprovido de X”: *deselegante, desgracioso; descaroável, desapaixonado*;

3- Verbos²³⁶:

- a) Negação simples: *desinformar, desentender, descrer*;
- b) Reversão: *desfazer*; *desacorrentar, desabordar*
- c) “Fazer parar de X”; “fazer perder X”: *desmobilizar despersonalizar, desmemoriar*;
- d) “Afastamento/separação”; “tirar x”: *desabrigar, deslegitimar*;

Parassíntese – processo isocategorial e heterocategorial

1- Verbos denominais:

- a) Afastamento /separação – “tirar x”, “tirar de X” *descarrilar, descascar, desfibrar*

2- Verbos deadjetivais:

- a) Privação – “Fazer perder X” *desbravar*,
- b) Causativo - “tornar X” *desfear, despedaçar*;

²³⁵ Também ocorre o traço de intensidade - ex.: *desinsofrido*.

²³⁶ Aparece também o traço de intensidade. ex.: *desabalar* .

3- Adjetivos denominais:

Negação “sem x”- *desalmado, desdentado*;

4- Adjetivos dejetivos:

Diminuição – “reduzir x”: *debastado*;

Para além da seleção gramatical, é forçoso convocar a questão semântica. O formante lexical *des-* une-se não apenas a verbos que denotam processo (*desmobilizar, despreparar, desorganizar*), mas também àqueles que descrevem mudança de estado (*desplantar, despoluir, descolar*). A análise das criações neológicas apontou um uso mais amplo do prefixo, indicando sua associação a verbos comunicativos²³⁷ (*descumprimentar*), eventivos (*desmexer*), avaliativos (*desacusar*) etc., como se verá na Seção 4 deste capítulo.

De fato, inicialmente, a ampla atuação do prefixo poderia sugerir que se tratava de dois formantes lexicais distintos, fruto de uma possível homonímia. Contudo, a pesquisa com os sufixos revela alguns dados que podem auxiliar a entender o que ocorre nessas formações envolvendo *des-*. Muitas vezes, argumenta-se a favor de homonímia ao se constatar que não apenas o comportamento morfológico é diferente, mas também que os significados atribuídos por dado afixo também o são.

²³⁷ Classificação desenvolvida por Afrânio da Silva Garcia (2004).

Não raro, verifica-se que o significado dos sufixos é vário e se desenvolve de modo tão diverso que, não se vê, aparentemente, que se trata de um só formante, pois não se encontra, superficialmente, um elemento de ligação entre os valores semânticos que corresponda ao percurso do afixo²³⁸.

Afora isso, ao convocar a homonímia, Silva e Miotto (2009) não consideram a natureza semântica da base (Rio-Torto, 1998). No par “*destoucar*” (tirar a touca) e “*destoar*” (perder o tom), por exemplo, tem-se a adjunção de *des-* a bases substantivas e que formam verbos, no entanto, a nuance vista no valor semântico do prefixo deve-se à natureza da base, uma vez que *touca* designa um objeto concreto e *tom* refere-se à altura/qualidade do som.

Nesse sentido, vale destacar o que afirmou Rio-Torto (2013) em uma conferência, apontando que os processos de formação mantêm relação entre si, isto é, um mesmo afixo se presta a funcionar em mais de um contexto, do mesmo modo que um mesmo significado pode ser expresso por diversos afixos. (informação verbal)²³⁹.

²³⁸ Um exemplo disso é o sufixo *-udo* que, no português arcaico, formava particípio passado dos verbos de 3ª conjugação e, gradativamente, passou a formar apenas adjetivos com significado predominante de abundância, como indicam os exemplos: *barrigudo*, *narigudo*, *rombudo* etc.²³⁸ Santos, 2014.

²³⁹ Conferência – “*Arquitetura de espaços genolexicais: partilhas de recursos e de processos*”.

3. Para além da dicotomia derivação e composição: aspectos morfofonológicos

Em português, o estudo a respeito dos prefixos é diminuto em relação às formações sufixais, já que estas são mais produtivas (Viaro: 1999-2005) e, de acordo com alguns estudiosos (Lapa: 1959; Sandmann:1991), mais expressivas. Sendo assim, é comum comparar as criações prefixadas à estrutura de palavras derivadas por sufixos, buscando encontrar propriedades que as aproximam. No entanto, as comparações, de modo geral, levam a propriedades que as distanciam.

Como se viu, o prefixo, sozinho, não tem a capacidade de alterar a classe gramatical, mas podem alterar a estrutura de subcategorização da base à qual se associam (ex. *confiar* (em) / *desconfiar* (de)). Além disso, como atuam na margem esquerda da base, não modificam as categorias de gênero, número, tempo-modo, número e pessoa (*desacreditar*, *desacreditaram*, *desacreditarmos*; *desesperado*, *desesperadas*).

Fonologicamente, esses afixos são relativamente estáveis, já que não alteram o acento principal do vocábulo (*colar*, *descolar*; *fazer*, *desfazer*), entretanto, em alguns casos ativam a ressilabificação, a depender do contexto inicial da base a que se unem, sem desencadear variação alomórfica, como se verá a seguir, na análise fonológica das construções derivadas.

Para analisar as combinações e possíveis restrições fonológicas dos afixos *de-* e *des-*, selecionaram-se alguns exemplos representativos de cada grupo de acordo com o modo de articulação da margem esquerda da palavra-base. Primeiramente, analisar-se-

ão as combinações realizadas com o prefixo *de-*, em seguida, serão estudados os arranjos admitidos nas construções com o afixo *des-*. Considerar-se-ão, para esta análise, as palavras formadas em português:

Vogais	Nasais	Laterais	Fricativa Sonoras	Fricativa Surdas	Oclusivas Sonoras	Oclusivas Surdas
dearticular	demarcar	deleixar	devitrificar ²⁴⁰	defaunar	debagar	decodificar
desbravejar	demolhar	deletrear	dejejum	defruto	debotar	dequitar
despoletar	denervar	delombar	dejungir	derrabar	degasar	depolir
deionizar	denodar	deluzir ²⁴¹	degelar	derreter	degastar	detardar

Quadro 7 - Formas derivadas e contexto fônico inicial da palavra-base.

Analisando esses vocábulos, podem-se extrair alguns dados que ajudam a descrever o funcionamento da derivação efetuada com esse elemento formativo:

- Possui restrições ao se unir a vocábulos que iniciam por vogal, não se unindo a vogais orais posteriores /o/ e /u/ nem a vogais nasais. Além disso, cumpre ressaltar que dentre os verbetes do Dicionário Houaiss há apenas uma formação com a vogal /i/ - *deionozar*²⁴² e quatro com o /a/: *dearticular*, *dealado*, *dealação* e *deaspiração*.

- Quando a base inicia-se em /e/, ocorre crase, já que há a manutenção da vogal do prefixo, quando da junção com outras vogais, como se viu acima.

²⁴⁰ Também há *desvitrificar*, no entanto, assim como a formação com *de-*, não possui registro de datação.

²⁴¹ *Deluzir*, não possui datação, mas há *desluzir* em 1654.

²⁴² Ocorre também *desionizar*, sendo formada a partir do prefixo *des-*. Ambas as formações apresentam-se sem datação no dicionário Houaiss. Entretanto, o vocábulo *desionização* aparece datado em 1977, já a forma criada a partir de *de-*, *deionização*, não traz registro de datação. Uma pesquisa realizada em 27/08/2011, em sites de busca, escritos em português, indicou não haver preferência no que se refere às formas verbais, uma vez que *desionizar* ocorre 939 vezes e *deionizar* apresenta 969 ocorrências. Já as formas derivadas em *-ção* indicariam a preferência por esta última, aparecendo 46.400, enquanto *desionização* ocorre apenas 3.780 vezes.

- Quanto à divisão silábica, nesses casos, a vogal que compõe o prefixo e a que inicia a base ficam em sílabas separadas, ocorrendo, portanto, o hiato. Assim, não ocorre reorganização da estrutura silábica.

- Em relação às junções com os segmentos consonantais, nota-se que esse elemento formativo não se prende a formações que tenham como consoante inicial /d/²⁴³ nem /s/.

Deve-se ressaltar que no caso das formações iniciadas com a consoante /R / não ocorre alteração fonética no que se refere à base, apenas ortográfica, já que continua sendo realizada como fricativa velar surda [x]²⁴⁴.

Adotou-se o mesmo procedimento para análise das construções em *des-*. Abaixo segue um quadro com os dados coletados a respeito da prefixação com esse formante lexical:

²⁴³ Poder-se-ia pensar em uma restrição de sonoridade, que impede a ocorrência de sequência de consoantes no *onset* em que a diferença no grau de sonoridade seja pequena. No entanto, outras formações iniciadas por obstruintes não foram impedidas como mostra o Quadro 7. Pode-se citar ainda o que ocorre com as derivações sufixais, nas quais se verifica a atuação de um tipo de síncope – a haplologia – que incide sobre sequências silábicas idênticas de que são exemplos as palavras: tragicocomédia > tragicomédia; idololatria > idolatria; bondadoso > bondoso.

²⁴⁴ Nas palavras de Mattoso Câmara Jr. (1953): “Podemos admitir que o /r/ pós-vocálico, foneticamente perceptível em *ar roxo*, existe potencialmente em *arrocho*, embora sem realização fonética; a sua presença fonêmica manifesta-se apenas pela manutenção do /r/ seguinte, que ficou fonemicamente não-intervocálico”.

Vogais	Nasais	Laterais	Fricativa Sonora	Fricativa Surda	Oclusivas Sonoras	Oclusivas Surdas
desabilitar	desmérito	desleal	deszelar	desfrisar	desbloquear	desparecer
desamparar	desmamar	deslocar	desvalorizar	desfalecer	desbaratar	desprender
deseducar	desmobilizar	deslaçar	desvendar	desxadrezar	desbanalizar	despudor
desembaçar	desmunir	desligar	desvestir	deschumbar	desgabar	destemor
desilusão	desmiolar	deslisar	desvidraçar	dessalinizar	desgovernar	destingir
desimpedir	desnivelar	desluzir	desvigorar	dessincronizar	desgrudar	destrançar
desordeiro	desnutrir	deslocalizar	desvolumar	dessemelhante	desdizer	desquerer
desonrar	desnortear	deslacrar	desgelar	desraizar	desdobrar	descaso
desunião	desnatar	deslegitimação	desjejum	desrugar	desdourar	descoalhar
desumbrado	desnervar	deslustrar	desjungir	desrespeito	desdentar	descreditar

Quadro 8 - Formas derivadas e contexto fônico inicial da palavra-base.

Esse prefixo não apresenta restrição no que se refere ao contexto fônico inicial da palavra-base, visto que se une a segmentos vocálicos orais e nasais, bem como a segmentos consonantais de natureza diversa, sendo possível encontrar formações com contexto fônico inicial de todos os tipos - inclusive com sibilantes, como exemplificam as palavras *desxadrezar*, *deschumbar*, *desgelar*, *deszelar*, *dessincronizar* etc.

Ao que tange à silabificação, importa dizer que a adjunção do formante lexical a bases iniciadas por vogais provoca reorganização silábica, transformando essa sílaba em uma estrutura CV. Já ao se unir a bases iniciadas por consoantes, não há alteração no que se refere à estrutura silábica. No caso de bases iniciadas por consoantes, observou-se que a coda do elemento formativo altera-se em dois casos, ao se ligar a segmentos

surdos, passando a refletir esse traço, realizando-o também de forma desvozeada: *desrespeito, dessemelhante, desfalecer*.²⁴⁵

Pelo exposto, nota-se que, também no nível fonológico, o prefixo *des-* é bastante abrangente, não apresentando restrições severas quanto a sua adjunção.

²⁴⁵ Câmara Jr. (1976) aponta como forma subjacente dessa sibilante o segmento sonoro -z, quando este se encontra em posição de coda.

4. Análise sincrônica: produtividade e criações neológicas

Para auferir a produtividade de qualquer formante lexical, o pesquisador pode valer-se de seus conhecimentos linguísticos, “improvisando” algumas formações, “convocando” construções que, em potência, existem na língua²⁴⁶, ou pode analisar lexias neológicas, valendo-se de pesquisa em *corpus*. Decidiu-se, neste trabalho, adotar a segunda metodologia de pesquisa, por acreditar que este é o método mais adequado, por permitir revelar os neologismos de um dado sistema linguístico²⁴⁷. Além disso, propicia o acesso ao contexto em que tal palavra foi empregada²⁴⁸ e possibilita a quantificação dos dados coletados. (Maroneze, 2011: 91)

Assim como a postura adotada na análise das derivações parassintéticas, aqui também serão consideradas as construções reais e não as virtuais. Ao se estudar as formações parassintéticas, devido a sua natureza complexa que envolve, pelo menos, três elementos formativos, não se deve assumir tão somente a virtualidade das criações, já que essa atitude pode conduzir à classificação divergente de algumas construções. Assim, se se postula a preexistência das bases ★almar e ★bocar para que se formem as

²⁴⁶ Saussure (1969: 192)

²⁴⁷ Em uma oposição saussuriana língua e fala, o autor reconhece a criação neológica sob domínio da fala: “Uma palavra que eu improvise, tal como in-decor-ável já existe em potência na língua; encontramos-lhe todos os elementos em sintagmas como décor-ar, decora-ção: perdo-ável, maneja-ável: in-consciente, insensato etc., e sua realizaçã na fala – e um fato insignificante em comparação com a possibilidade de formá-la”. (*idem*).

²⁴⁸ Além disso, em muitos casos o contexto de produção tem papel decisivo na ativação dos significados da palavra e/ou afixos.

palavras *desalmado* e *desbocar* e para que “o prefixo *des-* cumpra seu papel semântico”²⁴⁹, não se pode sustentar que tal construção seja classificada como parassintética.

Contudo, aplicando raciocínio semelhante às outras bases virtuais, não seria possível classificá-las ao saírem da virtualidade e passassem a figurar no léxico real de determinada língua. Assim, se se argumenta que não há parassíntese em *desalmado* ou *desbocar*, pois *★almado* é uma formação possível no sistema, já que em português pode-se formar adjetivos a partir do particípio *-ado*, a mesma análise deveria servir para *envelhecer*, já que o sistema linguístico do português admite formas como *raveicer*, *verdecer*, *umidecer*, *fortalecer*. Também não seria possível nomear de derivação prefixal formações como *despegar*, *deslavar*, *desassistir*, já que são potenciais formações a partir de *desfazer*, *desacreditar*, *desacelerar* etc.

Ademais, ao se adotar a virtualidade em sistema e não o critério de realização efetiva no uso da língua, pode-se culminar no descredenciamento da parassíntese. Proposta já considerada por Bechara (2009), em sua gramática, ao tratar do princípio dos constituintes imediatos e do conceito desse tipo de formação:

(...) a rigor, não existe parassíntese, se partirmos do fato de que, numa cadeia de novas formações, não poucas vezes ocorre o pulo de etapa do processo, de modo que só virtualmente no sistema exista a forma primitiva. Assim, para se chegar a *farmarcolando*, parte-se de um virtual **farmarcolar* (...). Deste modo, em *aclarar*, *entardecer*, *amanhecer* se poderá pensar em partir dos virtuais **clarar*, **tardecer*, **manhecer* ou **aclaro*, **entarde* e **amanhã*.

²⁴⁹ Corado (2002) já citado neste trabalho no Capítulo 2.

Afora isso, neste estudo, explora-se a investigação diacrônica, como já referido no início deste trabalho e assinalado nos pressupostos do GMHP, que busca respostas cotejando diversos sistemas.²⁵⁰ Sendo assim, para analisar o sistema linguístico de uma sincronia pretérita, não é possível acessar a potencialidade das criações. Dessa forma, apesar de se ter em mente a virtualidade de algumas formações, atestada pela analogia com as regras de formação desse dado sistema linguístico, ao se estudarem as construções neológicas, considerar-se-ão as criações reais e o uso efetivo.

Para tanto, analisar-se-ão os dados do Observatório de Neologismos do Português Contemporâneo²⁵¹, projeto que coleta neologismos encontrados em revistas e em jornais de grande circulação no país, como *Isto é*, *Veja*, *O Globo* e *Folha de São Paulo*.

A análise desses dados permite avaliar o *status* atual dos prefixos *de-* e *des-* e verificar sua produtividade em sincronia, como assinala Viaro (2005b: 3) “a neologia é o grande ponto de avaliação da produtividade de um elemento”. Evidente que não se pode estender a análise, aqui empreendida, para dar conta desses elementos frente à língua como um todo, já que, para promover um estudo mais detalhado da produtividade desses formantes, seria necessária a ampliação dos gêneros discursivos do *corpus*. No entanto, os jornais e revistas que constituem o *corpus* do projeto TermNeo são exemplários de grande variedade discursiva, pois nele se verifica uma diversidade

²⁵⁰ “Suspende-se, em nossas análises, momentaneamente, o conceito saussuriano de *langue*, à medida que se investigam diversos sistemas à procura de soluções específicas. Esses sistemas podem, portanto, pertencer à mesma língua (atraindo assim problemas de *Dialetologia* e *Sociolinguística*), de línguas afins (valendo-se da *Filologia* ou *Linguística Românica*) ou de outras línguas envolvidas (quer na difusão do *étimo*, quer no empréstimo da palavra ou dos morfemas gramaticais, valendo-se da *História Geral*)”. (GMHP, 2009)

²⁵¹ Esse projeto, coordenado pela professora Ieda Maria Alves, teve início no ano de 1988 e pode ser consultado no site http://www.fflch.usp.br/dlc/neo/pesquisa_termneo.php

de gêneros, presentificados em textos multiformes que tratam de assuntos de natureza vária.

Antes de proceder à análise, deve-se esclarecer o conceito de produtividade utilizado. Esse conceito é discutido por Aronoff (1976) em termos de regras de formação de palavras (RFPs), assim como também propõe Basílio (1980). Entretanto, esses autores divergem no que se refere à gradação da produtividade, enquanto Aronoff considera que a produtividade é gradual; Basílio a concebe como pontual. Para o estudioso, se uma regra de formação de palavras ainda pode ser reconhecida pelos falantes da língua, ela é considerada produtiva, mesmo que não forme novos vocábulos. Nesse caso, a regra é apontada como pouco produtiva, em relação a outras que continuam a criar novos vocábulos. Já Basílio considera improdutivas as regras que não produzem novas lexias. O fato de o falante ser capaz de reconhecê-las, segundo a autora, deve-se à atuação das regras de análise estrutural (RAEs).

A produtividade concebida em termos de gradação é retomada por Katamba (1993), que recorda o elemento histórico, admitindo que uma regra de formação possa ter apresentado uma grande produtividade em um período, mas atualmente não possuir a mesma abrangência. Sendo assim, as RFPs são mais ou menos produtivas ou mais ou menos gerais, isto é, atuam em diferentes tipos de base²⁵².

Outrossim, Viaro (2005b) propõe a seguinte distinção: “(a) um elemento é dito produtivo quando é possível obter muitas palavras a partir dele. (b) um elemento

²⁵² Esta discussão a respeito da produtividade foi extraída de SANTOS, A. P. *Polissemia dos sufixos aumentativos -ão, -arro, -orro, -aço e -uço e seus traços avaliativos sob a perspectiva diacrônica*. 2010. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: FFLCH USP, 2010.

também é dito produtivo quando dele se obtém grande número de neologismos, ao passo que não o é se sua produção se estagnou.” O pesquisador ainda faz uma importante constatação. Classificar um determinado elemento como prolífico não é o mesmo que classificá-lo como produtivo, já que o formante lexical pode ter deixado de formar novas palavras depois de uma grande criação de palavras. Assim, a classificação de um afixo como não-prolífico pode dever-se a uma análise realizada em obras lexicográficas (Viaro, 2005b).

Como já é sabido, o prefixo *de-*, no português, não produz novas palavras, ou seja, não é prolífico na sincronia atual. Na pesquisa realizada por Sandmann (1989) na qual trabalhou com *corpus*, constituído também por jornais de circulação nacional, esse prefixo sequer é citado entre os formantes lexicais que comporiam os elementos usados na “formação de palavras no português brasileiro contemporâneo”, título de seu livro.

Neste estudo, o autor coletou 34 novas formações com *des-*, classificando seus significados em apenas dois tipos: afastamento /separação e negação, em que constata um traço estático, associado, neste caso, a bases adjetivas. Sandmann (1989) divide as criações segundo a classe gramatical da base, apontando 17 substantivos, 10 adjetivos e 7 verbos, mas não as classifica de acordo com o tipo de formação.

Os dados do TermNeo também indicaram uma formação maior a partir de bases substantivas em relação aos outros tipos de bases. Observou-se também que nenhuma das construções coletadas pelo grupo foi classificada como parassintética, o que poderia ratificar o descredenciamento desse processo de formação, como sugerido por Bechara (2009).

Ao se analisar a classificação dada aos neologismos registrados - *despapelizar*, *desbancarizado*, *despetização* - percebeu-se que se adota como parâmetro o pressuposto descrito por Bechara, já que se constataria “*pulo de etapa do processo de formação*” nos neologismos citados acima, uma vez que são classificadas, como formados por prefixo e sufixo, no caso dos dois primeiros exemplos e, por prefixo, no último caso. A pressuposição desse “salto” na formação dessas palavras confirma-se, pois os estágios intermediários dessas palavras não são atestados em dicionário. No caso de *despetização*, por exemplo, pressupõe-se como base preexistente a palavra “*petização*”, já que é apontada como formada apenas por prefixo.

Reconhece-se, evidentemente, a atuação desses “pulos de etapas”, mas se extrai daí uma importante observação que reflete na análise. Nota-se que esse salto não é exclusivo da formação parassintética, como indica, por exemplo, “*petização*” apontado acima, uma vez que se pressupõem a existência de uma forma verbal “*petizar*” para a posterior nominalização como o sufixo -*ção*. Por isso, não se vê razão para descredenciar formas parassintéticas. Desse modo, será analisada a realização efetiva, com base nas pistas deixadas pela virtualidade dessas criações.

A respeito dos vocábulos classificados como prefixais e sufixais, notou-se também disparidade em relação aos procedimentos adotados nesta pesquisa. Em *desarmador*, vê-se, de fato a presença de prefixo e sufixo, mas *armador* está registrado pelo dicionário e aparece datado em 1394. Assim, a rigor, neologismo cria-se por

prefixação²⁵³. O mesmo ocorre com *descoletivização*, *descompatibilização*, *desgovernança*, *desinternação* etc.

Desse modo, para não misturar teorias ou metodologias na análise das formações neológicas, utilizar-se-ão as palavras selecionadas pelo Termneo, mas não, necessariamente, a classificação fornecida pelo grupo. Inicialmente, serão examinadas as criações prefixais, em seguida, as construções parassintéticas.

4.1. Prefixação

Assim como o observado nas análises empreendidas nos capítulos anteriores, o *des-* liga-se a bases verbais, adjetivais e nominais. A pesquisa com os neologismo veio a confirmar a abrangência categorial deste prefixo. Contudo, a partir das classificações fornecidas pelo TermNeo, na maioria dos casos o *des-* associa-se a bases substantivas, diferente do que se viu na análise com *corpus* dicionarizado. Das 158 palavras formadas por prefixação, 69 possuem bases substantivas; 48 verbais e 41 adjetivais.

Esses dados permitem fazer uma reflexão importante acerca da classificação empreendida pelo Houaiss. Essa obra lexicográfica parece estabelecer como regra que o *des-* associa-se a bases verbais e, em seguida sofre nominalização. O dicionário,

²⁵³ Para servir de contraponto, a palavra *desbloqueamento*, que também conta com prefixo e sufixo, é classificada como formação sufixal. Neste caso, o critério de formação seguiria o que está registrado em dicionário, já que há o registro de *desbloquear*, mas não de *desbloqueamento*, o que licenciaria a descrição de tal formação como sufixal.

reconhecendo que o prefixo é utilizado, com mais frequência, associado a bases verbais, opta por descrever a formação com *des-* obedecendo a essa referida ordem. Como, normalmente, as formas sem e com o prefixo apresentam o mesmo registro de datação ou, como também é comum, ambas as entradas são apresentadas sem datação²⁵⁴, seria necessário estabelecer um critério de representação; o dicionário optou por um critério morfológico²⁵⁵.

Assim, por exemplo, as construções com os sufixos *-mento* e *-ção*, associados ao *des-* são descritas, pelo Houaiss, obedecendo a seguinte ordem:

Destombamento (1987) ← *destombar* (1987) + *-mento*, sendo *tombamento* datado anteriormente, em 1858;

Desacolhimento (s/d) ← *desacolher* (s/d) + *-mento*; mas *acolhimento* é registrado no século XIV;

Desaquecimento (s/d) ← *desaquecer* (s/d) + *-mento*, já *aquecimento* possui registro em 1836;

Desregulamentação (s/d) *desregulamentar* (s/d) + *-ção*, porém *regulamentação* data de 1899;

Desvitalização (s/d) *desvitalizar* (s/d) + *-ção*, do mesmo modo, *vitalização* também não está datado.

Despreparação (s/d) – *despreparar* (1958) + *-ção*, sendo *preparação* registrado já em 1532;

²⁵⁴ Dos 541 verbetes com o prefixo *des-* e o sufixo *-mento*, apenas 109 são datadas.

²⁵⁵ Novamente, volta-se ao problema das formações virtuais e reais. Sabe-se que os processos semânticos que envolvem construções com o prefixo *des-*, permitem credenciar uma forma verbal/nominal prefixada, indicando o oposto, a falta ou negação do conteúdo veiculado pela base, ou seja, a existência de *invadir* permitiria *desinvadir*. Da mesma forma, *invasão*, licenciaria *desinvasão*.

A motivação para descrever o processo a partir do verbo e não da base substantiva é a descrição semântica. Pode-se citar como exemplo, *desvitalização* – ato ou efeito de *desvitalizar*. Assim, na paráfrase usada para descrever os valores do verbete subjaz a forma verbal. Neste caso, o DHLP oferece apenas esta acepção. Todavia, em *destombamento*, o dicionário descreve tanto a paráfrase, cuja base é um verbo - “*ato ou efeito de destombar*”- quanto a acepção em que a base remete a um substantivo “*ação, processo ou fato de retirar do tombo*² (*'registro', 'inventário'*)”. Outro caso a ser destacado é a acepção dada pelo DLHP para o verbete *despreparação* - “*falta de preparação*”- em que se sobressai a forma substantiva, porém, a estrutura fornecida pelo dicionário é a mesma, isto é, partindo da forma prefixada e posterior nominalização, como se viu acima.

Sabe-se da predileção do prefixo por se unir a bases verbais; sabe-se também que, geralmente, o que está em causa é uma ação²⁵⁶. Portanto, a estrutura proposta pelo dicionário se enquadra na descrição morfossemântica desses vocábulos. Contudo, a extensão desta regra²⁵⁷ para todos os casos pode encobrir outros processos/fenômenos.

No caso dos neologismos, ter-se-ia um dado definitório para marcação da ordem de formação. Porém, no caso dos dados coletados pelo TermNeo, viu-se que em alguns momentos consideram-se as formações virtuais. Assim, para que tais formações sejam

²⁵⁶ Mesmo quando a base é substantiva, normalmente, a palavra descreve ou nomeia uma ação.

²⁵⁷ Em alguns casos registra-se uma ordem distinta. A conduta diferenciada pode se dever à organização de um trabalho como o de confeccionar um dicionário. Trata-se de uma atividade em equipe e, às vezes, há um descompasso entre os pesquisadores. Em outros casos, há uma explicação semântica para se adotar postura diferente, como acontece em: **desarmamento** (des-+armamento), **desentendimento** (des- + entendimento), **desprazimento** (des- + prazimento), **desproporção** (des- + proporção), **deslegitimação** (des- + legitimação), **desprevenção** (des- + prevenção).

classificadas como prefixais, admite-se como norteador tanto o registro em dicionário ou a virtualidade no sistema.

Deve-se reforçar que para proceder a análise, adotar-se-á como parâmetro o registro em dicionário para determinar a ordem da formação bem como a classificação de dada formação de palavra. Assim, nessas ocorrências, tem-se como dado objetivo que a base está dicionarizada e, portanto, ainda que não tenha registro de datação, pode ser considerada anterior à forma prefixada. Constituem exemplos disso as palavras *descontextualização*, *desconstrutivismo*, *desconvoção*, já que se atesta a existência de *contextualização* (s/d), *construtivismo* (1923) e *convocação* (1553).

Após essas considerações, analisar-se-ão os neologismos criados com o prefixo *des-*. Para tanto, adotar-se-á o mesmo procedimento dos outros capítulos, subdividindo as seções conforme a classe gramatical.

4.1.1. Verbos

Nas formações verbais, os valores semânticos básicos encontrados foram os de *oposição*, *reversão* e *negação*. Em tese, o valor do prefixo, nas 48 formações encontradas, poderia ser classificado como reversivo, visto que a princípio descrevem ação contrária do conteúdo veiculado pela base ou, para usar de mais precisão, reversão do resultado produzido pelo conteúdo verbal. Todavia, alguns vocábulos, devido à natureza da base ou por idiossincrasias, reveladas pelo contexto em que foram

produzidos, culminam em uma classificação mais específica, como apontaram os exames das formas neológicas *desinventar* e *desfinanciar*.

➤ ***Desinventar***²⁵⁸

“E depois de inventar o Centro de Apoio ao Corretor, o Notebook Bamerindus, a comissão remunerada, o Prêmio Bamerindus Seguros (e de <**desinventar**> o oba-oba), a Bamerindus aproveita o Dia do Corretor de Seguros para fazer duas homenagens: (...)”

A base *inventar*, sobre a qual se forma o neologismo, não permite reversão *stricto sensu*, mas por se tratar de uma propaganda, em que a linguagem é mais descontraída, a criação tem clara intenção expressiva, ressaltando a polarização entre a ideia central da mensagem – “inventar/criar” vs “deixar de existir/acabar/ terminar”. Essa polarização, portanto, ganha mais ênfase e é mais bem explorada ao se fazer uso da antonímia com a mesma base. Assim, não é possível atribuir ao prefixo o valor semântico de reversão, mas sim, de oposição.

➤ ***Desfinanciar***²⁵⁹

Todo esse festival de incompetência e de uso irresponsável dos recursos públicos foi feito em nome do combate à inflação e do ajuste fiscal, mas, na prática, <**desfinanciou**> o Estado e serviu para materializar uma brutal transferência de renda para o exterior e para os grandes investidores e especuladores que controlam a maior parte do capital financeiro em circulação no país.

Novamente, não caberia para este contexto o significado de reversão. Como se pode depreender do trecho, *desfinanciar* apresenta o sentido de “reduzir as finanças de”.

²⁵⁸ Extraído da revista *Veja*, 13/10/1993.

²⁵⁹ Extraído de *Folha de São Paulo*, 17/09/2000.

Para ficar mais clara a distinção que aqui se propõe entre *oposição* e *reversão* e guiar a classificação, recorreu-se a uma definição em dicionário (DHLP):

Oposição – “relação de antinomia que se estabelece entre duas coisas opostas”

Reversão – “regresso ao ponto inicial, ao ponto de partida, regresso ao primitivo estado; retrocesso”.

Desse modo, o valor de reversão decorre, muitas vezes, de um verbo atribuidor de processo, contudo, como veremos, não é condição *sine qua non* para a definição do valor reversivo.

Destarte, em outros casos a abrangência do vocábulo admite as duas interpretações, como em *desincentivar*²⁶⁰: “*Finge-se ignorar que a única medida sadia, para melhorar a circulação, é **desincentivar** o uso do automóvel.*” Neste trecho é possível parafrasear a criação tanto como “não incentivar” ou “desfazer a ação de X”.

Seguindo a mesma linha da linguagem publicitária, os discursos políticos reconhecidamente, procuram por maior eloquência e, muitas vezes, utilizam como recurso linguístico as criações vocabulares, que chamam atenção pela inovação e, muitas vezes, pela excentricidade de sua formação. É neste sentido que se pode interpretar a palavra **desinvadir**, proferida pelo governador Geraldo Alckmin. A frase “*Em São Paulo, invadiu, vai desinvadir*” e suas variações “*Invadiu, vai desinvadir*”; “*Se invadiu, vai ter de desinvadir. Aqui em São Paulo vamos cumprir a lei*”, acabou por se transformar em lema pessoal do Governador, sendo repetida em vários discursos e entrevistas coletivas. Nos dados do TermNeo, a palavra foi registrada 4 vezes em diferentes momentos de seus mandatos frente ao governo de São Paulo. Sabe-se que a

²⁶⁰ Extraído de *O Globo*, 1/12/1996.

ação de “invadir” não poderia comportar uma reversão, propriamente dita, caberia, neste caso, o valor semântico de oposição, isto é, “*desocupar, deixar vazio o lugar que fora invadido*”. Percebe-se que, ao utilizar a mesma base para proferir sua ideia, imprime-se uma força persuasiva, pois tenta convencer o interlocutor que será capaz de reverter, imediatamente, aquela situação anunciada.

O valor de reversão *stricto sensu*, como se viu, é mais perceptível em bases indicativas de processo ou mudança de estado. Considerando essa premissa, podem-se citar as palavras: *desinstalar, descrescendo, desenvuduzar, descriptar, desengessar, desnarcotizar, despolitizar, desideologizar, industrializar, desestressar, desglocalizar*. Contudo, o valor de reversão pode ser estendido nos casos em que é possível retroagir ao ponto de partida. Enquadram-se nesse caso as seguintes formações *desplugar, desfiliar, desacusar*.

Algumas dessas formações merecem ser destacadas, por isso serão examinadas com mais vagar a seguir.

➤ **Desenvuduzar e desacusar**²⁶¹

Araraquara nos fez ver de novo para tomarmos a posição política de defender o teatro dessa subminssão à ditadura do mercado e de defender especialmente o corpo do Teatro Oficina Uzyna Uzona, porque, quer se queira ou não, nosso corpo de atores e nosso espaço físico no espaço arquitetônico não se deixam comer por esse "vuduzamento". E é justamente por isso que estão querendo dobrá-lo. Não temos somente 35 anos de vida, mas milênios. Acusamos: (...) 5) acuso, mas **desacuso**, porque Dionysos não barra ninguém, todos podem ser <"**desenvuduzados**"²⁶²>.

²⁶¹ Extraído de *Folha de São Paulo*, 15/12/1996.

²⁶² Adotou-se como apresentação a forma no infinitivo, já que neste caso o participio apresenta apenas o valor verbal e não de adjetivo.

O trecho faz parte de um artigo “Pedacos de um manifesto” (Anexo A), de autoria de José Celso Martinez Corrêa, diretor, ator e dramaturgo, conhecido pela ousadia de suas montagens teatrais, e pela irreverência de suas entrevistas e textos. O referido artigo está repleto de novas construções e gracejos com a linguagem, que ultrapassam as apresentadas no excerto acima, e verificáveis também no nome de sua oficina de teatro “Uzyna Uzona”. Nas duas palavras prefixadas em *des-* pode-se verificar o valor de reversão, com a diferença que em *desenvuduzar*, trata-se de reversão do processo de *envuduzar*, construção parassintética presumida a partir de *vudu*. Já *desacusar*, é entendido como “retirar a acusação de”.

➤ **Des-satanizar**²⁶³

Zé Celso, o renascido, age e fala. (Como fala: 165 minutos de fitas e 19 folhas de fax enviadas à redação como "pequenos adendos" à entrevista.) Atrás do discurso prolixo, da orgia de palavras e dos mil invocados, está um artista que sabe objetivar o que quer. Para chegar ao último ato do seu desejo, pede dinheiro a Deus e ao diabo: em 1985, <"**des-satanizou**"> Paulo Maluf, que acabou pondo dinheiro nos alicerces do Oficina.(...)

Curiosamente, a formação *des-satanizar*, também poderia ser atribuída a José Celso. Na reportagem de George Alonso, “O renascimento de Zé Celso”²⁶⁴, o jornalista parece se apropriar da linguagem debochada o dramaturgo. Em várias passagens utiliza o discurso direto, contudo as aspas em “*des-satanizar*” não são conclusivas, já que poderiam se referir à marcação da neologia, produzida pelo jornalista. Neste caso, o prefixo atribui valor de reversão, já que a ideia veiculada é a de desfazer a imagem

²⁶³ Extraído de *Folha de São Paulo*, 16/01/1994.

²⁶⁴ Anexo B.

negativa que o referido político possuiria. Destaca-se ainda nesta formação o modo como fora grafada, dando ao *des-* um *status* semelhante ao do formante *ex-* atualmente, todavia com valores semânticos distintos.

➤ **Desintermediar**²⁶⁵

<**Desintermediando**> (subtít.) Amanhã, durante o Salão Internacional de Alimentação Fora do Lar, a indústria de alimentos vai apresentar o FoodService, um serviço de pedidos e entregas on-line que vai fornecer às empresas que comprem em grande quantidade. O primeiro pedido será feito por dois restaurantes de São Paulo e será atendido pela Vigor e pela Melita. A idéia é uma só: adeus supermercados. (Maria Luiza Abbott)

Como mostra o excerto, o neologismo foi expresso no subtítulo da reportagem, sua construção, portanto, pode revelar a necessidade de síntese, apreciada pela linguagem jornalística e indispensável ao se pensar em títulos ou subtítulos. Ao ler a reportagem vê-se que o neologismo, realmente, conseguiu traduzir a essência da notícia veiculada, já que designa a transação feita, diretamente, entre as empresas alimentícias e os restaurantes, sem o intermédio dos supermercados. Por isso, a ideia é fechada com “adeus supermercados”. Nota-se, portanto, o poder de síntese visto em uma só palavra – *desintermediando*. Deve-se assinalar ainda o aspecto de processo, atribuído pela utilização do gerúndio.

Além das palavras com o valor reversivo, já analisadas, cabe citar o caso particular de *desmexer*.

➤ **Desmexer**²⁶⁶

²⁶⁵ Extraído de *O Globo*, 06/02/2000.

Mas eu quero ver é agora – depois das eleições – se eles sabem mesmo **desmexer** ovos mexidos²⁶⁷.

Como se sabe, o verbo não permitiria o valor de reversão da ação, pois não se trata de um processo que conceberia uma ação contrária de igual valor. Contudo, o resultado de sua ação, apresentando um sentido metafórico, como presentificado no texto, é passível de ser desfeita. Assim, pode-se interpretar a referida construção com o valor reversivo.

Com o valor de oposição, podem-se ainda citar as palavras *desindicar* e *descumprimentar*. Contudo, esse valor só pode ser depreendido a partir da análise do contexto, portanto, essas formações serão destacadas a seguir:

➤ **Desindicar**²⁶⁸

O PT não indica nem desindica ninguém.

O par indica/desindica foi produzido por José Genuíno, quando era presidente do partido dos trabalhadores. A ideia explorada é a de antonímia, por isso o valor seria de oposição. Vê-se que ao utilizar a mesma base consegue transmitir a ideia, de forma direta e concisa, de que o partido não tenderia para nenhum posicionamento, não privilegiaria nenhum grupo.

²⁶⁶ Encontrada em 1946 no jornal *Folha de São Paulo* (<http://acervo.folha.com.br/resultados/?q=desmexer&site=&periodo=acervo&x=11&y=11>) e em 1987 no jornal *O Globo* (<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=desmexer>), em ambos os casos também se referindo aos ovos.

²⁶⁷ Extraído de *Veja*, 01/11/2006, texto de Millôr Fernandes. (Anexo C)

²⁶⁸ Extraído de *Veja*, 21/01/2004, José Genuíno.

➤ **Descumprimentar**²⁶⁹

O TERMO "máquina de fazer doidos" freqüentemente atribuído à TV ganhou inesperada concretude com a cobertura das eleições norte-americanas. As grandes redes prometeram divulgar o nome do próximo presidente dos EUA poucas horas depois do fechamento das urnas; em vez disso, o que se verificou foi um festival de desinformação. Com base no que via na TV, Al Gore, depois de ter achado que levaria o cargo mais importante do planeta, chegou a telefonar para George W. Bush para cumprimentá-lo pela "vitória". Desfeito o equívoco, ligou de novo para <"**descumprimentar**">.

O trecho aborda, de forma irônica, o trabalho, em geral desastroso da TV e cita a eleição presidencial norte-americana do ano 2.000. Irônica²⁷⁰ também foi a forma que o jornalista encontrou para revelar que o candidato Al Gore, ao ligar para Bush, pretendia na realidade afirmar sua vitória e não parabenizar seu adversário. Ao colocar a palavra vitória entre aspas, percebe-se, ao lado da afirmação “*depois de ter achado que levaria o cargo mais importante do planeta*”, que a intenção era mesmo a de se reafirmar.

Cabe ainda destacar algumas formações ambíguas que poderiam receber dupla classificação - reversão e oposição:

➤ **Desincentivar**

Finge-se ignorar que a única medida sadia, para melhorar a circulação, é **desincentivar** o uso do automóvel.

São várias as razões por que é fútil pretender-se, através do intervencionismo governamental, alcançar uma distribuição igualitária

²⁶⁹ Extraído de *Folha de São Paulo*, 19/11/2000.

²⁷⁰ Curiosamente, ao usar “*descumprimentar*” para contrapor à primeira ligação na qual cumprimenta o candidato, o autor do texto, na realidade, estabelece exatamente o oposto, visto que na primeira ligação, Al Gore via-se vitorioso, já na segunda era derrotado.

das rendas: 3) fazer justiça social pela abolição da propriedade (solução comunista) ou pela tributação distributivista (solução socialista) redundando em tirania política e expurgos em massas, ou então, em perda de eficiência econômica (a supertributação <*desincentiva*> a criatividade e o esforço)²⁷¹.

Nessas duas ocorrências, é possível descrever o valor do prefixo tanto como reversão “desfazer a ação/efeito de incentivar”, “deixar de incentivar” ou como simples negação “não incentivar”. Contudo, nos dados do TermNeo, há ainda outras duas ocorrências para a mesma palavra com contexto um pouco diferente:

- 1) “Precisamos tomar cuidado para não desincentivar ações da PF, do MP e da...”;
- 2) “para não desincentivar”.

Nesses casos, só se pode atribuir o valor reversivo, uma vez que as sentenças já possuem uma negação. Os dois últimos contextos permitem rever as análises anteriores. Isso porque, para atribuir a negação simples, a língua já disporia como recurso, do uso de “não” diante da palavra já dicionarizada “incentivar”. Por isso, é possível sugerir que o valor nos demais casos seja também o de reversão.

➤ **Dessomar**²⁷²

Para Maria Luiza, as pessoas não morrem, e sim <**dessomam**> (ITÁLICO). Fora isso, cada um é mentor da própria proex (ITÁLICO), que em seu vocabulário quer dizer destino ou programação de vida.

²⁷¹ Extraído de *O Globo*, 01/12/1996.

²⁷² Extraído de *IstoÉ*, 15/07/1998.

O neologismo é um termo e só é possível entendê-lo ao ser colocado ao lado de outros, usados na prática denominada “animósica”²⁷³. De acordo com adeptos dessa prática, há a “soma” – corpo físico – e os corpos energéticos, denominados “energo-soma”²⁷⁴, “psico-soma”²⁷⁵ e “mental-soma”²⁷⁶. A *dessoma*, como indica o especialista da área, Ruy Mendes, seria a própria morte:

“Sabemos que o corpo físico ("Soma") é finito e perene em função da linha do tempo na qual estamos "encarcerados" numa dimensão tridimensional que é essa realidade que habitamos. Por outro lado, também sabemos e já pudemos experimentar que o Energo-soma e Psico-soma também sofrem a "dessoma"(morte) ainda que em uma sequência de tempo e espaço diferente dessa 3ª dimensão que co-habitamos”²⁷⁷.

Pelo exposto, verifica-se que “*dessoma*” pode ser interpretada como oposição à “soma” ou em uma leitura mais subjetiva como afastamento, já que a *dessoma*, pressupõe o afastamento do corpo físico (soma).

²⁷³ <http://medicoanimosico.blogspot.com.br>, acesso em 29/08/2015.

²⁷⁴ Responsável pela energia anímica de nosso corpo físico, onde trabalha o nosso sistema de chakras e pode ser visto através dos processos de clarividência como uma "neblina" de cor mais ou menos branca ao redor do corpo físico, antes de dar corpo as auras.

²⁷⁵ O corpo criado por nossos agregados mentais em uma determinada vida específica aqui e agora.

²⁷⁶ A totalidade de todas as nossas cargas energéticas intelectuais e espirituais puras, que se acumulam ao longo de todas as nossas existências na matéria ou simplesmente "encarnações".

²⁷⁷ Texto encontrado em: <http://medicoanimosico.blogspot.com.br/2012/11/para-pandemia-evolutiva-e-para-psicose.html>, acesso em 29/08/2015.

4.1.2. Substantivos

Em bases substantivas, também se verificou o valor reversivo, já que muitas bases são nominalizações de verbos²⁷⁸. Também foram encontrados os valores de oposição, privação/falta, negação simples e intensidade. Além disso, observaram-se ainda traços pejorativos em algumas formações.

A seguir, serão analisadas algumas formações para exemplificar a atuação do prefixo frente a bases substantivas.

➤ **Dessocialização** ²⁷⁹

Desde a captura na África até a venda no Brasil, o escravo passava por dois processos de reificação - a <"**dessocialização**"> e a "**despersonalização**" - , baseados nos desenraizamento e no uso da violência. (NEGRITO)

Nas formações com o *des-*, *despersonalização*; *desenraizamento* e no neologismo, *dessocialização* , verifica-se o significado reversivo. É curioso perceber que a reversão não se restringe aos vocábulos, mas essa ideia percorre todo o trecho, sendo reiterada, inclusive pela repetição do prefixo.

²⁷⁸ Os substantivos que apresentaram mesma base que as formações verbais foram descartadas para esta análise.

²⁷⁹ Extraído de *Folha de São Paulo*, 18/06/2000.

➤ **Des-hospitalização**²⁸⁰

O professor Jatene se preocupou em garantir recursos para esta fase de transição. O presidente da República, ao buscar um perfil de médico com experiência em administração, percebeu que agora é preciso uma equipe mais profissionalizada em gerenciar a saúde. O nosso programa de metas coloca o Brasil dentro da política internacional de saúde, que é a prevenção, a <"**des-hospitalização**">, o atendimento ao paciente perto de seu local de origem, até dentro de sua casa.

Neste caso, embora seja classificado como reversivo, observa-se que a negação incide não em um processo, mas no resultado, já patente, da ideia construída sobre a saúde do Brasil – a de frequentes internações ou hospitalizações, como permite depreender do texto. Assim, o *des-* atua revertendo a noção que se reconhece como tendência brasileira a respeito do tratamento ofertado aos pacientes do serviço público de saúde. O neologismo descreve, assim, uma forma diferente de tratar do paciente - longe do hospital. Desse modo, pode-se conferir a esta formação também o significado de separação/afastamento.

➤ **Desfavelização**²⁸¹

Entre as promessas de Ângela está o que ela chama de <"**desfavelização**">. A receita será a mesma adotada pelo atual prefeito de São Paulo, Paulo Maluf, com o Projeto Cingapura.

O significado de reversão é facilmente depreendido, já que *favelização* descreve o “ato ou processo de transformar em favela”; “favelizar-se”, base registrada pelo Houaiss em 1986. O valor semântico fica, portanto, evidenciado pelo contexto e

²⁸⁰ Extraído de *Isto É*, 16/04/1997.

²⁸¹ Extraído de *O Globo*, 03/11/1996.

confirmado pelo conhecimento de mundo, já que o projeto de moradia mencionado – Cingapura – tinha o objetivo de urbanizar locais considerados precários em São Paulo e servia de modelo para a candidata à prefeitura de Florianópolis Ângela Amin²⁸².

Como foi possível perceber, grande parte dos substantivos foi criado a partir de bases nominalizadas por meio do sufixo **-ção**. Entretanto, também se encontraram formações em **-mento** (*desarquivamento, desacontecimento, desinvestimento*); **-ismo** (*descontrutivismo*), **-agem** (*deslavagem*), **-ia** (*desaposentadoria*), **-ancia** (*desimportância*), **-ário** (*desempresário*). Destacar-se-ão algumas dessas formações para indicar a abrangência do prefixo *des-*, tanto no que se refere às combinações com bases sufixadas, quanto aos valores semânticos que atribui.

➤ **Descomprometimento**²⁸³

O <**descomprometimento**> e a irresponsabilidade dos controladores aéreos vêm num crescendo desde que o Boeing da Gol despencou na Amazônia.

O valor da criação neológica é bastante evidente no contexto, podendo ser parafraseada por “*falta de comprometimento*”. Nota-se que a palavra é acompanhada ainda por outro prefixo de valor negativo “*irresponsabilidade*” e pelo *des-*, em *despencar*²⁸⁴, atribuindo, em seu sentido inicial, valor de afastamento - “*soltar da*

²⁸² Foi eleita no 2º turno das eleições, realizadas em 15 de Novembro de 1996.

²⁸³ Extraído de *Veja*, em 11/04/2007.

²⁸⁴ Neste trecho, chama atenção a escolha vocabular – *despencar* – bastante informal, principalmente, para se referir a um acidente aéreo de grande proporção, que vitimou todos os 154 passageiros e tripulantes a bordo do Boeing 737, em 29 de setembro de 2006, quando a aeronave colidiu com um Embraer Legacy 600. No entanto, ao consultar o texto, vê-se que o estilo dos autores, Gabriela Carelli e Leoleli Camargo, mostra-se despojado desde o título - *o jogo sujo que assusta os pilotos*.

penca”. A palavra, como se sabe, torna-se mais abrangente, passando a designar também qualquer tipo de queda e, em muitos contextos, apresenta traço de intensidade.

➤ **Desacontecimento**²⁸⁵

Isso sem falar nos <"**desacontecimentos**"> de "Jack", de Francis Ford Coppola, e "The fan", de Tony Scott - este último, me garantem meus legítimos Armani aggiornati, não veio porque os produtores tiveram "um frio na barriga" depois do verdadeiro massacre que o filme sofreu da crítica americana... (Merecido, eu deveria acrescentar)

Apesar de as críticas mais incisivas se referirem ao filme “The fan”, o autor, ao reunir os dois títulos em seu comentário, mostra que o filme de Coppola também não obteve boa recepção do público. Nesse sentido, pode-se depreender que o significado do neologismo “*desacontecimentos*” seja negativo, associado a um marcante traço pejorativo. Neste caso a negação incide sobre o sentido figurado da base *acontecimento*, a saber – “*pessoa ou fato digno de nota, que produz viva sensação ou constitui grande êxito; sucesso*”.

➤ **Deslavagem**²⁸⁶

Não se dão conta de que a causa do artista experimental é a de trabalhar contracorrente contra as linguagens não-sistematizadas para desautomatizar a linguagem cotidiana, lutar pela <**deslavagem**> cerebral da banalização do discurso a que nos submetem, e ao mesmo tempo antecipar e sinalizar as transformações culturais por que passa a humanidade em nossa época.

²⁸⁵ Extraído de *O Globo*, 08/09/1996.

²⁸⁶ Extraído de *Folha de São Paulo*, 01/08/1993.

Para se chegar ao valor atribuído pelo *des-* em *deslavagem* também é preciso considerar o valor da base *lavagem* em seu sentido figurado, utilizado popularmente na expressão “*lavagem cerebral*” que remete para uma *transformação de crenças e, por consequência, de atitudes*. Assim, *deslavagem* designa a reversão deste processo.

➤ **Desimportância**²⁸⁷

Em tempo: a Companhia das Letras, à qual está vinculada a professora-editora, não colaborou em nada com a apresentação brasileira, recusou-se a convidar seus autores para Frankfurt (quem apareceu por lá ou foi convidado pelo governo ou foi conta própria), como também o seu editor Luis Schwarcz deu repetidas declarações sobre a <**desimportância**> do evento.

A palavra aparece registrada, pelo TermNeo, em outras duas ocorrências:

“*As Assembléias sofrem de uma endêmica <desimportância>*”

Veja, 01/03/1995

“*O ‘strip-tease’ da vestal do Executivo se anunciava de longe. Venda do patrimônio estatal a preço de banana, para forrar momentaneamente o caixa raso, e cativar os paleoliberais da sua corte interna e internacional. Depois, as reformas apregoadas como salvadoras revelaram a sua <desimportância> estratégica e a pobreza de formulação administrativa, tributária e previdenciária.*”

Folha de São Paulo, 15/06/1997:

Apesar de se tratar de textos distintos, a palavra possui o mesmo significado em todos os casos – “*falta de importância*” ou “*sem importância*”, valor associado a um traço pejorativo, verificado pela ironia nas construções, observado nas passagens: “As

²⁸⁷ Trecho extraído de *Folha de São Paulo*, 20/11/1994.

Assembléias sofrem de uma endêmica <desimportância>” e “(...) revelaram a sua <desimportância> estratégica e a pobreza de formulação administrativa, tributária e previdenciária”.

➤ **Desrelação**²⁸⁸

A qualidade do trabalho de Júlio pode ser verificada desde o início. Qualidade que, valendo-se constantemente de alguns pretextos de diálogo com as artes plásticas, o desenho, a paisagem e a arquitetura, encontra na coletânea "Matéria e Paisagem" seu ponto alto, ao, no fundo, intentar uma poesia de pensamento, da relação das coisas com a sintaxe e da <desrelação> da palavra com o mundo. Ou então de tentar expor a complexidade do ato poético.

O vocábulo “desrelação” está no trecho como claro antônimo de “relação”, referindo-se à arbitrariedade da palavra com o mundo, isto é, a “não-relação” entre esses elementos.

➤ **Desempresário**²⁸⁹

Os **desempresários** (tít.) Com o agravamento da crise, a perda de reservas cambiais superior a US\$ 30 bilhões, as negociações com o FMI, o aumento de impostos que acompanhará o novo pacote, o corte de gastos sociais e este patamar criminoso dos juros teremos um agravamento brutal da recessão e com ela do desemprego. Mas descobri um novo segmento nesta imensa multidão de deserdados - os <**desempresários**>. São aqueles que foram

²⁸⁸ Extraído de *Folha de São Paulo*, 21/06/1998.

²⁸⁹ Extraído de *Folha de São Paulo*, 18/10/1998; é registrada mais uma vez nos dados pelo mesmo jornal - em 21/02/1999: “Somos hoje três Brasis. Um que se integrou à globalização, uma pequena e moderna parcela da economia e quase toda a elite, especialmente a financeira. Foi por essa parcela do Brasil que FHC desmontou o país. Um Brasil que se desagregou no projeto neoliberal de Collor-FHC, que é esta multidão de desempregados, <desempresários>, subempregados na forma de crescente e assustadora exclusão social. E um Brasil profundo, construído cotidianamente pelo nosso povo em 177 anos de nação, mas também com gestos dramáticos e heróicos como Tiradentes”.

empresários, quase sempre micro ou pequeno e agora não são mais nada. Os depoimentos são impressionantes. O processo para se tornar um <**desempresário**> é lento e solitário. As vendas começam a cair, o faturamento diminui, a margem de lucro desaparece e não há mais recursos para investimentos. A atitude para reverter o cenário de concordata é recorrer ao banco.

Na passagem acima, pode-se entrever a tentativa do jornalista em definir o termo que acaba de criar. Dentro do universo da recessão, em que outros elementos também tomam valor negativo, ele explica como se cria um “*desempresário*”. Para isso, usa de modo reiterado o prefixo *des-* e outros recursos linguísticos que apontam para um valor de privação e falta, como *desempregado* e *deserdado*. O autor cria uma gradação, que culmina, novamente, com o vocábulo construído com o referido prefixo: “*As vendas começam a cair, o faturamento diminui, a margem de lucro desaparece*”.

➤ **Desconversa**²⁹⁰

Na sucessão de Itamar Franco correm mais blefes, balões de ensaio, conversas e <**desconversas**> do que candidaturas. Mas, na semana passada, algumas delas se sedimentaram cristalinas. O ministro Fernando Henrique Cardoso é candidatíssimo e só estuda a hora mais conveniente para trocar a fazenda pela caça aos votos. [...]

O dicionário registra o verbo *desconversar* (1713) com as acepções: “*não conversar sobre; mudar o curso de ou interromper a conversa com matéria não prevista; tergiversar; fugir do assunto, mostrar-se desentendido; disfarçar; encobrir*”. Sendo assim, “desconversa”, como aparece no trecho, não pode ser considerada como derivação regressiva do verbo, já que está posta como oposição à conversa, no sentido

²⁹⁰ Extraído de *Veja*, 09/03/1994.

de contrariar o que se falou (conversou) anteriormente. Há também um traço pejorativo, já que se pode perceber que em *desconversa* o significado de desconfiança, imprecisão.

4.1.3. Adjetivos

Como já foi dito, foram encontradas 41 construções prefixais com o afixo *des-*. A maioria das formações é composta por formas participiais, mas também aparecem neologismos criados a partir dos sufixos *-oso* (*despreconceituoso*, *desprazeroso*) e *-dor* (*desarmador*, *desarquivador*), assim como ilustram os exemplos seguir.

➤ **Desaldeado**²⁹¹

Pellegrini propõe um novo modelo para tratar da saúde indígena. - A vulnerabilidade do índio à Aids é infinitamente maior, o que torna a situação muito grave. Hoje o conceito de índio aldeado e <desaldeado>, da periferia das cidades, está ultrapassado. Mesmo o índio aldeado agora tem contato intenso com as cidades - justifica.

O neologismo é compreendido como termo, utilizado para designar os índios apartados do convívio de sua aldeia e próximos ao contato com o branco, não sendo reconhecidos como parte de um grupo, como se pode entrever pela leitura do excerto. Assim, poder-se-ia interpretar o valor do prefixo como “*separado, afastado da aldeia*”, expressando o significado de afastamento. Entretanto, pela oposição presente no texto - aldeado e desaldeado - o valor semântico mais adequado, pelo contexto, é o de negação simples “não é aldeado” ou “*aquele não tem aldeia*”.

²⁹¹ Extraído de *O Globo*, 06/06/1999.

➤ **Desalavancado**²⁹²

A senhora protege os <desalavancados> do idioma e concedeu uma bolsa de estudos ao presidente do BC, Gustavo Franco. Ele disse que os pregões brasileiros precisam prevenir pânicos adotando um mecanismo que chama de circuit breakers. Trata-se de um dispositivo que suspende o pregão sempre que, num só dia, o índice da bolsa cai abaixo de determinado ponto. Literalmente, circuit breaker vem a ser um interruptor de circuitos. Se Franco, ou qualquer outro anarcoglota, for à área de serviço da casa em que vive, achará uma caixa com diversos circuit breakers domésticos. Madame acha que eles não conseguem pronunciar a palavra fusível.

O trecho faz parte de um artigo de Elio Gaspari, reconhecido pelo tratamento humorístico de seus textos e pela criação de personagens que o ajudam a propalar suas críticas de modo irônico. Entre esses, está Madame Natasha, professora de português, citada no texto pelos referentes *senhora* e *Madame*. Inicialmente, causa estranhamento que a concessão da bolsa, diferente do que se estabelece com a sentença “*a senhora protege os desalavancados do idioma*” seja oferecida para o presidente do Banco Central, que certamente não necessitaria de auxílio desta natureza.

Assim, para entender o real sentido de “*desalavancado*” é preciso lembrar que a personagem criada pelo autor concede as bolsas de estudo para aqueles que se expressam de modo labiríntico e afetado. No excerto, pode-se ler a construção que levou Gustavo Franco a ser premiado por Madame Natasha: “*Ele disse que os pregões brasileiros precisam prevenir pânicos adotando um mecanismo que chama de circuit breakers. Trata-se de um dispositivo que suspende o pregão sempre que, num só dia, o índice da bolsa cai abaixo de determinado ponto.*” Na visão do autor, a crítica em

²⁹² Extraído de *Folha de São Paulo*, 2/11/1997.

relação à frase do presidente do BC se refere ao uso desnecessário do estrangeirismo “circuit breakers”, já que conclui “*Madame acha que eles não conseguem pronunciar a palavra fusível*”. Desse modo, “*desalavancado*” não se refere ao desfavorecido socialmente e, sim, sob a perspectiva da criação de Elio Gaspari, desfavorecido no uso da língua, o que confere à formação vocabular traço pejorativo pela ironia que traduz.

➤ **Desarmador**

O Palácio do Planalto trabalha para que se materialize no cenário um elemento que costuma ser o grande **desarmador** de crises – o crescimento econômico.

Como se viu, nos adjetivos, o prefixo, geralmente, apresenta valor de negação simples, assim: “que não é X^{adj}”. Mas, neste caso, verifica-se o significado de reversão, somando-se a isso, o valor agentivo atribuído pelo sufixo *-dor*. Assim, o vocábulo pode ser parafraseado por “que ^(-dor) reverte ^(des-) a ação de X^v”. Os mesmos valores semânticos podem ser observados na formação *desarquivador*, como indica o contexto no qual se insere:

➤ **Desarquivador**

Do petista Arlindo Chinaglia, o **desarquivador** de propostas para a reeleição infinita.

A diferença entre as duas paráfrases é a presença do traço [+ humano] no agentivo, uma vez que se refere a Arlindo Chinaglia “que ^(-dor) reverte ^(des-) a ação de X^v”; já em *desarmador*, o referente era “crescimento econômico”.

➤ **Descomandado**²⁹³

Veja - Quantos policiais militares, em São Paulo, estão fora da atividade de policiamento?

Coronel Vicente - Incluídos os guardas de presídios e cadeias, seguranças da Assembléia Legislativa e tribunais, são mais de 20 000. Quase um quarto da corporação de 85 000 homens. Além de uma estrutura pobre, desprestigiada, desmotivada, <**descomandada**> - como demonstrou o caso da favela Naval -, sofremos de enorme desvio de ativos.

Assim como foi visto em outros trechos extraídos dos jornais e revistas, aqui, novamente, a forma neológica aparece juntamente com outras construções vernáculas com o prefixo *des-*. A utilização de uma série de vocábulos com esse elemento formativo presta-se a reforçar a ideia central do texto, podendo também ter, como serviço secundário, o objetivo de esclarecer o significado do neologismo frente ao demais, já conhecidos pelo interlocutor. Em todos os casos, o prefixo possui valor de negação simples.

➤ **Descriterioso**²⁹⁴

Na semana passada, doze advogados criminalistas entregaram uma carta ao presidente do Superior Tribunal de Justiça, o ministro Raphael de Barros Monteiro Filho, na qual reclamam, entre outras coisas, da "forma açodada e **descriteriosa** com que o Judiciário tem deferido medidas de força" – entre elas, as prisões temporárias.

Em “descriteriosa” o *des-* atribui valor de privação – “sem X” ou “que não tem X”. O trecho oferecido pelo TermNeo limita-se ao que foi posto acima, mas reproduzindo a sequência do texto, vê-se, mais uma vez, a repetição no uso do *des-*: “*Os advogados estão dizendo que o prende-e-solta é resultado de uma Justiça*

²⁹³ Extraído de *Veja*, 03/03/1999.

²⁹⁴ Extraído de *Veja*, 30/5/2007.

destrambelhada”, vocábulo em que o prefixo também apresenta valor de privação “sem trambelho”²⁹⁵.

Observa-se o mesmo significado nos neologismos *despreconceituoso* e *despoliciado*, como indicam os trechos abaixo:

➤ **Despreconceituoso**²⁹⁶

"Considero Gramsci mais atual que nunca, porque foi dois poucos teóricos a tratar a questão da subjetividade e da cultura no processo histórico. A Queda do Muro de Berlim, a meu ver, resultou do fracasso de se tentar construir coisa nova com material velho. A proposta era boa, conseguiu criar direitos sociais razoavelmente igualitários, porém não se trabalhou a questão da subjetividade e sua expressão na formação da sociedade civil e da democracia. Particularmente me encanta em Gramsci a ótica <**despreconceituosa**> diante do fenômeno religioso, o que é raro nos teóricos marxistas da primeira metade do século.

➤ **Despoliciado**²⁹⁷

Embora seja um país <**despoliciado**>, onde a criminalidade cresce com rapidez cada vez mais alarmante, nem por isso deixa o Brasil de ser um país de mentalidade policial.

Apesar de se tratar de forma participial, aqui o *des-*, mais uma vez, aparece com valor de privação “sem X” ou “que não tem X”. Não é o que se verifica nas palavras *desenrustido* e *desdivinizado*, como se vê a seguir:

➤ **Desenrustido**

Paralelamente às polêmicas, os caçadores, cada vez mais **desenrustidos**, tentam melhorar sua imagem junto à opinião pública.

²⁹⁵ Designa aquele que é desorganizado, amalucado.

²⁹⁶ Extraído de *Folha de São Paulo*, 21/11/1999.

²⁹⁷ Extraído de *Folha de São Paulo*, 18/09/1994.

➤ **Desdivinizado**²⁹⁸

Pode-se reconhecer nas sociedades industriais, <**desdivinizadas**> pela secularização, efeitos religiosos que tendem a fazer surgir no real prosaico do mundo, em meio aos homens, a presença da encarnação do corpo de Deus, que é também, como no cristianismo, o próprio homem.

Nos dois casos, as palavras parecem ser derivadas da forma verbal – respectivamente, *desenrustir* e *desdivinizar*. A noção de reversão é observável em ambas as criações, sendo parafraseáveis por “desfazer o resultado da ação de X^v”.

4.2. Parassíntese

Como dito no início desta seção, nenhum dos neologismos coletados pelo TermNeo foi descrito como formado por parassíntese, ora por pressupor o “pulo de etapa”, já exposto acima, ora por não reconhecer no afixo *-ar* a função sufixal. Contudo, tomando como base os princípios expostos no início desta pesquisa, vê-se que muitas construções, classificadas como prefixais ou prefixais e sufixais, podem ser lidas como parassintéticas. São exemplos disso as palavras: *despapelizar*, *despianizar*, *desjekar*, *desespanizar*, *deskistschizar* etc. Esses vocábulos guardam muitas semelhanças entre si, apresentando o mesmo valor semântico, mas diferentes tipos de base.

²⁹⁸ Extraído de *Folha de São Paulo*, 17/08/1997.

Assim, em *despapelizar* e *despianizar* têm-se, como base, os substantivos concretos *papel* e *piano*, já em *desjekar* tem-se o adjetivo *jeca*, todavia, o valor semântico explorado é o mesmo – o de reversão, como indicará a análise a seguir.

Sobre a perspectiva do produto derivacional, encontraram-se construções verbais como as citadas acima; substantivas como *dessadamização*, *despetização*, *desegoização*, *desmalufização*, *desestalinização*, *desvitaminose* e adjetivas de que são exemplos as palavras *desvernaculizador*, *despenalizador*, *descristificado*, as quais serão analisadas ainda nesta seção.

➤ **Despapelizar**²⁹⁹

Seguindo essa tendência, vale destacar a iniciativa pioneira da Faap dentre as instituições de ensino, que há mais de um ano adotou conceitos de organização digital e "despapelizou" uma série de rotinas burocráticas, resultando numa economia de 80% do papel utilizado na administração do campus.

Como se constata pela leitura do trecho, a ideia expressa pelo prefixo *des-* é a de reversão, associada ao valor causativo, atribuído pelo sufixo *-izar*. Ressalta-se novamente o valor de reversão incidindo sobre um processo que, no uso efetivo da língua, não é assim nomeado, isto é, existe, senão, como conceito/representação mental. É o mesmo que se verifica em palavras como *descascar*, *dessossar*, *desbagar*, *desnucar*, nas quais não há a denominação das ações de ★*cascar*, ★*ossar*, ★*bagar* e ★*nucar*, ou seja, a de dotar uma dada entidade de *casca*, *osso*, *bago* e *nuca*. Entretanto, entende-se

²⁹⁹ Extraído de *Veja*, 21/07/1994.

que dada entidade, sendo dotada dessas propriedades, pode passar por um processo que as faça extrair/perder esses atributos.

De modo semelhante, entende-se a construção de *despianizar*:

➤ **Despianizar**³⁰⁰

Os inventores das Américas desrespeitam selvagememente os instrumentos da tradição: metem os dedos nas cordas do piano ou lhes interpõem parafusos e roscas para <despianizá-lo>. Cowell. Cage. Desvirtuam as pianolas e as enlouquecem com dispositivos de aceleração e perfuração para abismar-nos em trajetórias vertiginosas e cânones polimétricos nunca antes ouvidos. Nancarrow.

No caso de *despianizar*, os valores são os mesmos verificados em *despapelizar*, contudo, a leitura do valor semântico do produto derivado deve privilegiar o sentido metafórico/abstrato, já que o autor do texto faz referência aos músicos Henri Cowell³⁰¹ e Jonh Cage, conhecidos pelas experimentações musicais que, muitas vezes, chocam não só o público, mas também outros músicos, por levarem ao limite as suas experiências, questionando e, não raro, invertendo os conceitos de arte e de música. Exemplo disso é a conhecida composição de Jonh Cage 4'33"³⁰² em que nenhum instrumento é executado. Assim, é neste contexto que se pode entender o neologismo “*despianizar*”.

³⁰⁰ Extraído de Folha de São Paulo, 17/12/2000.

³⁰¹ Henry Cowell (1897 -1965) foi teórico musical, pianista, professor, editor.

³⁰² Na performance de estréia da peça 4'33", em 1952, o pianista David Tudor sentou-se em silêncio em frente ao piano, somente movimentando as mãos em três oportunidades, durante quatro minutos e trinta e três segundos. A ideia de Cage era mostrar que, apesar de não haver sons, extraídos do piano ou de qualquer outro instrumento, ainda assim, havia música. A proposta do músico é a de que a música consistia, naquele caso, de todos os sons acidentais produzidos no salão, enquanto dura a performance da peça. Desse, modo Cage conceitua de modo diverso o que seria silêncio e, por conseguinte, música. “*etendimento de silêncio, para Cage, significa a ausência de sons intencionais*”. Cavalhero, Juciane dos Santos. In: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem14pdf/sm14ss04_08.pdf

Como ocorre em outros textos, há o uso reiterado do prefixo. Além dessas três formações destacadas no trecho, (*desrespeitar, desvirtuar, despianizar*), aparecem ainda, ao longo do texto, as palavras - *descontente, desafinada, desafinado*³⁰³, presente inclusive no título “Se você disser que eu desafino...” A repetição do prefixo no excerto transcrito acima serve para explicar a “descaracterização” que os músicos empreendem em instrumentos tradicionais, como o piano, por exemplo. O autor do texto, Augusto de Campos³⁰⁴, usa de ironia ao chamar os músicos de “inventores da América” e por afirmar que “metem os dedos nas cordas do piano”, subvertendo, mais uma vez, os traços principais do piano.

Entre as construções aqui analisadas, outro autor que exigiu maior atenção na captação dos sentidos presentes no neologismo elaborado foi o jornalista Ivan Lessa, que foi editor e um dos principais colaboradores do extinto jornal *O Pasquim*. O neologismo *desespanizar* foi extraído do texto “Melhor no original”³⁰⁵, no qual Lessa discorre sobre a obra de Vladimir Nabokov e critica a publicação de uma tradução feita por Jorio Dauster, lançada pela Companhia das Letras. A formação neológica refere-se à citação de uma das obras do escritor russo, como se pode ler abaixo:

³⁰³ Trecho do texto: “Música que chega a parecer, e é de fato, “desafinada” em relação ao sistema temperado aplicado aos instrumentos ocidentais. Capaz de desafinar até o coro dos descontentes (para recauchutar a frase que montei inspirado em Sousândrade e que Torquato Neto tornou conhecida).”

³⁰⁴ É possível sugerir, neste caso, que o uso reiterado do prefixo seja fruto do estilo do autor e do estilo literário que representou. O concretismo por romper e se opor às características tradicionais de poesia, fazia uso constante e reiterado de formas negativas que expressassem as diferenças entre as duas formas de se pensar a poesia. São da autoria de Augusto de Campos os livros – *Despoesia* (1994) e *Expoemas* (1985).

³⁰⁵ *Veja* (27/03/1996) - Anexo D.

➤ Desespanizar

No original (o único conto escrito direto em inglês, o antológico, o sobrenatural, o mágico, *As Irmãs Vane*), o narrador menciona (e aqui quem trai Nabokov sou eu): "Evoquei os ossos do tornozelo e outras castanholas anatômicas das irmãs Fox". Por que desossar e <desespanizar> as pobres?

Após a primeira leitura, poder-se-ia pensar que as irmãs Fox fossem espanholas, já que Lessa escreve “*desespanizar*’ as pobres”. No entanto, isso não se verifica, pois as irmãs eram norte-americanas. Sabe-se também que o vocábulo não se refere às personagens do conto – Cynthia e Sybil Vane – pois, ao se ter acesso à leitura completa do texto, o jornalista comenta alguns deslizos da tradução e indaga, em um período anterior ao citado acima: “E as pobres das irmãs Fox, na página 199? No original (...)”.

Para entender a passagem do conto, citada pelo jornalista - “*evoquei os ossos do tornozelo e outras castanholas anatômicas das irmãs Fox*” - e o neologismo por ele criado, em seguida, é preciso resgatar um elemento extra conto. Ao se referir às irmãs Fox³⁰⁶, o escritor russo retoma o método que elas usavam para se comunicarem com os espíritos – por meio de pancadas ou batidas (tiptologia). Veiculava-se, no século XIX, que esses ruídos eram produzidos pelos estalos dos ossos dos pés.

O jornalista, quase como homenagem, durante todo o texto, emula o estilo de Nabokov, primando pela construção da frase e jogando com uso de trocadilhos, de ambiguidades e outros recursos linguísticos, como se verifica ao apresentar a tradução como “*uma introdução, até (in)tradução, mas não corresponde, nem sequer se corresponde com o original*”. Constrói uma pequena alegoria em que chama Nabokov

³⁰⁶ As irmãs eram Katherine "Kate" Fox (1837–1892), Leah Fox (1814–1890) e Margaret "Maggie" Fox (1833–1893), são consideradas “fundadoras” do movimento espírita nos Estados Unidos, por terem exercido um importante papel na gênese do Espiritualismo Ocidental. In: <http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Irmas-Fox.pdf>

de enxadrista - “*lenta e arduamente, divino enxadrista, Nabokov vai armando suas artes, pregando suas peças sobre o vasto tabuleiro de xadrez literário*” e continua a sequência “*Em 1962, arde intensamente jogos/jogadas: Fogo Pálido (...)*”. O autor brinca ainda com as palavras e projeta uma gradação, alterando o significado de um conhecido verso: “*(...) Ler Nabokov. Vale a pena? Vale. Vale a pena, a esferográfica, a Olivetti portátil, o micro (...)*”.

É neste sentido que se entende o vocábulo “*desossar*” e de modo semelhante, a construção neológica *desespanizar*. Isso porque a tradução de Jorio Dauster, resenhada por Lessa, dá nova redação ao texto de Nabokov:

“*(...) recordei-me das irmãs Fox (descritas pelos sábios da Universidade de Búfalo); do tipo surpreendentemente uniforme de adolescente sensível nas desoladas Epworth ou Tedworth, irradiando os mesmo distúrbios que no antigo Peru; das solenes orgias vitorianas, com chuvas de rosas e acordeões flutuando no ar aos acordes de música sacra. (...)*”

Percebe-se que nesta versão, o tradutor utiliza outro instrumento - o acordeão - e não “castanhola”, perdendo a referência de tal instrumento; ele também cria uma metáfora diferente para fazer menção aos sons ouvidos pela personagem. No caso da construção do escritor russo “*castanholas anatômicas*”, como se sabe, o instrumento, culturalmente, é remetido à Espanha e, desse modo, Lessa forma “*desespanizar*” e não “*descastanholar*”, como seria mais comum, sendo tirado diretamente da base. Já “*desossar*” depreende-se textualmente pelo adjetivo “*anatômicas*” que, por sua vez, prende-se à referência extra-textual, supracitada – os sons produzidos pelas irmãs Fox, oriundos dos ossos de seus pés.

Ainda sobre as formações com bases substantivas, as construções *desmalufização*, *dessadamização*, *desbabalizar*, *desestalinização* analisadas a seguir, parecem indicar uma tendência no uso do prefixo *des-*.

➤ **Desmalufização**³⁰⁷

O GLOBO: Por que o senhor decidiu intensificar a <desmalufização> no seu Governo? CELSO PITTA: Esse processo ocorreu porque o presidente do PPB, Paulo Maluf, disse que não tinha nada a ver com a administração de São Paulo. Se ele fez isso, o partido também não tem nada a ver com a administração. A declaração foi a gota d'água de um processo de distanciamento que já ocorria.

O trecho transcrito possibilita, facilmente, o entendimento do neologismo, explicitando, inclusive, um dos valores semânticos atribuídos pelo prefixo. O ex-prefeito de São Paulo Celso Pitta (1997-2001), em resposta ao jornalista, sobre a *desmalufização* de seu governo, reforça os valores semânticos já presentes nos morfemas derivacionais. Ao explicar, afirma que “esse processo” ocorreu pelo fato de Paulo Maluf ter dito que “não tinha nada a ver com a administração de São Paulo” e conclui “A declaração foi a gota d'água de um processo de distanciamento que já *ocorria*”. Os termos sublinhados ressaltam os significados presentes nos afixos *des-*, *-iza(r)*, *-ção* – afastamento/privação; causativo e processo.

Em *desestalinizar*, vê-se similar processo de formação:

➤ **Desestalinização**³⁰⁸

Um enfarte encerrou a carreira do ditador que bateu o recorde de permanência no poder neste século: Kim Il Sung, o chefe comunista da

³⁰⁷ Extraído *O Globo*, 04/04/1999.

³⁰⁸ Extraído de *Veja*, 13/07/1994.

Coréia do Norte, foi fulminado por um ataque cardíaco na sexta-feira passada, aos 82 anos. Kim colocado no governo pela União Soviética em 1948, sobreviveu a todas as reviravoltas no mundo comunista - a <desestalinização> na década de 50, o conflito entre a China e a URSS, a perestroika de Mikhail Gorbachev e o fim da guerra fria.

“Desestalinização” tem como base o substantivo próprio “Stalin”, líder político russo no período da União Soviética. Em particular, chama atenção a presença da vogal “e” entre o prefixo e o nome próprio, a qual pode ser explicada considerando dois fenômenos distintos: (i) por epêntese, para conformação do neologismo aos moldes das regras do português; (ii) produto virtual de formação *es-* + Stalin + *-iza(r)* + *-ção*, em que o prefixo *es-* desempenharia o valor semântico causativo. O *des-* atribui, assim, o significado de reversão, fruto provavelmente de uma noção de afastamento/privação, assim como visto em *desmalufização*.

De igual construção morfo-semântica, encontrou-se também o verbo *desbabalizar*:

➤ **Desbabalizar**³⁰⁹

Para desbabalizar o partido, a campanha de filiação será a mais ampla possível, feita através da televisão e da internet, e contará inclusive com equipe de telemarketing e auxílio de uma linha NÚMERO.

Como no trecho não há referência ao partido, também foi necessário procurar por um contexto maior, buscando-se, então, o texto integral³¹⁰ cujo título já trazia expresso o neologismo – “*Querem desbabalizar o PT*”. Além disso, a reportagem conta com um foto do então deputado Federal João Batista Oliveira de Araújo, conhecido como Babá, o qual é chamado de radical pelo jornalista, pois, segundo ele, teria votado contra a

³⁰⁹ Extraído de *Veja*, 13/08/2003.

³¹⁰ Anexo E.

reforma previdencial, divergindo, assim, da recomendação do partido. O excerto acima mostra que o PT tentava expandir o número de filiados, buscando novos meios, como internet e telemarketing, tentando também modificar sua imagem junto ao eleitorado.

Sendo assim o deputado Babá, pertencente à ala mais radical petista, é convocado a integrar essa formação, atuando quase como um adjetivo, representando e personificando o radicalismo partidário. A postura do referido deputado contrariava tanto os novos ideais do partido que, meses depois dessa matéria, o deputado acabou expulso do PT³¹¹. Esta formação difere-se dos outros neologismos por não apresentar o sufixo *-izar*, contando apenas com o afixo *-ar*, o qual é o responsável pela atribuição do valor de ação.

Também formado a partir de substantivo próprio, registrou-se *dessadamização*, convocando os mesmos valores semânticos:

➤ **Dessadamização**³¹²

Até que nível chegará o processo de "dessadamização"?

Assim como a análise do vocábulo anterior, o trecho fornecido não permitiu que se estabelecesse, com segurança, o valor semântico da criação neológica. Para resgatar o significado dessa palavra, foi preciso buscar por mais elementos do texto. Recorreu-se, assim, à leitura do texto integral – à espera de um sorriso – que discorre sobre a situação do Iraque após a queda de Saddam Hussein. De posse desta informação, pode-se chegar ao valor semântico atribuído pelo prefixo e ao significado do vocábulo no contexto

³¹¹ O deputado Babá, juntamente com a senadora Heloísa Helena e a deputada federal Luciana Genro, também expulsas do PT, Milton Temer e outros ativistas políticos e sindicais, fundou o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).

³¹² Extraído de Veja, 09/04/2003.

citado – o de reversão de processo. Nota-se que a reversão incide nas características que o ditador representava. Ao longo do texto, também se encontram outras formações com base no nome do ditador iraquiano – “anti-Saddam” e “pós-Saddam”.

Os vocábulos acima analisados - *Dessadamização*, *desmalufização*, *desestalinização* e *desbabalizar* - refletem um modelo verificado tanto nos neologismo coletados pelo projeto TermNeo, quanto pela observação de textos jornalísticos (escritos e orais)³¹³. A base desse tipo de formação parassintética, isto é, substantivos próprios, expressa uma tendência; representa um conjunto de traços e características, as quais devem ser suprimidas. A noção de reversão é daí depreendida. Para formações desta natureza, também é possível a interpretação de afastamento, valor bastante frequente do prefixo *des-*.

O valor reversivo ou de afastamento como indicado acima, também é encontrado na formação *despetização* tal como indica o trecho abaixo:

➤ **Despetização**³¹⁴

Na semana passada, ele falou na "despetização" do governo e informou aos ministros que os dois anos iniciais foram mais do que suficientes para que eles demonstrassem alguma competência.

O neologismo foi criado pelo próprio presidente da República naquela época³¹⁵ (2004) – Luiz Inácio Lula da Silva. O político utiliza “despetização” para se referir à

³¹³ Ressalta-se o exemplo já citado na Seção 2.4, do Capítulo 1 - o neologismo “*desentitizar*”, referindo-se ao técnico de futebol Tite. Além disso, encontrou-se *despignatarizar* – Décio Pignatari. Chama atenção, mas uma vez a formação do verbo em *-ar* e não em *-i* aproveitando a vogal final do sobrenome do poeta.

³¹⁴ Extraído de *Veja*, 01/12/2004.

³¹⁵ Informação que só pode ser validada a partir da leitura do texto integral. Anexo F.

troca de ministros, ligados ao PT, os quais não teriam realizado um trabalho satisfatório ao longo de dois anos de mandato. O texto em que se encontra esse neologismo aparece na coluna “carta ao leitor” da revista Veja e traz como título “ciclo de eficiência”, também extraído das palavras do presidente, como se fica evidenciado ao longo do texto. A ideia expressa no texto e sintetizada na criação neológica é a de não mais manter políticos em cargos públicos, apenas pela identidade partidária. Assim, petistas, considerados “ineficientes”, como assinala o próprio texto, deveriam ser substituídos.

O uso da sigla como base para formação é, em língua portuguesa, fenômeno bastante comum, tendo sido formadas com essa mesma sigla – *petista*, *petralha*³¹⁶, *petralhar*³¹⁷, *petralhinha*³¹⁸ *petistite*³¹⁹, *petismo*³²⁰.

Seguindo o mesmo padrão de despetização, pode-se citar:

➤ **Desbaathificação**³²¹

A proposta aparentemente vai contemplar uma maneira de acabar com a **desbaathificação** da forma como ela é hoje e incluir uma oferta para reintegrar os sunitas que abandonarem a insurreição.

O neologismo tem como base o substantivo Baath³²², designação do partido político do qual fez parte Saddam Hussein. Assim como se viu em “*dessadamização*”,

³¹⁶ Palavra já dicionarizada pelo Dicionário Sacconi, 2012. A partir da construção *petralha* encontrou-se também um neologismo formado com o prefixo *des-*: *despetralhando* (01/11/2006), extraído de <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/despertalhando/>

³¹⁷ Propaganda política, veiculada pelo próprio partido. Extraído de <https://www.facebook.com/pt.brasil/photos/a.106208242798893.13150.105821366170914/700948209991557/?type=1&fref=nf>

³¹⁸ Extraído de <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/eu-um-petralhacida/>, 11/08/2006.

³¹⁹ Texto Reinaldo de Azevedo, 19/01/2015, extraído de <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/a-petistite-e-uma-doenca-grave-e-se-nada-for-feito-letal-o-agente-patogenico-o-petralha-da-estirpe-vs-continua-empestando-o-ar/>

³²⁰ *Idem, Ibidem.*

³²¹ Extraído de *Época*.

em que o processo se referia ao afastamento ou reversão das características que apontavam para o governo desse ditador, *desbaathificação* aponta para a mesma intenção. Esse termo aparece em vários veículos de comunicação e em muitos à sua utilização segue-se uma referência ou explicação:

O Globo, 19/10/2005:

“Acho o julgamento importante, mas ele sozinho não será bastante para esclarecer os crimes do regime, algo que fiz durante o trabalho na comissão de **desbaathificação** (desmantelamento do partido Baath, de Saddam)”

Folha de São Paulo, 07/11/2006:

“A decisão partiu do primeiro ministro, o xiita Nuri Maliki, e foi anunciada à Associated Press por Ali Lami, diretor da comissão de **desbaathificação**” (Baath era o partido do ex-ditador) do Estado.”

Estado de São Paulo, 21/03/2013:

“Os senhores reconhecem que a **desbaathificação** (exclusão dos membros do Baath, de Saddam Houssein, do setor público), imposta por Paul Bremer (...)”

Sendo assim, o valor semântico de *des-* nesses casos é o de afastamento, muito embora, também possa ser lido como reversão, considerando o mesmo processo de formação visto em *despetização*.

Tomando como base o substantivo comum, *desejoização* também descreve um processo como se depreende a partir da leitura abaixo:

³²² O partido defendia o Baathismo que é uma mistura ideológica de nacionalismo árabe, pan-arabismo, o socialismo árabe e anti-imperialismo. O Baathismo pedia unificação do mundo árabe em um único estado.

➤ **Desegoização**³²³

Foi dessa perspectiva que empreendi as minhas primeiras versões de Rilke, a maioria delas extraída dos "Novos Poemas". Ao publicá-las, enfatizei, num estudo introdutório, o caráter único desses textos em que, segundo Ursula Emde, ocorre "a conversão de Rilke ao objetivo e ao concreto", ou, no dizer de Oscar Walzer, uma "<**desegoização**> da lírica", um "lirismo novo, de onde o Eu é ausente, onde o 'ich' (eu) é substituído por 'er' (ele)." Como assinalei, então, sob o olhar sensível e a pena justa do poeta, o inanimado se anima e o animado se humaniza, por uma sutil translação de categorias.

O neologismo, criado a partir do substantivo *ego*, tenta traduzir o que está expresso em todo um sintagma, como os contidos no excerto transcrito acima - "*a conversão de Rilke ao objetivo e ao concreto*"; "*lirismo novo, de onde o Eu é ausente, onde o 'ich' (eu) é substituído por 'er' (ele)*". Ademais, tomando o texto por completo³²⁴, podem-se encontrar outras passagens que pretendem explicar a nova lexia:

1 - "*uma poesia que de algum modo conseguisse pertencer ao mundo das coisas antes que ao dos sentimentos.*"

2 - "*Aqui, segundo anota Snow, "a compressão do enunciado e a eliminação do eu autoral são levadas ao extremo na busca de um ideal objetivo*".

Pelas explicações contidas no próprio texto, vê-se que o vocábulo descreve o processo de reversão. O neologismo, presente no texto acima "Coisas e anjos em Rilke", foi encontrado seis anos antes em outro texto, também escrito por Augusto de Campos e publicado pela Folha – 29/11/1992 – sobre o título "*I like Rilke*", em que o poeta brasileiro fazia saber sobre as traduções que realizou em dez poemas de Rilke.

³²³ Extraído de *Folha de São Paulo*, 20/12/1998.

³²⁴ Anexo G.

Como já assinalado no início desta seção, o vocábulo “*desjekar*” apresenta valores semânticos semelhantes às análises empreendidas nos neologismos calcados em bases substantivas, conforme se constata a seguir:

➤ **Desjekar**³²⁵

Para essa gente, <**desjekar**>, há um classificado no "New Republic" oferecendo a direção de "Foreign Affairs", a revista de maior prestígio no mundo do setor. Publicou o famoso Memorando X de George Kennan, a proposta de Richard Nixon abrir a China. Não estipulam raça, cor, nem sequer pedem títulos acadêmicos (o que não falta aos brasileiros...). É preciso saber inglês e entender do riscado Realpolitik. Salário a combinar. Não deve ser menos de US\$ 200 mil ao ano. Uma boa chance de sair da roça.

O excerto integra a extinta coluna “Diário da corte”³²⁶ do jornal *O Globo*, escrita pelo jornalista Paulo Francis. Essa coluna era entrecortada por pequenos textos, como o transposto acima. Este seria, portanto, um microtexto que, ao lado de outros, comporiam o macrotexto. No entanto, apesar de ser um texto completo, isto é, encerrar uma mensagem completa, faz referência a outros elementos expostos em outros microtextos, assim como se verifica, por exemplo, no gênero diário. Assim, sabe-se que ao dizer “para essa gente” o jornalista se refere a um grupo específico de brasileiros aos quais chama de “*professorezinhos de academias, militantes do PT, que é o PC acaboclado, ao nível intelectual do Morumbi, da família Mogadon e similares...*” e então, usa “*essa gente*”, anaforicamente, rematando que “[*eles*] não tem a menor noção (...) Pelo que escrevem se nota o absoluto desconhecimento do que se passa no mundo, fora do brejozinho brasileiro”. Nota-se, portanto, o tom ácido utilizado pelo jornalista

³²⁵ Extraído de *O Globo*, 02/06/1996.

³²⁶ Paulo Francis vivia nos estados unidos de onde escrevia seus textos, daí o título da coluna – Anexo G.

ao se referir a esse grupo e, posteriormente, ao Brasil. Sendo assim, ao se referir novamente a “essa gente” no microtexto transcrito, pode-se abranger a referência não só para aquele grupo, mas também para os brasileiros.

Pelo exposto e pela leitura do trecho, fica evidenciado que a formação neológica compreende um campo semântico, construído a partir do estereótipo rural, marcadamente pejorativo – *desjekar* e *roça* -, criado pelo jornalista neste microtexto, mas iniciado na introdução de sua coluna em que utilizou “*brejozinho*”. Assim, o neologismo pode ser parafraseado por “ação^{-ar} de deixar^{des-} de ser X^{base[adj]}”³²⁷, já que se tratar de base adjetiva “caipira; que revela mau gosto; cafona”.

De base adjetiva, também se encontrou:

➤ **Deskistschizar**³²⁸

Livre da maquiagem carregada que o transformou em caricatura, só assim - definitivamente <**deskistchizada**³²⁹> - a música napolitana, uma das mais legítimas e espontâneas manifestações da criação popular, pura como água de fonte, poderá ser reouvida e revivificada.

Neste caso, utiliza-se um adjetivo não vernáculo – *kitsch*, datado no século XX, pelo Dicionário Houaiss do qual também se extraíram as acepções indicadas abaixo:

- 1- que se caracteriza pelo exagero sentimentalista, melodramático ou sensacionalista, freq. com a predileção do gosto mediano ou majoritário, e pela pretensão de, fazendo uso de estereótipos e chavões inautênticos, encarnar valores da tradição cultural (diz-se de objeto ou manifestação de teor artístico ou estético)
- 2- estilo artístico, tendência estética que apresenta estas características

³²⁷ Nos dois casos, o significado da palavra não sofre profunda alteração, contudo a estrutura da construção vocabular ressalta um tipo de estrutura. Na primeira paráfrase, subjaz a estrutura parassintética e na segunda, privilegia-se uma leitura de formação prefixal.

³²⁸ Extraído de *Folha de São Paulo*, 18/07/1993.

³²⁹ Apesar de o adjetivo ser grafado – *kitsch* – a forma registrada pelo TermNeo foi a acima transcrita.

Percebe-se que a escolha pelo adjetivo é bastante precisa, já que na sequência, após dizer que a música napolitana foi “*definitivamente deskistchizada*”, o autor completa que ela poderá ser “*reouvida e revivificada*”, já que volta a expressar-se de forma espontânea. A precisão da escolha do adjetivo é observável também pela ausência de um adjetivo em português que consiga sintetizar essa ideia. Síntese também verificada no uso do prefixo, como já assinalado. Mais uma vez, o significado verificado é o de reversão, associado ao valor causativo, atribuído pelo afixo *-izar*: “ação^{-ar} de deixar^{des-} de ser X^{base[adj]}”.

Com valor semântico de reversão, também foram registrados os produtos derivados adjetivais *despenalizador*, *desvernaculizador* e *descristificado*.

➤ **Despenalizador**³³⁰

É curioso perceber como, no final do século, quando se acreditava no incremento do movimento <**despenalizador**> mediante a utilização de técnicas alternativas de controle social, cresce o anseio por penas mais elevadas de um modo geral, por uma atuação mais draconiana dos sistemas punitivos como, um todo um todo, com prisões provisórias decretadas amiúde, isto é antes da sentença final, e o endurecimento do regime prisional.

Além do valor reversivo atribuído pelo *des-*, há o significado agentivo conferido pelo sufixo *-dor*, ambos atuando sobre a base, já derivada, *penalizar* (1682) “*infligir pena*”. Desta forma, a criação neológica descreve a tendência de um agente que pretende reverter a ação de penalizar, pode ser interpretado como: “que deixa de X^v”.

³³⁰ Extraído de *Folha de São Paulo*, 01/08/1993.

Em *desvernaculizador*, vê-se similar processo de formação, em que se toma como base também uma forma verbal – *vernaculizar* “tornar vernáculo, assumir feição do que é vernáculo”, constante dos verbetes do Dicionário Houaiss, mas sem registro de datação:

➤ **Desvernaculizadora**³³¹

(...) influência dos filmes em língua espanhola bem como pela enchentes de tangos argentinos, rancheras, rumbas, que nos atolam no espanhol e exercem uma ação corrosiva, <**desvernaculizadora**> sobre a fala nacional.

Assim, como se pode depreender da leitura, do mesmo modo como partilha de formação morfológica semelhante ao vocábulo “*despenalizar*”, também compartilha dos mesmos valores semânticos, contudo pode ser lido como negação simples quando se toma como referência a segunda acepção da base “assumir feição do que é vernáculo”. Desse modo, optou-se por produzir duas paráfrases: - “que deixa de X^v” e “que não X^v”.

➤ **Descristificado**

Nascido em 1939, depois da Revolução de 30, Vitória da Conquista, Glauber foi até o fim da vida, 1981, o intelectual nacionalista revolucionário. Em seu magnífico filme “A Idade da Terra”, a “Nova New Geopolítica”, a “Guernica” do nosso folclore, colocou Cristo <descristificado> dentro da questão nacional, mesclando nacionalismo com sentimento religioso, onde ouvimos Getúlio Vargas em Brasília na voz de Jamelão terceiro-mundista.

³³¹ Extraído de *Veja*, 03/10/1993. É interessante assinalar que a passagem transcrita é parte da fala do escritor Mário de Andrade, citada na referida revista.

Poder-se-ia considerar como base para a criação de *descristificado* também uma forma verbal como *cristificar*, sem registro em dicionário, mas potencialmente possível em português, alterando assim a classificação do neologismo, já que *cristificado*, sendo particípio habilitaria a formação como apenas prefixal. Todavia, fica evidenciada, pelo contexto, a tentativa de se recuperar o substantivo próprio Cristo, ressaltando como valores semânticos o significado de afastamento/privação, podendo ser parafraseado por “que deixou de ser X”; “sem as características de X”.

Diferenciando-se do valor semântico do prefixo *des-*, observado na maioria dos casos já analisados, encontra-se *desvitaminose*, construção curiosa tanto pelo sufixo, quanto pelo significado atribuído pelo *des-*:

➤ **Desvitaminose**³³²

O excesso de vitaminas pode causar a desvitaminose (...)

O sufixo *-ose* (do gr. *-ōsis*) apresenta alguns significados entre os quais destaca-se aquele convocado na formação acima:

Usado em medicina por uma especialização do greco-latino *-ose*, para formar os substantivos de diversos processos patológicos e doenças, sobre uma base que designa quer o órgão, quer parte dele (*artrose*, *dermatose*, *neurose/nevrose*), quer determinada manifestação do processo em causa (*furunculose*, *tuberculose*), quer a natureza desse processo (*bacilose*, *silicose*).

Dicionário Houaiss

Nota-se pela explicação dada pelo dicionário, que no caso da formação vocabular, o sufixo incide na natureza do processo patológico – o excesso de qualquer

³³² Revista Época.

vitamina. Nos dois exemplos selecionados pelo dicionário, vê-se que o sufixo caracteriza a enfermidade pela presença do elemento apontado na base:

Bacilose - termo genérico para qualquer infecção por bacilos;

Silicose - pneumoconiose provocada pela inalação de poeira de sílica.

Sendo assim, o prefixo, ao contrário dos exemplos analisados anteriormente, não expressa reversão, afastamento ou privação e, sim, intensidade.

Após empreender a análise dos neologismos, torna-se necessário revisitar o quadro indicado no Capítulo 3 (Quadro 3) acerca dos valores semânticos atribuídos pelo prefixo *des-*, considerando-se sua atuação na parassíntese e na prefixação. Compreendendo os verbetes do DHLP, verificou-se que o valor de reversão aparecia no bojo do valor negativo em formações prefixais. Assim, por ser um significado embutido no valor de negação, optou-se por não indicá-lo, separadamente, naquela oportunidade. No entanto, os dados do TermNeo trouxeram uma nova dimensão dos valores semânticos connotados por este elemento formativo, sendo, portanto, necessário, reformular o quadro síntese dos valores conferidos por *des*

-.

Prefixo des-	
Prefixação	Parassíntese
Separação/afastamento	Separação/afastamento
Negação	Negação
Reversão	Reversão
Reforço/intensidade	Intensidade/ iteração
—	Diminuição
—	Golpe
—	Causativo
—	Descensão

Quadro 9 - Síntese dos valores atribuídos por des-, nas formações prefixais e nas parassintéticas.

Do mesmo modo, reconvocam os arranjos propostos para as formações parassintéticas isocategoriais e heterocategoriais (Capítulo 4, Seção 2), com o fito de incluir duas novas construções encontradas também na análise promovida com os neologismos.

Parassíntese – processos isocategorial e heterocategoriais

1- Verbos denominais:

Afastamento /separação – “tirar X”, “tirar de X”: *descarrilar*, *descascar*, *desfibrar*;

2- Verbos deadjetivais:

a) Privação – “fazer perder X” *desneixar* ;

b) Causativo - “tornar X” *desfear*, *despedaçar*, *desbravar*;

3- Adjetivos denominais:

Negação “sem x” – *desalmado, desdentado*;

4- Adjetivos dejetivos:

Diminuição - “reduzir X” - *debastado*;

5- Adjetivos deverbais:

despenalizador, desvernaculizador ;

6- Adjetivo denominal: *descristificado*

7- Substantivos denominais: *dessadamização, desmalufização, desvitaminose*

Considerações Finais

Apresentada em quatro capítulos, esta pesquisa ocupou-se do estudo das construções formadas com o prefixo *des-*. No entanto, para realizar essa investigação foi imprescindível definir algumas questões fundamentais. E assim se procedeu ao primeiro capítulo, no qual foram apontados alguns dos percalços enfrentados ao se analisarem as formações parassintéticas, bem como as criações por prefixação com os afixos *de-* e *des-*. Abordou-se desde o problema de nomenclatura e definição desses processos de formação de palavras até as exigências para sua caracterização e as restrições afixais, em razão da dicotomia derivação X flexão, no caso da parassíntese e da classificação derivação X composição, nas formações prefixais.

O caminho percorrido pela análise mostrou diversos argumentos que permitem o agrupamento do formante *-ar* como potencial formador de verbos parassintéticos. Buscaram-se, nos estudos de Basílio (1987, 1990, 1993), argumentos contundentes que avalizavam a análise do caráter derivacional de *-ar*.

Entretanto, por reconhecer o peso dessa dicotomia em diversas questões linguísticas, procurou-se estabelecer uma forma de análise que abarcasse não apenas o caso de *-ar*, mas também que auxiliasse a resolver ou, pelo menos, minimizar problemas que envolvessem questões desta natureza. Por isso, tomou-se a ideia de *continuum*, encontrada em Bybee (1985) e a parametrização e classificação feita por

Gonçalves (2011) que aplica a ideia de *continuum* aos dados do português, para embasar esta análise.

Por meio dos procedimentos realizados por Gonçalves e aplicados ao afixo em apreciação, viu-se que este ocupa posição próxima à medial na gradação que vai do menos flexional para o mais flexional, como se pôde observar na Figura 2 (pg. 61). Isso vem a confirmar os argumentos encontrados em Basílio e também estabelecer um ponto de contato com a gramática tradicional, pois posicionar esse afixo no meio do eixo flexão ← derivação pode refletir, em parte, a nomenclatura usada pelas gramáticas que denominam o infinitivo como uma das formas nominais do verbo.

Configurada dessa maneira, a derivação e a flexão podem ser entendidas como um *continuum* e a classificação dos afixos deve ser promovida de forma contrastiva e gradiente. Consideraram-se, afora isso, os posicionamentos baseados em Tesnière (1956), a respeito da transposição de classe gramatical e na assunção de “classes transicionais”.

Frente à discussão promovida, percebeu-se que as formações parassintéticas constituem um complexo objeto de estudo, tanto pelas questões que suscitam, quanto por envolver um processo de dupla afixação, envolvendo, no mínimo, três formantes lexicais. Construções como essas desestabilizam pesquisas que tentam agrupar e segmentar de forma rigorosa os produtos de uma criação lexical e acabam por esquecer os processos que a envolvem.

Na esteira das polêmicas causadas pelo emprego do termo parassíntese, reformulou-se sua definição, considerando-se, até aquele momento da pesquisa, os

aspectos indispensáveis para o seu reconhecimento. Definição esta que foi reelaborada a partir da análise dos dados do Dicionário Houaiss (Capítulo 3) e dos neologismos (Capítulo 4).

No segundo capítulo, delineou-se o percurso histórico do prefixo *des-*, por meio de levantamento bibliográfico acerca dos elementos formativos latinos *de-*, *dis-*, *ex-*, e do escasso referencial teórico existente a respeito das origens do *des-*. Essas leituras e a análise do comportamento do *formante* em apreço, no galego, espanhol, catalão, francês, italiano e romeno possibilitou constatar que *des-* constrói-se de forma quase simbiótica em relação aos prefixos acima mencionados, já que todos parecem ter contribuído para o seu surgimento, desenvolvimento e para a expansão de seus valores semânticos.

Assim, a recorrente questão sobre a origem de *des-*, ora sendo filiado à soma dos elementos formativos *de-* e *ex* ou *dis-* e *ex-*, ora sendo atribuída à transformação sofrida pelo formante *dis-*, começa a ser respondida. Entretanto, apesar da extensa pesquisa e das informações apuradas com essa análise, a resposta não é conclusiva, já que é necessário pesquisar os valores semânticos de *des-* para averiguar de que forma e em que medida esses afixos contribuíram e influenciaram em seu desenvolvimento morfossemântico.

Completando a análise do segundo capítulo, pautou-se nas formações duplas, isto é, nas palavras criadas com *des-* ou *es-*, *des-* ou *de-*, *des-* ou *dis-*, verificadas em vários dialetos portugueses. Afora isso, indicou-se ainda que o valor semântico do *des-*

nesses dialetos sofria alterações significativas em relação à acepção encontrada em dicionário, como se viu em Leite de Vasconcelos, na Revista Lusitana (1887-1943).

Após esgotar as questões indispensáveis à análise, empenhou-se, no terceiro capítulo, em estudar os valores semânticos atribuídos pelos prefixos *de-* e *des-*, partindo-se das entradas do Dicionário Houaiss. Para efetuar esse estudo, dividiram-se as palavras, considerando-se o tipo de formação (prefixal ou parassintético) e a classe gramatical da palavra-base. Essa investigação possibilitou a organização das etapas de desenvolvimento e ampliação dos valores semânticos desses afixos. Desse modo, engendrou-se uma hipótese genealógica dos significados desses elementos formativos.

A investigação promovida neste capítulo revelou que ainda no latim clássico o prefixo *de-* já não atribuía, em algumas formações, valor semântico às bases, não desempenhando sua função de prefixo. Sendo assim, essas palavras passavam a ser interpretadas como primitivas, como se aludiu por meio dados do dicionário *Gaffiot*.

No latim vulgar processou-se a continuação do esvaziamento semântico de algumas formações com *de-*. Ao par disso, opera-se a perda das nuances entre os prefixos latinos que atribuía valores elativo e ablativo (*ex-*, *ad-*, *ab-*, *dis-*, *de-*). A situação desses elementos formativos propiciou a reorganização do sistema de prefixação e preposição, culminando na estabilização dessas funções, mas não dos seus significados. Como se viu, o uso dos elementos formativos *de/de-* + *ex/ex-* para expressar afastamento, inicialmente, devido à perda de significado de *de-* e à indistinção entre os dois significados desempenhados pelos referidos afixos, cria condições para a alteração no sistema prefixal.

Apesar de se ter em conta que classes fechadas são menos suscetíveis à mudança, tal conjuntura propiciou que tal fenômeno acontecesse. Assim, no caso do prefixo *des-*, a alteração não se efetivou apenas em relação aos significados, resultando também na modificação de sua representação formal e/ou material fônico (Viaro, 2013), tamanho o desgaste sofrido pelas preposições latinas.

A pesquisa sobre a evolução dos elementos formativos *de-* e *des-* valeu-se da análise de formação de palavras em sincronias pretéritas, como a prefixação no latim, a presença dos elementos formativos no galego-português e as formações no português arcaico, com o propósito de acompanhar como se deram as alterações morfossemânticas que culminaram no surgimento do *des-*, prefixo bastante produtivo em português atual.

É interessante assinalar que o desenvolvimento do afixo *des-* não foi o mesmo para as línguas românicas, tendo cada língua resolvido, em seu sistema, a reorganização desses formantes lexicais. Como se verificou, o prefixo é observado em todas as línguas românicas estudadas³³³. Assim, na formação das línguas nacionais, a evolução de *des-* obedece aos critérios de cada língua/dialeto.

Em galego-português, em um primeiro momento, provavelmente, como apontou Neira (1976), ainda haveria a presença de *des-* e *es-* com valor de afastamento. No entanto, inicialmente, *es-* atuaria nas formações parassintéticas com esse valor e *des-* atribuiria valor negativo. Após a reinterpretação do elemento formativo *de-*, o afixo *des-* passa também a desempenhar valor de afastamento nas parassínteses.

³³³ Ressalta-se que, em italiano, a forma mais comum na maioria dos dialetos é *s-*, estando o *des-* presente no dialeto setentrional.

Já no português, indicou-se que o prefixo *dis-* também contribui para o desenvolvimento dos valores semânticos de *des-*. Ademais, a estabilização de *des-* como forma prefixal, deve-se também ao fato de a produtividade do prefixo *de-* ter diminuído, passando a figurar apenas como preposição³³⁴.

Mostrou-se, neste capítulo ainda, que os valores de *de-*, provavelmente, influenciaram as formações construídas com *des-*, visto que ocorre em seus significados o valor de *descensão*, típico do prefixo *de-*. Afora isso, também foram revelados outros significados para além dos apontados nas descrições semânticas encontradas nos dicionários e nas gramáticas pesquisadas. Assim, foram encontrados os valores causativo, de golpe e de diminuição³³⁵.

No quarto capítulo, buscou-se examinar os prefixos *de-* e *des-*, explorando diferentes níveis de análise. Verificou-se que esses formantes lexicais se adjungem a bases verbais, adjetivas e substantivas tanto nas formações prefixais, quanto nas construções parassintéticas, contrariando a ideia de que os prefixos selecionam rigidamente suas bases. Averiguou-se que a seleção feita por esse elemento formativo ocorre de modo diferente. Observou-se uma predileção na atuação desses prefixos em cada um dos processos de formação de palavra estudados. No que se refere às unidades léxicas apenas prefixadas, constatou-se que, em grande parte dos casos, a união do afixo *des-* se dá com bases verbais, assim como indicou a Figura 8 (pg. 200). Já as parassínteses, geralmente, são construídas a partir de bases substantivas (Tabela 3)³³⁶.

³³⁴ No italiano e no francês não se encontra o “de” com preposição isoladamente, há em italiano “di-” e em frances *dessus*, *dessous*, *devant*, *dedans*.

³³⁵ Vide Quadros 2 e 3 (pgs. 144 e 177).

³³⁶ Página 204.

Além disso, pôde-se indicar que o produto derivacional culminava, na maioria dos casos, em verbos de primeira conjugação, partindo, na maioria dos casos, de substantivos concretos. Considerações essas concernentes também com o que ocorre nas formações com o prefixo *de-*.

No processo parassintético, em que atua a função heterocategorial, viu-se que se originavam produtos derivacionais verbais, substantivais e adjetivais.

Percebeu-se também que os valores semânticos acabam acompanhando o tipo de base selecionada. Assim, como indicou a síntese dos arranjos e combinações morfossemânticos. Apesar de o prefixo *des-* apresentar muitos significados e ser amplo no quesito gramatical, constatou-se que esse fato não se deve ao fenômeno da homonímia e, sim, prende-se a idiossincrasia de sua origem, tendo sofrido influência dos prefixos latinos *de-*, *ex-*, *dis-*, além da atuação de outros fenômenos e processos linguísticos.

Pela análise dos verbetes do DHLP, formados em português, notou-se que nenhuma palavra formou-se da junção do prefixo *de-* e bases iniciadas por vogais nasais nem com as vogais /o/ e /u/, o que pode sugerir uma restrição a esse tipo de construção, uma vez que também se encontraram poucas formações incididas por outras vogais (quatro construções com a vogal /a/ e apenas uma com o /i/). No que tange às formações com o prefixo *des-*, verificou-se que esse afixo também se mostrou abrangente em relação ao nível fonológico, não apresentando restrições na adjunção a qualquer segmento fônico.

Foi possível perceber também que os valores semânticos presentes nas construções parassintéticas extraídas do DHLP eram essencialmente diferentes daqueles observados nos neologismos analisados. Entre os verbetes do dicionário, classificados como parassintéticos, verificou-se que o significado mais comum foi o de afastamento, já nos neologismo, o valor semântico mais convocado para integrar tais formações foi o de reversão. Significado que, como aludido anteriormente, pode se referir a um processo ou ao resultado, ou ainda mudança de estado, decorrente de um processo ou ação.

Discutiu-se também que a assunção da ordem prefixação e posterior nominalização pelo fato de os prefixos serem mais produtivos em verbos e em adjetivos, não deve ser aplicada indistintamente em todos os casos, pois isso dependerá do contexto, sendo assim é preciso verificá-lo³³⁷.

Ao longo da análise das formações neológicas prefixais e parassintéticas observou-se ser comum o uso reiterado do prefixo no texto em que figurava o neologismo. A repetição do prefixo, muitas vezes, foi usada como reforço para expressar a ideia negativa ou como recurso estilístico.

O prefixo *des-* revelou-se muito requisitado em títulos e subtítulos dos textos jornalísticos, provavelmente, pela capacidade de síntese que esse formante lexical consegue expressar, como se viu, por exemplo, em *desempresário*, *desentremediando* e *desbabalizar*. Ademais, a presença de um neologismo logo no título tende a atrair atenção do leitor, por seu caráter inovador. Desse modo, o prefixo é bastante requisitado, já que as manchetes buscam sempre por maior efeito estético.

³³⁷ Casos como os já apontados no Capítulo 4 : *destombamento*, *desacolhimento*, *desregulamentação*, etc.

Afora isso, muitas vezes, o prefixo, a depender do contexto, confere valor retórico e/ou expressivo, como no discurso do Governador Alckmin, no qual o governador produziu “*desinvadir*”.

Entre as palavras coletadas, algumas construções chamaram a atenção pelo modo como foram registradas inicialmente. Em duas formações, *des-satanizar* e *des-hospitalizaçã*, viu-se que o *des-* foi grafado à semelhança do prefixo *ex-*, indicando não só uma influência formal, mas também semântica.

Por meio desses vocábulos neológicos e da análise de todas as formações pesquisadas, observou-se também a importância de se ter em mente a distinção feita por Basilio (1987), já citada neste trabalho, ao descrever o processo parassintético - “*presença simultânea de prefixo e sufixo junto à base vs a estrutura de formação, que exige utilização simultânea de prefixo e sufixo no processo de formação*” .

Pode depreender-se a partir disso que a formação parassintética constrói-se e se processa dentro de um determinado contexto discursivo e se presta a indicar um valor necessário naquela situação específica, como se pôde observar em algumas construções neológicas dentre quais estão *descristificar*, *dessadamização*, *desegoização*, *desjekar* etc. Nesses casos, observa-se a criação parassintética como meio para promover, muitas vezes, um efeito estético, estilístico, expressivo, ressaltando a palavra-base.

Para arrematar a discussão, é preciso retomar a definição de parassíntese formulada no primeiro capítulo. Assim, com pequenas, mas importantes alterações, conceitua-se o processo parassintético como “*a construção pela qual, por meio da adjunção de prefixo(s) e sufixo(s), formam-se nomes e verbos, sendo que para isso é*

necessário que não haja uma unidade lexical intermediária efetiva/real (apenas prefixada ou apenas sufixada) com valor semântico idêntico, criado anteriormente à forma parassintética e recuperável em uma mesma sincronia.”

A análise promovida ao longo dos quatro capítulos permitiu revelar que, no caso das parassínteses, o processo, tido como intrincado, não se deve apenas pela combinação de, no mínimo, três elementos formativos, mas também pelo fato de desencadear processos cognitivos complexos, operando com conhecimentos de ordem diversa, promovendo relações abstratas concernentes à língua e às questões extralinguísticas.

Por fim, completando a complexidade desse tipo de formação vocabular, os valores suscitados pelo prefixo *des-* podem incidir sobre qualquer propriedade contida na palavra-base, assim como se apontou em alguns momentos deste trabalho, principalmente, ao se descrever os processos decorrentes do significado de afastamento, já que nem sempre decorrem de uma relação estritamente lógica. A passagem da obra *Alice através do espelho e o que ela encontrou por lá*³³⁸, em que há um diálogo entre a Rainha Vermelha e Alice pode, ainda que de forma exagerada, exemplificar essas associações entre os significados:

“(...) Sabe fazer Subtração? Subtraia nove de oito.” “Nove de oito não posso”, Alice respondeu muito rapidamente; “mas...” “Não sabe Subtração”, disse a Rainha Branca. “Sabe fazer Divisão? Divida um pão por uma faca: qual é o resultado *disso*?” “Suponho...” Alice estava começando, mas a Rainha Vermelha respondeu por ela. “Pão com

³³⁸ Trecho do livro *Alice através do espelho e o que ela encontrou por lá*, tradução Maria Luiza X.de A. Borges.

manteiga, é claro. Tente outra Subtração. Tire um osso de um cachorro; resta o que?

__ O osso não restaria, é claro, se tirei... e o cachorro não restaria: viria me morder... e tenho certeza que eu não restaria!

__ Então acha que não restaria nada?

__ Acho que está é a resposta.

Errada como de costume, restaria a fúria do cachorro.

Ora, olhe aqui! O cachorro teria um ataque de fúria, não teria?

__ Talvez tivesse.

Então se o cachorro desaparecesse, a fúria restaria!

De forma semelhante, indicou-se que a atuação do prefixo recaía sobre elementos, traços ou propriedades, circunscritos nos valores da palavra-base ou deles depreendidos, por meio de processos metafóricos ou metonímicos, como se pôde observar em, *desespanizar*, formação que resultava de uma associação entre o instrumento, a castanholha, e seu país de origem, a Espanha; *despianizar*, em que se convocava um conjunto de instrumentos e não apenas o piano. Podem-se citar ainda quaisquer formações construídas a partir de substantivos próprios como *desbabalizar*, *desmalufização*, *desestalinização etc*, criações que evocam as características ou qualidades pelas quais essas personalidades são reconhecidas.

Indica-se, assim, que as associações estabelecidas entre conhecimento linguístico e conhecimento de mundo não operam de modo unívoco e unidirecional, apresentando-se quase sempre, tenuamente, entrelaçados.

Referências Bibliográficas

ACADEMIA DE LA LINGUA ASTURIANA. *Gramática de la llingua asturiana*. Oviedo: Academia de la llingua asturiana, 2001.

ALVAR, Manuel; POTTIER, Bernard. *Morfologia Histórica Del Español*. Madrid: Gredos, 1983.

ÁLVAREZ, R.; MONTEAGUDO, H & REGUEIRA, X.L. *Gramática galega*. Vigo: Galaxia, 6ª Ed., 1995.

ALVES, I. M. .Formações prefixais no português falado. In: Ataliba Teixeira de Castilho. (Org.). *Gramática do português falado*. 1 ed. Campinas: UNICAMP, 2002, v. 3.

ALVES, Ieda M. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.

ALVES, Ieda Maria. ; PEREIRA, R. F. ; ALMEIDA, M. A. C. ; SPERA, J. M. . *Prefixos negativos no português falado*. In: Rodolfo Ilari. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: UNICAMP, 2002, v. 4.

ANDERSON, James M. *Structural Aspects of Language Change*. Londres: Longman, 1973.

ANDERSON, Stephen R. “Where's Morphology?” *Linguistic Inquiry* 13, :571-612. 1982.

AREÁN-GARCÍA, N. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do sufixo -ístico(a) no português e no galego. 2011. 2 volumes. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: FFLCH USP, 2011. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-29082012-103453/>

AREÁN-GARCÍA, N. Estudo comparativo de aspectos semânticos do sufixo -ista no português e no galego. 2007. 2 volumes. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: FFLCH USP, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-04102007-144618/>

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da moeda, 1986.

ARONOFF, Mark. *Morphology by itself*. Cambridge: Cambridge University press, 1994.

ARONOFF, Mark. *Word formation in generative grammar*. Cambridge, Massachusetts and London: The MIT press, 1976.

BADIA I MARGARIT, Antoni Maria. *Gramática catalana*. Madri: Gredos, 1962.

BALDINGER, Kurt. *La formación de los dominios lingüísticos en la Península Ibérica*. Madrid: Editorial Gredos, 1972.

BASÍLIO, Margarida. “verbos em -a(r) em português: afixação ou conversão?” DELTA, Vol. 9, n. 2, 1993.

BASÍLIO, Margarida. *Estruturas Lexicais do Português: Uma Abordagem Gerativista*. Petrópolis: Vozes, 1980.

BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

BASÍLIO. Produtividade e função do processo de formação de palavras do português. *Anais do Congresso Internacional da Associação de Lingüísticas e Filologia da América Latina*. Campinas: ALFAL, 1-9, 1990.

BASSETTO, Bruno Fregni. *A parassíntese: Teoria e Prática*. Essen: Verl. Die Blaue Eule, 1993.

BASSETTO, Bruno Fregni. *O conceito grego de parassínte*. Franca Unifran/Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, 1991.

BATTISTI, Carlo & **ALESSO**, Giovanni. *Dizionario etimologico italiano*. Firenze: Barbera, 1950-1957.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Conceito lingüístico de palavra, in: *Palavra*, nº 5, 81-9. Rio de Janeiro, 1999.

BLUTEAU, D. Rafael. *Vocabulário portuguez e latino*. Lisboa, Officina de Pascoal da Silva, 1720. Disponível em: www.ieb.usp.br. Acessos entre 2011 e 2015.

BRÉAL, Michel. *Ensaio de semântica: Ciência das significações*. São Paulo: Educ, 1992.

BROCARDO, Maria Teresa & **CAETANO**, Maria do Céu. "Para uma morfologia derivacional histórica do português: o prefixo des-". In Englebert, Annick; Michel Pierrard; Laurence Rosier & Dan Van Raemdonck (eds) Actes du XXIIe Congrès international de linguistique et philologie romanes. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, Tome II, 1998, pp. 39-47.

BYBEE, Joan L. *Morphology: a study of relation between meaning and form*. Amsterdam/philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.

CAETANO, Maria do Céu. A formação de palavras em gramáticas históricas do português : análise de algumas correlações sufixais, tese de doutorado, FCSH: DL, 2003.

CALDAS AULETE. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 5ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Delta, 1987. Disponível em : www.auletedigital.com.br. Acessos entre 2012 - 2014

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1976.

CÂMARA JR. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Princípios de lingüística geral*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

CANGE. Charles du Fresne Du . Glossarium ad scriptores Mediae et Infimae Graecitatis duos in tomos digestum ; Accedit Appendix ad Glossarium mediae et infimae Latinitatis, caetera subjectus syllabus indicabit. Paris : Collège de France, 1943

CARDOSO, Elis. Almeida. A criação neológica estilística. In: *Matraga: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras/ UERJ*. Rio de Janeiro: Caetés, 2004, v.16.

CARDOSO, Jerónimo, 1508-1569. Dictionarium latino lusitanicum & vice versa lusitanico latinu[m] : cum adagiorum feré omnium iuxta seriem alphabeticam perutili expositione, ecclesiasticorum etiam vocabulorum interpretatione. Olyssipone : excussit Alexander de Syqueira : expensis Simonis Lopezij, bybliopolae, 1592.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. São Paulo: Princípios, 1986.

CINTRA, Geraldo Ulhoa. *Dicionário latino-português* São Paulo: Anchieta, 19??

COELHO, Carla. *Formação de verbos em -ar em português*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2003.

CONDÉ, Valéria. Gil. *Estudo comparativo do sufixo -ária/-ería nas línguas galega e asturiana em contraste com a língua portuguesa*. In: CALIGRAMA, Belo Horizonte, 14: 35-50, dezembro 2009.

CONDÉ, V. G. . *O sufixo -ario/-erio na língua portuguesa do Brasil e as suas relações com outras línguas da Península Ibérica*. In: MARÇALO, M.J. & LIMA-HERNANDES, M. C. et alli. (Org.). *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Évora 97897299292: Universidade de Évora, 2010, v. , pp. 86-94. Disponível em: <http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg53/06.pdf>

CONDÉ, V. G. . *Produtividade do sufixo -eria na língua portuguesa do Brasil*. In: LIMA-HERNANDES, M.C.; MARÇALO, M.J.; MICHELETTI, G.; ROSSI, V.L... (Org.). *A Língua Portuguesa no Mundo - I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*. São Paulo: FFLCH USP, 2008, v. 2, CD-ROM.

CORADO Patrícia Ribeiro. *A circunfixação como processo de formação de palavras*. SOLETRAS, Ano II, nº 04. São Gonçalo: UERJ, jul./dez. 2002.

CORBETT, Greville G. *Morphology and Agreement*. In SPENCER. A. and ZWICKY A. M. (eds.), *The handbook of morphology*, 1998, 191-205. Blackwell: Oxford.

CORBIN, Danielle. *Contradictions et inadéquations de l'anayse parasynthétique en morphologie dérivatinelle* In : DESSAUX-BERTHONNEAU, Anne-Marie. *Théories linguistiques et tradicions grammaticales*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1980, p.181-224.

COROMINAS, J. *Breve Diccionario etimológico de la lengua castellana*. Madrid, Gredos, 1992.

COROMINAS, Joan. *Diccionario Crítico Etimológico Castellano Hispánico*. Madrid: Gredos, 1954-1957. 1 vol a 4 vol.

CORTELAZZO, Manlio & **ZOLLI**, Paolo. *Dizionario etimologico della lingua italiana*. Bologna: Zanichelli, 1988

COSERIU, Eugênio. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

CRETELA JR, José; **CINTRA**, Geraldo Ulhoa. *Dicionário latino-português* São Paulo: Nacional, 1956.

CUNHA, Antonio G. da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

CUNHA, Celso Ferreira da & **CINTRA**, L. F. Lindley. *Nova Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CUNHA. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

D'OVIDIO, F. & MEYER-LÜBKE, Wilhelm. *Grammatica Storica della Lingua e del Dialetti Italiani*. Milão: Ulrico Hoepli, 1919.

DE MAURO, Tullio. *Grande dizionario italiano dell' uso*. Torino: UTET, 2000.

DEMONTÉ, Violeta (org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Real Academia Española, Espasa Calpe, 1999.

DICCIONARI de la llengua catalana 2ª edição. Disponível em: <http://dlc.iec.cat/>. Acessos entre 2011 e 08/2015.

DICCIONARIO clave de la lengua española. Disponível em: <http://clave.librosvivos.net/>. Acessos entre 2013 e 08/2015.

DICCIONARIO da lingua galega. Real Academia Galega. Disponível em: <http://www.edu.xunta.es/diccionarios/index>. Acessos entre 2013 e 08/2015.

DICCIONARIO de la lengua española. 23ª. ed. Madrid: Real Academia Española, 2005. Disponível em: <http://www.rae.es>. Acessos entre 2013 e 10/2015.

DICCIONARIU de la Academia de la llengua asturiana. Disponível em: <http://www.academiadelallengua.com/diccionariu/index.php>. Acessos entre 2013 e 08/2015

DICTIONNAIRE de L'Académie Française. Neuvième édition, version informatisée. Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/academie9.htm>. Acessos entre 2011 e 10/2015

DIEZ, Frédéric. *Grammaire des langues romanes*. Paris: A. Franck, 1874. v. 2.

DIMITRIU, Cornel, *Stintele limbajului. Gramatica limbii române explicata : morfologia*, 1979.

DIZIONARIO Etimológico de Italiano. Dicionário Etimológico online. Disponível em: <http://www.etimo.it/> Acessos entre 2012 e 10/2015.

DUBOIS, Jean & LAGANE, René. *La nouvelle grammaire du français*. Paris: Larousse: 1973.

DUBOIS, Jean. et al. *Dicionário de lingüística*. 9ª ed. São Paulo, Cultrix, 1993.

ERNOUT, A., MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Paris: Klincksieck, 1967.

ERNOUT, Alfred. *Morphologie historique du latin*. 3. ed. rev. Paris: Klincksieck, 1974.

FARIA, Ernesto. *Vocabulário latino-português: significação e história das palavras agrupadas por famílias segundo os programas atuais*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1943.

FARIA, Ernesto. *Dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Fename, 1975.

FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, Antonio Gomes Porto. *Dicionário de Latim-Português* Porto: 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; MIOTO, Carlos. Considerações sobre a prefixação. *ReVEL*, vol. 7, n. 12, 2009. Disponível em: www.revel.inf.br

FREIRE, M. Lúgrís. *Gramática do idioma galego*. A Coruña: Imprenta Moret, 1931. Disponível em: <http://consellodacultura.org/mediateca/pubs.pdf/lugris.pdf/>

FREITAS, Érica S. S. O tempo e o mento: história do sufixo latino -mentum e de seu desenvolvimento na língua portuguesa, em contraste com outras línguas românicas. 2014. 2 volumes. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: FFLCH USP, 2014. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-22042014-125405/pt-br.php>

FREITAS, Érica S. S. Em busca do mento perdido. Análise semântico-diacrônica do sufixo -mento, no português. 2008. 2 volumes. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: FFLCH USP, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-29092008-151130/>

FREITAS, Horácio Rolim de. *Princípios de Morfologia*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1997.

GAFFIOT, F. *Dictionnaire latin-français*. Paris: Hachette, 1934.

GARCIA . Afrânio Afrânio da Silva. Uma tipologia semântica do verbo no português. *SOLETRAS*, Ano IV, N° 08. São Gonçalo: UERJ, jul./dez.2004.

GONÇALVES, C. A. *Iniciação aos estudos morfológicos: Flexão e derivação em português*. São Paulo: Contexto, 2011.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Flexão e derivação em português*. Rio de Janeiro: Ed. Faculdade de Letras da UFRJ, 2005.

GONÇALVES, A. A. G. .Diacronia e produtividade dos sufixos -agem, -igem, -ugem, -ádeg, -ádigo e -ádiga no português. 2009. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: FFLCH USP, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-30112009-142459/>

GRAN diccionari de la llengua catalana. Disponível em: <http://www.enciclopedia.cat/>. Acessos entre 2013 e 08/2015.

GRANDGENT, C.H. *Introduccion al Latin Vulgar*. Madrid: Madrid : Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto Miguel de Cervantes, 1952

GROSSMANN, Maria- Opposizioni direzionali e prefissazione: analisi morfologica e semantica dei egressivi prefissati con des- e es- in catalano. Padova, Unipress, 1994.

GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

HECKLER, Evaldo; BACK, Sebald; MASSING, Egon A. *Dicionário morfológico da língua portuguesa*. São Leopoldo: Unisinos, 1984.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro. *Dicionário eletrônico da língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUBER, Joseph. *Gramática do Português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

IVANESCU, Gheorghe. Istoria limbii române, București ,1980.

KATAMBA, Francis. *Morphology*. New York: St. Martin's Press, 1993.

KEHDI, Valter. *A parassíntese: problemas de caracterização*. Lorena Prefeitura Municipal de Lorena, 1989.

LACOTIZ, A. Estudo diacrônico da função e dos valores semânticos dos sufixos -ança/-ença -ância/-ência no português. 2007. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: FFLCH USP, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-28012008-112539/>

LAKOFF, George; **JOHNSON**, Mark. *Metaphors we Live By*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAPA, Manuel. Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora Limitada, 1975.

LAPESA, Rafael. *Historia de la lengua española*. Real Academia Española. Colección Nebrija y Bello. Madrid: Espasa Calpe, 6ª Ed., 2003.

LIDDELL, Henry George; **SCOTT**, Robert. *A greek-english lexicon*, 9ª ed. Oxford: Clarendon Press, 1996.

LÜDTKE, Helmut. *Historia del léxico románico*. Madrid: Gredos, 1974.

MACAMBIRA, José Rebouças. *Português estrutural*, 2ª Ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1978.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1973.

MAIA, Clarinda de Azevedo. *História do galego português*. Coimbra: Fundação Calouste.

MALKIEL, Yakov. "Genetic Analysis of Word Formation", In: SEBEOK, Thomas A. *Current Trends in Linguistics*. Paris: Mouton, 1970.3 vol.

MALKIEL. El análisis genético de la formación de palabras. In: VARELA, Soledad. *La formación de palabras*. Madrid, Taurus Universitaria, 1993.

MARTINET, André. *Syntaxe générale*. Paris, Armand Colin, 1985.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do Português arcaico* Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

MATTOS E SILVA. (Org). *Para a História do Português Brasileiro*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP: FAPESP, 2001, v:2.

MAURER JR , Theodoro Henrique. *A unidade da România Ocidental* (tese de livre docência). São Paulo: FFLCH, 1951.

MAURER JR, Theodoro Henrique. *O problema do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.

MAURER JR. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

MEDEIROS, Alessandro Boechat de. Para uma Abordagem Sintático-Semântica do Prefixo Des- Revista da ABRALIN, v.9, n.2, p. 95-121, jul./dez. 2010, Acesso 10/2013

MEILLET, Antoine. *Esquisse d'une histoire de la langue latine*. Paris: Hachette, 1928.

MEYER-LÜBKE, Wilhelm, *Grammaire des langues romanes*. Tomo II: Morphologie. Paris: H. Welter Éditeur, 1906. Vol. 2

MEYER-LÜBKE. *Introdução ao estudo da Glotologia*. (tradução de António da Guerra Júdice). Lisboa: Livraria Clássica Editora de A.M.Teixeira, 1916.

MONTEAGUDO, Henrique. *Historia social da lingua galega*. Vigo: Galaxia, 1999.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. Campinas: Pontes, 2002

NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955

NEBRIJA, Elio A. de. *Gramática Castellana*. Madrid: Fundación Antonio de Nebrija, 1992.

NEBRIJA, Elio A. de. *Introducciones latinas contrapuesto el romance al latín*. Madrid, Münster : Nodus Publikationen, 1996.

NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). *Gramática do Português Falado*, Novos estudos. São Paulo, Campinas: Humanitas, Editora da Unicamp, v. VII, 1999.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de Gramática Histórica*. Lisboa: Clássica, 1945.

NYROP, Kristoffer. *Grammaire historique de la langue française*. Copenhagen: Gyldendal, 1908, vol.3.

OGDEN, C. K.; **RICHARDS**, I. A. *O significado de significado*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

OLIVEIRA, Anielle Aparecida Gomes Gonçalves Jacometti de. Os sufixos agentivos -nte e-(d/t/s)or no português: um estudo semântico-diacrônico. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: FFLCH USP, 2014 Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-30112009-142459/>

PENA, Jesús. *La palabra: estructura y procesos morfológicos.* Verba, 18, 69-128.

PEREIRA, Rui Abel Rodrigues. *Formação de verbos em português: a prefixação com a(d)-, en- e es-.* Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2000.

PEREIRA, Rui Abel Rodrigues. *Verbos prefixados com a(d)-, en- e es- em português: estrutura interna e externa.* Máthesis, 11, 2002, 77-94.

PIDAL, Ramón Menéndez. *Orígenes del español: estado lingüístico de la península ibérica hasta el siglo XI.* Madrid: Hernando, 1929.

PIDAL. *Manual de gramática histórica española.* 7. ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1944.

PIEL *Estudos de linguística histórica galego-portuguesa.* Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989.

PIEL, Joseph. *Miscelânea de etimologia portuguesa e galega.* Coimbra: Coimbra Editora, 1953.

POIARES. Pedro, de, ?-1678, OFM. *Diccionario lusitanico latino de nomes próprios de regioens, reinos, províncias, cidades.* Em Lisboa: na officina de Joam da Costa, 1667. Volume 1

RIO-TORTO, Graça Maria (org). *Verbos e nomes em Português.* Coimbra: Almedina, 2004.

RIO-TORTO, Graça Maria. *Flexão e derivação: simetrias e assimetrias.* In: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XXIV, 2002, p. 253-289.

RIO-TORTO, Graça Maria. *Formação de verbos em português: parassíntese, circunfixação e/ou derivação?* In *Actas do IX Encontro Nacional da Associação da Portuguesa.* Colibri, Lisboa, 1994.

RIO-TORTO, Graça Maria. *Morfologia Derivacional.* Coimbra: Porto Ed., 1998.

RIO-TORTO, Graça Maria; Rodrigues, Alexandra Soares; Pereira, Isabel; Pereira, Rui; Ribeiro, Sílvia. *Gramática Derivacional do Português.* Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

ROCHA LIMA, *Gramática normativa do português.* Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1972.

ROCHA, Luiz C. de A. *Estruturas morfológicas do português.* Belo Horizonte: UFMG, 1998.

RODRIGUES, Alexandra Soares. *A construção de postverbaís em português*. Porto Editora, Porto, 2001.

RODRIGUEZ, Luiza Blanco. *Sobre la parasíntesis en español*. Verba, 20, 1993, 425-432.

ROHLFS 1968:G., *Grammatica storica della lingua italiana e dei suoi dialetti*, Morfologia, Torino, Einaudi, 1968

ROHLFS, Gerhard. *Estudios sobre el léxico románico*. Madrid: Gredos, 1979.

ROHLFS, Gerhard. *Grammatica storica della lingua italiana e dei suoi dialetti: sintassi e formazione delle parole*. Torino: Piccola Biblioteca Einaudi, 1969.

ROSETTI. Al. *Schita de istorie sociala a limbii române*, EMINESCU, 1982

RUBIO, L. *Introducción a la sintaxis estructural del latín*. Barcelona: Ariel, 1983.

SAID ALI, Manuel. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SANDMANN, Antonio José. *Competência Lexical: Produtividade, Restrições e Bloqueio*. Curitiba. Curitiba: Editora da UFPR, 1991.

SANDMANN, Antonio José. *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor: ícone Editora, 1989.

SANDMANN. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

SANTOS, A. P. *Polissemia dos sufixos aumentativos -ão, -arro, -orro, -aço e -uço e seus traços avaliativos sob a perspectiva diacrônica*. 2010. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: FFLCH USP, 2010.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novo Dicionário Latino-Português*. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

SCALISE, Sergio (1984) – *Morfologia Lessicale*. Padova, CLESP Editrice

SCHWINDT, Luiz Carlos. “O prefixo no português brasileiro: análise prosódica e lexical”. D.E.L.T.A., vol.17, n.2, 2001, p. 175-207

SERRANO DOLADER, David. *Las formaciones parasintéticas en español*, Madrid, Arco Libros, 1995.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e (Org). *Para a História do Português Brasileiro*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP: FAPESP, 2001, v:2.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *O português arcaico- Morfologia e Sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2001.

SILVA. Caio César Castro. A parassíntese em português: as relações entre cultura, léxico e frequência na linguística cognitiva. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

SOUSA, Gabriel Soares. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1938.

SOUTER, Alexander. *Glossary of later Latin to 600 A.D.* Oxford : Clarendon Press, 1957.

SPENCER, A. *Morphological Theory*. Oxford: Blackwell, 1993.

STELTEN, Leo F. *Dictionary of Ecclesiastical Latin*. Peabody: Hendrickson, 1997.

STUMP, G. Inflection. In SPENCER. A. and ZWICKY A. M. (eds.), *The handbook of morphology*. Oxford: Blackwell. 1998, 13–43,

TEKAVIČIĆ, Pavão. *Gramática stórica dell' italiano*. Bologna: Il mulino, 1980. 3 vol.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário Latino-Português*. Porto: Edições Marânus, 1945. 3^a ed.

ULLMANN, Stephen. *Uma introdução à Ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VÄÄNÄNEN, Veikko. *Introduccion al Latin Vulgar*. (tradução de Manuel Carrión). Madrid: Editorial Gredos, 1985.

VASCONCELLOS, J. Leite de. *Lições de philologia portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1911.

VASCONCELLOS. *Opusculos: Dialectologia*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928. Vol. 2.

VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

VIARO, M. E. *Os sufixos portugueses numa visão diacrônica*. In: XVI Seminário do Cellip (Centro de Estudos Lingüísticos e Literários do Paraná), 2005,

Londrina. Anais do XVI Cellip. Londrina: Universidade Estadual de Londrina/Cellip/Fundação Araucária, 2005a.

VIARO, M. E. Relação entre produtividade e frequência na produção do significado. *Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 34, p. 1230-1235, 2005b.

VIARO, M. E. “Sobre a origem das preposições ibero-românicas *hasta*, *ata* e *até*”. *Estudos de Lingüística Galega* 5, 189-212, 2013.

VIARO, M. E. *Das preposições latinas às do português e do romeno: estudo das derivações semânticas*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: FFLCH USP, Ano de Obtenção: 1994.

VIARO, M. E. “A derivação sufixal do português: elementos para uma investigação semântico-histórica.” 2011. Tese (Livre Docência em Letras: Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: FFLCH USP, 2011.

VIARO, M. E. “Problemas de morfologia e semântica do sufixo –eiro”. In: Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo. São Carlos: UFSCar, 2005.

VIARO, Mário. Eduardo. “Para um estudo de semântica sincrônica dos sufixos derivacionais em português do séc. XIII”. *Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo*. Taubaté: Unitau, 2003. CD-ROM (com. 95).

VIARO. Relatório final de pesquisa: estágio de experimentação RDIDP. São Paulo: 1999-2005.

VILELA, M. *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Almedina, 1994.

VILLALVA, Alina. “Combinações não-binárias em morfologia.” In *Actas do X Encontro Nacional da Associação da Portuguesa*, 1995, 583-597.

VILLALVA, Alina. *Estruturas morfológicas do português: unidades e hierarquias nas palavras do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

VILLALVA, Alina. In: MIRA MATEUS, Maria Helena *et al.* *Gramática da língua portuguesa*, Lisboa: Caminho, 1990.

WILLIAMS, Edwin B. *Do Latim ao Português*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

ZANOTTO, Normelio. *Estrutura mórfica da língua portuguesa*. 3 ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

ZINGARELLI, Nichola. *Vocabolario della língua italiana*. Bologna: Zanichelli, 2001.

Sites consultados

<http://acervo.oglobo.globo.com/>

<http://www.nehilp.org>

<http://www.ieb.usp.br/online>

<http://www.lexilogos.com/latin/gaffiot>

http://www.fflch.usp.br/dlc/neo/pesquisa_termneo.php

<http://acervo.folha.com.br/resultados/?q=desmexer&site=&periodo=acervo&x=11&y=11>

<http://medicoanimosico.blogspot.com.br>

<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/despétralhando/>

<https://www.facebook.com/pt.brasil/photos/a.106208242798893.13150.105821366170914/700948209991557/?type=1&fref=nf>

<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/eu-um-petralhacida/>, 11/08/2006.

<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/a-petistite-e-uma-doenca-grave-e-se-nada-for-feito-letal-o-agente-patogenico-o-petralha-da-estirpe-vs-continua-empestando-o-ar/>

<http://clave.librosvivos.net>

<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>

<http://acervo.folha.com.br/>

<http://acervo.estadao.com.br/>

<http://medicoanimosico.blogspot.com.br/2012/11/para-pandemia-evolutiva-e-para-psicose.html>, acesso em 29/08/2015

www.usp.br/gmhp. Acessos entre 02/2011 e 11/2015

Apêndice A – Revista Lusitana (Capítulo 2)

Revista lusitana –Leite de Vasconcelos, Volume 5 – ano: 1887-89

Vocabulário, trasmontano, pg 42

Degagar – debulhar, debagar-se (a água) ,
 pancada de chuva
 Decruar- surribar/escavar pela primeira vez -
 terreno inculito
 Debriar (o corpo de alguém, com pancadas),
 debriar-se o mundo em água, grande dilúvio.
 Delingar – pendurar – usa-se mais no particípio
 Degranhar - debagar
 Demolhar – deitar de molho, mas só em água
 Derreigar – mesmo decruar
 Derrengar – derreado, côxo
 Desagrabalar - abrir de par em par...usado
 muito no particípio
 Desacelebrada – andar desorientada
 Desaforido – desenfreado, desenforido
 Desavesso – não ser de todo mau, pode servir,
 usado também no feminino, sempre com valor
 negativo.

Pag 43

Desbarbar – de pessoa ou coisa – perder a fé e a
 esperança nelas.
 Desbarrar – resvalar, escorregar
 Desbaria – fraga em plano inclinado para
 desbarar
 Descampatória – uma descoberta, uma ideia que
 ninguém esperava.
 Descomprensada – rapariga mansarrona,
 pasmarota, desleixo em tudo.
 Desembarracar – dar resposta decisiva, acabar
 de resolver
 Desemblinhar-se – desenvolver-se, aviar-se
 Desaugar – dar um mordido de qualquer coisa que
 nos veja a mão.

Desenaugar – mais usado que o anterior -

Desencabrestada – rapariga doida. Sem haver
 quem a sujeite.

Desenguiçar – desenredá-lo, desemaranhá-lo (o
 cabelo)

Desfaiar-se (uma animal ou pessoa) – cair de
 um picão, de um fragaredo abaixo, nas arribas.

Desgaira – fazer algo sem lhe dar fé, com
 indiferença

Desladeiro e deladeiro – não subir a
 festo/alegria

Desmalta – andar em ralhos/discussão, mesmo à
 pancada...

Desmortes – bater as, as tolas, a matar

Desnecho – anadar roto, desprezível

Desneixar - desarticular os ossos

Desnevada – semelhante a descampatória

Despear-se – (cão) abrandar dos pés, e começar
 coxeando por andar muito a caça

Despedrada – ríspida, desabrida

Pg 44

Despostiçar - por alguém na rua, enxotar
 Destoituçada – estouvada

Pg 171 – Linguagem popular de trancoso –

Trancoso é uma vila da baixa-beira, distrito da
 Guarda, com uma população de 2500
 habitantes.

Desarrultado – mau resultado

Pg 225 – trás-os-montes

Desasnear – instruir, ser sensato,

Revista lusitana – Leite de Vasconcelos, Volume 7 – ano: 1902

Algarvinos, Pg 117

Derrengar, derrear, de derrancar –

Desalvorado – sem direção, governo,
desarvorado

Pg 118

Desbruçar ou debruçar – troca de sufixo como e
desmasiado (demasiado)

Descadiar ou escadear – quebrar os ramos de
pequena árvore

Descaídas ou escaidas – escadas

Descandola ou escandola – afronta, ofensa,
injúria

Descontorno ou escontorno – ou melhor
scontorno, transtorno (por metátase)

Descontra ou encontra – preposição arcaica, de
ex-contra

Desinfeliz – reforçativo

Desmaranhado – desajeitado.

Desnocar, desnoca – deslocar – des + locare

Despassarinhado – idem desinfeliz

Desplecação, desplecar – explicação, explicar –
troca de ex e des.

Pg 119

Escalavardar – escalavrar

Escampado – descampado

Escarar-se – descarar

Pg. 120

Esfalecido – desfalecido

Esgraca, desgraca – troca de prefixo

Esgragalhado – descomposto – des +
gargalhado

Esmastreado – desmastreado – fraco

Esnocar, deslocar

Estruibir – distribuir

Revista lusitana – Leite de Vasconcelos, Volume 9 – ano: 1906

Fabulário Português, 172

Delúvio – dilúvio

Deminuir – diminuir

Deminuição – diminuição

Desparate – disparate

Detrioriar – destriorar – deteriorar

Despois, dipois, espois – depois

Descand(a)lizar – escandalizar

Desciplo – discípulo

Desposto – exposto

Destância – distância

Desflorar – deflorar

173

Diente – deante

Difeto – defeito

Discedir – decidir

Discurso, decurso;

Disfrutar – desfrutar,

disgosto, desgosto;

disgracia, desgraca;

disistir, desistir;

dispete, despeito;

dispeza, despesa;

disporpoção, desproporção;

disporpositado, despropositado

Delúvio – dilúvio

Deminuir – diminuir

Deminuição – diminuição

Desparate – disparate

Detrioriar – destriorar – deteriorar

Despois, dipois, espois – depois

Descand(a)lizar – escandalizar

Desciplo – discípulo

Desposto – exposto

Destância – distância

Desflorar – deflorar

Disprado, exisprado, desesperado

Distino, destino

Disvario, desvario

Ditriminar, determinar

176

Esconfiar – desconfiar

Esconfirme – desconforme

Revista Lusitana – Leite de Vasconcelos, Volume 10 – ano: 1907

Alentejano, Pg, 250

Desabelhar – fugir

Desmorcer – esmorecer

Deszangar – passar a zanga

Dipinicar – depenicar

Desfacera – grande disfarce

Revista Lusitana – Leite de Vasconcelos, Volume 11 – ano: 1908

Linguagem de atalaia, Pg, 153

Desbataleigado – o q traz a calça ou a camisa
desapertadas

Desbrigueilhado – braguilha aberta

Desgalhar – mesmo q espalhar (refere-se a
chuva tbm)

Desfarço - disfarce

Desmudar – demudar

Destampatória – soltura de sangue

193

Descancelar – cancelar

Desmancho – aborto

Vila real, 193

Desamurizar – destruir o muro

Desandar, fugir

Desapacientar, fazer zangar

Desapandoar - deixar cair a casaca q envolve a
espiga ou o bago

Desarado – desleixado

310

Desaustinado - furioso

Desavegado- desocupado

Desavinhar-se – desaparecer a uva na vinha

Desagreste – agreste

Desasado – desajeitado

Desbandar – desfazer o bando

Descorrimento – descrição, juízo

Desemlinhar – desenredar

Desmendar - emendar

Desenraivar-se – perder a raiva

Desepultar – enterrar

Deshonestar – desonrar

Desmasta – demasia

Despaciencia – impaciência

Despicar – desafrontar, vingar

Revista lusitana – Leite de Vasconcelos, Volume 12 – ano: 1909

Tradições populares e dialeto penedoso, Pag 313

Debotar, desbotar

Desparvar – disparvar

Revista lusitana – Leite de Vasconcelos, Volume 14 – ano: 1911

Vale de cantaro

Desajudar – é ajudar alguém a tirar qualquer carregado da cabeça ou das costas.

Revista lusitana – Leite de Vasconcelos, Volume 15 – ano: 1912

Alentejano, pg 106

Debandar – desbandar

Disbulhar – debulhar

Revista lusitana – Leite de Vasconcelos, Volume 16 – ano: 1913

Textos portugueses antigos, pg 4

Decenger – descingir

Decontar – contar, narrar

Delúvio, dilúvio

Descorrer – discorrer

Desputação – disputa

Gramática e vocabulário de fr. Pantaleão de

Aveiro, Pg 94

Depor – despor

Pg 95

Estroço – destroço

Notas à margem do novo dicionário de Cândido de figueredo, Pg 232

Desalapar – desencovar, fazer sair da toca

Desapeirar - tirar os bois do carro

Desbarato – “os lavradores que se arremataram ao desbarato, pagaram a desandar”

Descontravontade – contra vontade – des – realce assim como deslado (lado) e desinfeliz

Desencultrar – desencaixar, sair do lugar

Desmanilhar – tirar ou desprender das manilhas

Dessarrar – tirar o sarro

Pg 236

Esbarrigar – parir

Revista lusitana – Leite de Vasconcelos, Volume 17 – ano: 1914

Pg 154

Estância - distância

Revista lusitana – Leite de Vasconcelos, Volume 18 – ano: 1915

Pg 102

Desabeirar- sair da beira

Desamichelar – desligar, tirar os michelos

Desnamorado – que não está enamorado

Desembuchador- utensílio de madeira que se extrai o anzol do bucho dos peixes

Pg 103

Deschocar – perder o choco (galinha)

Pg. 112

Estruir – destruir

Revista lusitana – Leite de Vasconcelos, Volume 20 – ano: 1917

Baixo Alentejo, Vocabulário barrosão, Pg. 157

Desasado – desajeitado

Descolmar – tirar as colmas

Descampar – tirar a ervapara apodrecer na terra

Deslareirar – mexer as brasas no forno com um lareiro

Pg 159

Esbarrondar- esmoronar

Revista lusitana – Leite de Vasconcelos, Volume 23 – ano: 1920

Glossário cancionero da ajuda, Pg 26	Desfiar – disfidare
Desamparar – dis imparare	Desleal – dis legale
Descobrir – dis coperire	
Desventura dis ad ventura	Pg 28
	Destorvar – estorvar
Pg 27	Espedir – (ex- petere) despedir
Desdizer – dis?	

Revista lusitana – Leite de Vasconcelos, Volume 25 – ano: 1925

Destrengar – erro tipográfico – cândido figueredo
Destringer – destrenger

Revista lusitana – Leite de Vasconcelos, Volume 27 – ano: 1929

Contribuição para um dicionário da língua portuguesa arcaica, Pg 26	Descreudo – descrente
Defalecer – desfalecer	Desdado – ao acaso
Defedorento – sujo	Deserrar- andar errante
Deceber – enganar	Despagar – não gostar
Departir – falar, explicar	Dispensar – dispensar
Desapostura – má postura	Despeso – despendido
Desaprender – soltar	Escabeçar – decapitar
	Esterramento – desterro
Pg 28	Pg 38
Descinto - descingido	Exerdar – deserdar
Descontra – em direção a	

Revista lusitana – Leite de Vasconcelos, Volume 28 – ano: 1930

Linguagem popular de turquel, Pg. 103	alterações fonéticas, variantes - Linguagem popular de turquel, pg 228
Desalvorar – abalar, escapar-se;	
desandança, contratempo;	
desasado, que não é asado;	descreto – discreto
descortinar, difamar;	deciplo – discípulo
desfraldar, desbatar, rarear	desinteria – disenteria
	desmenuir- demenuir
pg 107	desmariado – demasiado
desistir - defecar	desparate- disparate
	despansar – dispensar
	despor – dispor

Revista lusitana – Leite de Vasconcelos, Volume 29 – ano: 1931

Vocabulário alentejano, Pg. 219

Desonerar – exonerar
Discontar – desconatar

Pg 220
Escançar – descançar

Revista lusitana – Leite de Vasconcelos, Volume 30 – ano: 1933

Maneiras de dizer alentejanos
Desbichar – ocupar-se de trabalhos leves

Revista lusitana – Leite de Vasconcelos, Volume 33, 1935

Vocabulário alentejano, Pg. 161
Desabelhar – dispersar
Desacomodar – despedir
Desadorado – angustiado, aflito
Desalumiar – gostar muito de alguém

Pg 162
Interj. Desássa – bolas!
Desaranhado – homem sem muitos préstimos
Desassar- prejudicar alguém
Desassovacar – defecar
Desaustinado – turbulento, inquieto

Pg 163
Desbabar – desafiar
Desbarbado – cheio, farto

Pg 165
Descoraçonado – descorçoado

Pg 166
Desencurvado – desempenado – rapaz bem feito de corpo
Desenfronhar – desembaraçar – despachar
Desenregar – largar o trabalho, sobretudo trabalhos agrícolas.

Desbarrigado – idem
Desbocadar – partir
Desburricar – colher ou tirar os pés-de-burrico (rebentos que nascem nos pés das oliveiras)
Descadeirar – descompor alguém, dar-lhe uma desanda

Pg, 164
Descandalizado – escandalizado
Descandalizar – escandalizar
Descarnado – sem carinho
Descasqueado – bem limpo asseado
Desconhar – lavar bem o corpo, limpar toda a sujidade
Descontravontade – contra vontade –

Pg 167
Desfarcera – grande disfarce
Desfarinhar – desfazer
Reduzir à pó
Desfera – ira, veneta, fúria
Desinfeliz – infeliz – pronúncia alentejo–desinfliz
Deslaçar – dissolver

Pg 168

Desmainar – diminuir

Desmázio – desarranjo

Desmendar – emendar

Desmoinhadeira – forquilha com 5 ou mais dentes com que se desmoinha

Desmoinho – separar a moinha do grão

Pg 169

Desnocar – desarticular e como sentido figurado – gostar muito de

Desnoitado – que passou noites sem dormir

Desnovado – que perdeu a frescura

Desorsservado – que revela falta de juízo, insensato

Pg 170

Despanafar – desabafar

Despassarado – desanimado

Despicadeira – bisbilhoteira

Desplicação, desplicar – explicação

Despontado – afastado

Destangarhar – tirartanganhos às árvores

Pg 171

Destelar, destelo – apanhar o destelo – apanha da azeitona

Destomar – desatrear,

Destrajado, destrajar – mascarado, disfarçado

Destrambelhado, destrambelo – sem ordem

Destroncar – acabar o namoro, ato de um rapa tirar a namorada a outro

Destroxo – tolice, disparate

Desvanada – desvairada, desmedida

172

Desvanido – enfraquecido

Desvenerar – ter grande predileção

Revista lusitana – Leite de Vasconcelos, Volume 35 – ano: 1937

Vocabulário alentejano, Pg 160

Desbarrigado – diz-se daquele que traz descaídas as calças , ficando abaixo da cintura

Revista lusitana – Leite de Vasconcelos, Volume 36 – ano: 1938

Serra de santo Antônio, Pg. 106

Desalvorar – partir sem destino

Desanda – reprimenda, descompostura

Desandância – desgraça, revés

Descanar, descaneirar – tirar as maçarocas da palha do milho

Descarolar – tirar o milho do carolo da maçaroca

Pg 107

Desemburrar – desbravar o cérebro de alguém

Deslembrado – esquecido

Desengonçar – estar lasso, dançar nos gonzos, tirar os gonzos

Pg 118

Desgadelhar, esgadelhar – descompor as gadelhas

197

Esbarrigar – rasgar o ventre

Esborrachar – desborrachar – parir

Revista lusitana – Leite de Vasconcelos, Volume 37 – ano: 1939

Retalhos de um vocabulário – aguilhão, 170

Desriscar – derriscar, deriscar

Apêndice B – Palavras - analisadas (Capítulo 3)

Latim

Vocábulo	Datação Houaiss	Frequência de uso
dealbado	1619 cf. Quad	21
dealbar	1619 cf. Quad	25100
deambulação	1721 cf. AncMed	57500
deambular	1858 cf. MS6	63500
deambulatório	a1710 cf. MBFlos	656
debelação	1644 cf. RB	591
debelador	1813 cf. MS2	97
debelar	a1580 cf. Lírica	94500
debilidade	1585 JLeMH fº 56v	285000
debilitação	1562 AFerF 482	28600
deblaterar	1878 cf. EQPriBas	243
decantado	c1543 JBarT 75	38600
decepção	1870 cf. JAIPGaz	978000
decesso	1922 cf. CF3	21000
decessor	1899 cf. CF1	194
decisório	1813 cf. MS2	707000
declamar	1532 JBarR 50	58600
declamatório	1713 cf. RB	771
declarar	sXIII cf. IVPM	2380000
declinação	sXV cf. IVPM	93900
declinado	sXIV cf. IVPM	101000
declinável	1873 cf. DV	237
declividade	1679 cf. MetLus	190000
decoção	1679-1696 cf. AVSerm	15300
decocto	1855 cf. CCBLNeg	688
decorrente	sXV cf. IVPM	4160000
decremento	1690 cf. MS6	23200
decrépito	sXIV cf. IVPM	34500
decrescência	1866 cf. CCBSMont	62
decrecente	1789 cf. MS1	1650000
decretal	1270 cf. IVPM	267
decretório	1660 FMMeIE 234	67
decumbente	1570 GCruz fº 33v	1370
decurso	1589 cf. Arrais	1470000
dedicação	1523 CDP II 177	3350000
dedicado	sXV cf. IVPM	4130000

dedicatório	1768 cf. CMCOp	234
defecar	1664 cf. MS6	51600
defectivo	1713 cf. RB	10900
defeituoso	sXV cf. IVPm	227000
defensão	sXIII cf. IVPm	999
deficiente	1573 GLeão 286	2020000
definição	1331 cf. IVPm	10400000
definido	1268 cf. IVPm	6000000
deflagração	1836 cf. SC	126000
deflagrado	1721 cf. AncMed	97100
defletir	1942-1945 cf. LF1	805
deflexão	1844 cf. MS5	74200
defloração	sXVI cf. AGC	211
deflorador	sXVI cf. AGC	1480
defluência	1710 cf. AntPort	737
defluente	1913 cf. CF2	720
defluxão	c1677 SMorQ 44	38
deformação	1836 cf. SC	536000
deformado	1589 cf. Arrais	111000
deformidade	1548 FOIP 134	147000
defunção	1885 cf. CCBMFont	303
degeneração	1589 cf. Arrais	329000
deglutição	1836 cf. SC	136000
deglutinação	a1977 cf. JM3	389
degolação	sXV cf. IVPm	530
degolado	sXIII cf. IVPm	37600
dejeção	sXV cf. IVPm	618
dejetor	a1977 cf. JM3	18
delegação	sXV cf. OrdAf	2690000
delegado	1391 cf. IVPm	2300000
delegatório	1836 cf. SC	297
deleitação	sXIV cf. IVPm	545
delével	1836 cf. SC	211
deliberação	sXIV cf. IVPm	2790000
deliberativo	1713 cf. RB	1260000
deligação	1873 cf. DV	167
delimitação	1873 cf. DV	1010000
delimitado	1865 cf. CCBLGig	335000
delinqüente	1444 cf. IVPm	126000
deliquiescente	1813 cf. MS2	201

deliquêscer	sXX cf. AGC	18
delitescência	1873 cf. DV	15
delusão	1836 cf. SC	524
delusório	1877 cf. LatOr	60
demência	1679 cf. MetLus	299000
dementado	a1710 cf. MS6	559
dementar	a1710 cf. MS6	108
demente	1789 cf. MS1	168000
demérito	1539 CDP IV 114	74300
demissão	1484 cf. IVP	2040000
demissório	1713 cf. RB	737
demitente	1836 cf. SC	102
demolição	1713 cf. RB	701000
demolir	1679-1696 cf. AVSerm	165000
demonstração	sXIV cf. IVP	3640000
demonstrado	sXIII cf. IVP	2520000
demonstrante	sXIV cf. IVP	62
demonstrativo	sXV cf. IVP	1630000
demonstrável	1836 cf. SC	37500
demorado	sXIII cf. IVP	608000
demudado	sXIV cf. IVP	275
denegação	sXV cf. IVP	199000
denegante	sXIV cf. IVP	25
denegrecer	sXIII cf. IVP	29
denigração	sXX	153
denodado	sXIII cf. IVP	10600
denominação	c1538 JCasG 202	3110000
denominador	1680 cf. RB	335000
denominativo	1540 JBarG fº 7	332
denotação	1540 JBarG fº 20v	49600
denotador	1789 cf. MS1	239
denudação	1836 cf. SC	725
denudado	1836 cf. SC	326
denunciação	sXV cf. IVP	117000
denunciado	1340 cf. IVP	904000
denunciador	1446 cf. OrdAf	16100
denunciante	1873 cf. DV	215000
denunciativo	1523 ABejA fº 15v	267
depauperante	a1950 cf. GEPB	82
dependente	1624 cf. MS6	2610000

depilado	1881 cf. CA1	11300
depilador	1981 cf. V.O.	223000
depleção	1839 cf. MS6	86900
deploração	1566 DGóisM I 161	238
deplorado	1597 cf. MonLus	530
deplorável	1675 FBFreL 386	219000
depoente	1540 JBarG fº 18	248000
deponente	1789 cf. MS1	78
depopulado	d1960	15
depopular	d1960	25
deportação	1713 cf. RB	198000
deportado	1631-c1674 cf. JFBarVid	59900
deposição	sXV cf. OrdAf	622000
depositário	1507 PDias 39	677000
depravação	1708 cf. MS6	61300
depravado	c1543 JBarT 16	44600
depreciação	1547 BEPF XVIII 79	437
deprecado	1664 cf. MS6	100000
deprecante	1789 cf. MS1	72000
deprecar	1664 cf. MS6	672
deprecativo	1616 cf. GFTran	13
deprecatório	sXV cf. OrdAf	34
depreciado	1836 cf. SC	45300
depreciador	1844 cf. MS5	353
depredação	1836 cf. SC	171000
depredado	a1681 cf. MS6	26900
depredador	1789 cf. MS1	9640
depredar	a1681 cf. MS6	29500
depreensão	1873 cf. DV	640
depressão	sXVIII cf. MS2	3760000
deprimente	1899 cf. CF1	283000
derivação	1553 Susque I fº 35v	406000
derivado	sXIV cf. IVPM	1160000
derivante	1672 cf. RB	9290
derivativo	1540 RLUC VI 14	39700
derradeiro	sXIV cf. IVPM	409000
derivatório	1668 cf. RB	17
derrelição	1899 cf. CF1	241
derrogação	1517 CDP I 484	469000

derrogador	1789 cf. MS1	63
derrogante	1836 cf. SC	63
derrogatório	1385 cf. IVP	16200
descendente	1319 cf. IVP	1550000
descensão	1685 cf. RB	672
descrição	sXV cf. IVP	18000000
descritivo	1836 cf. SC	941000
descriptor	1789 cf. MS1	1050000
deserção	1727 cf. RB	276000
desertor	1657 DGCarn 58	49000
desiderativo	a1958 cf. MS10	546
desidioso	1836 cf. SC	11300
designação	1602-1605 cf. FeioFesta	4430000
designador	1813 cf. MS2	653
desistente	1813 cf. MS2	204000
desistir	sXV cf. IVP	1530000
desnudo	sXIV cf. AGC	138000
desolação	1611 cf. MS2	130000
desolado	sXV cf. IVP	140000
despiciente	a1776 JDan I 96	470
despopular	d1960	18
desposado	sXIII cf. IVP	653
dessecado	sXIV cf. IVP	10100
dessecativo	1713 cf. RB	35
dessuetude	1830 cf. GarPBEur	71
destinação	1713 cf. RB	1890000
destinador	1813 cf. MS2	569
destruição	1344 cf. IVP	3080000
destrutível	1844 cf. MS5	34700
destrutivo	sXVII cf. NumVoc	251000
destrutor	1913 cf. CF2	14600
detenção	a1680 cf. MS2	1250000
detentor	1813 cf. MS2	1130000
detergente	1721 cf. AncMed	479000
determinação	1361 cf. IVP	6930000
determinado	sXIII cf. IVP	8970000
determinador	sXIII cf. AGC	20400
determinante	1836 cf. SC	1580000
determinável	sXV cf. IVP	45900

detersão	1836 cf. SC	61
detestado	sXV cf. IVP	24900
detestável	sXV cf. IVP	81300
detração	sXV cf. IVP	20000
detratar	1913 cf. CT	653
detrator	1540 JBarE 1º II	758
detrição	1858 cf. MS6	45
detrimento	1505 CDP I 48	1780000
detrimento	1710 cf. AntPort	35
detruso	a1958 cf. MS10	14
devastação	1680 cf. RB	437000
devastador	1713 cf. RB	223000
deviação	1858 cf. MS6	86
devoção	sXIII cf. IVP	773000
devolução	1713 cf. RB	3510000
devoração	1651 MAnjH 483	9980
devorador	1789 cf. MS1	79000
devorante	1610 cf. MS6	659

Por empréstimo

Vocábulo	Datação Houaiss	Frequência de uso	Tipo de formação
deverbal	a1958 cf. MS10	383	Prefixal
debandar	1777 ABN v 103 p.167	13500	Prefixal
debater	sXV cf. IVP	2390000	Prefixal
debrear	1659 cf. Agiólogo	128	Prefixal
debugar	1944	21500	Parassíntese
debutar	1844 MinBras nº 7 p.221	12200	Prefixal
decadência	sXVII cf. AGC	1300000	Prefixal
decapar	a1958 cf. MS10	649	Parassíntese
decapitar	sXVIII cf. AGC	22300	Parassíntese
decelerar	a1977 cf. JM3	50	Prefixal
decolar	1932 cf. Nasc	267000	Prefixal
defenestrar	a1958 cf. MS10	9340	Parassíntese
defervescência	1913 cf. CF2	109	Prefixal
defibrilação	1935	41	Prefixal

degringolar	1882 cf. CCBNarc	578	Prefixal
degustação	1899 cf. CF1	445000	Prefixal
delinquência	1913 cf. CF2	170000	Prefixal
deliquescência	1836 cf. SC	180	Prefixal
delocutivo	sXX	41	Prefixal
demonetização	1836 cf. SC	15	Prefixal
denervação	1959	10500	Prefixal
derrengar	sXVIII cf. AGC	27	Prefixal
desapontamento	1844 cf. MS5	117000	Prefixal
descalabro	1899 cf. CF1	153000	Prefixal
descoco	a1799 cf. DV	239	Prefixal
descofragem	1953	492	Prefixal
descofrar	1953	37	Prefixal
desfaçado	a1536 GResMis 196	143	Parassíntese
deslanchar	a1958 cf. MS10	94200	Prefixal
deslumbrar	1643 FSCout I 33	69500	Parassíntese
desmanchar	sXIV cf. IVPM	116000	Prefixal
desmantelar	1648 FSCout II 300	107000	Prefixal
despenhar	sXIV cf. IVPM	13800	Parassíntese
destacar	sXIII cf. AGC	3170000	Prefixal
desvalijar	1660 FMMeLE 429	17	Parassíntese
desvariar	sXIV cf. DAle	144	Prefixal
detector	1932 cf. Nasc	671000	Prefixal
devanear	sXIV cf. IVPM	25500	Prefixal

Português

Vocabulo	Datação Houaiss	Frequência de uso	Tipo de formação
debastar	1866 cf. CCBJud	146	Parassíntese
debruçar	sXV cf. IVPM	221000	Parassíntese
decepar	sXIII cf. IVPM	21700	Parassíntese
decomponente	1899 cf. CF1	42	Prefixação
decomponível	1873 cf. DV	729	Prefixação
decomposição	1789 cf. MS1	883000	Prefixação
decruar	1873 cf. DV	34	Parassíntese
defasar	1954 cf. LF2	692	Parassíntese
defibrilar	sXX	11	Parassíntese
deflacionário	1975 cf. AF1	561	Prefixação

deflacionista	1938 cf. PD	672	Prefixação
defumar	sXIII cf. IVPM	10100	Parassíntese
degelar	1553 Susque III fº 8v	502	Parassíntese
deletrear	1789 cf. MS1	140	Parassíntese
demitizar	sXX	46	Parassíntese
demitologizar	sXX	14	Parassíntese
depenar	sXIII cf. IVPM	21900	Parassíntese
depenicar	1562 cf. JC	320	Parassíntese
derrabar	1553 cf. JBarD	47	Parassíntese
derregar	1713 cf. RB	17	Parassíntese
derrocar	sXV cf. IVPM	913	Parassíntese
desafeição	1660 FMMeIE 125	690	Prefixação
desafeiçoado	sXV cf. IVPM	284	Prefixação
desafetação	1713 cf. RB	51400	Prefixação
desafortunado	a1697 cf. MS6	19400	Prefixação
desalmado	sXV cf. IVPM	26400	Parassíntese
desambição	a1666 cf. MS2	415	Prefixação
desambiguar	1990	668	Parassíntese
desaminar	c1960	643	Parassíntese
desancar	1817-1819 cf. EliComp	29600	Parassíntese
desapaixonado	1523 CDP II 168	11100	Prefixação
desarmamento	1798 cf. MS6	1040000	Prefixação
desarmonioso	1836 Nitheroy nº 1 p.37	1220	Prefixação
desasnar	1713 cf. RB	198	Parassíntese
desatenção	1679-1696 cf. AVSerm	166000	Prefixação
desatencioso	1836 cf. SC	1780	Prefixação
desautorar	1603 cf. FBReis	38	Parassíntese
desautoridade	c1543 JFVascE 228	37	Prefixação
desvantagem	1836 cf. SC	138	Prefixação
desbancar	1836 cf. SC	67700	Parassíntese
desbarbar	sXV cf. IVPM	112	Parassíntese
desbastar	1589 cf. Arrais	26400	Parassíntese
desbeijar	1789 cf. MS1	33	Parassíntese
desbocar	sXV cf. IVPM	243	Parassíntese
desbragar	sXIII cf. IVPM	46	Parassíntese
desbravar	1651 cf. FMMelG	109000	Parassíntese
desbrioso	1899 cf. CF1	17	Prefixação
descabeçar	sXIII cf. IVPM	133	Parassíntese
descabelar	c1560 cf. AFerP	15300	Parassíntese
descadeirar	1713 cf. RB	61	Parassíntese

descafeinar	1934	69	Parassíntese
descaminhar	1644 PLMH II 169	139	Parassíntese
descampado	a1538 cf. FMPin	51200	Parassíntese
descapotar	1949	63	Parassíntese
descarado	1713 cf. RB	97900	Parassíntese
descarboxílase	d1940	26	Prefixação
descaroável	sXIX [?] cf. JM3	57	Prefixação
descaroçar	a1776 Jdan I 387	671	Parassíntese
descarrilar	1881 cf. CA1	16100	Parassíntese
descartar	1544 JFVascS I cap22	582000	Parassíntese
descascar	1713 cf. RB	145000	Parassíntese
descerebrar	1899 cf. CF1	125	Parassíntese
descomposição	1680 cf. AOCad	964	Prefixação
descompostura	1600 JLuc 470	13600	Prefixação
descompressão	a1958 cf. MS10	145000	Prefixação
descomunal	sXIII cf. IVPM	129000	Prefixação
desconcordia	sXIV cf. IVPM	53	Prefixação
desconexão	1881 cf. CA1	183000	Prefixação
desconformidade	1548 FOIP 233	214000	Prefixação
descontente	sXV cf. IVPM	245000	Prefixação
desconveniente	sXIV cf. IVPM	30	Prefixação
descortês	1549 MMA II 222	35200	Prefixação
descortesia	sXV cf. IVPM	44500	Prefixação
descortinar	1649 Ferrez 163	111000	Parassíntese
descrença	sXIII cf. IVPM	319000	Prefixação
descrente	sXIII cf. IVPM	129000	Prefixação
desdentar	a1569 cf. MS2	54	Parassíntese
deselegância	1899 cf. CF1	32400	Prefixação
deselegante	1899 cf. CF1	75000	Prefixação
desentendimento	sXV cf. IVPM	223000	Prefixação
desenxabido	1713 cf. RB	1040	Prefixação
desesperança	sXIII cf. IVPM	180000	Prefixação
desfavorável	1779 cf. MS6	845000	Prefixação
desfear	sXIV cf. IVPM	222	Parassíntese
desfibrar	a1881 cf. CA1	889	Parassíntese
desfivelar	1713 cf. RB	20	Parassíntese
desflorar	1615 cf. FNum	14000	Parassíntese
desfolhar	1540 FÁlv 135	35200	Parassíntese
desfonologização	sXX	20	Prefixação
desfrutar	sXIII cf. IVPM	1080000	Parassíntese

desgarrar	sXV cf. IVP	11900	Parassíntese
desgracioso	1863 cf. ACastOut	512	Prefixação
desgramado	sXX cf. AGC	533	Prefixação
desgrenhado	1544 cf. Palm	20700	Parassíntese
desidrose	a1958 cf. MS10	289	Prefixação
desigualdade	sXV cf. IVP	1810000	Prefixação
desilusão	1899 cf. CF1	703000	Prefixação
desincrustação	c1970	821	Prefixação
desinfecção	1836 cf. SC	489000	Prefixação
desinflação	a1958 cf. MS10	16600	Prefixação
desinsofrido	1913 cf. CF2	28	Prefixação
desinteligência	1836 cf. SC	9670	Prefixação
desintervenção	1988	394	Prefixação
desionização	a1977 cf. JM3	357	Prefixação
deslealdade	sXIII cf. IVP	65900	Prefixação
deslegitimação	1981 cf. V.O.	16300	Prefixação
deslomar	1713 cf. RB	16	Parassíntese
desmalhar	sXIV cf. IVP	34	Parassíntese
desmatar	a1958 cf. MS10	76100	Parassíntese
desmembrar	1344 cf. IVP	87700	Parassíntese
desmiolar	1713 cf. RB	96	Parassíntese
desmigar	sXV cf. IVP	87	Parassíntese
desnarigado	sXVI cf. JM3	42	Parassíntese
desnarigar	sXVI cf. JM3	28	Parassíntese
desnatural	sXV cf. IVP	924	Prefixação
desnaturar	sXIV cf. IVP	19200	Parassíntese
desnovelar	1713 cf. RB	89	Parassíntese
desnudar	sXIII cf. IVP	11	Parassíntese
desnudez	sXVII cf. MBFlos	3480	Prefixação
desobediência	sXIII cf. IVP	621000	Prefixação
desobediente	sXIV cf. IVP	45000	Prefixação
desobstrução	1813 cf. MS2	197000	Prefixação
desonestidade	sXIV cf. IVP	186000	Prefixação
desonroso	1844 cf. MS5	16400	Prefixação
desopilativo	c1677 SMorQ 70	13	Prefixação
desopressão	1813 cf. MS2	106	Prefixação
desordeiro	1868 cf. JNMorg	18500	Prefixação
desossar	1713 cf. RB	9200	Parassíntese
desovar	c1538 JCasG 149	37500	Parassíntese
despeado	1553-1615 cf. JBarD	86	Parassíntese

despedaçar	sXIV cf. IVP	37900	Parassíntese
despeitorar	sXVI cf. AGC	14	Parassíntese
despelar	1881 cf. CA1	351	Parassíntese
despenar	c1608 cf. NORb	128	Parassíntese
despencar	1899 cf. CF1	79900	Parassíntese
despercebido	1344 cf. IVP	359000	Prefixação
despetalar	a1958 cf. MS10	519	Parassíntese
despiedade	1713 cf. RB	31	Prefixação
despiedoso	1567 JFVascM 326	124	Prefixação
despirocar	c1968	676	Parassíntese
despistar	1899 cf. CF1 supl.	91500	Parassíntese
despolpar	a1899 cf. CF1	616	Parassíntese
despontar	sXV cf. IVP	152000	Parassíntese
desposar	1562 cf. JC	45	Parassíntese
desprazimento	sXV cf. IVP	56	Prefixação
desprazível	sXV cf. IVP	214	Prefixação
despretensão	1881 cf. CA1	13000	Prefixação
despretensioso	1881 cf. CA1	79100	Prefixação
desprevenção	1660 FMMeE 502	129	Prefixação
desprimorar	1873 cf. DV	71	Parassíntese
desprimoroso	1597 cf. DioD	252	Prefixação
desproporção	1536 FOIG fº 39v	145000	Prefixação
desproporcional	a1958 cf. MS10	228000	Prefixação
dessaborido	1524-1585 cf. JFVascUlis	23	Prefixação
dessedentar	1817-1819 cf. EliComp	588	Parassíntese
desselar	sXV cf. IVP	78	Parassíntese
dessemelhança	sXIV cf. IVP	16400	Prefixação
dessemelhante	c1543 JFVascE 20	788	Prefixação
dessexuado	sXX	33	Prefixação
dessexuar	sXX	20	Parassíntese
destampar	1713 cf. RB	698	Parassíntese
destemperança	sXIV cf. IVP	548	Prefixação
desterrar	sXIII cf. IVP	12100	Parassíntese
destoar	1856 cf. CCBOFel	34500	Parassíntese
destocar	1831 cf. ZT	249	Parassíntese
destoucar	sXV cf. IVP	43	Parassíntese
destrambelhar	1899 cf. CF1	318	Parassíntese
destroçar	1512 CDP I 170	23100	Parassíntese
destronar	1713 cf. RB	43800	Parassíntese
destroncar	1570 GCruz fº 42	350	Parassíntese

Morfologia em diacronia - os caminhos e desvios de um afixo na história da língua: o percurso histórico-semântico do prefixo des- em bases sufixadas e em formações parassintéticas

desumanidade	a1536 GResMis 254	61500	Prefixação
desunião	1559 CDP VIII 236	78400	Prefixação
desvalioso	1899 cf. CF1	582	Prefixação
desvantagem	1836 cf. SC	1010000	Prefixação
desvantajoso	1816 LBourd 234	24300	Prefixação
desvencilhar	1680 AOCad II 111	102000	Parassíntese
desventura	sXIII cf. IVPM	73400	Prefixação
desventurar	sXIII cf. IVPM	80	Parassíntese
desvirginar	1885 cf. RamHol	511	Parassíntese
desvirtude	c1543 JFVascE 357	156	Prefixação
detorar	1713 cf. RB	68	Parassíntese

Anexo A

Pedaços de um manifesto

JOSÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA

O Ministério Público nos intimou a comparecer ao fórum da cidade onde nasci, Araraquara, para, sete atores, sermos julgados por vilipêndio à eucaristia na encenação de "Mistérios Gozosos", de Oswald de Andrade. Sete atores não passaram por isso à toa. O processo de Araraquara não é provinciano, pois revela um "vuduzamento" positivista, chamado hoje nova ordem liberal. A coisa aconteceu numa cidade do interior de São Paulo, mas é foco de uma ação contemporânea, pós-moderna, iluminação do novo imperialismo universal que está querendo botar as patas no corpo vivo, insubmisso, ressurrecto do teatro. Mas o teatro, principalmente nos momentos em que querem impingir o embuste de uma pequena visão de mundo, tem como condição ser território livre, lugar sagrado de uma eterna "desordem" instituída, ONU da liberdade do corpo, onde ninguém toca. Nós, antropófagos, estamos nos lixando para a eucaristia oficial católica. Criamos nossos próprios ritos, com poesia, Oswald, Artaud, Eurípedes, personagens, situações, luzes, roupas, nossas vidas.

Mas a epifania do teatro não é visível para a grosseria de nossos acusadores. Somos, para estes, toscos "elementos que sobem ao palco e põem uma banana no pênis, outro que morde"; ou, como nas "Bacantes", que "avançam em cima de uma pessoa do público e tiram a roupa à força e pronto".

Essa leitura parva fabrica intencionalmente uma paranóia pública contra todo o nosso sofisticado requinte teatral, criado na luxuriante precariedade radical, para que a nossa arte não seja levada em conta, seja desvalorizada, aviltada. Esse vilipêndio da fé cênica é o responsável pela criminosa condição de miséria absoluta imposta ao atual teatro brasileiro. Por isso, diante desse "vuduzamento" da ordem mundial que jaz no Ministério da Cultura, nas secretarias políticas, polícias de cultura estatais ou privadas, nos marketings, que submetem tudo ao mandado, ao consenso, a lógica interna do capitalismo, é preciso tomar uma posição política clara, cruel, como se teve que tomar com o fascismo, o nazismo e a ditadura militar no Brasil.

Araraquara nos fez ver novo para tomarmos a posição política de defender o teatro dessa submissão à ditadura do mercado e de defender especialmente o corpo do Teatro Oficina Uzyna Uzona, porque, quer se queira ou não, nosso corpo de atores e nosso corpo físico no espaço arquitetônico não se deixaram comer por esse "vuduzamento". E é justamente por isso que estão querendo dobrá-lo. Não temos somente 35 anos de vida, mas milênios. Acusamos:

- 1) a crueldade mórbida da atual política cultural oficial do Estado de São Paulo de dar o cano no convênio de R\$ 260 mil por ano para manter o Teatro Oficina.
- 2) os e as burocratas, como a Anali Alvarez, da Secretaria de Cultura do Estado, que empatam tudo para que entremos no regulamento sem projeto dos teatros do Estado de São Paulo. Essa

Alíce Pereira Santos

funcionária declarou, conforme testemunho do diretor teatral Marcelo Fonseca, que, até o fim da sua administração, tiraria o Teatro Oficina das mãos do Zé Celso. 3) os executivos do Baú de não quererem nem saber do maravilhoso projeto urbanístico do "oásis de fertilidade pública" que o arquiteto Paulo Mendes da Rocha bolou, para contracenar com o espaço da "fatalidade" do shopping de lazer que o Baú da Felicidade quer construir no quarteirão de Silvio Santos, ou de Santos Silvio -o nome tanto faz. 4) o público de celebridades, gente de bens que não vê na cena do estraçalhamento uma cena de teatro, só o medo que vem de sua tentação de ser posta a nu. Quem não quiser não participa da cena, o teatro trabalha só com o desejo, mais nada. Faz quem quer. 5) acuso, mas desacuso, porque Dionysos não barra ninguém, todos podem ser "desenvuduzados".

Nós temos uma história, uma justa, um programa, um projeto para o teatro brasileiro, ou melhor, nós somos um projeto vivo e estamos aqui com o desejo do poder da sua presença a favor dessa rara máquina coletiva do tesão, que é o de todo mundo. Ela não pode ser castrada à toa, por mera ignorância social. Teatro é filho do tempo. Dura enquanto a humanidade durar de desejo de vida e tiver, no momento justo, coragem de mostrar que tem osso...

Data – 15/12/1996

Anexo B

O renascimento de Zé Celso

GEORGE ALONSO

O diretor e ator de teatro José Celso Martinez Correa conseguiu. Reabriu o Teatro Oficina. Agora, quer matar o personagem que fez nos 15 anos da novela da reconstrução –logo ele que odeia o gênero. "É o meu renascimento", exulta e não exagera. Sua montagem de "Hamlet" foi o acontecimento do teatro brasileiro em 1993. "Ham-Let", nome que deu à adaptação da peça de Shakeaspere, é o segundo trabalho depois de duas décadas de semiparalisia. "Estava no subterrâneo. O problema é que corre-se o risco de desenvolver uma alma subterrânea, de se sentir bem lá." Zé Celso emerge e, palavras suas, busca o sucesso popular.

Diretor das antológicas peças "Roda Viva" e "O Rei da Vela", encenadas nos anos 60 e espelhos daquele tempo rebelde, hoje quer apagar as pechas de "louco", "decano do ócio", "parasita do Estado", conquistadas na década yuppie. "Fiquei folclórico nos 80, virei fantasma", afirma Zé Celso, que no palco onde estará até o dia 6 de fevereiro encarna o fantasma do pai de Hamlet.

Falar e esperar foram dois verbos muito conjugados por Zé Celso depois do encerramento do auto-exílio de cinco anos, provocado por prisão e tortura em 1974. De volta ao país (junho de 1978), ele agitou "happenings de rua", mas nada que aparecesse. Tudo era meio "sessentóide", fora do ânimo da época e inacabado –como o Oficina naquele momento.

No presente, ainda é fiel ao particularíssimo estilo. Usa a expressão "desbunde", mas incluiu uma palavra apolínea no seu vocabulário: fazer. Na Lua Cheia de março, mês em que completa 57 anos, vai inaugurar oficialmente o novo Oficina. No dia histórico, quer "transmissão direta de 'Ham-Let' pela TV Cultura", emissora com quem promete negociar. "Acredito na economia da indústria cultural, por isso quero a TV no teatro", explica.

Zé Celso, o renascido, age e fala. (Como fala: 165 minutos de fitas e 19 folhas de fax enviadas à redação como "pequenos adendos" à entrevista.) Atrás do discurso prolixo, da orgia de palavras e dos mil mitos invocados, está um artista que sabe objetivar o que quer. Para chegar ao último ato do seu desejo, pede dinheiro a deus e ao diabo: em 1985, "des-satanizou" Paulo Maluf, que acabou pondo dinheiro nos alicerces do Oficina. "Sou grato ao pianista João Carlos Martins, que me ajudou através da Paubrasil", diz, citando a empresa acusada hoje de arrecadar fundos para campanhas do atual prefeito.

Em sua primavera, Zé Celso está mais apaziguado e menos "tarado": parou de tomar pílulas para dormir, hábito adquirido na estréia, e de cantar tudo e todos. "Estou bem melhor."

São Paulo, domingo, 16 de janeiro de 1994;

Fonte: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/1/16/revista_da_folha/1.html

Anexo C

SATISFAÇÃO ABSOLUTA, OU SEU DINHEIRO DE VOLTA

MIZUR

NOTHAS

I

O TERRORISMO NOSSO DE CADA DIA

- As ostras são geralmente criadas em águas de esgoto e dão febre tifóide.
- As aspirinas curam a dor de cabeça, mas apressam a arteriosclerose.
- Todas as comidas enlatadas dão hepatite ou provocam intoxicação.
- A dispepsia, provocada pelo excesso de ingestão de gorduras, leva à loucura.
- A cerveja — qualquer cerveja — contém arsênico e dá polinevrite.
- Baba-de-moça, quando comida 48 horas depois de feita, dá leucemia.
- Pão preto contém bismuto e gera impotência.
- Peru provoca vômitos — regurgitações semelhantes à voz do próprio peru — seis meses depois de ser ingerido.
- Leite contém ácido borácico. E não contém leite.
- O tanino do chá destrói o tecido do estômago.
- Açúcar dá gota. Muitas gotas.
- O Congresso é favorável à reeleição de Sir Ney para qualquer função (E ISTO É VERDADE!).

II

PROTEÇÃO COLATERAL

E como é, ministro da informática, sai ou não sai essa reserva de mercado pra proteção da inteligência artificial? O Aldo Rebelo anda em pânico.

III

O OVO E SUAS METÁFORAS

Não se pode fazer uma omelete sem quebrar os ovos. Tudo bem, embora eu ache que o que eles já quebraram de ovo dava pra fazer um milhão de omeletes. Mas eu quero ver é agora — depois das eleições — se eles sabem mesmo desmexer ovos mexidos.

EMA

Você não entendeu o desenho acima? Pois é, é ilustração deste poema:

É dedar medo
Ceguir os segos
Cor taras pontes
Hávida é ex cura
E há guamole
Em pé dradura
(Entendeu agora?)

Lula não tem a menor ética. Ao contrário de Alckmin, que, recebendo só 400 vestidos, mostra que tem uma ética de boutique (mais conhecida como etiqueta).

AMOOOLAAADOR!

JUSTI-
CIA
EX
MORE

Anexo D

Melhor no original

Tradução prejudica livro de contos de Nabokov, o russo que escrevia em inglês e está irreconhecível em português

IVAN LESSA

Vladimir Nabokov (1899-1977) publicou em inglês, quando em vida, quatro coleções de contos, um total de 52. Ele as chamava, não se chamasse Nabokov, de “dúzias de padeiro”, ou seja, conforme é costume em anglo-saxão, cada dúzia constando de treze pães. Conto não é a primeira coisa que vem à mente em se tratando de Nabokov. Conto não deveria ser a primeira coisa que vinha à mente do próprio Nabokov, uma vez que desde o aparecimento em Paris, em relativo segredo e em inglês absoluto, da sedutora ninfeta *Lolita* (1955), o mago de Montreux (sua residência a partir de 1961) abandonou por completo a prosa de fôlego curto. Os contos eram exercícios de estilo do expatriado, o ganhão (ganha-treze-pães?) publicado nas revistas obscuras de *émigrés* russos ainda rilhando os dentes contra a Revolução de 1917. Durante vinte anos, até chegar aos Estados Unidos, em 1940, Nabokov trabalhou — como trabalho! — em seus romances russos. Em 1941, ele publica o primeiro romance escrito em inglês, *The Real Life of Sebastian Knight*, seguido de *Bend Sinister* (1948), *Invitation to a Beheading* (1957) e, afinal, em 1958, mascando chicletes e sorrindo para os fotógrafos em poses provocantes, desembarca Lo-lee-ta.

Lenta e arduamente, divino enxadrista, Nabokov vai armando suas artes, pregando suas peças sobre o vasto tabuleiro de xadrez literário. Em 1962, arde intensamente o mais sublime exemplo de seus jogos/jogadas: *Fogo Pálido*, um longo poema, à maneira bucólica do americano Robert Frost, seguido de extenso e delirante comentário paranóico de um, claro, expatriado. (A canção do exílio em Nabokov, como nos mais feros expatriados, é uma terra com grotescas palmeiras, onde cômicos sabiões gorjeiam desafinados debaixo de vaias e assovios.) *Ada ou Ardor: a Crônica de uma Família* (1969) ainda está por ser decifrada: construir um mundo inteiro às avessas, mapeado a cada página com charadas e ludismos, em meio a intensa sexualidade familiar (uma obsessão nabokoviana), não é tarefa fácil — de escrever ou ler.

Aí está: ler Nabokov. Vale a pena? Vale. Vale a pena, a esfesgráfica, a Olivetti portátil, o micro. No entanto, há um pequeno problema: os monoglotas devem ser barrados à entrada. Nabokov se lê em russo ou em inglês. Um crítico francês quase semiotizou a mulher pelo pescoço quando esta argumentou que, no idioma de Molière, Vlad, o Empalador de Lepidópteros, até que dava para o gasto. Um ensaísta alemão, logo depois de explicar que seu próprio ingresso nas hostes da juventude hitlerista em 1938 não passara de doloroso engano, teorizou que as ficções estilizadas de Herr Nabokov, sua técnica oblíqua, sua linguagem inventiva, seu elaborado humor tendiam a adquirir deliciosas tonalidades estéticas quando vertidos para o teutônico.

TRAÍÇÕES — A massa sonora de Nabokov é intraduzível. O tom de sua voz, o suposto convite ao leitor para a partida, oculta uma ponta de desdém, a condescendência aristocrática de uma sensibilidade e um cabedal cultural que se acreditam únicos. Ler os contos de *Perfeição* (tradução de Jorio Dauster; Companhia das Letras; 200 páginas; 20,50 reais) pode ser uma introdução, até (in)tradução, mas não corresponde, nem sequer se corresponde com o original. A coleção americana, traduzida pelo autor e o filho, Dmitri, leva o título de outro dos treze contos, *A Destruição dos Tiranos*. A escolha de *Perfeição*, o décor de sua capa constituem desvio, traem uma intenção quase sinistra: olhem só os arlequins! Percam a cabeça com a dádiva da beleza eslava original sorrindo no escuro à sua espera! Dancem a valsa de sua invenção! O convite é coisa transparente demais, a única defesa é recusar o *game*, o *set* e o *match* com o único tenista que já traduziu para o inglês as 228 linhas do poema *Eugene Onegin*, de Pushkin, deixando 1 772 páginas para os comentários.

Se é para Nabokov ser traduzido para o português, que o seja em comissão, de

Vladimir Nabokov: exercícios...

preferência encabeçada por Coelho Neto, João do Rio e Clarice Lispector. A tradução de Jorio Dauster lembra um desses ubíquos imitadores de Elvis Presley, o Rei, *the King*. Lá estão os óculos escuros, a calça e a camisa de cetim branco com lantejoulas, as costeletas, a cabeleira pintada de preto, os meneios das cadeiras, gestos e maneirismos. Mas há algo violentamente errado. Remendos visíveis, ginga desajeitada, um desastre a sincronização labial com o disco. Está mais para a dama e o valete que para o Rei.

Vejamos: página 24, um Hamlet *dull and fat* vira “gordo e melancólico”, quando deveria ser “gordo e burro”; o mesmo *dull* surge em *dullish*, corretamente traduzido para “obtusos” no conto-título. Página 27, mudança de tempo, *feel* vira “senti”, com acréscimo de exclamação inexistente no original. Página 98, *rippled* poderia ser apenas “corria” mesmo, em vez de “acariciava”. Página 162, *feu du rasoir* sofre tradução “pele (...) irritada pela navalha”, mas *café-au-lait*, na página 165, não, e muito menos o alemão *quatsch* (besteira, tolice) e o russo *erundá*. E as pobres das irmãs Fox, na página 199? No original (o único conto escrito direto em inglês, o antológico, o sobrenatural, o mágico *As Irmãs Vane*), o narrador menciona (e aqui quem trai Nabokov sou eu): “Evoquei os ossos do tornozelo e outras castanholas anatômicas das irmãs Fox”. Por que desossar e desespanhar as pobres? Que gato comeu esse pastel? E mais, muito mais, conforme reza o refrão ardente de *Ada*. Se Cynthia e Sybil, as irmãs do título, perdem em brasileiro o ípsilon para acena-

...de estilo como "ganha-pão"

rem a leitor e narrador no estonteante acróstico final (um truque literário que só funciona a cada mil anos, segundo afirma com propriedade o autor), parece lógico que as duas também devam ter sobrenome nos cumprimentando do outro lado da rua: Vane, vain, vãs, vaidosas. Mas a versão do acróstico em questão não deixa de ser uma *tour de force*, ou torre de força, digamos, com "sincelo" e tudo.

Nabokov, se é que tem de ser traduzido, merece uma peitada e uns trancos, sem embaixadas, sem quebrar o pé do homem (*oui*, ele também apreciava *football*) e tentando a rima interna. Enquanto isso, todos — isto é, nós, que contamos — aos *pocket books* da Penguin, à venda nas boas casas do ramo. ■

TEATRO

Ouro no palco

Subvenção leva peças para Curitiba

Está em cartaz em Curitiba, desde quarta-feira 20 e no decorrer desta semana, a quinta edição do Festival de Teatro da cidade. Nas edições anteriores, os organizadores queriam levar à capital do Paraná alguns dos melhores espetáculos em cartaz no país. Desta vez, o objetivo é mais ambicioso: dar uma prévia da temporada teatral do eixo Rio—São Paulo nos próximos meses. Há no festival quatro grandes estréias nacionais: *Quintuplos* (foi ao palco na semana passada), montagem do grupo Ornitorrinco, tendo a curvilínea Christiane Tricerri no papel principal; *O Burguês Ridículo* (espetáculos na terça e na quarta), de Molière, com Marco Nanini encabeçando o elenco regido pelo global Guel Arraes; *Nowhere Man* (de sexta a domingo), de Gerald Thomas e sua Companhia de Ópera Seca; e *Gregório* (sábado e domingo), com direção de Moacyr Góes. Foi adiada na última hora a estréia de *Nas Trilhas da Transilvânia*, de Antunes Filho. Motivo: o principal ator de seu grupo Macunaíma, Yan Cristian, teve de ser internado às pressas em São Paulo com pneumonia. O festival consolida também uma tendência: a de que Curitiba é o melhor lugar do país para uma estréia teatral. Isso já era verdade há algumas décadas, pois a cidade tem uma tradição na área, mas agora há uma novidade: o poder público resolveu investir pesado na subvenção de peças.

Os atores sempre gostaram de Curitiba por ser uma cidade onde, ao contrário do

que acontece no eixo Rio—São Paulo, a imprensa não demole um autor, diretor ou grupo teatral e o público local fica encantado em encontrar na rua algum figurão do teatro nacional. É mais agradável estreiar por lá. Mas o fator decisivo para fazer de Curitiba a capital do teatro é a injeção de dinheiro. Logo depois do festival, duas outras peças estrearão nacionalmente na cidade: *Rei Lear*, de Shakespeare, com Paulo Autran no papel principal, e *Quartet*, uma adaptação do texto do dramaturgo alemão Heiner Müller feita pelo diretor Gerald Thomas. Para que os primeiros espetáculos de *Rei Lear* fossem a Curitiba, a prefeitura desembolsou 250 000 reais para ajudar na produção da peça, que recebeu ainda 300 000 de um banco. Thomas, que já havia ganhado 50 000 para fazer com que sua *Nowhere Man* estreasse no festival, ainda recebeu ajuda para a confecção do cenário e figurinos de *Quartet*. "Já estou até acostumado a montar peças em Curitiba", diz Paulo Autran, que se lembra de ter estreado as peças *Édipo Rei*, *O Burguês Fidalgo* e *Morte e Vida Severina* na capital paranaense. "Desde a época do ex-governador Ney Braga, os paranaenses incentivam o teatro." "Artista é que nem prostituta: vai aonde está o dinheiro", arre-mata Gerald Thomas. "É por isso que estou estreando minhas peças aqui."

CENTRO CULTURAL — *O Burguês Ridículo*, com Marco Nanini, recebeu 250 000 reais da prefeitura para estreiar em Curitiba. Além de botar meio milhão de reais na montagem de peças, o poder público gastou ainda mais dinheiro do contribuinte para bancar dois terços do orçamento do festival, de pouco mais de 1 milhão de reais. Cada um dos três grandes patrocinadores do evento — o governo do Paraná, a prefeitura de Curitiba e uma escola da cidade — deu 350 000 reais. Ainda em dinheiro vivo, uma fábrica de perfume entrou com mais 10 000 reais. Para proporcionar transporte, acomodação e alimentação para 450 pessoas do meio artístico envolvidas com as peças, o festival contou com o apoio de uma companhia aérea, hotéis e restaurantes. "Ter um festival de teatro em Curitiba e trazer novas peças para cá é uma forma de tornar a cidade um centro nacional de cultura", diz Geraldo Pougy, presidente da Fundação Cultural da prefeitura de Curitiba. Os patrocinadores do evento estimam que a maratona cênica, que terá vinte peças em nove locais diferentes, atraia cerca de 30 000 pessoas, incrementando o turismo na cidade. ■

Christiane Tricerri e Luciano Chirolli, da peça *Quintuplos*: estréia nacional

Anexo E

do o comportamento anterior do PT. O projeto aprovado é resultado de negociações do Planalto com partidos políticos, governadores, servidores, magistrados e sindicalistas e representa um belo capítulo da democracia brasileira. Com o Congresso, o governo aceitou mudanças para viabilizar a aprovação do projeto, o que é absolutamente legítimo, e não se viu, pelo menos com a intensidade de outrora, aquele festival de fisiologismo, com partidos pedindo cargos e parlamentares chantageando com liberação de verbas. Sob esse aspecto, o Planalto impôs uma negociação política, dentro da qual é inescapável contemplar interesses segundo a força política dos envolvidos, sob pena de não aprovar coisa nenhuma. Por isso, a reforma aprovada não é a ideal, mas é a possível. O governo anterior sabe quanto isso é difícil. Em seus dois mandatos, FHC tentou mudar o sistema previdenciário: o assunto passou por 97 votações, teve mais de 200 emendas, tramitou por três anos e nove meses até perder o gás e cair no esquecimento.

Com esse tremendo avanço, aprovando a reforma em apenas sete meses de governo, o presidente Lula dissipou suspeitas de que seu governo vacilava quanto ao caminho a seguir. Na semana passada, o próprio presidente empenhou-se pessoalmente na aprovação da proposta. Na última hora, cancelou uma viagem à África, envolveu os governadores, inclusive os de siglas oposicionistas, na caça aos votos na Câmara e participou das negociações. Lula demonstrou que é capaz de delegar poderes, o que fez em larga medida com o ministro José Dirceu, da Casa Civil, mas não deixa o centro do palco. Fez questão de dar a palavra final na modificação dos temas mais polêmicos, como a mudança do teto salarial dos juízes estaduais. Com isso, o presidente começou a contribuir decisivamente para os avanços institucionais que o Brasil vem experimentando na última década. Afinal, há dez anos, o país se debatia com hiperinflação e receio de quarteladas. Hoje, tem uma moeda estável, livrou-se do peso de estatais ineficientes, criou agências reguladoras, iniciou a era da responsabilidade fiscal — e está fazendo a necessária reforma do Estado. ■

QUEREM DESBABALIZAR O PT

Até agora, nenhum dirigente petista cometeu o tropeço de dizer que o projeto político do PT é permanecer vinte anos no poder, como os tucanos chegaram a dizer, mas o partido, é claro, está de olho no futuro. No fim do mês, a cúpula do PT lançará um mutirão nacional para aumentar a massa de filiados de 500 000 para 800 000 — e ninguém vai precisar mostrar atestado ideológico ou ser indicado por um capa-preta do partido, como acontecia antes. Agora, entra quem quiser. "Precisamos arejar a democracia partidária", diz Silvio Pereira, secretário de organização da legenda. "Nos últimos anos, os diretórios se engalinharam na luta interna e perderam a conexão com a base da sociedade", completa ele. Conce-

ntará inclusive com equipe de telemarketing e auxílio de uma linha 0800. Por isso, os futuros filiados não passarão por nenhum tipo de filtro prévio, podendo filiar-se até pela internet, nem serão submetidos a cursos de formação política, como ocorria antes. Com isso, o PT tende a ficar mais parecido com legendas da esquerda européia, com os trabalhistas ingleses, que, ao chegar ao poder, ampliaram muito sua base militante. "Os quadros formados no partido vão ser substituídos por gente que já chegará com as próprias opiniões, ligada às mais diversas áreas", analisa o cientista político Benedito Tadeu César, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. "Um partido de governo precisa mesmo aumentar sua penetração na sociedade."

No terreno eleitoral, a campanha pretende ajudar o partido a chegar a todos os municípios brasileiros. Hoje, das 5 600 cidades brasileiras, o PT está organizado em 4 623. No ano que vem, com as eleições municipais, a direção do partido quer eleger pelo menos um vereador em cada município do país — o que, por si só, dobrará o número atual de 2 485 vereadores. Em relação à eleição de prefeitos, não há meta definida, embora esteja claro que o PT fará de tudo para aumentar

O deputado Babá: o alvo é ele, mas ao contrário

bida pelo publicitário Duda Mendonça, dono de um contrato de 3 milhões de reais para fazer o marketing petista até o fim do ano, a campanha de filiação tem um objetivo explícito, o de fortalecer o partido para as eleições municipais do ano que vem, e outro mais discreto, o de neutralizar a barulhenta influência das alas radicais da agremiação.

A direção petista quer evitar militantes como o deputado radical João Batista, o Babá, que, contrariando o partido e o governo, votou contra a reforma da Previdência. Para desbabalizar o partido, a campanha de filiação será a mais ampla possível, feita através da televisão e da internet, e

ter sua presença em administrações municipais. Hoje, o partido tem 189 prefeitos, que, embora comandem grandes cidades, ainda são um grupo diminuto perto do número de prefeitos de legendas como o PMDB (1 200 prefeituras) e o PSDB (990). O mutirão de filiações também pretende associar o PT ao país. Na carteira dos novos militantes, em vez do velho slogan "orgulho de ser petista", o partido quer inscrever a frase "orgulho de ser brasileiro". Soa muito parecido, se não idêntico, à propaganda de cadeia nacional de supermercados, mas, quem sabe, pode dar certo...

Malu Gaspar

Anexo F

Carta ao leitor

O ciclo da eficiência

Nos dois primeiros anos de governo, a ineficiência de grande parte dos ministros ligados ao PT desafiou a paciência do presidente. Em nome da unidade partidária, Lula tolerou descabimentos ideológicos, inação e ausência de resultados. Agora o humor do presidente é bem diverso. Lula quer que os próximos dois anos de seu mandato sejam cumpridos sob o signo do que chamou de "ciclo da eficiência". Na semana passada, ele falou na "despetização" do governo e informou aos ministros que os dois anos iniciais foram mais do que suficientes para que eles demonstrassem alguma competência. Em outras palavras, o presidente não espera mais nada de quem nada fez até agora.

Uma característica comum une os ministros cujo desempenho ficou abaixo do aceitável. Eles todos se mostram críticos severos do mais inequívoco sucesso da administração Lula até o momento, a política econômica. Os ministros petistas Ricardo Berzoini (Trabalho), Olívio Dutra (Cidades), Miguel Rossetto (Desenvolvimento Agrário) e José Fritsch (Pesca) tentaram minimizar os próprios fracassos com ataques ao ministro da Fazenda, Antonio Palocci, na semana passada. Um contra-senso. O Brasil chegará ao fim do ano com alguns dos melhores indicadores econômicos da última década, muitos deles com impacto direto positivo e imediato sobre o bem-estar da população, como é o caso do aumento da renda e da geração de empregos.

Entende-se a desorientação dos reclamões do PT. Afinal, os resultados auspiciosos na economia foram conseguidos por uma política que eles condenam, dando-lhe o rótulo de neoliberal. Na visão deles, essa política só deveria gerar miséria. Ela gerou inflação baixa, crescimento e estabilidade. O ápice da histeria dos descontentes com o sucesso econômico da administração Lula, porém, partiu de um funcionário subalterno, Rolf Hackbart, presidente do Inera, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma

Agrária. Hackbart atribuiu a morte de cinco militantes do movimento dos sem-terra em Minas Gerais ao agronegócio. Eles foram mortos por criminosos, alguns dos quais já presos. Atividade responsável pela maior parte das exportações e por um terço do PIB do Brasil, o agronegócio é justamente uma das maiores esperanças de uma vida melhor para todos os brasileiros.

Lula:
despetização"
do governo

Anexo G

Coisas e anjos em Rilke

AUGUSTO DE CAMPOS

especial para a Folha, São Paulo, domingo, 20 de dezembro de 1998

Não me canso de admirar a perfeição e a precisão dos "Novos Poemas", que Rainer Maria Rilke fez publicar em dois volumes, em dezembro de 1907 e julho de 1908 -há 90 anos, portanto. "News that stays news". Novos poemas, que permanecem sempre novos. As minhas traduções da obra do poeta, reunidas no livro "Rilke: Poesia-Coisa" (Imago Editora, 1994), emergiram desses textos, célula-mater da maturidade do poeta, a espalhar-se pelas suas mais conhecidas realizações: os "Sonetos a Orfeu" e as "Elegias a Duíno". Sem dúvida notáveis, essas últimas obras favoreceram, paradoxalmente, com sua aura mística, sua cortina encantatória de fulgores metafísicos, uma recepção até certo ponto equivocada, obscurecendo a outra face do poeta -a do "faber" de olho preciso e ouvido impecável"- e a disciplina interna com que ele dominou o concreto para lançar-se às aventuras abstratas, meio-humanas, meio-demiúrgicas, de poeta visionário. Essas qualidades ficam evidentes, porém, quando nos aproximamos da sua obra a partir dos "Novos Poemas". Criados sob o influxo das artes plásticas -a pintura de Cézanne, as esculturas de Rodin-, tais textos (pouco menos de 200 peças) constituem uma galeria de pequenas obras-primas em que pincel, cinzel e pena parecem confundir-se numa síntese perfeita, um jogo sinestésico de palavras e formas. Foi dessa perspectiva que empreendi as minhas primeiras versões de Rilke, a maioria delas extraída dos "Novos Poemas". Ao publicá-las, enfatizei, num estudo introdutório, o caráter único desses textos em que, segundo Ursula Emde, ocorre "a conversão de Rilke ao objetivo e ao concreto", ou, no dizer de Oscar Walzer, uma "desejoização da lírica", um "lirismo novo, de onde o Eu é ausente, onde o "ich" (eu) é substituído por "er" (ele)." Como assinalai, então, sob o olho sensível e a pena justa do poeta, o inanimado se anima e o animado se humaniza, por uma sutil translação de categorias. Encontro agora, no prefácio que Edward Snow escreveu para acompanhar as suas traduções para o inglês do primeiro volume dos "Novos Poemas", algumas observações muito pertinentes sobre a obra. Observa Snow que Rilke almejava uma poesia que respondesse ao que ele descrevera como "a arte de superfícies vivas" de Rodin - uma poesia que de algum modo conseguisse pertencer ao mundo das coisas antes que ao dos sentimentos. Aqui, segundo anota Snow, "a compressão do enunciado e a eliminação do eu autoral são levadas ao extremo na busca de um ideal objetivo. Somente alguns desses "Dinggedichte", ou "poemas-coisas", como vieram a ser chamados, são efetivamente sobre objetos, mas todos eles têm uma qualidade material e confrontam o leitor com uma presença escultural, autônoma. Até mesmo as suas condensações semânticas comunicam um sentido de volume e contorno. (...)

Alíce Pereira Santos